



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**PROJETO DE EMPREENDEDORISMO E LITERACIA FINANCEIRA
UM PERCURSO INCLUSIVO APOIADO NA INTEGRAÇÃO CURRICULAR**

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de mestre em Didáticas Integradas em Língua Portuguesa,
Matemática, Ciências Naturais e Sociais**

Rui Manuel Francisco Ferreira

2016



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**PROJETO DE EMPREENDEDORISMO E LITERACIA FINANCEIRA
UM PERCURSO INCLUSIVO APOIADO NA INTEGRAÇÃO CURRICULAR**

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção do grau de mestre em Didáticas Integradas em Língua Portuguesa,
Matemática, Ciências Naturais e Sociais**

Orientação pelos Professores Doutores Teresa Leite e Alfredo Dias

Rui Manuel Francisco Ferreira

2016

ÍNDICE

Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Nota Prévia	
Introdução	Pág. 1
1. Contextualização	Pág. 3
1.1. Identificação da temática: motivações profissionais	Pág. 3
1.2. Caracterização das escolas/meio onde decorre o projeto	Pág. 5
1.3. O Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira	Pág. 10
2. Problemática e fundamentação	Pág. 14
2.1. Definição da problemática	Pág. 14
2.2. Enquadramento teórico	Pág. 15
2.2.1. Currículo	Pág. 15
2.2.2. O desenho curricular integrado	Pág. 20
2.2.3. O empreendedorismo	Pág. 25
2.2.4. Valorização da escola pela comunidade	Pág. 31
3. Metodologia de investigação	Pág. 34
3.1. Questões orientadoras e objetivos do estudo	Pág. 34
3.2. Enquadramento metodológico	Pág. 35
3.2.1. Opções metodológicas	Pág. 35
3.2.2. Investigação-ação e inovação curricular	Pág. 36
3.2.3. Procedimentos de registo de dados	Pág. 42
3.2.4. A análise de conteúdo	Pág. 48
3.3. Caracterização dos participantes	Pág. 49
3.4. Plano de intervenção	Pág. 50

4. Descrição da intervenção	Pág. 56
5. Apresentação e discussão dos resultados	Pág. 74
5.1. Produções registadas em etapas específicas do projeto	Pág. 74
5.2. Resultados decorrentes de instrumentos de registo referentes ao projeto na sua globalidade	Pág. 80
Considerações finais	Pág. 100
Referências	Pág. 110

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Domínios estratégicos do plano Sobral 2020 – Visão Prospetiva: Sobral 2020 – Um concelho inteligente, sustentável e inclusivo.	Pág. 10
Figura 2 - Esquema da articulação entre o empreendedorismo, o currículo e as competências-chave do empreendedorismo.	Pág. 15
Figura 3 - Esquema representativo do percurso de desenvolvimento do Projeto E.L.F.	Pág. 41
Figura 4 - Esquema representativo das finalidades do desenvolvimento das dinâmicas de grupo.	Pág. 65

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	
Síntese da organização dos instrumentos de recolha utilizados no estudo.	Pág. 43
Quadro 2 - Síntese das atividades desenvolvidas em cada fase.	Pág. 51

Quadro 3 - Forma tradicional de ver o currículo escolar: linear/estanque/focalizada na sala de aula e em manuais	Pág. 54
Quadro 4 - Abordagem segundo as linhas de desenvolvimento e implementação do currículo no Projeto E.L.F.: articulada/integrada/focalizada nas múltiplas conexões entre conteúdos e entre a sala de aula e a realidade.	Pág. 55
Quadro 5 - Síntese informativa das atividades da avaliação inicial.	Pág. 57
Quadro 6 - Síntese informativa das atividades da fase de negociação e planeamento.	Pág. 57
Quadro 7 - Síntese informativa das atividades da implementação.	Pág. 63
Quadro 8 - Síntese informativa das atividades da fase de divulgação.	Pág. 70
Quadro 9 - Síntese informativa da avaliação final.	Pág. 72
Quadro 10 - Levantamento de indicadores	Pág. 74
Quadro 11 - Registo da comparação entre os Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aplicados aos alunos.	Pág. 80
Quadro 12 - Registos das avaliações obtidas em cada escola, por área, ao longo do ano letivo.	Pág. 95
Quadro 13 - Registos das avaliações globais obtidas em cada escola, ao longo do ano letivo e respetivos balanços da evolução registada.	Pág. 97

AGRADECIMENTOS

O estudo que de seguida será apresentado, bem como o projeto que a ele deu origem, tiveram início numa fase em que, pessoal e profissionalmente, senti a necessidade de fazer um balanço global do meu percurso de vida e refletir sobre os aspetos que mereciam continuidade, pelo sentimento de realização que me traziam e sobre aqueles que gostaria de ver alterados, para poder atingir uma maior satisfação. Tendo em mente as mudanças que, na altura, gostaria de operar enquanto professor, surgiu a possibilidade de participar na estruturação desse projeto que, em termos de ideais, parecia poder abranger muitas delas, constituindo-as através de oportunidades para experiências nunca antes vivenciadas e percursos nunca antes trilhados por mim.

Chegado a esta fase, reconheço-me já como um professor e um ser humano diferente, mudado em termos de capacidade de visão, análise e reflexão, tanto pela experiência da implementação do projeto e estudo, como pelos sentimentos experimentados ao longo do trajeto percorrido e por isso, vendo-me agora uma pessoa mais madura e ponderada. Por isto, não posso deixar de agradecer aqueles que tornaram possível mais esta etapa da minha vida e sem os quais, certamente não a teria conseguido concluir, tendo em conta tantas dificuldades que em dados momentos tiveram de ser ultrapassadas.

Para começar, gostaria de agradecer aos professores que me acompanharam durante o Mestrado de Didáticas Integradas, no âmbito das várias disciplinas e que foram os primeiros a contribuir para que estivesse preparado para a realização do presente estudo.

Em particular quero agradecer aos professores que me orientaram, o Professor Alfredo Dias e a Professora Teresa Leite.

Ao Professor Alfredo Dias que nos emprestou e ensinou os seus vastos conhecimentos sobre organização, implementação e avaliação no âmbito de projetos cariz educativo e social e que tão úteis foram para poder analisar devidamente um projeto tão amplo e complexo como o Projeto E.L.F.. Obrigado ainda pela visão positivista e motivadora que foi dando alento a este estudo.

À professora Teresa Leite, pela sua clarividência, espírito crítico e minúcia, que conferiram ao estudo um rigor e uma qualidade, só garantidos, durante este percurso muitas vezes atribulado, devido à sua capacidade de análise e às suas opiniões. Obrigado pelos conselhos e pela capacidade de simplificação que tantas vezes foram necessários para clarificar registos e observações, que, de outra forma, poderiam não expressar devidamente as ideias pretendidas

A nível institucional, começo por agradecer à Escola Superior de Educação de Lisboa pela formação recebida e acompanhamento disponibilizado, em especial à sua Diretora, a Professora Cristina Loureiro, pela sua motivação ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que envolvessem inovação e integração curricular, com vista à resolução dos problemas sentidos pelos professores nas suas realidades.

Agradeço aos elementos das direções do Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral que acompanharam o desenrolar do projeto ao longo dos anos e possibilitaram o seu desenvolvimento.

Aos elementos do Município de Sobral de Monte Agraço e Juntas de Freguesia de Santo Quintino e Sapataria que colaboraram com o projeto, em particular, o Presidente do Município José Alberto Quintino e a Vereadora do pelouro da Educação, Patrícia Vitorino, por todos os recursos e ajudas que, gradualmente, ao longo dos anos, foram disponibilizando e sem os quais nunca teria sido possível chegar a experimentar e estudar o processo, à escala a que foi possível implementá-lo.

À Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento Vertical de Escolas de Sobral de Monte Agraço, sobretudo na pessoa do Engenheiro José Martins, pelo apoio que desde o primeiro momento prestaram ao projeto, em termos de valorização, divulgação e motivação de continuidade. Também a todos os pais das turmas envolvidas, que foram muitas vezes verdadeiros “companheiros” de trabalho em prol da aplicação do projeto nas turmas dos seus filhos assim como na articulação com a comunidade local.

Deixo a minha gratidão à Escola Agrícola Fernando Barros Leal pela parceria prontamente aceite e desenvolvida através de todos os seus membros, ao Grupo de Artes Cénicas do Clube Sobral Sénior, na pessoa do Sr. Manuel Hortênsio, pela motivação revelada e articulação intergeracional conseguida.

Às empresas Hortorres e Campoeste pelo seu contributo na partilha de conhecimentos e procedimentos e ao Jornal “O Badaladas”, particularmente ao jornalista Joaquim Ribeiro, pelo interesse demonstrado em divulgar o percurso e a história de vida dos alunos e comunidades associadas ao projeto.

Por último agradeço aos restantes membros da comunidade que aceitaram envolver-se no processo e emprestar-lhe a sua sabedoria essencial, que assim ficará registada na mente da próxima geração da nossa comunidade, que decerto não esquecerão nenhum dos envolvidos que referi até aqui.

Devo ainda destacar a minha gratidão a um nível mais pessoal pois é aqui que se conseguem forças e bases para empreender uma “viagem” destas.

Para começar, aos alunos, razão pela qual o projeto foi criado, mas do qual também foram criadores; mais do que meus alunos, também foram meus professores e serão sempre meus amigos e é por este laço que todo o processo teve vigor – todos aprendemos melhor com quem gostamos e da forma que mais nos dá mais prazer.

Ao Professor José Pina, meu colega, parceiro e no final de tudo isto, mais um amigo. Obrigado pelo convite para integrar o desafio de criar um projeto com base apenas em motivações simples e genuínas, pela confiança no meu trabalho, pela motivação e paciência. Obrigado por partilhares os teus saberes, quase sempre diferentes dos meus, mas que por alguma razão os complementam tão bem.

Obrigado ainda aos meus familiares (tia, prima e sogros) e aos meus amigos que foram apoiando e dando força para continuar, participando assim, também eles, deste trajeto.

Aos meus pais, uma palavra especial: obrigado. Obrigado uma vez mais. Obrigado por estarem sempre lá desde o primeiro dia. Obrigado por ouvirem, por acreditarem, por sofrerem e por no fim, voltarem a estar lá. Obrigado pelo suporte, pelos conselhos, pelas lágrimas e pelos sorrisos. São dois dos meus pilares. Obrigado por se envolverem, darem o que têm e por arranjamem o que falta. Os anos passam e quando penso que já vi de tudo da vossa parte, lá vêm vocês: nunca pensei que o meu pai pastor de profissão, pudesse ser um exemplo do que um professor deve ser. Vê-lo

preparar-se, com toda a preocupação, para descobrir a melhor forma de passar o seu saber aos meus alunos, no âmbito do projeto. Vê-lo transmitir ensinamentos numa escola, com toda a simplicidade que o ensinar deve conter, foi mais uma boa lição, não só para as crianças como para mim.

À minha esposa, o meu outro pilar, obrigado também. Obrigado por me dares a mão, por aguentares o leme quando às vezes tudo descamba e eu não consigo ajudar. Obrigado por seres o porto de abrigo. Este percurso não foi fácil, mas nunca disseste pára. Nunca disseste chega. Só disseste sempre para ter calma e deixares ajudar. Obrigado pelo amor, pela amizade e por toda a fé.

Finalmente às minhas filhas, que são a minha força, que tanto aturaram, tanto tempo passaram sem o pai, que tanta vez mostraram as saudades mas resignaram-se com a necessidade de ser assim. Obrigado. Obrigado pelo vosso amor, por desculparem o meu cansaço e os meus desabafos e de buscarem ainda assim o meu carinho.

Este estudo foi por mim, mas também por vocês.

RESUMO

O empreendedorismo pressupõe o desenvolvimento do espírito empreendedor num indivíduo, caracterizado por capacidades de autoconfiança, assunção de riscos, iniciativa, avaliação, energia, resiliência, planeamento, organização, criatividade, inovação, relacionamento interpessoal e comunicação.

Ao buscar uma resposta educativa diferente da tradicional, que permitisse aos alunos prepararem-se para a realidade dos nossos tempos, enfrentarem um futuro incerto em termos de oferta de trabalho e, alternativamente, prepará-los para a possibilidade de criarem o próprio emprego, surgiu o Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira (Projeto E.L.F.).

O Projeto E.L.F. foi estruturado de maneira a permitir uma integração curricular do empreendedorismo com os currículos do 1.º Ciclo, trabalhando as competências-chave do empreendedorismo nos alunos, enquanto os preparava academicamente com uma abordagem dos conteúdos aliada à sua funcionalidade prática. Esta metodologia foi aplicada através de cenários e experimentações concretos, assente no trabalho com parceiros e comunidades educativas, onde os alunos podiam treinar os passos a dar na criação e manutenção de minipresas. Desta forma, ao mesmo tempo que aplicavam as aprendizagens escolares, desenvolviam traços de personalidade comuns aos empreendedores, dinâmicas de trabalho de grupo e hábitos de tomadas de decisão informadas preparando-os para enfrentarem tanto o seu percurso académico, como o seu percurso de vida.

O presente estudo visa determinar se um projeto de integração curricular no primeiro ciclo pode contribuir para o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo.

O estudo recorre a uma metodologia predominantemente qualitativa e desenvolve-se através de um processo de investigação-ação, incidindo em 37 alunos de duas turmas de escolas de aldeia, com mais de um ano de escolaridade.

Os resultados obtidos vão no sentido de demonstrar que uma integração curricular com o empreendedorismo pode de facto fazer a diferença em termos de resposta educativa aos interesses dos alunos e às necessidades globais das sociedades atuais, contribuindo inclusive para o aumento do sucesso escolar.

Palavras-chave: empreendedorismo, integração curricular, educação financeira, parcerias, investigação-ação.

ABSTRACT

Entrepreneurship suppose the development of the entrepreneurial spirit in an individual, characterized by self-confidence skills, risk-taking, initiative, evaluation, energy, resilience, planning, organization, creativity, innovation, interpersonal relationships and communication.

In seeking of an educational response that differs from the traditional, to allow students to prepare for the reality of our times, facing an uncertain future in terms of labor supply and, alternatively, to prepare them for the possibility of creating their own employment, emerged Entrepreneurship and Financial Literacy Project (Projeto E.L.F.).

The Projeto E.L.F. was structured to allow for curricular integration of entrepreneurship with the curriculum of the first, second, thir and fourth grades, working the key skills of entrepreneurship in students, while preparing them academically with a combined approach of content to its practical functionality. This methodology was applied through scenarios and concrete trials, based on work with partners and educational communities, where students could practice the steps to take in for creating and maintaining mini-enterprises. Thus, while applying school learning, developed personality traits common to entrepreneurs, dynamic group work and decision-making habits informed, creating "baggage" designed to prepare them to face both his academic career, as his life path.

This study aims to determine whether a curriculum integration project in the first, second, third and fourth grades may contribute to the development of skills associated with entrepreneurship.

The study uses a predominantly qualitative methodology and is developed through a research-action process, focusing on 37 students from two village schools in classes with more than one year of schooling.

The results demonstrate that a curriculum integration with entrepreneurship can indeed make a difference in terms of educational response to students' interests and the global needs of modern societies, including contributing to the increase in school success.

Keywords: entrepreneurship, curriculum integration, financial education, partnerships, action research.

NOTA PRÉVIA

O Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira (Projeto E.L.F.) foi desenvolvido em duas escolas básicas do 1º Ciclo do concelho de Sobral de Monte Agraço, tendo início em 2010/11.

A partir deste projeto, foram realizados dois estudos de mestrado: o estudo que aqui apresentamos e o “Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira: um projeto de investigação-ação para valorização da escola e da sua comunidade”, de José Pina.

Os estudos têm objetivos e incidências diferentes. No entanto, o plano de intervenção, a recolha e tratamento dos dados e os resultados são comuns a ambos. Para além disso, algumas partes do texto foram escritas coletivamente, surgindo da mesma forma nos dois trabalhos.

INTRODUÇÃO

Empreendedorismo. Este vocábulo, nem sempre fácil de pronunciar, refere-se ao verbo empreender, ou seja, resolver um problema, situação complicada ou um obstáculo difícil de ultrapassar. “É um termo muito usado no âmbito empresarial e muitas vezes está relacionado com a criação de empresas”, no entanto, empreendedorismo é bem mais do que isso. “Empreender é também agregar valor, saber identificar oportunidades e transformá-las em um negócio lucrativo” (Significados, 2016).

De acordo com a mesma fonte, um empreendedor é o indivíduo que não espera que as coisas aconteçam, em vez disso é uma pessoa pró-ativa, que faz ele próprio as coisas acontecerem.

Um empreendedor tem de estar motivado, ter boas ideias e saber como implementá-las sem medo de iniciar projetos de uma forma arrojada, embora bem ponderada. É alguém que acredita no próprio potencial e apresenta tanto capacidade de liderança como capacidade de trabalhar em equipa. Acima de tudo, “o empreendedor sabe que um fracasso é apenas uma oportunidade de aprender a ser melhor, e não se deixa abalar com isso” (Significados, 2016).

Ao refletirmos sobre esta definição, no fundo, um empreendedor poderá ser qualquer pessoa e pode ser-se empreendedor tanto numa empresa, como na gestão do próprio lar... Assim sendo, que professor não gostaria de ter na sua sala de aula alunos com capacidades empreendedoras? Qual o aluno que não beneficiaria no seu percurso escolar e de vida com o desenvolvimento destas capacidades? Será que o desenvolvimento destas capacidades mudaria a maneira como os alunos se revêm em termos escolares? Poderia essa mudança conduzir a um percurso escolar mais bem-sucedido, valorizado por si próprio e pela comunidade e, portanto mais realizador? Que sociedades poderíamos ter amanhã, se os alunos fossem preparados nas escolas, desde cedo, para desenvolverem traços empreendedores?

Com esta ideia em mente e também de acordo com as ideias de Roberto Carneiro (2000) e da Comissão das Comunidades Europeias (2006), dois professores em escolas de aldeia decidiram criar o Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira (Projeto E.L.F.) com o intuito de dar uma resposta educativa diferente da dos percursos mais tradicionais e oferecer aos seus alunos, através do seu percurso

educativo, uma preparação com vista à tomada de decisões relativamente ao seu percurso de vida.

O estudo que agora se apresenta centra-se assim, na implementação desse projeto¹ que sumariamente pretendia relacionar a temática e competências do empreendedorismo com os currículos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Além disso, pretendia-se demonstrar o modo como a identificação de valores associados ao empreendedorismo podem ser aceites pela comunidade e pela escola, tornando-os comuns e, desse modo, garantindo o aumento da sua qualidade de vida. Assim, além de uma integração curricular com o empreendedorismo, recorrendo ao estudo do meio para a contextualização necessária a um trajeto de ensino apoiado numa forte vertente prática que motivasse os alunos e os fizesse olhar para os currículos e compreender a sua aplicação no quotidiano, as competências sociais promovidas pelo empreendedorismo, associadas a uma educação para a responsabilidade social também se destinavam a ter um papel importante. Com ele pretendia-se promover nos alunos a aptidão para trabalhar de um modo cooperativo, habilidade para resolver problemas de um modo não conflituoso, conhecimento de realidades mais abrangentes, capacidade de empatia com indivíduos com características de personalidade diferentes, sentido de responsabilidade, respeito pelo ambiente e pelos recursos naturais e locais, pensamento crítico sobre assuntos públicos, definição de uma posição de acordo com os valores de cada um e capacidade de participar de forma ativa em discussões públicas.

¹ O Projeto E.L.F. foi desenvolvido por dois docentes, o autor e o Prof. José Pina tendo ambos realizado estudos em torno do mesmo. Como explicitado na nota prévia, embora cada estudo incida em dimensões diferentes do projeto, quer pelo trabalho desenvolvido em equipa pelos investigadores acima referidos (na implementação do projeto, na produção de materiais e na produção de textos de apoio aos estudos), quer pela organização intrincada das várias dimensões do projeto (que dependem uma das outras e por isso são muito difíceis de analisar isoladamente e perdem mesmo o seu significado), existe uma grande partilha de dados nos dois estudos. Por essa razão, alguns excertos foram escritos coletivamente e surgem nos dois trabalhos.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. Identificação da temática: motivações profissionais

A pertinência deste estudo está ligada ao desenvolvimento do Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira (Projeto E.L.F., Pina & Ferreira, 2014), um projeto que começou a ser delineado no final do ano letivo 2010/2011 e que, resumidamente, pretende verificar se o estabelecimento de vínculos entre a escola, as empresas, as famílias e a comunidade é um elemento-chave para o êxito da promoção e desenvolvimento do Empreendedorismo. Neste sentido, é possível afirmar que o presente estudo constitui um subprojecto do anterior, incidindo especificamente sobre os aspetos curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico:

“A aprendizagem pela prática e a experiência concreta do Empreendedorismo, graças a atividades e projetos práticos (que partam de problemas reconhecidamente comunitários com aplicação no mundo real), constituem as melhores formas de promover o espírito empreendedor e as competências ligadas ao Empreendedorismo” (Comissão das Comunidades Europeias, 2006, p.33).

Na realidade, o empreendedorismo surgiu como a temática a utilizar, na resposta que o Prof. José Pina e eu (os autores do projeto) pretendíamos que o Projeto E.L.F. desse, face à situação atual que a educação atravessa em Portugal – e um pouco por todo o mundo. Toda a descrição, desde o levantamento das problemáticas iniciais até ao delinear do plano de ação do mesmo, pode ser consultada com mais detalhe no documento agregado e identificado como Anexo 1.

Discutimos então, de modo informal, sobre como conseguir dar aos nossos alunos, aproveitando e valorizando os diferentes tipos de inteligência que possuem, instrumentos que os preparem para futuramente serem capazes de gerar o seu próprio emprego fazendo o que gostam ou, se isso não for possível, que pelo menos que os preparem para evitar perderem dinheiro e serem capazes de fazer uma gestão dos recursos familiares de forma mais eficaz. Na sequência desta conversa, ficaram retidos os seguintes objetivos-chave, como ponto de partida:

- a) Valorizar o papel da escola no seio das comunidades onde se inserem, de forma a justificar a manutenção do seu funcionamento (numa altura em que se fechavam escolas e se faziam convergir os alunos para grandes centros educativos);
- b) Dar aos alunos conhecimentos e experiências de vida e estabelecer a ligação entre os mesmos e a “utilidade” do currículo;
- c) Habituar os alunos a tomar decisões informadas ao longo do seu percurso de vida;
- d) Desenvolver uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola. (Pina & Ferreira, 2014)

Relativamente a estes objetivos de caráter mais geral, definiu-se mais especificamente que se pretendia conduzir os alunos a: i) Estruturar pontes entre conteúdos curriculares das várias áreas e anos de escolaridade de forma a proporcionar encadeamentos sequenciais de aprendizagem; ii) Identificar articulações entre conteúdos sequenciais do currículo e ligações à sua aplicação prática no quotidiano; iii) Vivenciar percursos com experiências variadas e de cariz prático; iv) Reconhecer a aplicação do próprio potencial em situações de aprendizagem; v) Desenvolver hábitos de trabalho conjunto que geram impactos individuais nas suas capacidades de criar, avaliar e decidir sobre ideias; vi) Desenvolver hábitos de tomadas de decisão acerca do seu percurso de vida.

Apesar de sempre nos termos cruzados com várias visões do empreendedorismo à medida que fomos estruturando o projeto em torno desta temática, (nem todas elas positivas), para nós o empreendedor é o indivíduo que trabalha e que domina as competências do empreendedorismo, tendo em vista a criação de projetos, que sejam benéficos para si e para aqueles que o rodeiam.

Este ponto de vista e o conjunto de valores subjacentes às competências pareceram, justamente, fazer do empreendedorismo, a pedra basilar a utilizar na resposta que pretendíamos dar aos nossos alunos e assim satisfazer a nossa vontade de tentar prepará-los de uma forma diferente do que a escola tradicionalmente faz, deixando-os munidos de bagagem para olharem o percurso de vida à sua frente e o poderem enfrentar de acordo com as suas capacidades e decisões, permitindo-lhes assim, prepararem-se para começarem por optar por qualquer percurso académico que lhes fosse de algum modo significativo e em que vissem viabilidade de obter sucesso.

Deste modo, no âmbito do Projeto E.L.F., o empreendedorismo assume o papel de fornecer o cenário onde se contextualizarão as aprendizagens, articulando as restantes áreas entre si de modo a seja visível a articulação horizontal e vertical de conteúdos, assim como as ligações práticas com o mundo real e com o empreendedorismo (Carneiro, 2000, p.74).

Por este prisma, a questão que nos moveu e deu origem ao projeto E.L.F. (Pina & Ferreira, 2014) foi então:

“Como corrigir as desiguais condições de partidas resultantes da origem social e, simultaneamente, generalizar a aquisição de atitudes e saberes necessários à inovação e ao empreendedorismo?”

Esta questão de partida e a orientação geral do projeto estão estreitamente relacionadas com o meio onde ele foi desenvolvido, pelo que apresentamos em seguida uma síntese das suas características.

1.2. Caracterização das escolas/meio onde decorre o projeto

O Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira tem vindo a ser desenvolvido nas EB de Almargem e de Pero Negro, (escolas do Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral, no concelho de Sobral de Monte Agraço), sob a coordenação dos professores José Pina e Rui Ferreira.

A EB/JI de Almargem foi edificada segundo o modelo de Plano Centenário e é constituída por duas salas, funcionando em cada uma delas respetivamente, o 1º Ciclo e o Jardim de Infância.

As instalações usadas pelo 1.º Ciclo são constituídas por um *hall* de entrada, uma sala de aula, uma pequena sala de apoio e zona de WC. As do Jardim de Infância, são constituídas por um *hall* de entrada com zona de cabides, uma sala de atividades e outra sala para o serviço de refeições, onde se localizam três casas de banho, duas para crianças, e uma para adultos.

O espaço exterior é partilhado. Neste espaço foi construído um parque infantil público que é utilizado pelos alunos e pela comunidade. Esse espaço foi remodelado em Agosto de 2009, com a colocação de gradeamento em toda a sua extensão, garantindo as condições de segurança necessárias.

O corpo docente desta escola é constituído por um professor e uma educadora (recebendo ainda o apoio de uma docente do Ensino Especial e de um docente de apoio), o corpo discente é composto por 23 alunos e o corpo não docente é composto por uma assistente operacional e duas funcionárias do refeitório.

A EB de Pero Negro é composta por duas salas de aula, uma sala polivalente (onde funciona também o refeitório), duas casas de banho (com sanitários para professores e alunos) e dois *halls* de entrada. Tudo se encontra agregado num edifício de aspeto simétrico mas heterogéneo, dado que a atual escola resulta do levantamento de mais espaços (sala de aula, hall, sala polivalente e casa de banho) em torno de um edifício que já existia e que obedecia ao modelo do plano centenário constituído por um hall, uma sala de aula e uma casa de banho.

Aquando da remodelação da escola para o edifício que hoje existe, refez-se a frontaria da escola com uma muralha, rampa e vedação.

O seu corpo docente é constituído por dois professores (recebendo ainda o apoio de uma docente do Ensino Especial e de um docente de apoio), o corpo discente é composto por 37 alunos e o corpo não docente é composto por uma assistente operacional e duas funcionárias do refeitório.

Para a realização do estudo, partiu-se do Plano Diretor Municipal de Sobral de Monte Agraço onde se apresenta um resumo da caracterização da população do concelho, em particular nas freguesias de Santo Quintino (onde se encontra o grupo de objeto de estudo da escola de Almargem) e da freguesia da Sapataria (onde situa o grupo de objeto de estudo da escola de Pero Negro).

Sobral de Monte Agraço foi o segundo concelho na área do Oeste que mais cresceu nas últimas duas décadas e este crescimento deveu-se em grande parte à construção da A8. Santo Quintino, freguesia onde fica a escola de Almargem, é aquela que menos cresceu nos últimos vinte anos - é a que ocupa uma maior área e detém mais população. A freguesia de Santo Quintino é marcada por uma maior ruralidade, com presença de pequenos núcleos de povoamento disperso e ocupa mais de metade da superfície do concelho, detendo uma menor densidade de ocupação.

Por sua vez, a freguesia de Sapataria, com dois núcleos significativos - Sapataria e Pero Negro (onde fica a escola de Pero Negro) apresenta um elevado crescimento na última década, sendo aquela que registou uma maior quantidade de crianças e jovens.

As freguesias de Santo Quintino e Sapataria partilham um percurso escolar idêntico, relativamente aos seus habitantes, por serem das zonas com uma alfabetização mais tardia. De referir, no entanto, que se atendermos à evolução recente da última década foi em Sapataria que o perfil mais se alterou, registando-se uma maior progressão de qualificações mais elevadas.

Quase 70% dos residentes do concelho de Sobral de Monte Agraço trabalham fora, sendo uma dificuldade do concelho atrair atividades económicas, capazes de gerar emprego entre a população local.

Deste modo achou-se pertinente identificar os sectores de atividade no concelho e verificou-se que a estrutura da população ativa está sobretudo sustentada no sector terciário. Os trabalhadores por conta própria reduziram o seu número devido à perda de importância do sector agrícola. Com características de população agrícola familiar associadas ao baixo nível de escolaridade e de formação, constituem um grupo marcado pelo envelhecimento. Estes dados evidenciam uma dificuldade de rejuvenescimento da população e das atividades económicas. Entre as atividades em declínio mais acentuado destaca-se a agricultura; outras atividades como a indústria transformadora, a construção ou o comércio também sofreram quebras (PDM – Município de Sobral de Monte Agraço, 2016). Verificou-se um reforço dos serviços, nomeadamente de “atividades administrativas e dos serviços de apoio”, devido a uma maior urbanização recente do concelho e consequente necessidade de dar resposta à população local. Apesar de no concelho predominarem as atividades ligadas ao setor terciário, é o sector secundário o mais representativo nas freguesias de Santo Quintino e Sapataria, enquanto o setor primário se tornou residual na economia do concelho.

Assim, ao verificar-se as opções constantes nos eixos estratégicos inclusos em documentos como o PROTOVT (Plano Regional de Ordenamento do Território do oeste e Vale do Tejo) – aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 64-A/2009 de 26 de agosto – e a Visão prospetiva: Sobral 2020 (p.90 e 94) – resultante da Participação Pública a que alude o n.º 2 do art.º 77.º do DL 46/09, de 20 de fevereiro –, é possível perceber a importância que o empreendedorismo e a renovação do setor primário têm para o concelho:

Assim, são opções Estratégicas do PROTOVT:

Eixo Estratégico 1 - Ganhar a Aposta da Inovação, Competitividade e Internacionalização: i) Renovar o modelo de crescimento económico; ii) Apostar na

qualificação territorial (afirmação de um leque de especializações regionais nas áreas do turismo, cultura, desporto e lazer, acolhimento empresarial, agricultura/agroalimentar, ambiente, recursos energéticos endógenos); iii) Potenciar a utilização eficiente das infraestruturas de transportes existentes; iv) Fomentar a iniciativa empresarial e o empreendedorismo, garantindo a ligação das redes empresariais aos Centros de Investigação e às Universidades, e promovendo uma melhoria dos parques empresariais existentes; v) Apostar na qualificação humana.

Eixo Estratégico 2: Potenciar as vocações territoriais num Quadro de sustentabilidade Ambiental: i) Proteger e valorizar os recursos naturais, patrimoniais e culturais I, numa perspetiva de coesão territorial e reforço da identidade regional; ii) Apostar no desenvolvimento sustentável das atividades de turismo e lazer; iii) Potenciar o aproveitamento das atividades agrícolas e florestais numa perspetiva de compatibilização dos valores naturais e patrimoniais com as componentes económica e social; iv) Dar continuidade à aposta no aproveitamento da energia eólica da região, e gerir a procura de energia.

Eixo Estratégico 4: Descobrir as novas ruralidades: i) Incrementar e consolidar, de forma sustentável, a competitividade das fileiras de produção agrícola, florestal e agropecuária, valorizando os produtos de grau elevado de diferenciação e qualidade, e garantindo uma valorização ambiental, paisagística, da biodiversidade e dos recursos naturais, e da valência turística dos espaços rurais; ii) Requalificar e consolidar a agricultura de regadio; iii) Inovar ao nível da articulação urbano-rural, diversificando a economia e as funcionalidades agrícola e não agrícola associadas ao espaço rural, dirigida por uma utilização sustentável dos recursos naturais e do património rural e apostando numa ruralidade qualificada.

Por sua vez, o já referido documento “Visão Prospetiva: Sobral 2020 – Um concelho Inteligente, Sustentável e Inclusivo” refere as seguintes finalidades: i) Um concelho onde no centro de tudo estão as pessoas e a comunidade, garantindo qualidade de vida e a inclusão integral de todas as gerações; ii) um concelho capaz de manter a identidade, valorizar o património e a tradição, num território entre o oeste e o ribatejo, às portas de Lisboa, potenciando as oportunidades de inovação e aventura oferecidas pelas amenidades rurais; iii) um concelho com oferta territorial

diferenciadora, a partir de um sistema produtivo agroflorestal sustentável, onde se desenvolve um renovado espírito criativo, empreendedor e responsável, com um forte sentido de inovação tecnológica, artística e criativa, associada à qualificação contínua do tecido produtivo e da população; iv) manter a identidade territorial – Porque se considera que a matriz identitária do Concelho é o elo fundamental da ligação entre gerações diferentes de um mesmo território e da preservação de valores humanistas e solidários que estão na base da efetiva inclusão dos cidadãos na comunidade. A identidade territorial existente tem um forte potencial de alimentação da inovação criativa ligada a novos empreendedorismos, novas oportunidades e vivências. Por estes motivos esta finalidade funciona como o ponto de partida do processo de desenvolvimento desta comunidade local; v) promover a saúde e bem-estar da população; vi) promover a sustentabilidade integral – considera-se que a sustentabilidade dos níveis de qualidade de vida, progressivamente melhores, atingidos neste território são apenas possíveis num contexto de busca contínua de equilíbrios sistémicos e dinâmicos, entre as diversas dimensões como a natureza, a cultura, a sociedade, a economia e a política que importa preservar e melhorar; vii) fomentar a competitividade e a inovação – novas dinâmicas de valorização e novos processos de afirmação e emancipação, dos indivíduos e das organizações locais criando as condições favoráveis para uma atitude empreendedora e responsável (Município de Sobral de Monte Agraço, 2013, pp.93-97).

Ainda segundo o mesmo documento, estas finalidades concretizam-se a partir do fomento da transparência e da participação, com a preocupação de articular e trabalhar em rede, com diversos parceiros, através de processos e projetos empreendedores, inovadores e criativos, realizados em torno de 3 domínios estratégicos:

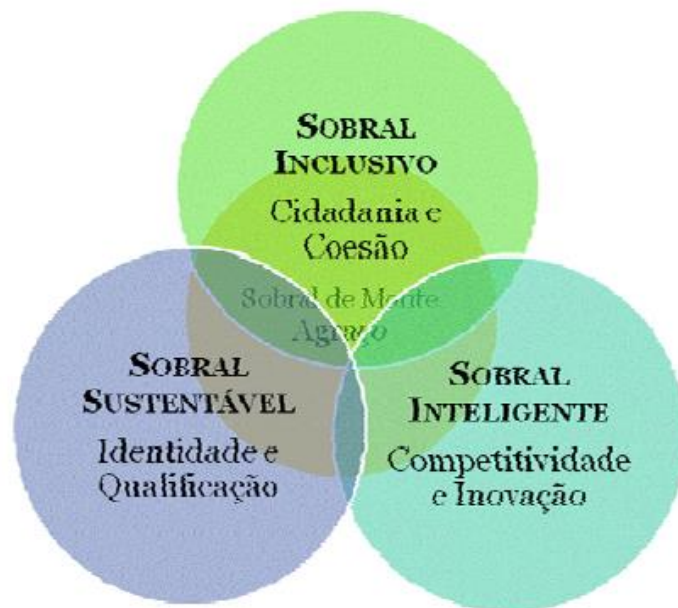


Figura 1 – Domínios estratégicos do plano Sobral 2020 – *Visão Prospetiva*:
Sobral 2020 – Um concelho inteligente, sustentável e inclusivo.

Fonte: Município de Sobral de Monte Agraço, 2013, p.95.

Através da observação, da distribuição de população, recursos existentes e objetivos para o futuro podemos constatar que a temática e desenho do projeto E.L.F. vai ao encontro dos objetivos traçados pelo Município de Sobral de Monte Agraço (2013).

1.3. O Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Como se referiu antes, o Projeto E.L.F surgiu bastante antes deste estudo e da preocupação com a fundamentação teórica e metodológica do mesmo. Teve por base as preocupações pessoais, perçetivelmente comuns àqueles que diariamente estão à nossa volta e com quem partilhamos as nossas dúvidas, incertezas e ideais que perspetivem um futuro mais feliz. Tem um desenho inspirado na permacultura – que dá ênfase a uma aplicação criativa dos princípios básicos da natureza integrando plantas, animais, construções e pessoas em um ambiente produtivo e com estética e harmonia (Wikipédia, 2015) e na nossa experiência de vida e daqueles que nos rodeiam, o que nos levou sempre a conduzi-lo de modo a que, em todos os momentos, refletisse a ideia de que tal como a vida, apesar de complexa, se deve desenvolver de uma forma simples

e fácil, caso contrário não existiria. Além disso, no campo da educação, este desenho apresenta um paralelismo com o conceito de Integração Curricular, uma vez que exige a abordagem integrada de vários conteúdos curriculares e do empreendedorismo.

Relativamente ao Projeto E.L.F. (Pina & Ferreira, 2014), o mesmo começou por ser pensado, como foi relatado anteriormente, como resultado da análise das necessidades educativas identificadas no atual panorama global: um mundo que requer de cada pessoa e de cada instituição a aspiração ao bem-estar, à liberdade, à democracia, à segurança, ao sucesso, à capacidade de adaptação a novas formas de organização social, de aprender em permanência, de processar e comunicar informação e de inovar para atingir uma “cidade de conhecimento (c3)” (Carneiro, 2001, p.42) , de tentar ir mais longe na educação, no plano da qualidade de vida coletiva e de cada cidadão em particular.

A qualidade de vida das pessoas, as desigualdades sociais e de riqueza, as comunidades, a qualidade do ambiente, a satisfação de necessidades sociais, as redes económicas, sociais, culturais e políticas, entre muitas outras coisas, dependem cada vez mais das empresas e da sua ação. O compromisso com os interesses coletivos e a colaboração com o Estado e a Sociedade Civil distingue o impacto na qualidade de vida das pessoas.

Um exemplo típico desses impactos é o emprego e o desemprego, estruturas em que a confluência entre dinâmicas económicas e sociais, afetando tanto os indivíduos como as sociedades e os estados no seu conjunto, mais converge. Foi precisamente para responder ao problema do desemprego que o tema do Empreendedorismo apareceu, a partir dos últimos anos do século passado, como um tópico central da agenda económica e política de vários países.

Segundo Capucha (2007, p. 6), “empreender não é só criar empresas. Implica correr o risco de o fazer, mas também saber como o fazer. Planear, calcular oportunidades e identificar ameaças, possuir iniciativa e arrojo tanto como responsabilidade e racionalidade.” Implica, além e talvez acima disso, ser capaz de inovar. E nestes requisitos temos sérios problemas afetando não a quantidade, mas a qualidade da atividade das pessoas e a sustentabilidade do modelo de competitividade das ideias.

Numa outra vertente, segundo o mesmo autor (2007, pág. 6), “o Empreendedorismo e os atributos que se lhe associam implicam atitudes que não se

requerem apenas àqueles que são os proprietários ou os gestores das empresas. Trata-se de uma atitude necessária também aos trabalhadores e aos cidadãos em geral.”

Assim, torna-se emergente o trabalho de divulgação e interiorização das competências-chave do Empreendedorismo na qualidade de vida das pessoas. É na escola que se pode aprender e treinar competências e atitudes que promovam uma relação positiva com o risco, o saber planejar e calcular oportunidades e identificar ameaças, desenvolver a capacidade de tomar a iniciativa e inovar com responsabilidade e racionalidade. É por isso que o Projeto E.L.F. surgiu como forma de promover o estabelecimento dos vínculos acima referidos, através de ações empreendedoras concretas, decorrentes de necessidades locais e desenvolvidas em meio escolar e em “comunidades práticas”.

O subprojecto “Um percurso inclusivo apoiado na integração curricular”, sobre o qual incidirá o presente estudo, depende fortemente de uma dinâmica interdisciplinar, envolvendo todas as áreas do 1.º Ciclo do Ensino Básico de uma forma aglutinada em torno do Empreendedorismo. Nem todos os conteúdos do currículo nacional poderão ser abordados de forma subjacente à temática do projeto, mas todos aqueles que com ele se interligam serão trabalhados de forma articulada e cronológica e sequencialmente organizada, de maneira a integrarem o processo de trabalho em torno de atividades empreendedoras, que tenham validade nas “comunidades práticas” locais e com as quais se vão fazendo as pontes com os conteúdos referidos.

Assim pretende-se que, através desta abordagem integrada, os alunos possam obter uma formação muito mais forte e significativa e que os desperte para as aplicações do currículo à vida ativa, colocando-os numa posição privilegiada para tomar decisões informadas sobre o quotidiano, fazendo deles verdadeiros cidadãos ativos numa sociedade do conhecimento e informação.

É portanto perceptível que além da dimensão curricular, o Projeto E.L.F. abarca várias dimensões como a dimensão pessoal dos alunos, a interação com famílias, escola, parceiros e comunidade local. Tratando-se de um projeto nascido das necessidades identificadas no terreno e com objetivos educativos e sociais claramente definidos face a um dado contexto, desenvolveu-se inicialmente como uma prática. Mais tarde, a frequência do mestrado levou-nos a tomar consciência da profundidade e da complexidade teórica por detrás de cada uma das dimensões do projeto

Com efeito, as diferentes dimensões do projeto começaram por ser articuladas entre si pela sua conjugação na prática, não tendo sido organizadas, numa fase inicial,

por relação com os conceitos e modelos de análise teóricos. Quando se procedeu à reorganização e consolidação das mesmas de forma mais consistente, cedo se percebeu que seria impossível individualizá-las completamente, sob pena de retirar valor e significado ao projeto.

Contudo, perante a necessidade de se delimitar o objeto de estudo, de modo a isolar duas temáticas centradas no Projeto E.L.F., que pudessem ser trabalhadas e desenvolvidas como problemáticas de investigação, surgiu a decisão de estudar duas destas dimensões, sem no entanto as tentar destringir das restantes, optando, ao invés, por as abordar analisando também as principais interligações.

Assim sendo, chegados a este ponto, a dissertação de cada um dos autores do Projeto E.L.F. seguirá um rumo mais específico (apesar de necessariamente compartilharem uma base comum e certas produções escritas serem semelhantes ou iguais por resultarem de trabalho conjunto), centrando-se o presente estudo na dimensão curricular.

2. PROBLEMÁTICA E FUNDAMENTAÇÃO

2.1. Definição da problemática

Necessitando de selecionar subtemáticas para a investigação, como se mencionou anteriormente, a escolha para o presente estudo recaiu na relação entre o empreendedorismo e o currículo, tendo subjacentes dois aspetos-chave que se podem constituir como hipóteses orientadoras do estudo: a) O currículo pode ser importante na questão do empreendedorismo; b) A integração curricular pode ser relevante para o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo.

Assim, o problema em análise nesta investigação pode ser resumido na seguinte questão:

- **De que modo é que um processo de integração curricular no âmbito do 1º Ciclo do Ensino Básico pode contribuir para o desenvolvimento de competências associadas ao Empreendedorismo?**

Ao trabalhar o empreendedorismo cria-se um cenário ideal para identificação de pontes com a “utilidade” do currículo apontada por Roldão (2013, pp.22-23) e por isso, na concretização prática das atividades associadas ao empreendedorismo, vão ser identificados e utilizados uma série de conceitos e conteúdos das várias áreas curriculares gerando uma riqueza no processo que dá resposta ao objetivo indicado no início do Projeto E.L.F. (ver objetivo c) na pág. 9).

Por outro lado, no que diz respeito à integração curricular e às competências associadas ao empreendedorismo, os alunos, à medida que começam a ser capazes de identificar por si próprios padrões entre a integração curricular das várias áreas em torno do empreendedorismo, vão começando também a desenvolver as competências-chave do empreendedorismo.

Estas ideias podem resumir-se de forma cíclica através do seguinte esquema:

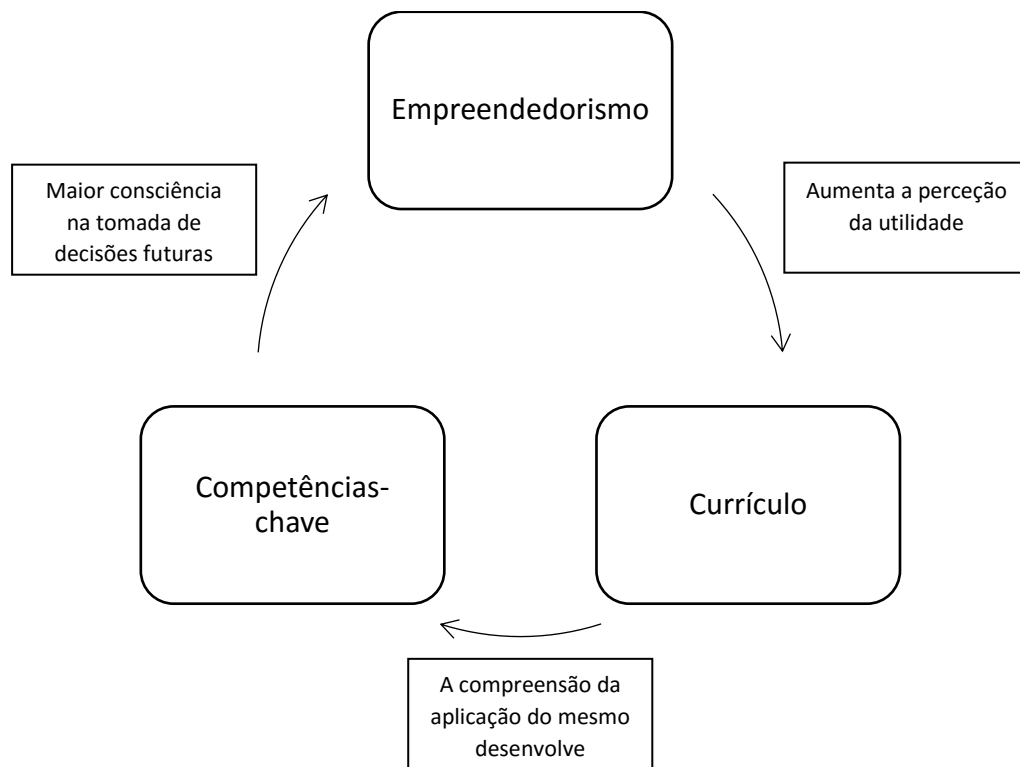


Figura 2 – Esquema da integração do empreendedorismo, o currículo e as competências-chave do empreendedorismo.

Fonte: própria.

Neste sentido, o objetivo geral do estudo será:

- **Determinar se um projeto de integração curricular no primeiro ciclo pode contribuir para o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo.**

2.2. Enquadramento teórico

2.2.1. Currículo

Definir currículo é algo muito complexo, dada a variedade de pontos de vista que existem em torno dessa designação, delimitados, em primeiro plano, sobre a possibilidade de constituir um sistema fechado e direcionado para conteúdos ou um

sistema mais aberto, tendo em linha de conta a conjugação com aspetos sociais e um conjunto de questões metodológicas. Como Pacheco (1996) aponta, as duas definições de currículo contrapõem-se, sendo “uma formal, como um plano previamente planificado a partir de fins e finalidades; outra informal, como um processo decorrente da aplicação do referido plano” (p.15), e portanto tendo em conta os aspetos que possam influenciar essa aplicação.

Esta dificuldade em traçar uma definição clara de currículo prende-se com a divergência de ideias resultantes da análise de algumas dualidades salientadas por Contreras (1990) citado por Pacheco (1996), que se colocam a quem tenta clarificar o conceito:

“O currículo deve propor o que se deve ensinar ou aquilo que os alunos devem aprender? O currículo é o que se deve ensinar e aprender ou é também o que se ensina e aprende na prática? O currículo é o que se deve ensinar e aprender ou inclui também a metodologia (as estratégias, métodos) e os processos de ensino? O currículo é algo especificado, delimitado e acabado que logo se aplica ou é de igual modo algo aberto que se delimita no próprio processo de aplicação?” (Pacheco, 1996, p.17)

Tendo em conta a necessidade de clarificar posições e tomar opções, surgem definições de currículo como “o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar” (Roldão, 1999, p.23) e outras, como as de Beane (2003, p.92), vão mais longe e especificam que “[d]e entre (...) [os] propósitos [do currículo], os dois mais importantes eram [e são] contribuir para o crescimento e desenvolvimento saudável dos jovens e promover as destrezas e as atitudes associadas com o modo de vida democrático.”

Gimeno (1988) citado por Pacheco (1996, p.18) indica que:

“O currículo, na realidade, faz parte de múltiplos tipos de práticas que não se podem reduzir unicamente à prática pedagógica de ensino; ações que são de ordem política, administrativa, de supervisão, de produção de meios, de criação intelectual, de avaliação, etc., e que, enquanto subsistemas autónomos e interdependentes, geram forças diversas que incidem na ação pedagógica. Âmbitos que evoluem historicamente, de um sistema político e social a outro, de um sistema educativo a outro distinto.”

Assim sendo, a definição de currículo que se optou por seguir na estruturação do projeto foi a que Pacheco (1996, p.20) indicou:

“O currículo, embora apesar das diferentes perspectivas e dos diversos dualismos, define-se como um projeto, cujo processo de construção e desenvolvimento é interativo, que implica unidade, continuidade e interdependência entre o que se decide ao nível do plano normativo, ou oficial, e ao nível do plano real, ou do processo de ensino-aprendizagem. Mais ainda, o currículo é uma prática pedagógica que resulta da interação e confluência de várias estruturas (políticas, administrativas, económicas culturais, sociais escolares...) na base das quais existem interesses concretos e responsabilidades compartilhadas.”

É ainda importante ter presente que para ser possível o desenvolvimento do currículo desta forma, é necessário olhar para o mesmo à luz de um sistema educativo mais centrado nas escolas, como refere Roldão (1999,p.35), um sistema que permita a existência de um “binómio curricular” entre o currículo nacional e projetos curriculares das escolas – como o é o E.L.F.. Nesta perspectiva, um projeto curricular deve ser encarado, segundo a autora, como um “alargamento do currículo nacional” a um “currículo de cada escola”, contendo este um “maior número e tipo de aprendizagens integradas” no currículo nacional, de uma forma específica, em que a escola possa ter “campos de iniciativa e decisão próprios”, prestando contas à comunidade, assim como ao ministério da educação.

Relativamente aos professores, ainda segundo Roldão (1999), cabe a estes a regulação desses projetos curriculares, definindo objetivos e metas curriculares da escola, atentando na gestão curricular e nos planos individuais e coletivos do seu desenvolvimento, recorrendo a práticas colaborativas entre pares (ou, no caso do Projeto E.L.F., recorrendo a parcerias e recorrendo à construção de uma narrativa comum que espelhasse os valores das comunidades e agregasse a vontade de todos: alunos, pais escola e parceiros). Procurou-se, assim, criar um projeto que contribuísse para uma resposta diferente por parte da escola, estruturando um projeto curricular adequado à realidade onde as escolas se inseriam.

Além de justificada com as necessidades referidas acima, a opção por um projeto curricular integrado está também relacionada com várias críticas resultantes da aplicação mecânica do currículo encarado enquanto programa, no qual os conteúdos das diferentes áreas disciplinares surgem de forma estanque, com pouca ou nenhuma priorização aos domínios de cariz social e pessoal. Esse tipo de percurso, como refere Roldão (1999, p.24) não tem dado resposta às necessidades sociais atuais nem parece

que vá dar resposta às necessidades futuras, conduzindo exatamente ao ponto crítico em que nos encontramos atualmente.

Beane (2003, p.92 e 97) sublinha que esse currículo “deriva da época histórica na qual o propósito das escolas era quase exclusivamente preparar os jovens para entrarem no mundo erudito das universidades” e “inclui quase apenas o conhecimento que reflete os interesses das elites sociais e académicas da alta cultura”.

Na verdade, além destes desajustes resultantes, esta linha educativa de acesso mais aberto a todo o público escolar, prolongou o tempo de permanência escolar (Seabra, 2009) e reduziu a possibilidade do contato mais antecipado com a aprendizagem de profissões que não requerem um elevado nível de estudos. Este processo deu origem a um aumento muito positivo da escolaridade e uma diminuição do abandono escolar dos alunos. Contudo, também levou a que aprendizagens de vertentes mais práticas (saber fazer) que, no passado, eram consideradas importantes, passassem a ter um valor residual, acabando por constituir uma redução do leque de escolhas para aqueles que não pretendem prolongar os estudos académicos (e sim experimentar aprendizagens mais práticas e direcionadas, que permitam tomar decisões informadas), dificultando o percurso académico de alunos com outros tipos de aptidões que não as mais valorizadas pelos currículos (línguas e matemática). Deste modo, segundo Seabra (2009, p. 88), “as desigualdades escolares sofreram uma translação nos tempos e nos espaços em que ocorrem, sem nunca terem deixado de assumir a intensa marca das diferenças sociais.”

Além disso, como Beane (2003, p.95) também faz referência, a forma de abordar o currículo por detrás destas linhas educativas parece destinar-se a “dispensar” o conhecimento, com vista à reaplicação meramente em respostas a questões e testes, logo, sem grande abertura a uma aplicação mais prática, mais real, mais válida.

Ainda que Roldão (2013) alerte para a necessidade de distinção entre os conceitos de “utilidade e uso” e “o carácter prático, utilitário, aplicável em tarefas”, relativamente ao conhecimento resultante das aprendizagens - salientando que “o conceito de utilidade, no plano do conhecimento curricular, implica a possibilidade de ser mobilizado adequadamente pelo sujeito, articulado, usado e/ou questionado em novas situações, sustentador da possibilidade de novo conhecimento, gerador de mais e melhores competências no sujeito” (pp.22-23), ambas as noções estão interligadas e devem ser tidas em conta na definição da abordagem curricular (de acordo com os

objetivo b) do Projeto E.L.F., apontado na pág. 9), já que a visão da mesma autora sobre a relevância curricular é inegável:

“Ninguém aprende verdadeiramente o que não se lhe apresenta como útil. (...) O reconhecimento da utilidade ou, de um modo mais amplo, da possibilidade de uso, do conhecimento que se adquire constitui sem dúvida um dos elementos da relevância curricular.”

A questão relativa ao desajuste entre o que as políticas educativas estabelecidas pretendem e as necessidades atuais (e reais) da sociedade acaba por ser resumida claramente por Roldão (1999), quando indica que “a grande “crise” da escola, de que falamos hoje constantemente, não é tão grave assim; está simplesmente ligada a este desajuste de fundo: queremos aplicar um tipo de escola idêntico - nos planos organizativo e curricular - a uma situação que é totalmente diferente” (p.30-31). A mesma autora indica que o insucesso da escola ao tentar ensinar aos alunos de hoje em dia prende-se justamente com a aplicação de um modelo de currículo “arcaico”, que ao não conseguir seguir outro caminho...

...“orienta-se para excluir todos os que não se integram na norma, ou para criar diferenciações por discriminação - por exemplo, remeter para outras instâncias todos os que se afastam da referida norma, ou certificar mesmo os que não aprenderam ou aprenderam menos do que seria necessário, ou separar grupos de níveis de aprendizagem diferentes”. (1999, p.31)

Nesta perspetiva, até mesmo tentativas de resposta como os apoios educativos, segundo a autora, “traduzem-se numa generalizada persistência do insucesso mesmo dos alunos com acompanhamento desde o 1.º ciclo” (1999, p.92).

Por sua vez, Carneiro (2000, p.42) aponta cinco dimensões fundamentais que a escola tem de trabalhar (democrática social, paritária, intercultural e ambiental) e Fonseca (2013, p.73) coloca a tónica na assunção pela escola de um papel “aprendente” em que se “exige aos professores uma postura crítica e reflexiva face ao currículo, para que este deixe de ser perspetivado como um compêndio de objetivos e conteúdos prescritos a cumprir e passe a ser compreendido como conjunto de linhas orientadoras de um projeto educativo mais vasto a desenvolver com os alunos” (p.73).

Nesta perspetiva, e para rematar, fica a opinião de Beane (2003) que espelha claramente a solução a tentar num percurso curricular mais “aberto”, como se pretende implementar com o projeto:

“Apoiar o crescimento e desenvolvimento saudável dos jovens e promover um modo de vida democrático são dois propósitos persistentemente referidos como parte dos objetivos sociais em muitas sociedades e nações por esse mundo fora. Assim, por que razão é que o currículo nacional desses países, se organizado em torno de uma abordagem que não visa especificamente tais propósitos? Por que razão uma abordagem do género da de integração curricular, manifestamente direccionada para tais objetivos, tem um espaço tão limitado de operacionalização? Se estes objetivos são importantes, por que razão uma abordagem integradora do currículo não se aproxima do centro do currículo nacional?”
(Beane, 2003, p.109)

Um currículo organizado a partir destas preocupações poderá ser essencial para o futuro de alunos pouco habituados a tomar decisões sobre o seu percurso de escolar e de vida, muitas vezes sem planos futuros a não ser percorrer o sistema académico até ao final ou sem planos de todo. Importa dar-lhes novas perspetivas da realidade. Importa habituá-los a analisar, refletir e agir, a tomar decisões. Importa levá-los a experimentar ao mesmo tempo que aprendem e aprender de uma forma racional, aplicada, significativa e emancipadora.

E importa que os alunos se desenvolvam nestes moldes, levando os professores e as comunidades a crescer a par do seu desenvolvimento, desenvolvendo, de certa forma, aprendizagens individuais válidas, através da realização de aprendizagens coletivas.

2.2.2. O desenho curricular integrado

Fundamentada a visão de currículo que serve de cenário ao projeto, há também a necessidade de clarificar a questão da construção curricular do mesmo.

Segundo Roldão (1999), a construção de um currículo deverá obedecer a um binómio:

- “O primeiro elemento prende-se com a dimensão do que é socialmente necessário a todos - as aprendizagens essenciais comuns, o core curriculum, o que é socialmente reconhecido como competência(s) indispensável(is) que o aluno deverá adquirir na escola .
- O segundo termo do binómio refere-se à concretização que cada escola faz desse core curriculum, concebendo-o como um projeto curricular seu, pensado para o seu contexto e para a aprendizagem dos seus alunos concretos, e incorporando adequadamente as dimensões locais e regionais” (Roldão, 1999, p.33).

Justamente em torno deste binómio alimentam-se as divergências sobre aquilo que se deve incluir no projeto curricular (sobretudo relativamente à concretização que cada escola pode fazer), colocando-se questões em torno da cultura ou competências de vida, saberes ou processos, uniformidade ou escolha livre ou mesmo dar tónica às dimensões pessoais e sociais dos alunos ou à dimensão dos conhecimentos (Roldão, 1999).

Para além disso, existem ainda as contingências das pressões colocadas pela monitorização do cumprimento do currículo nacional através da realização de exames e provas, como nos diz Loureiro (2008, p. 22):

“No fulcro desta discussão estão os professores. Qual é o equilíbrio possível que o professor consegue entre as orientações curriculares emanadas do Ministério da Educação, através de currículos e programas, e as pressões que este mesmo Ministério impõe por meio de exames e rankings para que sejam mostrados índices de sucesso?”

Também Alonso (2013, p.43) aponta nitidamente o aumento mundial da escolarização e as políticas educativas da União Europeia como responsáveis por novas orientações das políticas educativas focalizadas...

...“[n]uma avaliação (das escolas, dos professores, dos projetos, dos alunos) mais centrada nos resultados imediatos do que nos processos (o que porventura contraria a natureza intrínseca da inovação); a burocratização e intensificação do trabalho docente; a complexificação da gestão dos projetos; e a contração de recursos que acompanhou a “crise financeira”.”

Todavia, ao serem ponderadas as linhas orientadoras do projeto, não houve muitas dúvidas relativamente a estas questões, pois perante perspetivas como as de Roldão – “O desfasamento entre as expectativas face à escola e a baixa eficácia social que ela tem manifestado resulta justamente do agravamento da inadequação do currículo que existe face às necessidades sociais e aos públicos.” (1999, p.27) –, a construção curricular a operacionalizar no mesmo teria de ser diferente da tradicional. Aliás, a mesma autora (2013, p. 24) indica a direção a ter em conta na definição destas linhas, ao apontar às escolas a responsabilidade de “construir, a partir dos referentes culturais de cada um, percursos de aprendizagem que os integrem e incorporem, mas simultaneamente garantam a ligação eficaz à apropriação do saber comum.”

Assim, seguindo a visão de Beane (2003, p.94), optou-se por fazer uma reorganização do currículo nacional, sequencializando unidades temáticas passíveis de se articular entre si e integrando tanto a área temática central do projeto (obtida a partir do contexto local) – a agricultura - como o domínio do Empreendedorismo e literacia financeira. Esta estruturação curricular será acompanhada de investigações, discussões e trabalhos em torno de problemáticas que vão surgindo naturalmente ou a partir da exploração induzida pelos professores.

Além disso, para que as aprendizagens façam sentido para os alunos, é necessário que enquadrem nas já existentes e que os conteúdos sejam abordados numa perspetiva crescente de complexidade aprofundada “de modo a tomar coerente a progressão do processo cognitivo - articulação vertical” – e articulando as várias áreas de forma harmoniosa com recurso a metodologias que as façam convergir aos olhos dos alunos, “enquanto múltiplos instrumentos de leitura da realidade na sua unidade e complexidade - articulação horizontal” (Roldão, 2013, p. 25). Este tipo de abordagem é especialmente relevante em contextos com múltiplos anos de escolaridade numa mesma sala, como é o caso das escolas participantes neste projeto. A autora esclarece que esta harmonização decorrente da integração entre áreas tem de ser desenvolvida...

...“no plano da cognição e dos processos mentais postos em ação nas diferentes disciplinas, e não na colagem artificial de segmentos de conhecimento em torno de um tema, como por vezes ocorre nas escolas, largamente na decorrência do trabalho segmentar dos docentes, que não viabiliza um olhar curricular transversal, e apenas consegue adicionar peças soltas de conteúdos de cada disciplina numa tentativa de transversalidade, por vezes indevidamente confundida com o bem mais complexo conceito de interdisciplinaridade.” (p.25)

O ponto de vista desta autora sobre a relevância curricular, que suporta as opções curriculares tomadas no presente projeto, encontra-se ilustrado na seguinte citação que merece destaque:

“A relevância constrói-se no que preferimos designar como uma relação bem conseguida entre um conteúdo curricular de aprendizagem (...), e a capacidade de a estratégia de ensino e aprendizagem posta em ação convocar adequadamente os fatores em causa (...), no sentido de estabelecer uma ligação cognitivamente eficaz, por parte de cada sujeito aprendente concreto, entre o novo com que contacta no currículo e tudo aquilo de que já é portador.

Trata-se, pois, de uma construção (...) que se desenvolve mediante uma organização estratégica intencionalizada e não pela seleção de atividades ou temas aparentemente "relevantes" em si mesmos.” (Roldão, 2013, pp. 25-26)

Ainda de acordo com Beane (2003, p.94) “organizado deste modo, o currículo e o conhecimento que este abarca são mais acessíveis e mais significativos para os jovens e, conseqüentemente, tendem a ajudá-los muito mais a expandir e aprofundar a compreensão de si próprios e do seu mundo.”

E se a reorganização do currículo nacional é da competência principalmente dos docentes, os alunos são envolvidos ao máximo nos restantes domínios, de modo a poderem intervir na estruturação, reflexão e avaliação do processo, garantindo-se que se constituam como “veículos” de informação entre a escola e a comunidade.

“Quando o currículo é aberto em relação a temas relacionados com o mundo em geral, especialmente quando as questões e preocupações dos jovens ajudam a moldar o currículo, o conteúdo e os interesses da cultura popular encontram-se subitamente paralelos aos da “alta cultura” que tradicionalmente tem dominado o currículo.” (Beane, 2003, p.104)

Ora, o tipo de abordagem curricular pretendido vai justamente ao encontro da perspectiva de Zabala (1999, citado por Alonso e Sousa, 2013), que defende que a integração curricular está dependente de compreensão da realidade para intervir nela e transformá-la e que a complexidade dessa integração curricular depende desse grau de compreensão e intervenção transformadora da realidade. Esta perspectiva surge na senda de metodologias defendidas por diferentes autores, ao longo do tempo, como os

centros de interesse (Decroly), o trabalho de projeto (Dewey), a investigação do meio e ainda outros autores, como Lacueva (2008, citado por Alonso e Sousa, 2013, p.58) que organizam o currículo por temas ou núcleos, recorrendo ao ensino por problemas ou envolvendo a comunidade em projetos.

Relativamente a este tipo de integração curricular, Beane defende que se distingue da conceção curricular mais habitual, mais do que por estabelecer relações com o passado, a comunidade ou outras disciplinas, justamente por estabelecer relações em todas as direções, formando uniões especiais e tendo dois propósitos: “por um lado, ajudar os jovens a integrar as suas próprias experiências; por outro lado, promover a integração social democrática entre os jovens.” (2003, p.94).

Estas “ancoragens” ou “ligações” são referidas em outros estudos como dependentes do raciocínio (Barmby, Harries, Higgins & Suggate, 2008). Estes autores citam Christou e Papageorgiou (2007) referindo que o raciocínio é “o processo através do qual, mais formal ou informalmente, se estabelecem conexões entre representações (...) [e] envolve inferências retiradas de princípios e evidências, permitindo obter novas conclusões ou avaliar conclusões já propostas a partir do que já é conhecido.” Por outras palavras, sempre que, num momento de aprendizagem, incluímos “representações-chave” sobre um conceito e estabelecemos raciocínios entre elas e outras aprendizagens já existentes, originamos uma “grande reestruturação da nossa compreensão” (Barmby e outros, 2008, p. 222).

Segundo Alonso e Sousa (2013), esta conceção de integração curricular “admite a possibilidade de mobilização de todos os tipos de conhecimento que possam contribuir para que o aluno compreenda melhor o mundo à sua volta e se compreenda melhor a si próprio, enquanto indivíduo e cidadão” (Alonso e Sousa, 2013, p.54).

Por seu turno, Beane (2003) defende que as abordagens curriculares integradoras, dando ênfase às unidades temáticas centradas nos problemas e planificadas num espírito de “comunidade de sala de aula” democrática e informada, permitem que...

...“o conhecimento proveniente das disciplinas reposiciona-se no contexto do tema, questões e nas atividades em causa. (...) É aqui que o conhecimento ganha vida, é aqui que tem significado e é aqui que é, provavelmente, melhor “aprendido” e, assim, “à medida que os jovens e os seus professores respondem às suas próprias questões e preocupações, vão também construindo as suas próprias significações.” (p.105)

2.2.3. O empreendedorismo

Quanto ao Empreendedorismo, anteriormente apontado como sendo parte da integração pretendida no currículo definido no âmbito do Projeto E.L.F. (Pina & Ferreira, 2014), o seu enquadramento desde o início da definição do projeto prende-se com as ideias expressas por Carneiro (2000, p.39) relativamente às necessidades de mudança organizacional e social, que exigem aptidões de adaptação e inovação – traços relacionados com a personalidade empreendedora e com as competências chave para o Empreendedorismo (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007, pp.21-22): (i) Autoconfiança / Assumpção de riscos; (ii) Iniciativa / Avaliação / Energia; (iii) Resiliência; (iv) Planeamento / Organização; (v) Criatividade / Inovação; (vi) Relacionamento interpessoal / Comunicação.

Carneiro (2000, p.41) defende a necessidade da aproximação entre os valores escolares e os empresariais:

“Os valores de competição, que imperam na economia de mercado, terão de ser compatíveis com valores de humanismo que um sistema educativo solidário não pode descurar. (...) A formação para o Empreendedorismo e para o risco transforma-se numa meta almejada e num propósito educativo claro. (...) A cooperação para a competitividade passará a inspirar as metodologias educativas desde a mais tenra idade. (...) Do mesmo modo, na medida em que os processos educativos contribuam para o reforço da coesão social eles estarão a enriquecer a qualidade da vida comunitária e a estabelecer os fundamentos efetivos do desenvolvimento sustentável.”

Na pegada destas ideias, ainda recentemente, através do estudo “Entrepreneurship Projects and Pupil’s Academic Performance”, levado a cabo por Johansen e Schanke (2014), foram corroboradas as ideias de que a Educação para o Empreendedorismo pode potenciar estas capacidades empreendedoras, acrescentando que, ao mesmo tempo, pode favorecer igualmente o desempenho académico, sublinhando que “com menos enfoque na parte empresarial, projetos empreendedores podem constituir um bom método de ensino para melhoria do desempenho académico” (p.155). Isto vem também ao encontro das ideias alinhadas no Projeto E.L.F. acerca da importância de uma integração curricular envolvendo o Empreendedorismo com outras áreas académicas

Nesse mesmo estudo - efetuado em escolas Norueguesas - além da importância atribuída à Educação Financeira como vital para o aumento do emprego de um país através do incentivo de hábitos de criação de planos de negócios, a mesma é vista como responsável pelo desenvolvimento dos traços do Empreendedorismo elencados por Carneiro (2000), ou seja, da criatividade, inovação, da coesão social e da cidadania, bem como pelo aumento de autonomia, confiança e capacidade de adaptação que providencia na população (Johansen & Schanke, 2014), podendo a escola assumir este papel desde logo na faixa da população ainda em idade escolar.

Esta operacionalização do Empreendedorismo, através da Educação Financeira e as restantes áreas curriculares pode ocorrer de uma forma integrada e perfeitamente harmoniosa com as finalidades aglutinadoras do conhecimento curricular apontadas por Roldão (2013):

- “• Permitir a integração social dos indivíduos como participantes ativos;
- Assegurar, pela passagem e crescimento do conhecimento e competências que dele decorrem, o desenvolvimento e sustentabilidade das próprias sociedades;
- Promover o potencial de que cada indivíduo é portador” (p.19).

O enquadramento escolhido no projeto é a criação e desenvolvimento de uma empresa “virtual” e é a partir dele que todo o processo se desenrola, tendo o Empreendedorismo e o Estudo do Meio como núcleos centrais. Curiosamente, e apesar de essa ideia ter surgido sem conhecimento de outras orientações europeias no mesmo sentido, a Comissão Europeia vem, de acordo com as palavras de Johansen e Schanke (2014), de algum modo, confirmar a validade da mesma, considerando a criação de miniempresas como a melhor forma de desenvolver o Empreendedorismo nas escolas apontando como benefícios desse processo “permitir aos alunos adquirir capacidades de negócio, para demonstrar a sua criatividade, desenvolver o entusiasmo e a autoconfiança, e aprender como trabalhar em equipa” e acrescentando que “parece desenvolver o entusiasmo e a motivação, até entre alunos desmotivados em relação aos conteúdos mais tradicionais” (p.157). A mesma entidade remata a apreciação sublinhando que o tipo de trabalho desenvolvido em torno de miniempresas “corresponde ao atingir de muitos objetivos e metas estabelecidos para outros conteúdos, e como tal adiciona valor relativamente aos conteúdos na globalidade” pelo

que defende a integração do Empreendedorismo no currículo em todos os níveis e recomenda que no 1.º Ciclo essa integração ocorra através de projetos centrados na criatividade, iniciativa e perseverança.

Atendendo a estas diretrizes, são ainda de considerar os seguintes aspetos referidos no estudo dos mesmos autores:

- A partir de 2003 verificou-se a aplicação de estratégias para o desenvolvimento do Empreendedorismo nos seguintes países: Bélgica, Dinamarca, Estónia, Lituânia, Holanda, Suécia, Reino Unido e Noruega;

- Verificou-se a inclusão do Empreendedorismo em estratégias educativas mais amplas nos seguintes países: Áustria, Bulgária, República Checa, Finlândia, Grécia, Hungria, Islândia, Liechtenstein, Polónia, Eslováquia, Eslovénia e Espanha;

- Num estudo de 2008, verificou-se que 48% de 700 instituições de ensino superior de 31 países europeus lecionavam Empreendedorismo, no entanto, em muitas fazia parte de cursos de economia e marketing unicamente e apenas em algumas era parte integral da metodologia global de vários cursos.

- Por outro lado, estudos de 2010 revelaram que a maioria das escolas secundárias suecas lecionava Empreendedorismo, bem como 90% das norueguesas, ainda que nestas últimas seja uma temática em algumas disciplinas (ex: Estudos Sociais), e integrada em algumas disciplinas através de projetos de Empreendedorismo (como são exemplo, as *miniempresas*).

- No caso das escolas que organizam o trabalho em torno das *miniempresas*, essa organização decorre de planos de negócios fornecidos pela *Junior Achievement-Young Enterprise*.

Johansen e Schanke (2014) conduziram o seu último estudo em torno da relação entre projetos de empreendedorismo e o desempenho académico de alunos em escolas norueguesas e indicam ainda que nos planos de negócios dessas empresas está frequentemente prevista a cooperação entre escolas e empresários locais e/ou o setor público. “Orientados por um professor, os alunos criam *miniempresas* nas quais vendem o *stock*, elegem superiores, produzem e divulgam produtos ou serviços, contabilizam, orientam reuniões de acionistas e efetuam pagamentos, tudo ao longo de um ano letivo.” (Johansen & Schanke, 2014, p.157). Mais uma vez não deixa de ser interessante verificar que, embora tendo nascido de um percurso completamente diferente, estas

mesmas condições são parte essencial são parte indispensável do Projeto E.L.F., consideradas desde a fase inicial em que o mesmo foi estabelecido, por fazerem parte da rede de suporte indispensável ao trabalho do Empreendedorismo nos moldes pretendidos.

No seu estudo, os autores referem ainda que, em pesquisas anteriores, foi possível encontrar correlações fortes entre a lecionação do Empreendedorismo e o desenvolvimento das capacidades empreendedoras em alunos em idade de frequência do ensino secundário, mas o mesmo não sucedeu relativamente aos alunos em idade de frequência do 3.º ciclo e por isso o impacto pretendido em termos de assunção de riscos e criatividade não pôde ser encarado como atingido. Relativamente a esse facto, outros autores por eles referidos (Lautenschläger & Haase, 2011) defendem que existem traços pessoais inerentes ao empreendedorismo e que tentativas de desenvolvimento das mesmas através da Educação para o Empreendedorismo podem ser limitadas.

Johansen e Schanke assinalam ainda que, se por um lado a Educação para o Empreendedorismo é apontada como foco de aumento da motivação escolar por parte da Comissão Europeia e da melhoria do desenvolvimento académico pelo Ministério da Educação norueguês, existem ainda outros estudos anteriores (Johansen, 2008 e 2012) que indicam a existência de correlações entre o ensino do Empreendedorismo e a motivação escolar, mas sem se notarem variações entre os alunos que participaram nas miniempresas e os que não o fizeram, o que punha em causa a hipótese de que o leccionamento do Empreendedorismo pudesse melhorar o desempenho académico ou que fosse sequer uma boa metodologia de ensino para melhorar as aprendizagens de conteúdos escolares.

Mas será que esses aspetos se manteriam (o fraco desenvolvimento das capacidades empreendedoras nos anos de escolaridade mais baixos e a reduzida melhoria do desempenho académico) se a abordagem estabelecida nos projetos de Empreendedorismo fosse feita através de uma metodologia curricular integrada – em que a Educação para o Empreendedorismo fosse articulada com as restantes áreas – e desenvolvida desde a escolaridade inicial?

Ostenk (2003), Leffler (2009), Johansen & Mathisen (2012), citados por Johansen e Schanke (2014,) contrapõem estas mesmas ideias apontado a Educação para o Empreendedorismo como “a principal dimensão explanatória do desempenho académico” referindo que nos projetos de Empreendedorismo:

“os alunos têm controlo sobre a sua própria aprendizagem, e a experiência prática é tida como motivadora e instrutiva, e a participação deverá desenvolver com o tempo a sua capacidade para buscarem conhecimento, serem criativos, cooperante com outros alunos e outras entidades fora do mundo escolar. Terem responsabilidades, e encontrarem soluções para diferentes problemas.” (p.159)

Johansen e Schanke (2014) também apontam, na fase final do seu estudo (relativamente à discussão dos resultados), o desenvolvimento do conhecimento e capacidades ligados ao Empreendedorismo, como a primeira razão para se desenvolverem projetos como os referidos. Além disso, os seus resultados mostram que o desempenho académico nas turmas na faixa etária do 3.º Ciclo melhora progressivamente de uma forma mais evidente do que nas pertencentes ao Ensino Secundário. Relativamente a este último aspeto, os mesmos autores referem ser um resultado esperado uma vez que “responsáveis e /ou alunos que se envolveram mais [nos projetos de Empreendedorismo] do que o tempo médio, por exemplo, experienciem um efeito mais positivo do que os restantes participantes” (p.162), lembrando ainda que os estudos anteriores sobre desempenho académico não mostraram diferenças na classificação entre alunos integrados nesses projetos ou não. Por outras palavras, é espectável, tal como foi ponderado ao iniciar o Projeto E.L.F. no 1.º Ciclo, que a exposição prolongada a um trabalho desenvolvido em torno do Empreendedorismo desde cedo, possa vir a ser mais marcante e decisivo para os alunos, à medida que avançam ao longo da escolaridade, o que é de facto um aspeto a ter em conta se realmente se pretender fomentar o assunto nas próximas gerações.

Os mesmos autores tecem mais algumas considerações finais no sentido da importância dada pela Comissão Europeia ao trabalho sistemático com organizações como a Junior Achievement-YE, considerando a aprendizagem de capacidades empreendedoras como “um fator essencial na criação de bem-estar” e ao facto de em projetos de Empreendedorismo já realizados se ter identificado que “o ensino do conhecimento empresarial e atitudes positivas de criação do próprio emprego é bem-sucedido, ao contrário das qualidades pessoais, bem mais difíceis de ensinar” (pp. 163-164).

Relativamente a estes dois indicadores, tal como anteriormente, é de ponderar se a opção por outros percursos como os do Projeto E.L.F. não serão alternativas igualmente ou até mesmo mais válidas de desenvolver, atendendo a que é um projeto

desenhado para a comunidade específica e a realidade onde os alunos se inserem e a poderem projetar-se ao longo do tempo e de forma mais aplicada à prática do que eventualmente será possível nalguns projetos propostos de forma estandardizada, proporcionando, nesse cenário, a possibilidade de trabalhar atitudes e mentalidades de uma forma inovadora, constituindo assim uma forma de lidar com o aspeto que, nos estudos descritos, foi sempre referido como aquele mais inerente à personalidade de cada aluno e mais difícil de conseguir ser trabalhado.

Por fim, importa referir que os autores concluem, numa perspetiva que vai ao encontro da abordagem desta tese em torno do referido projeto, que:

“Projetos de Empreendedorismo interligados com competências disciplinares e focados na estimulação das qualidades pessoais podem ser uma boa metodologia de ensino para melhorar o desempenho académico. Todavia, projetos de Empreendedorismo mais focados na aprendizagem de capacidades e *know-how* na criação e manutenção de empresas parecem ter pouco impacto no desempenho académico das outras áreas. (...) Para promover capacidades empreendedoras e desempenho académico mais efetivo, orientações de qualidade sobre como utilizar o Empreendedorismo interrelacionando várias disciplinas deve ser proporcionado” (Johansen & Schanke, 2014, pp.163,164).

De resto, a preocupação em estruturar desta forma o currículo, que servirá de base ao projeto, assente em questões sociais, em problemáticas do quotidiano e na aplicação dos conhecimentos disciplinares em situações concretas pretende, como refere Beane (2003), proporcionar experiências de aprendizagem que sejam inesquecíveis por se tornarem parte de alunos e professores. É também essa a visão de Iran-Nejad, McKeachie e Berliner (citados por Beane, 2003, p. 94): “Quanto mais um acontecimento é, significativo, mais profunda ou elaboradamente processado, mais situado em contexto, e mais enraizado num conhecimento cultural, de fundo, metacognitivo e pessoal, mais rapidamente é compreendido, aprendido e recordado.”

Esta ideia ganha relevância quando pensamos que estudos como o PISA pretendem centrar-se na avaliação da capacidade dos alunos para saberem usar as suas aprendizagens em situações semelhantes às que encontram no quotidiano (Loureiro, 2010), tornando ainda mais pertinente a ideia de desenvolver aprendizagens aplicadas a situações práticas de simulação da vida real.

“Uma vez que, os manuais e outros recursos materiais escolares típicos não fazem, de modo geral, menção aos assuntos pessoais e sociais, os professores que utilizam a integração curricular cultivam uma rede de recursos, que se apoia em pessoas que podem trazer um conhecimento especializado para as suas salas de aula. (...) E, uma vez que, as relações afetivas funcionam bidireccionalmente, os professores procuram também fazer da comunidade um espaço para o estudo, para a realização de projetos e de ação social no currículo (Beane, 2003, p.108).”

2.2.4. Valorização da escola pela comunidade

A opção pelo tipo de currículo a desenvolver num projeto como o E.L.F. transcende a questão das aprendizagens curriculares diretas, pois sendo ele um projeto com e para a comunidade educativa, a valorização das várias dimensões do mesmo (e entre elas a dimensão curricular) por essa comunidade é preponderante para que os alunos se sintam também empenhados motivados para encarar esta diferente perspectiva de abordagem curricular.

Para exemplificar a relevância deste aspeto, podemos atentar nas ideias de Alonso e Sousa (2013, p. 64) que apontam os estudos de Elliott (1991), efetuados em torno do desinteresse revelado por alunos em relação ao currículo, nomeadamente às disciplinas da área das humanidades, associado ao facto de os pais considerarem algumas áreas pouco relevantes para o mundo do trabalho, levantando a hipótese de que o desinteresse dos alunos pelo currículo esteja ligado à ausência do reconhecimento da importância que o mesmo possa ter na sua vida extraescolar.

Se não, repare-se ainda noutro aspeto, do já referido estudo de Joahnsen e Schanke (2014). Segundo eles, os resultados escolares analisados no início da sua observação, retratavam uma realidade na qual “as classificações eram mais altas entre as raparigas, comparativamente aos rapazes e entre alunos com pais com maior grau académico, comparativamente com alunos com pais com menor grau académico”, sendo os efeitos destas variáveis mais notórios entre os alunos a frequentar a escolaridade equivalente ao 3.º Ciclo do que entre os que frequentavam o Ensino Secundário. Isto devia-se ao facto dos rapazes filhos de pais com menor grau académico integrarem em grande número os casos de abandono escolar registados nesse ciclo e está relacionado com os alunos provenientes de famílias com mais estudos optarem frequentemente pela prossecução de estudos. Por outro lado, existem as famílias que não ambicionam esse tipo de emprego (quer pela exigência dos estudos

requeridos, quer simplesmente por uma questão vocacional), não reconhecem importância aos currículos escolares para a sua ideia de futuro e logo, não transmitem aos seus filhos motivação para prosseguirem os estudos, dando em muitos casos, origem ao abandono escolar.

Também por este lado, e atento à diversidade de interesses por parte dos alunos a que é necessário dar resposta, o Projeto E.L.F. fez do seu desenho curricular uma tentativa de dar resposta ao desinteresse pelas aprendizagens curriculares, tentando que, tanto os alunos e as famílias com interesse na prossecução completa dos estudos, como os alunos e as famílias com perspetivas de uma entrada mais precoce na vida ativa, pudessem encará-lo, através da sua sequência, integração disciplinar, carácter prático e utilitário e da promoção da tomada de decisões, como um novo caminho do interesse de todos, que merecesse a motivação de quem o percorra (criando uma narrativa comum, sejam quais forem as suas perspetivas de futuro) e assim, condicionando conseqüentemente, o abandono escolar e a indisciplina nos ciclos de escolaridade mais críticos.

Finalmente, importa referir que cumprindo todas as premissas anteriores, estão também reunidas as condições para dar resposta a outra questão, a da rentabilização de diversos tipos de inteligência e ao conseqüente esbatimento das desigualdades sociais, aspeto que se começou por referir como sendo uma das lacunas, em termos de resultados, da aplicação de currículos mais tradicionais.

É curioso que Seabra (2009, p. 75) começa por focar a questão lembrando que as políticas educativas foram...

...“centradas em garantir as condições de acesso e de frequência da escola pública, instituindo a gratuidade do ensino e, posteriormente, a sua obrigatoriedade. A primeira preocupação não foi propriamente a de criar condições para a igualdade de oportunidades, mas a de garantir o acesso de todos à instrução elementar.”

De facto, a mesma autora relembra que no nosso país a desigualdade de trajetórias escolares resulta de aspetos como as condições sociais das famílias, a origem étnico-nacional, o território de residência ou mesmo a condição de género e afirma que:

“a escola tem penalizado os alunos cujas famílias são pouco escolarizadas e desempenham profissões consideradas socialmente como subalternas, os alunos negros,

os que vivem em meios rurais e do interior ou em condições de habitação degradada (...) e, ainda, os alunos do sexo masculino.” (2008, pp.81 e 82)

É interessante verificar que a autora salvaguarda, no entanto, que para alunos da mesma “classe” social, os que se destacam não são aqueles que provêm de famílias economicamente mais bem-sucedidas e sim aqueles cujas famílias têm “condições culturais favoráveis”, ou seja (e voltando à questão da importância da motivação familiar para as expectativas dos alunos), aqueles cujas atitudes e preferências dos pais contemplam as aprendizagens escolares – mais uma vez, cabe à escola oferecer possibilidades que sejam do interesse de mais alunos e famílias e que lhe mereçam o reconhecimento da importância; todavia, habitualmente e como Seabra (2009, p. 90) indica também, “a escola, ao ser enformada pela cultura das classes dominantes e ao não reconhecer legitimidade nem valor acadêmico a modelos culturais diferentes do que adota, penaliza os estudantes que são portadores de uma cultura familiar que é dissemelhante da cultura escolar”.

Nesta perspectiva, a autora refere ainda que “(...) o código escolar coincide com o código dos grupos sociais favorecidos” (p.91) e fala mesmo de uma “descontinuidade” ou “ruptura” entre o universo cultural dos alunos de grupos mais desfavorecidos e o universo escolar, o qual, por seu turno, surge como um “prolongamento” do universo cultural dos alunos e famílias dos grupos mais favorecidos, até por serem membros destes grupos que definem o que deve ser valorizado em termos de currículos escolares.

Crahay (2000), citado por Seabra (2009, p.80), levanta duas questões importantes: “deve adaptar-se o ensino ao potencial destino profissional e social dos alunos?” ou “devem manter-se os objetivos comuns e diferenciar os modos de os atingir, tendo em conta a diversidade individual?”. Esta segunda questão, que caminha, segundo o mesmo, no sentido de serem “dadas as condições adequadas ao domínio de um conjunto de saberes, normas e valores que sustentem a integração social e o exercício da cidadania”, está a ter cada vez mais seguidores e o Projeto E.L.F. vai, uma vez mais, de encontro a essa filosofia, ao não fechar as portas da escola a nenhum aluno, antes, tentando motivá-los providenciando cenários e oportunidades para que cada um experiencie e vivencie percursos escolares variados e possa optar e tomar decisões ao longo dos mesmos que vão de encontro, não só, às suas expectativas, mas também às suas capacidades e potencialidades.

3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1. Questões orientadoras e objetivos do estudo

Do problema de partida antes apresentado (de que modo é que um processo de integração curricular no âmbito do 1º Ciclo do Ensino Básico pode contribuir para o desenvolvimento de competências associadas ao Empreendedorismo?) e tendo em conta as competências-chave do empreendedorismo (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007) acima elencadas, definimos questões orientadoras para o projeto:

Poderá uma abordagem integrada dos conteúdos do 1º ciclo, em estreita relação com as experiências quotidianas dos alunos e com as atividades da comunidade em que se inserem contribuir para:

- A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados?
- A motivação para a aprendizagem?
- O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão?
- O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação?
- O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal?
- A melhoria dos resultados escolares?

Tratando-se de um projeto de investigação-ação no contexto educativo, é necessário também formular objetivos para a intervenção direta com os alunos, estreitamente relacionados com as questões orientadoras atrás formulada. Neste sentido, pretendemos que os alunos...

1. ... reconheçam a utilidade prática dos conteúdos trabalhados, através da sua participação num projeto relacionado com as atividades quotidianas da comunidade em que se inserem;

2. ... identifiquem relações entre conteúdos de diferentes áreas curriculares e de diferentes anos de escolaridade;
3. ... desenvolvam hábitos de trabalho cooperativo que se reflitam nas capacidades de criar, avaliar e decidir em conjunto durante as diferentes fases do projeto;
4. ... revelem o aumento progressivo de comportamentos e atitudes de autoconfiança e capacidade de iniciativa, ao longo do projeto;
5. ... desenvolvam capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal com os seus pares e com os adultos da comunidade envolvente;
6. ... melhorem os resultados escolares.

3.2. Enquadramento metodológico

3.2.1. Opções metodológicas

Este estudo insere-se no paradigma socio-crítico (Coutinho, 2011), recorrendo a uma metodologia predominantemente qualitativa, em que se procurará fazer uso de diferentes fontes de informação recorrendo a diferentes técnicas de recolha de dados. O paradigma socio-crítico, também designado por emancipatório, distingue-se dos paradigmas positivista e interpretativo por incluir nos seus objetivos a intenção explícita de modificar o real, melhorando as situações em estudo de forma a corresponder às necessidades dos sujeitos que, nesta abordagem, são também participantes no processo investigativo, identificando os problemas e participando nas decisões (Carr & Kemmis, 1988, citados em Coutinho, 2011)

Por sua vez, a metodologia qualitativa caracteriza-se por se centrar nas intenções e situações, procurando compreender o significado que os atores dão às suas ações e interações (Bogdan e Biklen, 1994). Esta abordagem metodológica recorre geralmente a processos indutivos, de forma que a teoria emergja dos dados empíricos (Coutinho, 2011). No entanto, uma vez que o presente estudo se orienta para a prática, a metodologia tem um carácter fortemente instrumental, visando a tomada de decisão ao longo do processo, com base nos dados entretanto recolhidos e analisados. Neste sentido, procedimentos característicos de metodologias quantitativas poderão ser utilizados, complementando os procedimentos qualitativos, em função da sua necessidade e utilidade prática (Coutinho, 2011).

Estas opções decorrem do objetivo geral do estudo e dos objetivos específicos definidos, uma vez que se pretende compreender as vivências do processo implementado, para além dos resultados alcançados. O recurso a diferentes fontes de informação e a diferentes técnicas de recolha de dados permitirá, por sua vez, a triangulação, garantindo não apenas uma visão diversificada da complexidade do real, mas constituindo também uma tentativa de aumentar a fiabilidade dos resultados (De Ketelle & Roegiers, 1999; Flick, 2005).

Relativamente ao desenho de investigação a desenvolver, o estudo orientar-se-á numa lógica de investigação-ação uma vez que primará por uma intervenção sobre a realidade, acompanhada de uma análise refletida em torno dessa intervenção (Coutinho, 2011), recolhendo dados ao longo do processo e reinvestindo os resultados na ação, durante o seu decurso, com vista a produzir uma mudança efetiva nos contextos onde o projeto E.L.F. é implementado.

3.2.2. Investigação-ação e inovação curricular

A investigação-ação é um processo que, segundo Fonseca (2013, p.76) “promove a reflexão crítica sobre a ação educativa, com o intuito de promover a inovação e a melhoria dessa ação. Trata-se, portanto, de um processo de investigação contextualizado, isto é, que parte da análise da realidade educativa, das suas necessidades e problemas, numa tentativa de lhes responder”, definição que vai precisamente ao encontro das necessidades do quadro inicial para o qual o Projeto E.L.F. foi pensado.

Na ótica da mesma autora, ao assumir um currículo com um objetivo ponderado e intencional e olhando o seu desenrolar com um ponto de vista crítico (tal como acontece no projeto), o professor adota uma postura diferente, ou seja, o professor assume-se como um profissional reflexivo e um inovador da prática, utilizando para tal os processos e técnicas da investigação. Fonseca (2013) aponta por isso mesmo, a investigação-ação como favorecedora do “desenvolvimento das competências interpretativas, críticas e reflexivas dos professores, capacitando-os para a criação de espaços pedagógicos onde o processo de ensino-aprendizagem dos alunos seja contextualizado, integrador, integrado e significativo” (p.79).

Sumariamente, a investigação-ação pretende, nessa mesma ótica e na de Ponte (2002, p. 154), contribuir para “o esclarecimento e resolução dos problemas”, “o

desenvolvimento profissional” dos docentes e participantes no mesmo, “o desenvolvimento da cultura profissional” e, se bem-sucedido, “para o conhecimento da sociedade em geral”.

De acordo com Sandín (2003) citado por Fonseca (2013, p.76), o processo de investigação-ação pauta-se por implicar a transformação e melhoria do contexto educativo, partindo de questões ou problemas práticos, por ser uma investigação colaborativa envolvendo as pessoas implicadas na prática, pressupondo uma reflexão constante sobre o modo como decorre o próprio processo e que se caracteriza por “espiral de mudança” onde a parte formativa está num plano de destaque.

Ponte (2008, pp. 155 e 156) sublinha ainda o que distingue uma investigação realizada por professores com recurso a reflexão sobre a prática ou a simples colaboração: “tem início com a identificação de um problema relevante (...) para o qual se procura, de forma metódica, uma resposta convincente” e “só termina quando foi comunicada a um grupo para o qual ela faz sentido, discutida e validada no seu seio”. Assim, a divulgação à comunidade acaba por ser o fecho do ciclo que se inicia com a identificação do problema detetado no seio da mesma e que assim se encerra com o aumento do conhecimento da sociedade sobre a forma de resolvê-lo.

Beillerot (2001) citado por Ponte (2008, pp. 155-156) elenca mesmo o que pode definir uma atividade como uma investigação: “(a) produz conhecimentos novos ou, pelo menos, novos para quem investiga, (b) segue uma metodologia rigorosa, e (c) é pública. Ou seja, a investigação envolve uma metodologia mas envolve também uma pergunta diretora e uma atividade de divulgação e partilha.”

Fonseca (2013, p.79) indica que os benefícios deste processo inovador não são só para...

“escolas e os alunos, pela transformação e reinterpretação da matriz curricular nacional de acordo com as necessidades do contexto escolar específico, mas também os próprios professores, que evoluem profissionalmente. Através da reflexão na e sobre as suas práticas, os professores constroem conhecimento e, conseqüentemente, são desafiados a deliberar ativamente nos processos de ensino e a ponderar as suas responsabilidades nessa tomada de decisões.”

A mesma autora sintetiza a importância que o processo de investigação ação pode ter para as finalidades de projetos como o E.L.F.:

“Num tempo em que tanto se fala de crise mundial, não apenas no setor económico mas também no domínio social e axiológico, parece que uma vez mais é imperativo que a educação seja uma resposta convincente aos desafios da atual sociedade globalizada. Neste sentido, a investigação-ação colaborativa, (...) afirma-se como uma resposta pertinente à necessidade de a escola se assumir como uma instituição aprendente e promover um processo de aprendizagem contextualizado e significativo, potenciador do desenvolvimento do aluno enquanto cidadão ativo e crítico” (p.84).

O facto do Projeto E.L.F. se constituir como um processo de investigação-ação a ser desenvolvido assente no trabalho de dois professores do 1.º Ciclo apoiados por uma série de parceiros da comunidade local ou educativa onde as suas escolas estão sediadas, é de resto um fenómeno recorrente, já que, de acordo com Ponte (2008, p. 155), os professores dos ensinos primário e secundário têm-se vindo a interessar cada vez mais por investigar os problemas com que se deparam, muitos (como neste caso) no quadro de mestrados e doutoramentos, sendo necessário reforçar as suas competências profissionais de forma a permitir-lhes usar a investigação como uma forma lidar com esses problemas.

A busca por parcerias de validação científica e a frequência do mestrado não são de resto meras opções casuais, uma vez que na opinião do mesmo autor (2008, p. 154) “(...) os professores universitários estão em posição privilegiada para investigar a sua própria prática” e do mesmo modo a daqueles que trabalham de perto, quer enquanto parceiros, quer enquanto formandos. “Na sua maioria, tendo feito doutoramento ou mestrado, têm treino como investigadores, têm a investigação entre as suas funções profissionais e defrontam-se na sua prática com numerosos problemas (insucesso dos alunos, objetivos não atingidos, currículos ultrapassados, condições de trabalho inadequadas).” Naturalmente, constituem assim elementos valiosos a ter em conta e a recorrer quando se pretende mais do que “olhar apenas para os problemas”.

Além disso, atendendo a que o Projeto E.L.F. (Pina & Ferreira, 2014), no seu cerne, assenta numa articulação direta entre professores, alunos, famílias, comunidades e parcerias (e tendo ainda em conta o domínio da interação entre os professores investigadores e os parceiros de cariz educativo), não é difícil situá-lo num cenário para além da investigação-ação, alargado a uma comunidade de investigação. De acordo com Alonso (2013, p.37), esse cenário de criação de comunidades críticas de formadores e professores, em que “investigadores académicos e investigadores práticos” unem esforços em projetos com vista a mudanças educativas, com recurso a

um “currículo mais flexível, mais integrado e relevante para aos alunos”, leva também a um importante “diálogo entre formação inicial, formação contínua e inovação curricular, permitindo uma coerência de discursos e práticas entre "os dois mundos" (...)”. Para Cochran-Smith (2003) citado por Ponte (2008, p. 177) este tipo de investigação envolvendo comunidades críticas, leva ao:

“gerar [de] conhecimento local, [ao] perspetivar e teorizar [d]a sua prática, interpretar e interrogar a teoria e a investigação dos outros” e, por conseguinte, é importante ter-se presente que, desde o início, com a identificação do problema, até ao final com a devolução do conhecimento obtido à sociedade que ela afeta, este é um processo social e político que “envolve tornar problemático as atuais formas de organização da escola; as formas como o conhecimento é construído, avaliado e usado, e os papéis individuais e coletivos dos professores para promover a mudança.”

Um outro aspeto a ter em conta – em particular porque o projeto está a ser desenvolvido e analisado num contexto de investigação-ação, no qual os professores são parte integrante e ao mesmo tempo sujeitos eles próprios da ação do processo – é a influência que os mesmos podem e/ou devem ter no processo.

Por outro lado, é importante também ter em conta o papel dos alunos como participantes no projeto. Gutstein (2003, p.39) salienta que “um princípio importante de uma pedagogia para a justiça social é que os próprios alunos sejam parte integrante das soluções para a injustiça (...). Para desempenhar este papel, eles precisam de compreender mais profundamente as suas condições de vida e a dinâmica sociopolítica da sua realidade.”

Em qualquer projeto de investigação-ação, a melhoria da prática faz-se através de processos de inovação. Nesta perspetiva, “um currículo centrado em projetos, planificados de modo colaborativo, de facto, providencia o espaço necessário para a existência de ideias e caminhos diversos que levam ao sucesso.” (Beane, 2003, p.107)

Num processo deste tipo, é fundamental a escolha e desenvolvimento de um desenho curricular que contemple os vários tipos de interesses e inteligências e possa colocar os alunos em papéis decisores, aumentando a sua motivação e a sensação de pertença a um grupo.

Para tal, será necessário garantir que, além de recolher informações a partir de testes, questionários e outros registos, professores e alunos possam também recolhê-las a partir da observação do desenrolar das atividades desenvolvidas em determinada

unidade temática, uma vez que no processo definido até aqui, há lugar a que os mesmos, trabalhando colaborativamente, definam e desenvolvam métodos e critérios relevantes e adequados a garantir uma avaliação completa e mais justa das aprendizagens (Beane, 2003, p.104).

O desenho curricular e a conjugação com a componente prática, que se encontram representados na Figura 3, tornam de algum modo o processo inovador e distinto das abordagens curriculares habituais e de outros projetos de Empreendedorismo que são dadas a conhecer no nosso país. Segundo Alonso (2013, p. 30), a inovação curricular deve contemplar alguns princípios: i) integração curricular; ii) relação educativa baseada no diálogo; iii) estímulo à curiosidade e o desejo de aprender; iv) atenção à diversidade; v) contextos e ambientes ricos e diversificados de aprendizagem; vi) professorado reflexivo e crítico.

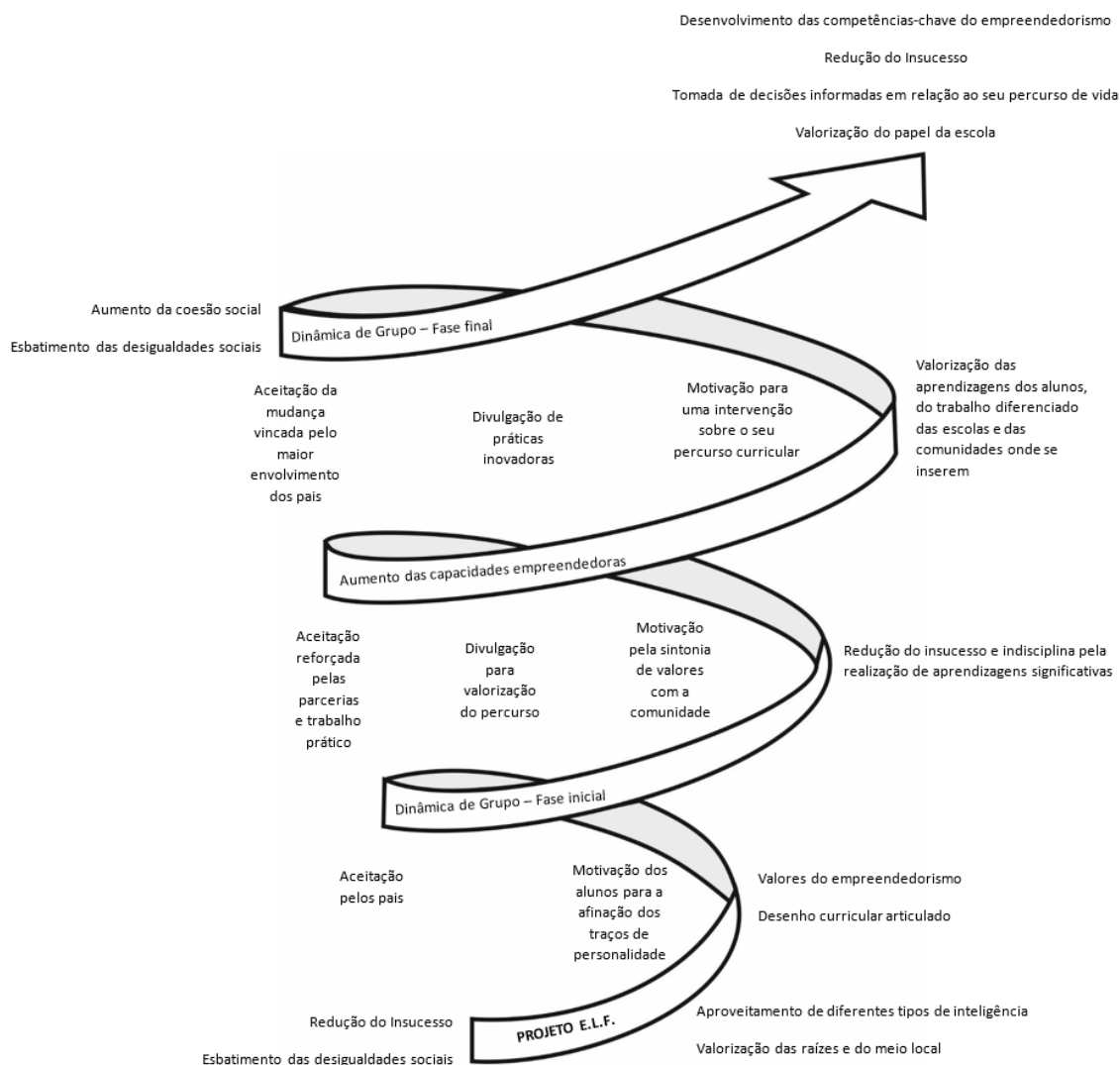


Figura 3 – Esquema representativo do percurso de desenvolvimento do Projeto E.L.F..

Fonte: própria.

É nestes princípios que se sustenta o Projeto E.L.F, procurando, através deles, desenvolver um percurso inovador. Foi pensado desde o início, de uma forma natural e até pouco habitual (num contexto de pouca preocupação pelas questões teóricas e muito pela sua importância e valor de aplicação prático), de forma a poder contemplar todos e cada um dos referidos aspetos, sendo eles que de facto trazem ao projeto essa importância e o valor que lhe têm vindo a ser reconhecidos pela Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, pela Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento Vertical de Escolas de Sobral de Monte Agraço (A.P.E.A.V.E.S.) ou ainda

pelo Canal Lisboa, na entrevista realizada a 24 de junho de 2014. Acrescenta-se a estes as participações em seminários e algumas publicações que se podem consultar em Anexo (Anexos 2 e 3).

Por outro lado, para produzir inovações duradouras no sistema educativo, é necessário que se articulem projetos de inovação desenvolvidos nas escolas, pelos professores, com os projetos de investigação desenvolvidos pela academia. Alonso (2013) salienta que esta articulação e estes projetos deverão ser “conduzidos por equipas mistas de professores das escolas e de investigadores académicos” (p.45) que integrem redes educativas internacionais, preocupação que mais uma vez foi espelhada no projeto, desde que se procurou a parceria com a Escola Superior de Educação de Lisboa.

3.2.3. Procedimentos de recolha de dados

No que respeita às técnicas e instrumentos de recolha e tratamentos de dados, recorreu-se à observação direta e indireta (Estrela, 1994). No que concerne à observação indireta fez-se uso da pesquisa e análise documental, de questionários (para alunos e professores), de entrevistas (a encarregados de educação), de registos escritos (sobre alunos e o decorrer do projeto) e de publicações (de etapas do projeto, para recolha de dados estatísticos relativos à divulgação à comunidade). Por outro lado, no que toca à observação direta, esta foi de cariz naturalista participante, por vezes sistemática e, eventualmente, ocasional (Estrela, 1994).

Relativamente ao percurso do estudo, foi definido um plano de intervenção com uma fase de avaliação inicial das competências (diagnóstico), uma fase de implementação que, ao longo do seu desenvolvimento, privilegiou a recolha intermédia dos dados, a divulgação de a observação, a reflexão, se necessário ajustes ao percurso e, finalmente uma fase de avaliação final das competências e da perceção dos resultados pelos alunos e pelos seus encarregados de educação, assente na comparação com o diagnóstico inicial e atentando nos objetivos do estudo.

No Quadro 1 apresentam-se os objetivos das diferentes fases e as técnicas e instrumentos utilizados. Alguns dos instrumentos surgem repetidos, uma vez que correspondem a mais do que um objetivo.

Fases	Objetivos	Técnicas e Instrumentos de recolha de dados e registo de informação
• Avaliação Inicial	• Determinar o nível de competências do empreendedorismo dos alunos	• Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos
	• Determinar o percurso escolar (fatores de influência, exclusão académica) dos EE • Averiguar os seus conhecimentos sobre as competências ligadas ao Projeto E.L.F. (empreendedorismo) • Identificar as suas expectativas sobre o papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade)	• Entrevista de Grupo aos pais
• Negociação e Planeamento	• Apresentar aos EE a proposta de implementação do Projeto E.L.F. (as competências e os valores individuais e comunitários nele desenvolvidos e consequentes atividades)	• Recolha informal de opiniões sobre o projeto
	• Planificar a implementação do Projeto E.L.F.	• Recolha informal das apreciações pelos órgãos do AE, outros docentes, pais e alunos
• Implementação	• Desenvolvimento das atividades planeadas e ajustamentos do planeamento inicial	• Visualizações no <i>Youtube</i> • Análise dos projetos dos alunos • Análise das produções dos alunos • Diários de aula • Análise dos registos do trabalho efetuado
• Divulgação	• Divulgação das atividades do Projeto E.L.F. para além da esfera local • Permitir o reconhecimento do valor do trabalho desenvolvido pelos alunos	• Visualizações obtidas na divulgação do Projeto E.L.F.
		• Participação dos docentes do Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes no Workshop • Questionário sobre a Aplicação do Projeto ELF para professores • Participação nas Jornadas
• Avaliação Final	• Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência	• Relatório de Avaliação Externa das Escolas
	• Determinar o nível de competências do empreendedorismo adquirido (ou desenvolvido) dos alunos	• Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras
	• Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pelos EE • Averiguar o impacto do Projeto E.L.F. realizado pelos alunos nas conceções dos pais sobre empreendedorismo • Determinar ao grau de valorização dos pais relativamente ao do papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade)	• Entrevista de Grupo aos pais
	• Identificar as atividades do projeto mais valorizadas pelos alunos e pela comunidade • Aferir a capacidade de tomada de decisão • Aferir perspetivas de futuro	• Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos
	• Registrar a perceção de momentos-chave e superação de obstáculos decorrentes do projeto, por parte dos alunos	• Diários de aula
	• Determinar o grau de sucesso escolar dos alunos	• Grelhas de avaliação no final dos períodos letivos

Quadro 1 – Síntese da organização dos instrumentos de recolha utilizados no estudo.

Fonte: própria.

Um dos procedimentos utilizados foi, portanto, o questionário. Ghiglione & Matalon (1993) alertam que o uso de questionários implica uma conceção e redação cuidadas – “deve ser concebido de tal forma que não haja necessidade de outras

explicações para além daquelas que estão explicitamente previstas” (p.119) uma vez que os mesmos se destinam à exploração estatística.

Esta vertente estatística conduz, ao mesmo tempo, a um dos pontos fracos da utilização de questionários, pois como consequência, ainda de acordo com Ghiglione & Matalon (1993), “o investigador nunca tem conhecimento da totalidade das respostas de um mesmo indivíduo.”

Os mesmos autores apontam, ainda no caso dos questionários, que para garantir a mais-valia da comparabilidade das respostas de todos os indivíduos, é imperativo que as questões sejam colocadas a cada pessoa de igual forma, “sem adaptações nem explicações suplementares resultantes da iniciativa do entrevistador, mas poderá haver vantagens no agrupar de questões relacionadas pelo tema para evitar dar a impressão que nos repetimos”.

A aplicação de questionários compostos, na sua maioria, por questões fechadas (como os que se utilizaram neste estudo), tem um tempo máximo recomendado de 45 minutos, se feito em boas condições mas se for aplicado num lugar público, “tendo à volta pessoas que falam ou que podem intervir” (Ghiglione & Matalon, 1993, p.124), dez minutos é o máximo recomendado. Como uma escola é um desses lugares públicos, mas ao mesmo tempo é um espaço familiar e confortável, projetou-se uma aplicação para um tempo intermédio de 20 a 30 minutos.

De entre os elementos de avaliação definidos para avaliar o Projeto E.L.F. (Anexos 4 e 5), figuram então os questionários usados.

Para realizar um diagnóstico inicial, recorreu-se ao Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras (Anexo 8). Este foi adaptado a partir do Teste Europeu de Empreendedorismo (IAPMEI, 2012) com vista a poder aplicá-lo a crianças e essa aplicação foi pensada em dois momentos: no início e no final do ano letivo, com a finalidade de permitir a sua comparação e aferir como evoluíram as capacidades empreendedoras nos alunos à medida que o projeto foi sendo desenvolvido (Anexos 25, 26, e 27).

Além deles, foram ainda criados mais dois questionários. O segundo, destinou-se também a alunos (Anexo 30) e pretendia recolher as suas opiniões sobre as atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto E.L.F., refletindo sobre elas e procurando também conhecer as suas perspetivas futuras (respostas em Anexo 31). O último questionário (Anexo 28) destinou-se a conhecer a opinião dos professores presentes num *workshop* realizado durante o desenrolar do projeto (respostas em Anexo 29), a

pedido do Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes, acerca do desenvolvimento do Empreendedorismo em sala de aula e das vertentes de desenvolvimento do Projeto E.L.F., constituindo-se, portanto, como um processo de divulgação do trabalho realizado.

Quanto às entrevistas, são instrumentos que contribuem para uma visão mais abrangente pois, como foi já indicado, as questões fechadas de um questionário podem ser mais concisas e por isso mais “cómodas”, mas deixam de lado uma série de aspetos enriquecedores e podem ainda, se o questionário for longo, torná-lo fastidioso (Ghiglione & Matalon, 1993, pp.130 e 131), sendo por isso conveniente o recurso a um instrumento que possa contrariar estes aspetos, conferindo ao estudo um panorama mais completo.

Optou-se pela realização de entrevistas de grupo (a uma amostra de encarregados de educação de ambas as turmas), tipo de entrevista reconhecido por Bogdan e Biklen (1994, p.138) como sendo útil para facilitar a passagem do entrevistador para o mundo dos sujeitos. “Nessa situação, várias pessoas juntas são encorajadas a falarem sobre um tema de interesse. (...) Geralmente revela-se uma boa forma de obter novas ideias sobre temas a discutir em entrevistas individuais” e essa, a par da rentabilização do tempo a despende, foram as razões que fizeram a escolha recair nesta modalidade.

Em relação aos entrevistados, estes foram selecionados por conveniência, dentro da disponibilidade conhecida dos encarregados de educação dos alunos, mas também tentando que essa amostragem fosse um reflexo da composição dos pais e alunos da turma. Deste modo, procurou-se corresponder ao que Flick (2005, p.118) aponta como a organização de “um grupo natural (isto é, existente na vida do dia-a-dia)” e que sendo ele composto de acordo com a heterogeneidade das turmas, apresenta “diferenças nas características importantes em relação à problemática da investigação”, favorecendo “a dinâmica do debate, de modo a serem expressas muitas perspetivas diferentes e a romper a reserva dos participantes, por meio do confronto de pontos de vista”.

Além disso, houve o cuidado de seguir as indicações de Patton (1990) citado por Flick. (2005) que apontava para que uma entrevista de grupo deva ser realizada com um pequeno grupo de pessoas, constituído por seis a oito participantes, centrada num tema específico e com uma duração entre meia hora e duas horas.

Este autor valoriza as entrevistas de grupo, por terem como ponto positivo “um certo controlo de qualidade sobre os dados produzidos [pois] os participantes tendem a

controlar-se e a equilibrar-se uns aos outros, excluindo os pontos de vista extremados” (p.116). Por outro lado, também vê nelas alguns pontos fracos, como “o número limitado de questões que permite tratar e a dificuldade de tomar notas durante a entrevista”, mas ambos os aspetos revelaram-se fáceis de contornar, uma vez que os assuntos a questionar eram reduzidos e se optou por fazer um registo audiovisual, que não só facilita este aspeto, como torna mais rápida e correta a transcrição posterior das mesmas.

De resto, feita a análise aos prós e contras do processo, Patton (1990, citado por Flick, 2005, p.116) resume as vantagens da sua utilização através “da sua riqueza de dados, o seu baixo custo, a estimulação dos respondentes e o apoio dado à recordação dos acontecimentos, além de poder chegar mais longe que a entrevista individual”.

Por seu turno, Flick (2005, p.117) indica que Pollock (1995) encara os debates de grupo como preferenciais em relação à entrevista individual, porque “se deve evitar o estudo das atitudes, opiniões e práticas dos seres humanos, artificialmente isolados dos contextos em que ocorrem”. Continua sublinhando que “os debates de grupo correspondem ao modo como as opiniões são produzidas, expressas e trocadas, no dia-a-dia” e que possuem ainda como característica a “validação das afirmações e opiniões expressas pelo próprio grupo, através das correções feitas às opiniões extremas, incorretas ou não partilhadas socialmente”, o que faz do próprio grupo “um instrumento da reconstituição mais ajustada das opiniões individuais”. O autor salienta ainda que “uma outra finalidade dos debates de grupo é a análise dos processos de resolução de problemas comuns ao grupo”. O mesmo autor enfatiza ainda (p.121) que “os debates de grupo podem mostrar como as opiniões nascem, e principalmente como mudam, se afirmam e se abandonam, nas trocas sociais. A coleta de dados verbais pode ser melhor contextualizada com os debates de grupo”.

Na realização das entrevistas houve alguns cuidados, designadamente com a linguagem a utilizar, a condução do processo de entrevista, as formas de moderação de um debate de grupo e as questões.

Quanto à condução do processo de entrevista, Flick (2005, p.116) cita Fontana e Frey (2000) indicando que um entrevistador deve ser “flexível, objetivo, empático, persuasivo, bom ouvinte” e ter como preocupação “impedir que um participante ou um subgrupo dominem com as suas intervenções a entrevista (...) e incentivar os participantes mais calados a envolverem-se e a exprimirem os seus pontos de vista”.

Flick (2005, p.119) aponta, como formas de moderação de um debate, controlar o início, desenvolvimento e termo do debate, a introdução de novas questões e a orientação e relançamento do debate, perturbando “o menos possível a iniciativa dos participantes, deixando-lhe um campo tão livre quanto puder, para que o debate se faça acima de tudo pela troca de argumentos”.

Quanto às questões, Ghiglione & Matalon (1993,pp.154-158) também recomendam cuidados de controlo com a estrutura lógica da questão (as negações e as duplas negações, em particular), refletir sobre as diferentes respostas possíveis (e eventuais ambiguidades), evitando introduzir duas ideias na mesma questão e evitar termos carregados de afetividade, de juízos de valor e de conotações que podem influenciar as respostas.

Relativamente às entrevistas, foram preparados dois guiões (Anexos 9 e 32), para os encarregados de educação com alguns aspetos em comum para poder ser feita a aferição entre o início e o final da aplicação do Projeto E.L.F. No entanto, os guiões apresentam também diferenças, uma vez que, no primeiro se pretende averiguar alguns aspetos do percurso académico dos entrevistados e da sua relação com a escola como alunos, enquanto no segundo se abordaram questões destinadas a obter um balanço final do Projeto por parte dos filhos e a conhecer as perspetivas futuras por parte dos pais. No que toca à parte comum dessas entrevistas, está centrada no conhecimento do conceito de empreendedorismo e nas suas competências-chave, no valor do Projeto E.L.F. (nomeadamente em termos da integração curricular que o mesmo possui e da interligação com a comunidade) e no papel que os professores e as escolas assumem quando integram projetos deste tipo que as colocam numa posição mais central na comunidade.

Para além de entrevistas e questionários, recorreremos ainda ao registo de etapas e incidentes relevantes no desenrolar do processo, em particular ao nível da interação com os alunos, através da elaboração de diários de aula.

Como Hernandez (1986) citado por Zabalza (1994, p.84), “se o objetivo é o de incorporar a informação no processo explicativo da realidade social, situamo-nos a um nível diferente que permite integrar os dados e fazer avançar a teoria” e é essa a maior valia da utilização deste tipo de registo, ainda que para Zabalza (1994) “[o] trabalho com documentos pessoais implica, à partida, um notável risco metodológico, risco esse inerente, por um lado, à sua inserção no contexto da investigação qualitativa (...) e, por

outro lado, inerente à natureza particular dos dados em si (autoinformações dadas pelo próprio sujeito).”

O uso deste tipo de instrumento permitiu registar momentos episódicos, mas de extrema importância, pelo tipo de apreciação de monitorização do decorrer do processo que permitem realizar. Apesar de se ter procedido a vários destes registos, serão utilizados apenas os que dizem respeito à dimensão curricular do projeto e que se encontram anexados no final deste estudo (Anexos 21, 22, 23 e 24). Os diários de aula incluem ainda os registos periódicos decorrentes do desenrolar do projeto nos momentos de reflexão entre todos os elementos participantes no funcionamento das “miniempresas” (Anexos 10 e 11).

3.2.4. Procedimentos de análise de dados

Quanto à análise, e olhando à diversidade dos instrumentos de recolha de dados acima enunciados, os dados quantitativos foram tratados através de estatística descritiva, de forma a poder monitorizar e comparar a evolução desde o início ao final do processo, passando pelas fases intermédias de avaliação.

Em relação aos dados qualitativos recolhidos, pretendeu-se analisar mais detalhadamente aspetos relacionados com vivências ou experiências importantes, o impacto e as alterações às perceções iniciais, que o percurso poderá vir a deixar nos alunos e comunidade educativa envolvente. Para tal, recorreremos à análise de conteúdo.

Bardin (2008, pp.44 e 45) aponta a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” que “tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas (...) para compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis” e “toma em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição destes conteúdos e formas”.

Por sua vez, Ghiglione e Matalon (1993, p.131) referem que “para que as respostas às questões abertas possam ser exploradas da mesma forma é preciso codificá-las, ou seja, agrupar as respostas, todas diferentes, que terão sido recolhidas, num pequeno número de categorias que serão em seguida tratadas da mesma forma que as respostas às questões fechadas”. Estes autores recomendam que, para este processo de codificação ser rigoroso e com o mínimo de perdas de informação, se tenha

o registo exato das respostas, “sem [se] efetuar qualquer triagem, resumo ou simplificação”, visão que também é partilhada por Flick (2005, pp.123 e 124).

No presente estudo, as entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo depois sujeitas a análise de conteúdo (Anexos 33, 34 e 35). Para tal, recorreu-se a procedimentos predominantemente indutivos ou abertos (Esteves, 2005), tendo como referência, no entanto, os blocos temáticos do guião da entrevista e os objetivos do projeto. Assim, procedemos ao recorte do material em unidades de registo que agrupámos em indicadores, que depois foram agrupados em subcategorias e categorias relativas a cada um dos temas. Considerámos como unidade de registo a unidade mínima com significado completo (frase, parte de frase, conjunto de frases) e como unidade de contexto toda a entrevista. As unidades de registo foram tomadas como unidades de enumeração, tornando possível a quantificação da frequência.

Na categorização tivemos em conta os princípios básicos enunciados por Bardin (2008): a exaustividade, a homogeneidade das categorias, a exclusão mútua, a pertinência e a objetividade.

3.3. Caracterização dos participantes

As turmas envolvidas no estudo são a A da EB de Almargem e a B da EB de Pero Negro.

A turma A de Almargem era constituída por:

- 17 alunos, sendo 10 raparigas e 7 rapazes;
- 1 aluno no 1.º ano de escolaridade, 4 no 2.º, 6 no 3.º e 6 no 4.º;
- Alunos de idade variável entre os 6 e os 10 anos;
- 4 alunos com 1 retenção e 1 aluno com duas retenções no ciclo;
- 2 alunos enquadrados no Regime Educativo Especial;
- 12 alunos subsidiados (9 no escalão A e 3 no escalão B);
- Alunos de nacionalidade portuguesa.

Quanto à caracterização da turma B de Pero Negro, a mesma era constituída por:

- 20 alunos, sendo 8 raparigas e 12 rapazes;
- 9 alunos no 2.º ano de escolaridade e 11 no 3.º;
- Alunos de idade variável entre os 7 e os 10 anos;

- 2 alunos com 1 retenção e 1 aluno com duas retenções no ciclo;
- 4 alunos enquadrados no Regime Educativo Especial;
- 14 alunos subsidiados (8 no escalão A e 6 no escalão B);
- Alunos de nacionalidade portuguesa, havendo 1 de ascendência ucraniana e 2 de descendência angolana e santomense.

Uma caracterização mais detalhada dos pais dos alunos pode ser consultada em Anexo (Anexo 7).

Para efeitos de monitorização do estudo, através da realização de Entrevistas de Grupo (amostragem por conveniência), foram selecionados encarregados de educação com disponibilidade, mas que ao mesmo tempo espelhassem as realidades socioeconómica e sociocultural das duas turmas.

Assim, das oito mães que aceitaram serem entrevistadas, sete tinham filhos a realizar percursos de ensino regulares e uma tinha um filho integrado no Regime Educativo Especial. Num dos casos, o educando já apresentava uma retenção no ciclo. Metade do grupo tinha idades compreendidas entre 31 e 35 anos, um quarto do grupo tinha idades entre 41 a 45 anos e duas mães tinham idades até aos 25 anos e compreendidas entre 36 a 40 anos, respetivamente. Espelhando um pouco a realidade da turma, uma entrevistada estava desempregada, outras duas trabalhavam no setor primário e secundário respetivamente e a restante maioria laborava profissões ligadas ao setor terciário. Em termos de habilitações académicas, também espelhavam a realidade das turmas, tendo um concluído o 2.º ciclo e as restantes o 3.º ciclo e o Ensino Secundário.

3.4. Plano de intervenção

Tal como se referiu durante a apresentação da linha condutora do projeto, partindo do Empreendedorismo conjugado em primeira linha com as Ciências Sociais, são articulados conteúdos de Português, Matemática, Ciências da Natureza, Expressões Artísticas e Educação Física, Educação Financeira e Educação para a Cidadania. Mas para que esta integração ser possível, há primeiro que providenciar as condições favoráveis à abordagem do empreendedorismo interligada com as Ciências Sociais e nessa perspetiva, na sua fase de estruturação o projeto teve de passar por uma série de fases que importa salientar e que se encontram resumidas no Quadro 2:

Fases	Objetivos	Atividades	Técnicas e Instrumentos de recolha de dados e registo de informação
Avaliação Inicial	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o nível de competências do empreendedorismo dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos
	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o percurso escolar (fatores de influência, exclusão académica) dos EE Averiguar os seus conhecimentos sobre as competências ligadas ao Projeto E.L.F. (empreendedorismo) Identificar as suas expectativas sobre o papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade) 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista de Grupo aos pais
Negociação e Planeamento	<ul style="list-style-type: none"> Apresentar aos EE a proposta de implementação do Projeto E.L.F. (as competências e os valores individuais e comunitários nele desenvolvidos e consequentes atividades) 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação de diapositivo sobre o projeto na primeira reunião de EE Auscultação de opiniões para sintonia de valores e recolha de atividades propostas pelos EE 	<ul style="list-style-type: none"> Diapositivo de apresentação do projeto E.L.F. e recolha informal de opiniões aos Encarregados de Educação
	<ul style="list-style-type: none"> Tornar visível aos alunos e à comunidade escolar a linha condutora do projeto Registar a articulação curricular estabelecida ao longo da implementação do projeto Registar a integração das atividades empreendedoras desenvolvidas no âmbito do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> Criação de cartaz para o registo de implementação do Projeto E.L.F. com os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F.
	<ul style="list-style-type: none"> Estruturar um Plano de Negócios para as miniempresas a serem constituídas nas turmas com os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Auscultação e negociação de ideias dos alunos para escolha de uma atividade económica onde centrar o Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> Plano de negócios (<i>startup plan</i>)
		<ul style="list-style-type: none"> Visita de Estudo à Hortorres e Campoeste - armazenamento, exportação e transformação de produtos 	<ul style="list-style-type: none"> Guião de trabalho para os alunos Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i> Textos coletivos dos alunos
		<ul style="list-style-type: none"> Levantamento dos dados necessários à criação do Plano de Negócios pelos alunos Criação do Plano de Negócios com os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. Plano de negócios (<i>startup plan</i>)
	<ul style="list-style-type: none"> Planificar a implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> Planificação anual/mensal da integração curricular com as atividades empreendedoras com os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F.
Implementação	<ul style="list-style-type: none"> Aumentar o vocabulário técnico ligado ao empreendedorismo e à educação financeira dos alunos e EE Providenciar um enquadramento histórico para o conceito de empreendedorismo e a criação de empresas 	<ul style="list-style-type: none"> Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas para os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i> Entrevista de grupo Textos coletivos

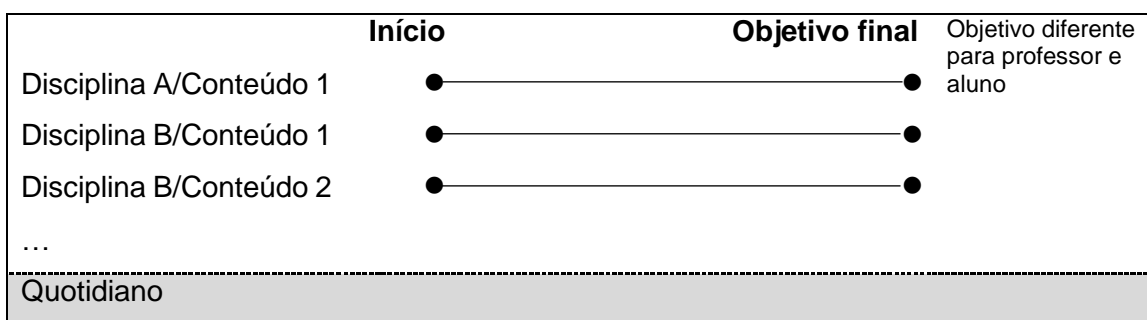
<ul style="list-style-type: none"> Sensibilizar para a importância da utilização de recursos e energia no dia-a-dia (a nível empresarial e doméstico) Sensibilizar para necessidade de poupança destes recursos e para o impacto ambiental e económico daí decorrente 	<ul style="list-style-type: none"> Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias para os alunos 	
<ul style="list-style-type: none"> Alargar o potencial de produção das miniempresas Conhecer as etapas de construção de uma estufa Reconhecer aspetos positivos da cooperação entre parceiros 	<ul style="list-style-type: none"> Construção das estufas pelos alunos da E.P.A.F.B.L. 	<ul style="list-style-type: none"> Plano de negócios (<i>startup plan</i>) Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i>
<ul style="list-style-type: none"> Fomentar a ligação intergeracional através da valorização dos conhecimentos dos membros mais antigos da comunidade Perpetuar técnicas tradicionais com impacto na economia familiar e do meio 	<ul style="list-style-type: none"> Sessões sobre recuperação de técnicas agrícolas tradicionais - criação de réstias, localização de lençóis de água, processos de poda e enxertia, extração de mel e importância da polinização 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista de grupo Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i> Textos coletivos dos alunos
<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer a comparação de técnicas modernas com tradicionais, em termos de produtividade e impacto ambiental Informar sobre a existência de percursos escolares diferentes, para futuras tomadas de decisão 	<ul style="list-style-type: none"> Visita de estudo à EPAFBL 	<ul style="list-style-type: none"> Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no <i>Facebook</i> e no <i>Youtube</i> Textos coletivos dos alunos
<ul style="list-style-type: none"> Afinar o Plano de Negócios com vista à superação de obstáculos e à antecipação de novos objetivos de produção, de embalagem e venda 	<ul style="list-style-type: none"> Monitorização da aplicação do plano de negócios 	<ul style="list-style-type: none"> Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. Plano de negócios (<i>startup plan</i>) Diários de aula Entrevista de grupo Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras (aos alunos)
<ul style="list-style-type: none"> Adaptar uma história tradicional de aspetos morais vinculados de modo a refletir um espírito de valorização e cooperação Trabalhar valores comunitários associados ao empreendedorismo Fomentar a ligação intergeracional através da valorização dos conhecimentos dos membros mais antigos da comunidade Dar visibilidade do trabalho desenvolvido junto da comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) e sua dramatização para a comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) Festa comunitária
<ul style="list-style-type: none"> Preparar o domínio técnico de vendas contemplado no plano de negócios Dar visibilidade do trabalho desenvolvido junto da comunidade local e concelhia Reconhecer aspetos positivos da cooperação entre parceiros a nível da venda de produtos e gestão do dinheiro doado 	<ul style="list-style-type: none"> Feiras na Escola 	<ul style="list-style-type: none"> Slogan de venda Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. Plano de negócios (<i>startup plan</i>) Entrevista de grupo aos pais
	<ul style="list-style-type: none"> Participação no Arraial de Final de Ano Letivo 	

• Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> Divulgação das atividades do Projeto E.L.F. para além da esfera local Valorização do potencial de escolas em meios pequenos Permitir o reconhecimento do valor do trabalho desenvolvido pelos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto através da página do Facebook e do Youtube 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades divulgadas na página do <i>Facebook</i> e do <i>Youtube</i> Visualizações obtidas na divulgação do Projeto E.L.F.
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto através do Jornal "O Badaladas" 	<ul style="list-style-type: none"> Artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F.
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto através da Revista "Saber Viver" 	
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto no <i>site</i> do Município 	<ul style="list-style-type: none"> Participação dos docentes do Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes no Workshop Questionário sobre a Aplicação do Projeto ELF para professores
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto através do Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes 	
		<ul style="list-style-type: none"> Divulgação da implementação do projeto nas Jornadas Pedagógicas - Grassa a Ciência pelo Monte 	
• Avaliação Final	<ul style="list-style-type: none"> Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência 	<ul style="list-style-type: none"> Análise da parte do relatório de avaliação externa do AE referente ao projeto ELF 	<ul style="list-style-type: none"> Relatório de Avaliação Externa das Escolas
	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o nível de competências do empreendedorismo adquirido (ou desenvolvido) dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos
	<ul style="list-style-type: none"> Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pelos EE Averiguar o impacto do Projeto E.L.F. realizado pelos alunos nas conceções dos pais sobre empreendedorismo Determinar ao grau de valorização dos pais relativamente ao papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade) 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista de Grupo aos pais
	<ul style="list-style-type: none"> Identificar as atividades do projeto mais valorizadas pelos alunos e pela comunidade Aferir a capacidade de tomada de decisão Aferir perspetivas de futuro 	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação do Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos
	<ul style="list-style-type: none"> Registar a perceção de momentos-chave e superação de obstáculos decorrentes do projeto, por parte dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades mais relevantes do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> Diários de aula
	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o grau de sucesso escolar dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Todas as atividades ao longo do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> Grelhas de avaliação no final dos períodos letivos

Quadro 2 – Síntese das atividades desenvolvidas em cada fase.

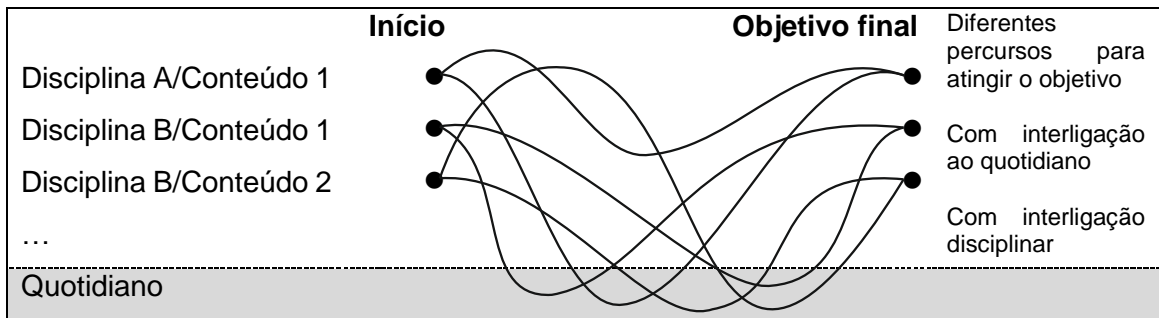
Fonte: própria.

Subjacente a todo o projeto esteve a preocupação em integrar o currículo do 1º Ciclo entre si e com o Empreendedorismo. Assim, o percurso curricular a implementar com o projeto assentou no leccionamento de conteúdos das várias áreas curriculares segundo uma sequência definida a partir da integração entre o Empreendedorismo e o Estudo do Meio. Neste quadro, do primeiro decorriam as temáticas condutoras e, do segundo, o cenário de fundo ideal, garantindo-se assim que as restantes áreas pudessem ter os seus conteúdos articulados em harmonia. Este tipo de integração exigia, como se referiu acima, que todos os envolvidos (mas em especial os alunos) compreendessem os elos de ligação existentes entre conteúdos e a respetiva sequencialização, enquanto tinham ainda uma boa oportunidade de compreender a utilidade/aplicação das aprendizagens curriculares ao quotidiano. As diferenças entre as abordagens curriculares mais recorrentes e este tipo de abordagem podem ser constatadas pela comparação dos Quadros 3 e 4. Um dos objetivos neste tipo de organização, era integrar o máximo de conteúdos curriculares nesta integração, providenciando ao currículo nacional, uma vertente através da qual os alunos apreendessem a sua utilidade em concreto, sendo ponto assente que as abordagens curriculares teóricas caídas “no vazio” dos manuais escolares e sala de aula seriam algo a evitar a todo o custo. É de lembrar que este processo de planificação da intervenção encontra-se mais detalhado em Anexo (Anexos 2 e 3).



Quadro 3 - Forma tradicional de ver o currículo escolar: linear/estanque/focalizada na sala de aula e em manuais.

Fonte: própria.



Quadro 4 - Abordagem segundo as linhas de desenvolvimento e implementação do currículo no Projeto E.L.F.: articulada/integrada/focalizada nas múltiplas conexões entre conteúdos e entre a sala de aula e a realidade.

Fonte: própria.

4. DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO

Uma descrição da intervenção bastante mais extensa e detalhada pode ser consultada em Anexo (Anexo 1), tal como acontece com a totalidade da estruturação das atividades (Anexos 2 e 3) sendo que aqui será apresentada uma descrição da intervenção mais concisa e focada numa perspetiva cronológica e faseada de acordo com o registado no Quadro-síntese do projeto agregado e identificado como Anexo 5. Esse mesmo documento retrata cinco fases que pretendem estabelecer a correspondência direta às questões e sub-questões do presente estudo.

A organização apresentada dessas cinco fases no referido documento, destina-se apenas a facilitar a sua leitura, já que na realidade, a maioria das atividades de cada uma dessas fases – sobretudo a avaliação inicial, negociação e planeamento e divulgação – foram desenvolvidas propositadamente de uma forma articulada que influenciasse diretamente o desenvolvimento de outra atividade, pertencente a uma fase diferente.

Tomando como exemplo uma das primeiras atividades, a apresentação do projeto aos Encarregados de Educação, esta surge incluída na fase de negociação e planeamento, mas concretizou-se anteriormente à aplicação do questionário de determinação das capacidades empreendedoras aos alunos, incorporada na fase de avaliação inicial, mas que na verdade dependendo da apresentação do projeto aos pais.

Em contrapartida, a mesma atividade de apresentação do projeto aos Encarregados de Educação (fase de negociação e planeamento), foi na prática seguida de uma entrevista de grupo (incluída na fase de avaliação inicial), que dependia diretamente da divulgação de algumas atividades através da página de *Facebook* do projeto (fase de divulgação), necessárias para se dar uma sintonia de valores e se criarem expectativas que permitissem a aceitação pelos Encarregados de Educação e, conseqüentemente, a implementação do projeto.

Nesta perspetiva, a observação da coluna relativa ao mês de realização das atividades nos Quadros que a seguir apresentamos poderá ajudar à real perceção cronológica das atividades, não obstante a sua organização lógica por fases.

Focando a análise das atividades por fases:

• **Avaliação inicial**

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
• Avaliação Inicial	• Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos	Empreendedorismo	Set/ Out
	• Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE		Nov

Quadro 5 – Síntese informativa das atividades da avaliação inicial.

Fonte: própria.

Nesta primeira fase merecem relevo duas atividades para determinar os conhecimentos de partida de alunos e pais sobre empreendedorismo, atividades já referidas anteriormente.

Curricularmente, esse diagnóstico inicial permitiu perceber o ponto de partida para o começo do trabalho de desenvolvimento das competências de empreendedorismo, o estabelecimento das dinâmicas de grupo para trabalho de equipa e uma definição da linha curricular condutora articulada com alunos e pais.

• **Negociação e planeamento:**

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
• Negociação e Planeamento	• Obtenção da autorização do agrupamento para desenvolvimento do Projeto E.L.F.		Set/ Out
	• Cooptação de parcerias		Set/ Out Nov
	• Planificação da aplicação dos instrumentos de recolha de dados		Set/ Out
	• Apresentação de diapositivo sobre o projeto na primeira reunião de EE • Auscultação de opiniões para sintonia de valores e recolha de atividades propostas pelos EE		Set/ Out
	• Apresentação de informação relevante para a tomada de decisões informadas relativa à implementação prática do Projeto E.L.F.	Empreendedorismo	Set/ Out
	• Criação de cartaz para o registo de implementação do Projeto E.L.F.	Empreendedorismo Estudo do Meio Português Matemática Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	Set/ Out

• Auscultação e negociação de ideias para escolha de uma atividade económica onde centrar o Projeto E.L.F.	Empreendedorismo	Set/ Out
• Visita de Estudo à Hortorres e Campoeste - armazenamento, exportação e transformação de produtos	Português • Texto narrativo/descritivo sobre a visita (2.º/3.º/4.º) • Família de palavras e campo lexical sobre o vocabulário em estudo (1.º/2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • As plantas (1.º/2.º/3.º) • Reprodução de plantas (2.º/3.º) • Plantas cultivadas e espontâneas (2.º/3.º/4.º)	Nov
• Levantamento dos dados necessários à criação do Plano de Negócios • Criação do Plano de Negócios	Empreendedorismo Português • Família de palavras e campo lexical subordinado ao vocabulário em estudo (1.º/2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • As profissões (1.º/2.º) • As atividades económicas (3.º/4.º) • As plantas (1.º/2.º/3.º) • Reprodução das Plantas (2.º/3.º) • Plantas cultivadas e plantas espontâneas (2.º/3.º/4.º)	Nov
• Planificação anual/mensal da integração curricular com as atividades empreendedoras	Empreendedorismo	Out Nov Jan Abr

Quadro 6 – Síntese informativa das atividades da fase de negociação e planeamento.

Fonte: própria.

Nesta fase salientaram-se doze atividades que se destinavam a garantir autorizações, assegurar parcerias necessárias à implementação do projeto e a reforçar a aceitação e participação dos encarregados de educação e alunos.

A primeira delas foi a apresentação do Projeto E.L.F. à Direção do Agrupamento de Escolas, para garantir a aprovação necessária à sua implementação. Seguiu-se a apresentação aos alunos para avaliar também a sua opinião, apurar se consideravam interessante trabalhar no projeto com os recursos à disposição. Por outras palavras acordar o que se iria fazer, porquê e de que forma poderia ser feito, definindo ainda o se esperava deles durante o processo.

Prosseguiu-se com a já referida apresentação aos pais dos alunos que frequentavam os estabelecimentos de ensino sujeitos à implementação do projeto – foi necessário assegurar que o leccionamento dos conteúdos curriculares seria garantido, apenas estando sujeito a alterações na sua ordem temporal, para que se tornassem mais significativos à medida que os trabalhos práticos referentes ao projeto se desenrolassem, estando ainda prevista a mobilização e valorização dos conhecimentos e dos gostos culturais das comunidades onde as escolas se inserem. Os pais foram informados que todo este processo tinha ainda em vista a valorização das escolas, das

comunidades e das famílias (em particular as que de mais perto acompanhassem o processo). O instrumento utilizado nesta atividade foi o diapositivo que se encontra em Anexo (Anexo 6).

A etapa seguinte foi a cooptação de parcerias, e teve o seu início com o contacto com a associação de pais do agrupamento (A.P.E.A.V.E.S.), a qual, por um lado, possuía já uma visão global do panorama educativo nacional, mas por outro, tinha uma posição muito reticente em relação à qualidade de ensino desenvolvidas em escolas de aldeia com uma tipologia já ultrapassada, com turmas que chegavam a ter quatro níveis de ensino e que contrastam com a modernidade exterior dos centros educativos mais recentes.

Expusemos à A.P.E.A.V.E.S. um resumo do Projeto E.L.F. e solicitámos aos membros da direção que visitassem as escolas em questão, de modo a poderem verificar por si próprios que, apesar do aspeto exterior antiquado dos edifícios, os mesmos estavam preservados e equipados com tecnologia atual, possuindo ainda a vantagem de serem escolas com muito mais proximidade com as famílias e a comunidade, onde a vigilância e segurança dos alunos consegue ser mais eficaz do que nos centros escolares, podendo ainda constatar que o trabalho envolvendo dinâmicas de grupo dentro da sala de aula, com diferentes níveis de ensino e idades não punha em causa a qualidade de ensino e ainda poderia ser uma base de promoção de trocas de saberes entre os alunos mais velhos e mais novos. A associação de pais tornou-se uma forte apoiante do projeto, contribuindo com donativos e participando em várias atividades e na fase de divulgação.

Uma outra parceria importante foi a Escola Profissional Agrícola Fernando Barros Leal (E.P.A.F.B.L.), que na qualidade de parceiro educativo, comungava de algumas das preocupações que serviram de base ao nascimento do Projeto E.L.F. Com esta parceria, pretendeu-se o fornecimento de informações sobre técnicas agrícolas modernas, encaminhamento e possibilidades profissionais e ajuda na construção e montagem de estufas nas escolas. De resto, estas estufas viriam a ser o principal motor para a fase de produção das miniempresas fictícias, que viriam a ser criadas no seio de cada turma e sobre as quais viriam a ser aplicadas as ações empreendedoras previstas no projeto. Seriam essas ações a garantir a articulação entre conhecimentos e técnicas, entre a comunidade e as escolas.

Foi ainda necessário assegurar empresas locais que aceitassem participar, permitindo a visita dos alunos, contribuindo para a sua compreensão da ligação entre

aprendizagens curriculares, ações empreendedoras do projeto e a possível aplicação prática desses conhecimentos nesse tipo de ações. Além disso, pretendia-se que servissem de “montra” para mostrar como funcionam as coisas fora do espaço escolar, num empreendimento que gera postos de trabalho e riqueza.

Procuraram-se parceiros entre os membros da comunidade local que já não estivessem na vida laboral ativa e por isso tivessem mais facilidade em contribuir para a transmissão de conhecimentos que contribuíssem para a economia e/ou cultura da população do concelho. Estabeleceu-se assim uma parceria com o Clube Sobral Sénior Ativo, nomeadamente o seu grupo de artes cénicas, o qual se envolveu na preparação de uma adaptação do conto tradicional “A cigarra e a formiga”, que deu origem a uma nova fábula relacionada com os valores do empreendedorismo social.

Tendo em conta a necessidade de solidificar as bases teóricas, metodológicas e didáticas do Projeto E.L.F. e de legitimar o processo como de interesse pedagógico e caráter inovador, firmou-se uma parceria com a Escola Superior de Educação de Lisboa, a qual, desde a primeira hora, demonstrou interesse em apoiar, motivar, encaminhar e ajudar a divulgar as práticas ligadas ao projeto.

Por fim, importa referir as parceiras que mais se destacaram para a implementação do projeto nas escolas: a Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço e Juntas de Freguesia de Santo Quintino e Sapataria. Estas entidades contribuíram na cedência de transporte gratuito nas deslocações no âmbito do projeto e na aquisição dos materiais necessários à construção das estufas, bem como em termos de divulgação.

Através de todos estes parceiros conseguiu-se montar uma teia de conexões entre a temática do projeto, os alunos, pais, professores, representantes da comunidade de diferentes gerações, empresas, escolas, decisores políticos locais e meios de comunicação que providenciou o suporte necessário ao desenrolar das bases teóricas do projeto sem custo algum para as escolas, contribuindo cada parceiro com algo que enriquecia o projeto na sua globalidade e que, com isso, também teria sempre algo a ganhar em troca, se seria do seu interesse e que poderia ir do simples reconhecimento pelos alunos e comunidade, à associação a um apoio a um projeto inovador.

Curricularmente, decorrente da cooptação destes parceiros, os alunos conseguiam ter a noção do resultado do trabalho em parceria e sua importância para a implementação das miniempresas, aspeto que foi registado na preparação do plano de

negócios, e que os predispôs para a cooperação necessária à rotatividade de papéis nas dinâmicas de grupo das equipas de trabalho dessas miniempresas.

Relativamente ao cartaz para o registo de implementação do Projeto E.L.F., é de salientar a importância da sua introdução nesta fase para permitir o registo e a orientação cronológica das atividades desenvolvidas, facilitando assim a compreensão do currículo e da sua aplicação no dia-a-dia. Para que este tipo de registo pudesse ocorrer, foi preciso ainda proporcionar aos alunos experiências (através, por exemplo, de visitas de estudo) que lhes permitissem a recolha e seleção de informação e que, após a criação das miniempresas (que será relatada na fase da implementação), pudessem fornecer uma base para a tomada de decisões e concretização dos planos de negócio dessas mesmas empresas, com base em todos esses registos feitos no cartaz de implementação do Projeto E.L.F..

Foi também na fase de negociação e implementação que se realizou o levantamento e a afinação dos instrumentos a utilizar na monitorização do Projeto E.L.F.. Entre estes instrumentos destacavam-se aqueles que não se destinavam a uma atividade em particular, mas sim a serem usados tanto no arranque e conclusão do estudo como, por outro lado, ao longo do tempo em que este se desenrolou. Entre estes conta-se a adaptação do Teste Europeu de Empreendedorismo, a preparação das questões que constituíram as entrevistas de grupo feitas aos encarregados de educação e a criação do modelo de diário de aula para preenchimento de registos esporádicos de incidentes importantes para o estudo (usado nos registos identificados como Anexos 21, 22, 23 e 24).

A conclusão desta fase decorreu com a criação conjunta, em cada miniempresa/turma dos planos de negócios. Para a agilização da construção do plano de negócios, fez-se o levantamento e avaliação do potencial de todas as ideias apontadas pelos alunos para serem usadas na fundação das empresas, ou seja, a delimitação da atividade económica e do ramo específico. A esta etapa seguiu-se a identificação de pontos fortes e fracos a ter em conta na implementação do plano, tarefa facilitada com a visita de estudo à Hortorres e à Campoeste, dois dos parceiros que contribuíram para a perceção das necessidades de uma empresa real, desde as suas fase de planeamento, produção e embalagem, até à fase da venda. A afixação de cartazes em cada sala de aula, destinados ao registo da implementação do Projeto E.L.F. e à preparação faseada dos planos de negócios (que se concretizariam com as ideias amadurecidas através dos momentos de discussão e avaliação estabelecidos

para cada turma. Ao longo desta etapa em especial, há que sublinhar uma série de momentos de trabalho em grupo através dos quais os alunos foram levados à identificação de todos os pontos-chave necessários à elaboração dos referidos planos de negócios para cada miniempresa que estava a gerar-se e que, uma vez concluídos, marcavam o momento em que formalmente cada uma delas passava a existir.

Curricularmente, esta fase pautou-se pelo leccionamento de conteúdos que não tinham ligações tão diretas com a integração curricular definida no projeto, embora sendo indispensáveis para servirem de base à fase de implementação (como por exemplo, o estudo dos dados pessoais dos alunos e do meio onde estes se inserem).

A partir desse momento, foi estabelecida a integração curricular sustentada no empreendedorismo, tendo em atenção a necessidade da mesma ser perceptível aos alunos, especialmente ao nível das ligações decorrentes das atividades do empreendedorismo com os conteúdos trabalhados nas áreas curriculares, garantindo-se assim que houvesse condições para que fossem eles próprios a identificar e registar essas ligações, contribuindo ainda para a aferição e monitorização das atividades previstas na própria planificação. Pretendia-se verificar o grau de compreensão dos alunos relativamente à integração curricular proposta, justamente por esta contribuir para a afinação da planificação, ou seja, se um aluno revelar conseguir participar na planificação das atividades, depreende-se então que foram apreendidas as noções necessárias para que o mesmo se envolva no processo de planificação do projeto, recorrendo à sua capacidade de tomada de decisões informadas para delinear o seu próprio percurso escolar, demonstrando a sua autonomia, capacidade de reflexão e criatividade.

É de salientar que, em simultâneo com o desenvolvimento de atividades constantes desta fase, foi sendo feita a divulgação (da qual se falará mais detalhadamente no texto abaixo) com o intuito de garantir que tanto a comunidade como os parceiros contatariam com o resultado de cada tarefa desenvolvida ao longo da fase.

Do ponto de vista curricular, pretendia-se com esta divulgação, a disseminação das dinâmicas inovadoras e conseqüente valorização do trabalho dos alunos, bem como da articulação entre o currículo e a sua aplicação no quotidiano.

A síntese das atividades desenvolvidas nestas fases do projeto encontram-se abaixo, nos Quadros 7, 9 e 10.

• **Implementação:**

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
• Implementação	• Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas	Empreendedorismo Português • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) Matemática • N.ºs decimais (2.º/3.º/4.º) • O dinheiro (2.º/3.º/4.º) • As profissões (1.º/2.º) • As atividades económicas (3.º/4.º)	Nov
	• Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias	Empreendedorismo Educação para a Cidadania Português • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Produção de cartazes (1.º/2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • O ciclo da água (2.º/3.º/4.º) • Substâncias perigosas (1.º/2.º/3.º/4.º) • Energias renováveis (1.º/2.º/3.º/4.º)	Jan
	• Construção das estufas	Empreendedorismo Matemática • Unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) • Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) • Figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) • Os ângulos (2.º/3.º/4.º) • Números fracionários (2.º/3.º/4.º) • Múltiplos e divisores (2.º/3.º/4.º) • Gráficos (1.º/2.º/3.º/4.º) • Perímetro (2.º/3.º/4.º) • Área (2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • As rochas e os solos (3.ºano)	Fev
	• Sessões sobre recuperação de técnicas agrícolas tradicionais - criação de réstias, localização de lençóis de água, processos de poda e enxertia, extração de mel e importância da polinização	Empreendedorismo Português • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto descritivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Variações dos nomes (2.º/3.º/4.º) • Nomes comuns coletivos (2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • Reprodução das plantas (2.º/3.º) • Os animais (2.º/3.º) • Relação dos estados do tempo com a estação do ano, o desenvolvimento das plantas e os hábitos dos animais (2.º/3.º) • Funções que fazem dos animais e plantas seres vivos (2.º/3.º)	Dez Fev
	• Visita de estudo à EPAFBL	Empreendedorismo Português • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto descritivo (1.º/2.º/3.º/4.º) Estudo do Meio • A poluição (1.º/2.º/3.º/4.º) Educação para a Cidadania	Mar
	• Monitorização da aplicação do plano de negócios	Empreendedorismo	Ao longo do ano letivo

• Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) e sua dramatização para a comunidade	Empreendedorismo Português • A fábula (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto dramático (1.º/2.º/3.º/4.º) Educação para a Cidadania Expressões	Mar Abr Mai
• Feiras na Escola	Empreendedorismo Matemática	Ao longo do ano letivo
• Participação no Arraial de Final de Ano Letivo	Empreendedorismo Matemática	Jun

Quadro 7 – Síntese informativa das atividades da implementação.

Fonte: própria.

De entre as várias fases do Projeto E.L.F., a fase de implementação foi a que registou maior número de ajustamentos, por razões como as condições meteorológicas ou as agendas dos parceiros, uma vez que também era esta a fase de carácter mais prático.

A atividade que marcou o início desta fase foi uma sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas, tendo a mesma sido pensada como o ponto de partida para o aumento de vocabulário ligado às empresas e aos planos de negócios, de modo a facilitar a preparação dos planos de negócios pelos alunos e a constituição das miniempresas. A par da visita a empresas locais – referida na fase anterior – esta atividade providenciou a base teórico-prática, não apenas em termos de vocabulário, mas também de modelos de organização e funcionamento, conhecimento esse que, através dos alunos, acabou por chegar também às famílias e comunidades. Para que as miniempresas fossem finalmente constituídas partindo destas visitas de estudo e das sessões informativas, essas atividades foram utilizadas para resumo e seleção de informação e posterior discussão, com vista à estruturação conjunta dos planos de negócios. Após a afixação desses planos, os mesmos foram, posteriormente, monitorizados periodicamente e acompanhados pela apresentação de propostas por parte dos alunos, que foram votadas e deram origem aos logótipos que passaram a representar as miniempresas, constituindo-se assim mais um marco importante em termos da valorização do processo para os alunos. Nestas propostas e eleição foi tida em conta a importância dos logótipos representarem a atividade económica e, em simultâneo, traços das comunidades, para que se vincasse ainda mais a ligação às raízes locais.

Volvidas as etapas de criação dos planos de negócios e logótipos das miniempresas, foi altura de dar o passo seguinte e subdividir cada turma em grupos

(equipas de trabalho), para se poder começar a atribuir tarefas e proceder à rotatividade nas mesmas e dos diferentes papéis que cada aluno teve a oportunidade de desempenhar, no seio de cada equipa.



Figura 4 – Esquema representativo das finalidades do desenvolvimento das dinâmicas de grupo.

Fonte: própria.

Conforme se pode constatar ao observar a Figura 4, estas equipas, que de início foram selecionadas segundo critérios escolhidos pelos alunos, deram origem a uma série de papéis atribuídos individual e rotativamente aos elementos do grupo, possibilitando o desenvolvimento, em cada um deles, das competências-chaves do empreendedorismo. Esse desenvolvimento individual foi ocorrendo através das interações que coletivamente impunham às suas equipas, durante o desempenho de cada papel atribuído. Entre os objetivos deste processo enumeram-se a promoção dos hábitos de tomada de decisão informada, o reforço da valorização cultural local e a valorização de diversos tipos de inteligência, entre outros aspetos.

Além deste aspeto, previa-se que o trabalho desenvolvido em equipa tivesse outras valências, nomeadamente ao nível do desenvolvimento da cooperação com vista ao combate do insucesso escolar e ainda do aproveitamento da diversidade de capacidades e formas de pensamento de cada criança. Realizado de uma forma sistemática e consistente, providenciou condições para que, dentro de cada equipa (que naturalmente encerrava uma heterogeneidade em termos de áreas preferenciais dos alunos e também de domínios de maior dificuldade), pudesse ser feito um trabalho de apoio e explicitação de raciocínios com conseqüente troca de experiências, por intermédio dos próprios alunos. Por outras palavras, além dos papéis que cada elemento podia exercer, tinha ainda de colaborar com os colegas que revelassem dificuldades na sua área forte, pondo assim em campo a sua capacidade de cooperação recorrendo ao seu conhecimento e métodos de raciocínio, em prol da equipa e promovendo em simultâneo a capacidade de comunicação. Em relação à potencial exploração do aproveitamento dos diferentes tipos de inteligência através das dinâmicas de grupo, e ainda à luz do representado no Quadro 6, era justamente a partir da heterogeneidade que existia nas equipas, que se pretendia que surgissem as repostas às necessidades individuais dos seus elementos, uma vez que dentro delas havia lugar para que todos, quer tivessem mais apetência para uma ou outra área, ou para questões mais teóricas ou mais práticas. Deste modo todos podiam, assim, tirar partido das suas áreas fortes e rentabilizá-las ao serviço das equipas, sendo por isso, valorizado não só no seio delas, mas da própria turma, fomentando também esta rentabilização de diversos tipos de inteligência a par da cooperação.

Importa referir ainda que este tipo de trabalho, com vista à afinação de traços de personalidade dos alunos, foi preparado tendo em conta a opinião de vários autores (ver pp. 31-36), tendo-se verificado que no desenvolvimento de competências para o empreendedorismo, foram estas afinações que se revelaram mais difíceis de conseguir. Esses ajustamentos de personalidade, com vista, sobretudo inicialmente, ao aumento global da autonomia, estiveram presentes na planificação do trabalho diário da sala de aula, proporcionando oportunidade aos alunos para experimentarem as exigências dos diversos papéis dentro das tarefas de grupo, levando-os a contribuir para o desenvolvimento de uma (ou mais) competências do empreendedorismo, tal como se regista no Quadro 8.

Quando se fez a pesquisa sobre projetos relacionados com a temática do empreendedorismo, verificou-se que eram direcionados maioritariamente para o 2.º e

3.º Ciclo ou Secundário, pressupondo sempre um grau de autonomia em torno das competências do empreendedorismo que, na verdade, raramente são trabalhadas previamente na escola. Quando nos centramos a nível do primeiro ciclo, este tipo de projeto é praticamente inexistente ou apresentando com pouca preocupação pela integração entre o currículo nacional e o empreendedorismo.

Para além deste aspeto, verificou-se ainda que os projetos encontrados estavam estruturados numa perspetiva de se desenvolverem numa janela temporal muito curta, reportando-se, de um modo geral, a uma ou duas atividades em torno do tema. Neste tipo de quadro, não parece ser possível que os alunos envolvidos tenham a possibilidade de adquirir, com solidez, as competências necessárias para o desenvolvimento de projetos sobre empreendedorismo, nos ciclos subsequentes, com a almejada autonomia.

Uma postura trabalhada ao longo do seu percurso de vida, em termos de autonomia (e também de tomada de decisões), com o recurso às competências do empreendedorismo, só se atinge recorrendo a processos consistentes e diários. Nestes processos, é imperativo que os objetivos a atingir estejam claramente definidos para os alunos, devendo os mesmos ser capazes de realizar uma auto e heteroavaliação tendo por base esses mesmos objetivos, no âmbito das tarefas distribuídas às equipas de trabalho onde estejam inseridos e de acordo com as ajustamentos das suas personalidades decorrentes do desenvolvimento dos papéis distribuídos dentro desses mesmos grupos de trabalho.

No que respeita aos professores, importa referir que ao longo a fase inicial o trabalho desenvolvido se revelou bastante exigente, tanto no capítulo da planificação, como no da gestão de conflitos (em particular nas primeiras experiências ao nível da atribuição e rotação dos vários papéis nas equipas de trabalho), como anda ao nível na mediação e aceitação do processo pelos pais ao receberem as primeiras impressões. Todo o processo de agilização do cumprimento dos objetivos previstos para essa fase se revelou também muito rigoroso, já que um bom arranque inicial era imprescindível para que o projeto se pudesse desenrolar de acordo com o que globalmente estava planeado.

Coube aos professores, à medida que o tempo corria, abandonarem esse papel de resolução de conflitos para passarem a ter uma função de regulação e supervisão, conduzindo os alunos num percurso em que também fossem trabalhando a sua personalidade através das interações nas equipas de trabalho e desenvolvendo

gradualmente as competências do empreendedorismo desejadas. Deste modo acompanhavam ainda uma transição de aprendizagens centradas nos ritmos de trabalho e nos perfis de aprendizagem para outras aprendizagens curriculares de maior consistência.

Ainda relativamente às dinâmicas de grupo desenvolvidas em torno das equipas de trabalho das miniempresas ao longo de todo ano letivo, resta relembrar a sua importância em cada uma das principais atividades referidas no Quadro 7 e que as expectativas do resultado da sua aplicação, nas fases inicial e final do estudo, se encontram resumidas no Quadro 8, tanto do ponto de vista dos alunos, como dos pais, dos professores e até das aprendizagens a realizar.

Sobre as atividades incluídas na fase de implementação, é de referir a realização de uma sessão dinamizada por mais um dos elementos da comunidade, centrada nos recursos hídricos e energéticos e no seu impacto na vida das empresas e das famílias. Destinava-se a despertar os alunos (e, mais uma vez, por intermédio deles as famílias e a comunidade) para a relevância da gestão e poupança dos recursos, tanto nas miniempresas, como em casa, quer seja pelas questões económicas como pelas ambientais.

A etapa da construção das estufas foi também ela de grande importância para o desenrolar da fase da produção das empresas, sendo um símbolo visual do projeto para os alunos e a comunidade e constituindo uma das bases para a fase de produção e para estudo de aspetos curriculares de várias áreas que com este momento surgem articuladas, como seja a abordagem a medidas de comprimento e área, perímetros e frações (Matemática), o texto explicativo (Português) os fatores que condicionam a vida das plantas (Estudo do Meio) ou ainda a importância de selecionar métodos de rega apropriados às necessidades, para poupança de água (Educação para a Cidadania).

Realizaram-se várias sessões sobre recuperação de técnicas agrícolas tradicionais, nomeadamente criação de réstias², localização de lençóis de água, processos de poda e enxertia, extração de mel e importância da polinização, também elas realizadas por um membro da comunidade já aposentado. Estas atividades, além da ligação clara e direta com conteúdos escolares, foram das que mais interesse despertaram, entre alunos, famílias e comunidade, por abordarem técnicas já vetadas

² Cordão feito de hastes ou caules de cebolas ou alhos entrançados, para permitir aumentar a conservação e facilitar o armazenamento.

ao esquecimento, mas que ainda têm uma grande importância e aplicabilidade nos nossos dias.

Por outro lado, a visita de estudo à E.P.A.F.B.L., além de cimentar a ligação entre escolas, pois foi ela o parceiro que procedeu à montagem das estufas, permitiu fazer o contraponto entre as técnicas antigas abordadas nas atividades anteriores e as técnicas mais recentes utilizadas com vista a alcançar uma maior produção. Com isso foi possível abordar os prós e contras dos métodos de produção antigos e modernos, dando oportunidade para um trabalho contextualizado em termos de texto argumentativo (Português) e em termos das questões ambientais (Estudo do Meio e Educação para a Cidadania), entre outros aspetos.

É de salientar a monitorização da aplicação do plano de negócios feita regularmente com os alunos, quer para verificar o cumprimento das ideias nele estabelecidas, quer para proceder à sua adaptação perante novos cenários, como sejam os das pragas que assolaram as produções e para as quais foi necessário ser criativo e resiliente na pesquisa e aplicação de soluções com vista à superação dos obstáculos que foram surgindo. Além de ser uma das peças centrais do projeto (tal como as dinâmicas de grupo, a integração curricular com o Empreendedorismo e a divulgação), foi nele que todas as etapas de elaboração das empresas foram registadas após análise e discussão de ideias relativamente às fases que as miniempresas atravessaram, desde a escolha da atividade económica, à criação de logotipos, a preparação de espaços e estruturas, a produção, o armazenamento e a venda.

A adaptação da história tradicional “A Cigarra e a Formiga” (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) e sua dramatização para a comunidade deve também ser referida, quer pela especificidade da parceria envolvida (Clube Sobral Sénior Ativo), que recorreu a um grupo da comunidade com uma vivência dinâmica muito especial e com competências muito válidas, quer pelo resultado final, expresso através de uma grande articulação com as escolas e de uma adaptação muito interessante no qual foi possível transformar um conto de moral um pouco redutora e centrada no trabalho físico como única verdadeira fonte de rendimento e honra, numa versão atualizada à sociedade moderna, com uma moral mais ligada ao empreendedorismo, na qual toda e qualquer atividade planeada e desenvolvida com vista à melhoria da sociedade onde se insere merece ter o reconhecimento dos seus pontos fortes e da sua utilidade e ser recompensada por isso. Constituiu ainda uma boa oportunidade de um trabalho articulado entre os valores do Empreendedorismo e da

Educação Cívica, o Português (através do trabalho em torno do texto dramático) e as Expressões Plástica, Musical e Dramática.

Existiram várias outras importantes atividades, com objetivos específicos e articulações curriculares importantes para o Projeto E.L.F., que se desenrolaram principalmente em ambiente de sala de aula. Não querendo alongar esta descrição, apenas serão salientadas em acréscimo as Feiras nas Escolas e a participação no Arraial de Final de Ano Letivo – promovido pelo agrupamento e Câmara Municipal – pela sua dinâmica de envolvência com a comunidade e por culminarem com as etapas de armazenamento, publicidade e venda da produção das miniempresas. Foi nestes momentos (as feiras foram efetuados junto à escola por pais e alunos, sempre que a produção as justificou e a participação no Arraial no derradeiro dia de aulas do ano letivo, na praça municipal em conjunto com atividades de outras escolas, mais uma vez, por intermédio de alunos e pais), que se deu a concretização do trabalho desenvolvido ao longo do Projeto E.L.F. e projetado nos planos de negócios, exposta nessas alturas aos olhos das famílias, da comunidade e em especial, dos alunos.

- **Divulgação**

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
• Divulgação	• Divulgação da implementação do projeto através da página do <i>Facebook</i> e do <i>Youtube</i>		Ao longo do ano letivo
	• Divulgação da implementação do projeto através do Jornal "O Badaladas"		Nov Abr Jun Abr
	• Divulgação da implementação do projeto através da Revista "Saber Viver"		Abr
	• Divulgação da implementação do projeto no site do Município		Set.
	• Divulgação da implementação do projeto através do Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes		Abr
	• Divulgação da implementação do projeto nas Jornadas Pedagógicas - Grassa a Ciência pelo Monte		Jul

Quadro 8 – Síntese informativa das atividades da fase de divulgação.

Fonte: própria.

Apesar de ser uma perspetiva menos corrente em projetos, a fase de divulgação não surgiu no final, com vista à divulgação de produtos e resultados como é mais habitual, foi desenvolvida de forma transversal às restantes frase e abrangendo todo o

projeto. Desenvolvida deste modo, pretendia-se que a divulgação no Projeto E.L.F. fosse além da apresentação do desfecho do projeto, servindo para manter informada a comunidade acerca do percurso que foi sendo feito durante as atividades desenvolvidas, tanto relativamente aos conceitos abordados, como à integração curricular planeada e ainda a nível da participação da própria comunidade, ou a nível da disseminação de informação sobre a temática do empreendedorismo.

Sob este prisma, contou-se não apenas com publicações esporádicas, como na Revista “Saber viver” (divulgação nacional e internacional) ou no *site* do Município (divulgação local e regional), mas também com a com o jornal semanal de Torres Vedras “O Badaladas”, firmada com vista à divulgação das ações no âmbito do projeto, especialmente daquelas que envolveram a comunidade.

Além destes canais, recorreu-se a algumas das redes sociais atuais para garantir um tipo de divulgação mais alargada – o *Facebook* e o *Youtube*. A opção por estes recursos permitiu ainda, uma divulgação mais personalizada e regular de atividades e conteúdos, constituindo assim um tipo de exposição diferente dos referidos anteriormente, agregando a mais-valia de permitir a chegada de informação à comunidade, estando ela no conforto das suas casas ou mesmo espalhadas pelo mundo.

No âmbito desta fase, o projeto foi também alvo de um outro tipo de divulgação realizado em meio académico, através de um Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes (por solicitação do mesmo) e nas Jornadas Pedagógicas promovidas pelo Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral, intituladas “Grassa a Ciência pelo Monte”. Em ambos os casos, foi possível a aferição do valor reconhecido ao projeto por parte da comunidade educativa.

- **Avaliação final**

Fase	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano	Mês de realização
• Avaliação Final	• Observação em sala de aula pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência		Mai
	• Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos	Empreendedorismo	Jun
	• Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE		Jun
	• Aplicação do Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos	Empreendedorismo	Jun
	• Assembleias de turma	Empreendedorismo Português Matemática Estudo do Meio Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	Ao longo do ano letivo
	• Avaliação global dos alunos	Português Matemática Estudo do Meio Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	Ao longo do ano letivo

Quadro 9 – Síntese informativa da avaliação final.

Fonte: própria.

Nesta fase, há ainda que evidenciar as duas atividades com correspondência direta às realizadas na avaliação inicial (Entrevista de Grupo aos encarregados de educação e Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras) e que por isso permitiam fazer o contraponto e conseqüentemente a aferição de todo o processo. Um destina-se a recolher a perspetiva dos pais, no que respeita às expetativas dos mesmos em torno do projeto, do resultado das dinâmicas de grupo para trabalho de equipa e, finalmente da linha curricular condutora estabelecida. O outro, serve para reunir a perspetiva dos alunos, relativamente às competências de empreendedorismo.

Os alunos preencheram ainda um Questionário de Avaliação Global do Projeto, para identificar as atividades mais valorizadas por eles e pela comunidade e para aferir ainda as suas capacidades de tomada de decisão e as suas perspetivas de futuro.

Fez-se também uso dos diários de aula para registar momentos específicos que merecessem destaque. Para uma perspetiva mais quantitativa, registaram-se ao longo do ano letivo as avaliações de todos os alunos, para apuramento de dados individuais e de grupo. Nestes registos, contudo, os alunos enquadrados no regime educativo especial, são avaliados tendo por referência o seu ano de matrícula, uma vez que esse

é o critério usado no agrupamento na recolha de dados estatísticos. No entanto, é de ter em conta que esse aspeto acaba por ser limitativo da sua evolução, reportando índices de avaliação muitas vezes negativos por não corresponderem à real evolução dos alunos, devendo esse pormenor ser tido em conta no capítulo da apresentação e discussão de resultados, no domínio dos resultados escolares.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para facilidade de leitura, os resultados, serão abordados de acordo com os instrumentos de avaliação utilizados para recolha de dados a partir dos respetivos indicadores agrupados em duas subcategorias: instrumentos referentes a etapas específicas do projeto e instrumentos referentes ao projeto na sua globalidade.

5.1. Produções registadas em etapas específicas do projeto

O tipo e número de registos elaborados durante o projeto encontram-se resumidos no Quadro 10.

Instrumento de registo	Indicadores de realização e frequência
Cartazes de registo da implementação do projeto	2 cartazes utilizados
Plano de negócios	12 ideias propostas para a centralização das miniempresas
	2 planos de negócios definidos
	26 ideias propostas para o logotipo das miniempresas, tendo sido apuradas 2
	4 imprevistos ultrapassados positivamente
	2 slogans produzidos para publicitação da produção das miniempresas
Guião de visita à Hortorres e Campoeste	9/9 guiões corretamente preenchidos
Atividades do Projeto E.L.F./abordagens a conteúdos decorrentes de visitas de estudo	103 atividades/abordagens a conteúdos feitas com os alunos do decorrer do Projeto E.L.F.

Quadro 10 – Levantamento de indicadores de realização e frequência.

Fonte: própria.

Todos os Encarregados de Educação concordaram que os filhos participassem na implementação do projeto E.L.F., tendo ficado claro e acordado que o currículo nacional teria de ser assegurado, nunca deixando de ser o principal alvo em todo o processo. Também os 37 alunos visados concordaram com o desenvolvimento do Projeto E.L.F. nas suas turmas.

Neste cenário, foram desenvolvidas uma série de atividades-chave para o desenrolar do estudo (tal como consta da planificação e articulação curricular mensal em Anexo – Anexos 2 e 3) e que constituíram pontos de partida para as abordagens a conteúdos curriculares subordinados ao projeto. Sendo que nem todo o currículo

nacional foi passível de ser integrado na integração com o empreendedorismo, foram no entanto contabilizadas 103 dessas atividades e das abordagens previstas, exprimindo assim um grau muito significativo de integração curricular conseguida.

De entre essas atividades, vale a pena evidenciar a Visita de Estudo à Hortorres e à Campoeste (dois parceiros locais), não por ser mais importante do que outras planeadas, mas porque teve um contributo fundamental para a etapa da elaboração dos planos de negócios, tendo a mesma sido um passo bem-sucedido em virtude da informação que os alunos reuniram na totalidade dos guiões de trabalho usados e na aplicação dos conhecimentos na construção faseada do plano de negócios de cada miniempresa.

Neste ponto da apresentação de resultados, vale a pena incidir e especificar um pouco mais como decorreram as sequências didáticas utilizadas na maioria das atividades inscritas na planificação do projeto e para começar essa análise, vamos focar justamente a Visita de Estudo à Hortorres e Campoeste.

Como noutras atividades, esta pautou-se por uma fase de contextualização da visita propriamente dita. Com vista a esta contextualização, foram abordados conteúdos como as atividades económicas e os setores laborais e fez-se a recapitulação dos conteúdos já existentes relacionados com técnicas agrícolas tradicionais e modernas de produção e armazenamento. Seguidamente prepararam-se os alunos para a visita através da discussão em torno dos objetivos da mesma: observar a aplicação de técnicas mais modernas de produção e armazenamento; identificar as tecnologias utilizadas para esse fim e a preparação das fases de venda (através da identificação de pontos fortes de cada produto e da valorização ganha em acréscimo com os processos de embalagem); identificar as competências do empreendedorismo associadas ao trabalho desenvolvido nas empresas e também aspetos dos planos de negócios das empresas que pudessem ajudar na construção dos planos de cada uma das miniempresas; identificar aplicações dos conteúdos curriculares aos processos observados na visita às empresas.

Seguidamente e como forma de garantir que os alunos se pudessem focalizar em todos os aspetos que a visita tinha para oferecer, foram construídos e analisados guiões de apoio que permitissem explorar o conhecimento adquirido através da resposta a questões relativas ao Empreendedorismo e a outras áreas curriculares, de uma forma que permitisse identificar e registar as ditas aplicações do currículo à realidade e a

relação entre os conteúdos das várias áreas nesse mesmo cenário. Os guiões foram sendo preenchidos ao longo a visita de estudo.

Posteriormente, fez-se a análise e discussão dos registos feitos no guião sobre a visita (Anexo 12), com vista a selecionar e a resumir a informação apreendida e também a identificar a utilidade dessa informação para a construção do plano de negócios (que assim entrou na fase de esboço. através do trabalho de equipas a funcionar com as dinâmicas de grupo), que posteriormente foi elaborado com toda a informação útil reunida.

Por outro lado, esta síntese foi acompanhada pela redação de textos sobre a visita, englobando várias tipologias em simultâneo: narrações (texto narrativo), descrições pormenorizadas (texto descritivo), explicitação de processos e síntese de outras informações (texto expositivo) e ainda envolvendo argumentos relativamente a alguns aspetos mais polémicos (texto argumentativo) – como o aumento de produção vs a utilização de pesticidas, a agricultura biológica vs a produtividade; a produtividade vs a poluição ou a produtividade vs a manipulação de animais para fins económicos (Anexo 13).

Após a análise da informação dos guiões, da sua integração na construção do plano de negócios, do trabalho em torno das tipologias textuais, foi também altura de fazer uma síntese em termos curriculares, focando a articulação feita em vários conteúdos – este processo repetiu-se ao longo de várias atividades e ao longo do ano letivo, levando à redação de um mapa de conceitos pelos alunos, o qual, tendo sido registado nos cartazes utilizados para esse fim, acabou por, de forma gradual, contribuir largamente para a noção global da articulação e para a consciencialização do número de ligações que era possível estabelecer entre conteúdos e destes com o quotidiano, muito de acordo com o indicado por Barmby, Harries, Higgins & Suggate (2008) sobre a construção do conhecimento através de ancoragens resultantes das várias aprendizagens. Um destes mapas de conceitos resultantes pode ler-se em Anexo (Anexo 20).

Seguidamente, entrou-se na fase de avaliação da qualidade de todo o trabalho, bem como da avaliação das dinâmicas de grupo, desenvolvidos durante e após a visita, procurando perceber se esta teve um contributo marcante para o desenrolar do projeto. Finalmente, seguiu-se a fase da divulgação dos trabalhos produzidos, integrando-os nos circuitos de comunicação referenciados no estudo.

Outro exemplo de atividade que merece destaque pela forma como a sua sequência foi estruturada foi a adaptação da história “A cigarra e a formiga” aos valores do empreendedorismo. No caso desta atividade, foi feita a contextualização da mesma através da recapitulação pelo responsável do Clube Sobral Sénior Ativo dos valores que existiam tradicionalmente na fábula e dos valores do empreendedorismo que eram desejados nas novas sociedades, como ponto de partida para a proposta da adaptação da história para os dias de hoje, à luz desses valores. Desta forma, foram propostos aos alunos os objetivos desta adaptação e também o papel que cada um deveria ter na preparação da atividade (recorrendo às equipas de trabalho a funcionar com dinâmicas de grupo). Após ter sido aceite pelos mesmos e quando a adaptação (Anexo 18), preparação de cenários e adereços foram concluídos, foi-se procedendo à avaliação da qualidade do mesmo, que prosseguiu durante todo o processo de preparação da dramatização, permitindo os acertos necessários com vista à melhoria do trabalho final.

Uma vez feita a divulgação à comunidade através de festas na escola e através dos meios de divulgação *online* referenciados neste estudo, foram feitos balanços finais nas turmas com vista a avaliar o desempenho de todos, a comparar as morais da fábula original e da sua nova adaptação e o impacto que esta nova moral poderia ter numa sociedade com valores do empreendedorismo e, finalmente, foi feito uma vez mais o levantamento e registo dos conteúdos e áreas trabalhados em articulação nesta atividade – destacando-se a integração entre o Empreendedorismo, o Português (texto teatral), as Expressões Plástica, Musical e Dramática e o Estudo do Meio.

Analisando o contributo destas duas atividades à luz das questões orientadoras deste estudo, pode-se constatar que a perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados tornou-se mais evidente e que, conseqüentemente, a motivação para a aprendizagem sofreu uma vez mais um incremento, como se veio a verificar através de indicadores como os Diários de Aula (anexo 23), os questionários de avaliação do projeto (anexo 30) ou a Entrevista Final de Grupo aos Encarregados de Educação (anexos 34 e 35).

Por outro lado, ao longo do desenvolvimento das atividades, notoriamente foram sendo reforçados aspetos como a autoconfiança, a iniciativa, a tomada de decisão, a resiliência, a capacidade de planeamento e a organização, o que também se veio a comprovar com os resultados da aplicação dos Questionários de Determinação das Capacidades Empreendedoras (anexos 26 e 27) e pela Entrevista Final de Grupo aos Encarregados de Educação (anexo 34). Também de uma forma quase transversal ao

processo, a autoavaliação foi sendo trabalhada a cada passo, havendo lugar a um claro desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal. Quanto à melhoria dos resultados escolares, apesar de mais adiante ser o melhor momento para debruçar sobre os mesmos, ao nível de ambas as atividades foi evidente que, a par do empenho e do trabalho realizado em equipas com recurso às dinâmicas de grupo, foram surgindo sinais evidentes de progresso nas aprendizagens tanto ao nível da facilidade no desempenho das tarefas, como ao nível da compreensão dos conteúdos curriculares, como ainda da verbalização na explicitação das aprendizagens realizadas, deixando transparecer uma aumento da solidez na aquisição dos conteúdos abordados.

Voltando à explicitação do restante processo para contextualização da apresentação de resultados, ao longo do ano letivo, conseguiu-se implementar a utilização de 2 cartazes de registo, com vista à reunião de toda a informação preponderante que foi obtida no decorrer do estudo e que serviu de base, entre outros documentos, aos planos de negócios, onde passaram a ser consultados regularmente por alunos e professores, tanto na fase de criação, como na de monitorização, constituindo por isso um importante sumário de todo o projeto com as valências acrescidas de ser um recurso utilizado pelos mesmos que permitia uma fácil visualização de todas as etapas vivenciadas. Nestes cartazes foram sendo criados mapas de conceitos referentes aos conteúdos abordados e à forma como se interligavam entre si e com a vertente prática do projeto, tendo nascido daqui, graças à macha gráfica que foi crescendo (Anexos 10 e 20), a real perceção dos alunos da forma como esta integração curricular de facto existia e do significado que encerrava e da quantidade de trabalho que eram capazes de realizar – estes fatores contribuíram claramente para a motivação dos alunos na continuidade do desenrolar do projeto.

Quanto aos planos de negócios, implementados em ambas as escolas, foram constituídos coletivamente em cada turma a partir de esboços prévios registados pelas equipas de trabalho na base de registo adaptada para esse fim a partir da estrutura dos planos de negócios das empresas (Anexo 14), após análises coletivas dos dados registados. Durante essas análises, escolheram-se – a partir das 12 ideias originais criadas – quais as ideias com mais probabilidade de sucesso (e a partir delas centraram-se as duas minipresas no setor primário, na atividade agrícola) e redigiram-se os planos de negócios contendo toda a informação reunida e analisada pelos alunos de cada turma (Anexo 15). Com os planos de negócio montados, criaram-se também

logotipos para empresa – apurados por votação e melhorados (Anexo 16) – e a partir desse momento, para os alunos, as miniempresas passaram a “existir”, pois a ideia do projeto foi encorpada com a existência do plano de negócios, logotipo e espaços de produção em cada uma das escolas. Posteriormente (na fase de publicitação e venda dos produtos das miniempresas) foram elaborados *slogans* (Anexo 19) que evidenciassem as qualidades que distinguiam os seus produtos e processos de produção. Isto permitia, a par do recurso a técnicas de embalagem, aumentar as possibilidades de escoamento dos produtos.

Apesar de não estar relacionado com um instrumento de avaliação específico, um indicador ainda relativo à etapa da cooptação de parcerias foi o número de parcerias estabelecidas com sucesso, o qual se reporta a 11 parcerias (divididas pelas fases de planeamento, implementação e divulgação), às quais se juntaram ainda mais 5 elementos das comunidades locais envolvidos no decorrer do Projeto. E.L.F.. Nessa perspectiva foram ainda registados cerca de 70 telefonemas, cerca de 110 mensagens por correio eletrónico, cerca de 40 SMS e cerca de 45 reuniões presenciais com parceiros, perfazendo um total de cerca de 265 contactos. Apesar destas parcerias terem sido muito importantes para o projeto, a agilização das mesmas, revelou-se um elemento consumidor de tempo no desenrolar do estudo, uma vez que para serem bem-sucedidas, exigiam-se deslocações iniciais regulares e contactos presenciais - para os parceiros perceberem o seu papel no projeto e que tipo de proveito teriam com a sua participação. Este passo revelou ser essencial para firmar as parcerias, garantido a sua participação sem custos ou com custos residuais de oportunidade.

Além disso, esses contactos frequentes para ultimar cada atividade tinham de acontecer em momentos pouco compatíveis com os de um professor de 1.º Ciclo – quando o horário docente o permitia, muitas vezes já não havia disponibilidade por parte dos parceiros para dialogar. Teria sido muito facilitador da fase de planeamento do Projeto E.L.F. uma maior disponibilidade de tempo para este efeito ou um aumento de recursos humanos que pudessem também facilitar esta etapa.

Outro indicador estava ligado ao número de planificações produzidas/ajustadas ao longo do estudo, tendo-se contado 3 planificações (planificação mensal, articulação mensal e planificação geral) e 3 atualizações a essas planificações, feitas de acordo com o desenvolvimento do estudo e com o intuito de afinar a calendarização das atividades e respetiva avaliação, em virtude dos tempos de realização das atividades e da disponibilidade de participação dos parcerias e envolvidos, assim como das

condições meteorológicas que afetavam a vertente prática do projeto. É importante salientar que, de cada vez que o processo era aferido e dava origem a novas planificações ou por cada visita efetuada ou recebida, obrigatoriamente tinha de se fazer a submissão ao Conselho Pedagógico, o que se revelou mais um entrave ao processo por obrigar a muito tempo despendido na produção de documentos de registo para essas aprovações e, de algum modo, a uma duplicação de esforço, em virtude do projeto ter sido aprovado na sua globalidade logo no início do ano letivo.

5.2. Resultados referentes ao projeto na sua globalidade

Quanto aos dados obtidos a partir de instrumentos destinados a avaliar globalmente o projeto, os mesmos serão agora analisados um a um.

• Questionário para Determinação das Capacidades Empreendedoras dos alunos

Com base na comparação feita entre os resultados obtidos nas aplicações iniciais e finais dos questionários aos alunos para determinar as suas capacidades empreendedoras (Anexos 25, 26 e 27), foi possível constatar, a nível dos indicadores analisados (independência, autodisciplina, criatividade, motivação, capacidade de risco e autoconfiança (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007), que, de um modo geral, os alunos reconheceram em si próprios as mudanças constantes do Quadro 11.

Aumento	Manutenção	Diminuição
<p>Aumento dos indicadores da independência, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>persistência</i> (teimosia/não desistência perante as dificuldades); - <i>iniciativa</i>; - <i>resiliência</i> na resolução de problemas. <p>Aumento dos indicadores da autodisciplina, com destaque para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>resiliência</i> na conclusão de tarefas; - <i>motivação</i> e desejo de <i>sucesso</i>; - <i>assunção de riscos</i> com perspectiva de aprender e melhorar; - <i>planeamento</i> (pensar em projetos). <p>Aumento dos indicadores da criatividade, com destaque para:</p>	<p>Manutenção do gosto pela <i>responsabilidade</i></p> <p>Manutenção da <i>concentração</i></p> <p>Manutenção da capacidade de ter perspetivas positivas (<i>otimismo</i>).</p> <p>Manutenção no reconhecimento da ligação entre a <i>assunção de riscos</i> e o <i>sucesso</i>.</p> <p>Manutenção da aceitação de <i>elogios</i> e <i>desafios</i>.</p>	<p>Diminuição no indicador relativo ao <i>isolamento</i>, provavelmente decorrente do tempo passado a trabalhar em equipa.</p> <p>Diminuição nos indicadores relativos ao <i>empenho</i> e à <i>responsabilidade</i>.</p> <p>Diminuição no indicador relativo à <i>autoconfiança</i> num cenário de ter de enfrentar qualquer situação.</p>

<p>- <i>resiliência</i> na superação de obstáculos;</p> <p>- <i>criatividade</i> (imaginação e inovação);</p> <p>- <i>curiosidade</i>.</p> <p>Aumento dos indicadores da motivação, com destaque para:</p> <p>- <i>persistência</i> (fixação de ideias);</p> <p>- <i>ambição e coragem</i>;</p> <p>- <i>resiliência</i> na resolução de problemas.</p> <p>Aumento dos indicadores da capacidade de risco, com destaque para:</p> <p>- <i>descoberta</i> (para realização de aprendizagens novas, trilhar outros percursos,...);</p> <p>- <i>oportunismo</i>;</p> <p>- <i>resiliência</i> perante obstáculos.</p> <p>Aumento dos indicadores da autoconfiança, com destaque para:</p> <p>- <i>autoestima</i>;</p> <p>- <i>autoconfiança</i>;</p> <p>- <i>resiliência</i> na para atingir os objetivos.</p>		
--	--	--

Quadro 11 – Registo da comparação entre os Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aplicados aos alunos.

Fonte: própria.

Ao compararmos os resultados obtidos no início e final do estudo, através da aplicação dos questionários, é notória a evolução ao nível do desenvolvimento das competências-chave do empreendedorismo, tendo os resultados evidenciado um perfil geral de alunos mais criativos, com capacidade de planeamento, mais resilientes e autoconfiantes.

Por outro lado, através desses mesmos dados, foi possível constatar que não houve mudanças significativas ao nível de aspetos como a concentração ou a capacidade de receber elogios – embora como foi referido, sejam notórios os progressos ao nível da autoestima e autoconfiança, podendo levar a pensar nalguma humildade por parte dos alunos. É interessante verificar que os alunos mantiveram a perspetiva de relacionar a assunção de riscos como parte do caminho para atingir o sucesso, mas a isso juntaram outra perspetiva: a de assumir o risco como sendo uma forma de realizar aprendizagens novas.

Além disso, e apesar do aumento da autoconfiança, os alunos registaram uma diminuição da percepção sobre a sua capacidade para enfrentar qualquer situação, o que parece estar relacionado com o aumento da capacidade de assunção de riscos e com a autodisciplina e, portanto, com a consciencialização dos múltiplos fatores a ter em conta em situações de incerteza. Neste sentido, esta diminuição pode interpretar-se como algo positivo, uma vez que os alunos não se revelam tão confiantes numa situação de incerteza, melhorando a capacidade de cálculo do risco, planeando e agindo de forma mais rigorosa. Daí pode depreender-se, de acordo com o pretendido com o estudo, que os alunos passaram a encarar as situações novas, independente de virem a ter sucesso ou não, como uma experimentação e aquisição de novas aprendizagens, que terá sempre o seu peso no desenvolvimento dos hábitos de tomada de decisão.

Esta hipótese vem na linha de pensamento apresentada por Robinson (2006), em que o autor releva a capacidade de arriscar que as crianças possuem, lembrando que “se não estivermos preparados para errar, nunca conseguiremos nada de original” e onde aborda ainda, de uma forma crítica, que nos sistemas nacionais de ensino (um pouco por todo o mundo), o erro é estigmatizado. O autor aponta como consequência o estarmos a “educar pessoas sem atender às suas capacidades criativas” e o reflexo que isso tem nas sociedades atuais, vincando a naturalidade de errar e a importância de se usar o erro como parte do processo de aprendizagem.

É visível que os alunos também mantiveram o gosto por assumir responsabilidades, mas, desta feita, reconheceram uma diminuição das suas capacidades de cumprimento das mesmas responsabilidades para desempenhar as tarefas a seu cargo.

Finalmente é de salientar a diminuição da capacidade de funcionar de forma isolada. Apesar das dinâmicas de grupo constituírem um processo que exige uma difícil adaptação dos alunos aos papéis a que são rotativamente sujeitos, este indicador parece indicar que os alunos passaram a reconhecer que a cooperação é uma mais-valia e portanto a tenham interiorizado como parte do seu perfil. Provavelmente, o reconhecimento de que a ajuda e a troca de saberes lhes permite adquirir, com menos esforço, aprendizagens mais sólidas e atingir níveis de desempenho mais elaborados, obtendo reconhecimento do seu valor no seio das turmas, deve ter tido impacto na sua percepção e estado por trás da alteração do indicador relativamente ao que foi registado na primeira aplicação do questionário. Dias, G., Matos, J. e Vilarinho, H. (2010) referem justamente que o diálogo, a interação social e a inteligência

interpessoal, podem facilitar o reconhecimento de conexões entre ideias e a reorganização de conhecimento, sendo a aprendizagem decorrente muito mais fértil e agradável devido ao facto de os alunos se sentirem parte de uma “comunidade solidária”. Também o facto deste tipo de trabalho permitir um planeamento e uma avaliação sistemática e registada para análise coletiva, parece ter levado a que os alunos com mais dificuldades de cumprimento de tarefas se apercebessem do volume de trabalho que efetivamente conseguiam produzir.

Globalmente, esta análise parece retratar uma evolução ao nível das personalidades dos alunos, que vai de encontro ao desenvolvimento das competências-chave do empreendedorismo, destacando-se traços de criatividade, planeamento, resiliência e autoconfiança. Os mesmos reconhecem a importância de assumir riscos e responsabilidades, no entanto não se consideram responsáveis o suficiente para as exigências a que foram sujeitos ao longo do processo. Pelo que se pode aperceber, no final do estudo os alunos aparentaram já não terem tendência para trabalhar de uma forma desligada dos outros à sua volta. Apesar deste aspeto, os dados obtidos com este instrumento vão ao encontro de três das questões orientadoras do estudo.

- **Entrevistas de grupo aos encarregados de educação**

Importa começar por referir que, através das entrevistas de grupo realizadas no início e final do estudo (Anexos 33, 34 e 35) a encarregados de educação, com o intuito principal de apurar o parecer dos mesmos acerca da evolução decorrente do desenrolar do processo, se inquiriram também aspetos relacionados com o passado escolar dos pais entrevistados. Estes aspetos revestem-se de particular importância, uma vez que em muitos casos refletem um passado escolar marcado pela existência de exclusão, o que parece ter tido influência na adesão dos pais a um projeto deste tipo. Por exemplo, um dos pais afirma:

“M - Bem, eu no 9.º, só 3 [alunos] é que trabalhavam em Matemática e o resto era tudo “batalhar na bola” e “ponto cruz” e outras áreas... Só 3 ao pé do professor. O professor só dava matéria a 3. Ele pôs-nos de parte. Não se entendia connosco e pôs-nos de parte.”

Os entrevistados evidenciaram, entre o momento inicial e o final, um aumento do conhecimento das competências ligadas ao empreendedorismo e verificou-se mesmo uma redução do desconhecimento de conceitos básicos ligados à temática, ainda que

a noção de empreendedorismo, em si, não tenha sido compreendida claramente. Os excertos seguintes ilustram esta ideia.

Observemos o excerto inicial que evidencia uma fraca noção do conceito de empreendedorismo:

“C - Ser empreendedor...
SO – Inovador.
C – O criar uma empresa, o levar a empresa para a frente...
E – Conseguir geri-la.
(...)
SA – Deve ser o começo de uma empresa talvez, não? Criar uma empresa?
(...)
E – Como a estruturar. (...)
V – Fazer o plano daquilo que vai acontecer...
SA – Ou uma maquete...”

Já o excerto da entrevista final aponta para a continuidade de desconhecimento do conceito, mas evidencia uma maior identificação de capacidades e competências que um empreendedor deve possuir:

“V – (...) o que eles trabalham para cultivar, conseguem obter os resultados de tirar, para utilizar, para comer. Acho que... Como é que isso se explica, professor?
(...)
Não consigo explicar melhor.
(...)
SO – Sim, mas o trabalhar em grupo também foi muito bom, porque (...) eles se calhar aprenderam que têm de ser capazes de lidar com vários feitios, uns mais trabalhadores, outros menos trabalhadores, foi muito bom para a integração do grupo.
V – E eles preferem trabalhar de grupo do que estarem individuais.
(...)
C – O terem de trabalhar todos para receberem o ordenado no final da semana. O terem de ser todos, isso...
F – Exato, cada um faz... Cada um tem a sua tarefa, mas todos juntos...
V – E de ser o chefe – havia sempre um chefe diferente, não era? –, isso também...
(...)
F – Mas eles perceberam que cada um tem a sua tarefa mas todos juntos conseguem chegar melhor ao objetivo.”

Curricularmente, o percurso assente na integração entre o empreendedorismo e as restantes áreas curriculares, tornou-se mais valorizado ao longo do tempo, sobretudo

pela vertente mais prática do Projeto E.L.F., tendo a mesma sido bastante valorizada aquando da segunda entrevista (tendo os pais evidenciado um maior conhecimento explícito sobre as questões curriculares). Esta valorização prendeu-se com o reconhecimento da importância de aliar as aprendizagens curriculares à sua aplicação no quotidiano, através do desenvolvimento de um trabalho prático sistemático, vendo aí uma mais-valia no combate ao insucesso escolar por levar os alunos a uma melhor compreensão e valorização das aprendizagens através de uma linha metodológica mais motivadora e significativa para os mesmos. A par desta valorização, e sem que estivesse contemplada nas questões das entrevistas, surgiu também a preocupação com o alargamento futuro do projeto, o que indicia o interesse dos pais em participar na construção do percurso curricular dos filhos. Essas preocupações estendiam-se não só aos seus educandos – especialmente os que mudavam de ciclo escolar - como a todos os alunos pertencentes à comunidade educativa, e reportava-se à importância de fazer chegar a experiência a todos eles de uma forma vertical, como se pode verificar no excerto seguinte:

“SA – (...) Porquê haver uma quebra? Agora, se vocês estão a experimentar até ao 4.º ano, acho que é uma estupidez – desculpe o termo – quebrar, não é?

(...)

Se está a ter aspetos tão positivos, e se estamos a pensar no futuro dos nossos filhos, não é? E desenvolver e progredir, porque não... (...) Porque não experimentar agora nos próximos anos, já no secundário?

C – Não, mas aí teria de haver professores de outros anos interessados em...

(...)

SA - ... Interessados. Mas isso cabe a vocês! Se o projeto está a correr bem... (...) Tudo bem que se isto tudo continuar, tem de haver força de vontade de outros professores, porque vocês os dois não são capazes de dar.../ De pôr a mão em tudo, mas pronto, ao pensarem sobre o assunto, nem que você os dois deem formação a outros para poderem dar continuidade a esta história.

(...)

Acho que este projeto até ao 4.º ano está fantástico. Mas se continuarem, como estamos a falar numa classe etária já... [experimentada] Podiam agora pensar noutra, para explorarem até... 5.º, 6.º, 7.º... 8.º, não é? Até ao 9.º... “

Tendo em conta que esta preocupação em torno de uma perspetiva futura de alargamento da aplicação do projeto ao longo dos vários ciclos surgiu espontaneamente no decorrer da segunda entrevista, parece-nos possível inferir que o trabalho em torno

de certas competências do empreendedorismo como o planeamento, a resiliência ou a avaliação (que foi realizada com os alunos no âmbito do projeto), acabou por se estender de alguma forma aos próprios pais, estando patente, na maneira como expressaram padrões de pensamento muito semelhantes aos que foram rotinizados com os alunos - de resto, o facto dos alunos se funcionarem como veículo de transmissão de informações e aprendizagens entre e a escola e a família/comunidade, estava previsto desde os primeiros esboços do Projeto E.L.F.. Nesta perspetiva, o desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal em torno dos alunos parece ter sido bem sucedido, mostrando os pais estarem muito ao corrente, não só do trabalho desenvolvido, mas das vivências e sentimentos que os próprios filhos verbalizavam acerca do processo.

As capacidades de resiliência (sobretudo através de aspetos como o questionamento de razões ou a determinação), iniciativa, planeamento e organização e tomada de decisão (através da replicação de processos em casa e de tentativas de prosseguir com novas experimentações, incluindo a família no processo) e autoavaliação foram também evidenciadas pelos entrevistados, através da descrição de exemplos concretos relacionados com algumas das competências que mais notoriamente sofreram alterações, tornando-se presentes no dia-a-dia e coincidentes com uma afinação dos traços de personalidade dos alunos. Observe-se o seguinte excerto:

“V – (...) É que ela gosta muito de dar ordens, (indicador das competências de relacionamento interpessoal e comunicação) mas pronto. Então...

F – A E ficou igual... Ficou mais curiosa! Pronto, no aspeto dela, ficou mais curiosa. (...)

SA – Eu acho que o sentido também da responsabilidade também foi mais sentido

C – Sim.

F – Sim.

SA – A responsabilidade foi uma coisa muito...

C – Sim, sim, noto que a C ficou mais responsável, mais...

(...)

F – Sim, eu acho que ficaram mais motivados.

Os pais fizeram também referência ao aumento da responsabilidade dos seus filhos, tendo estes explicitado que a dificuldade que as crianças sentiram na obtenção de ganhos para as miniempresas criou neles uma maior noção dos gastos a que os próprios pais estão sujeitos na gestão da sua casa e das dificuldades que sentem em

providenciar tudo o que precisam, tornando-os mais ativos nesse processo de gestão da vida familiar, tendo-se promovido a comunicação em torno da temática dentro das próprias famílias.

Assim e globalmente, as expectativas iniciais em relação à aplicação do Projeto E.L.F. foram amplamente superadas, resultando num aumento da valorização do trabalho desenvolvido ao longo do estudo e, conseqüentemente, das próprias escolas.

- **Facebook³**

Relativamente a este instrumento de avaliação, é importante começar por considerar que o grupo de pais que se tinha como referência, pelo potencial interesse em acompanhar o projeto, seria de cerca de 74 e portanto a estimativa do número de pessoas a acompanhar a divulgação do Projeto E.L.F. não deveria variar muito, até porque mesmo que outras pessoas tivessem interesse, também era espectável que nem todos os pais teriam a intenção de acompanhar a divulgação feita. Além disso, a divulgação ocorreu em circuito fechado, sujeito a aprovação por parte dos administradores, o que ainda contribuía mais para focalizar o número de seguidores num público-alvo muito específico. No entanto e um pouco curiosamente (tendo em conta que se tratava de um projeto escolar), verificou-se que, entre 14 de novembro e 28 de julho, o número de seguidores atingiu a marca de 123 pessoas agregadas à página do projeto a acompanharem as publicações das etapas do mesmo (Anexo 38).

Não esquecendo que algumas das vertentes deste processo se prendiam com a divulgação das atividades principais e das atividades e abordagens subsequentes às mesmas (para demonstrar como funcionava a integração curricular ao longo do estudo), a divulgação de processos e técnicas ligadas ou articuladas com o empreendedorismo para replicação e a valorização do trabalho desenvolvido nas escolas, acabou por ser muito interessante constatar que partindo de um número de seguidores já mais elevado do que o esperado (123), 106 atribuíram classificação “Gosto” na página do projeto e geraram mesmo 1231 ligações referentes ao projeto, originando globalmente um conjunto de 712 “Gostos”, “Posts” e “Comentários”.

Partindo dos 123 seguidores, que foram partilhando informações relativamente ao Projeto E.L.F., outras 858 pessoas acabaram também elas por partilhar

³ Para consulta:

<https://www.facebook.com/613761542079519/photos/pcb.879573722164965/879571802165157/?type=3> ou fazer pesquisa no *Facebook* por “projeto elf”

informações do projeto, gerando com isso um número total de 26233 contactos com a informação divulgada na página. Finalmente, importa referir que todos esses contactos geraram a marca algo surpreendente de 8727 leituras de conteúdo de informação relativas ao projeto.

Deste modo, através da divulgação das atividades, não só foi aumentando a percepção que os alunos iam tendo da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados, como a percepção do tipo de articulação entre conteúdos que ia sendo conseguida. Mas, mais importante, ao disseminarem-se essas atividades pela comunidade seguidora do projeto, essas mesmas percepções também foram partilhadas e a própria comunidade acabou por contribuir, através de impressões transmitidas aos alunos diretamente ou *online*, para um reforço desses mesmos aspetos. Além disso, o processo de divulgação tornou-se particularmente importante para os alunos, ao constituir um mecanismo de amostragem do seu próprio trabalho e uma porta para o reconhecimento do valor do mesmo, o que foi gerando uma conseqüente e crescente motivação para continuar o processo e alargar gradualmente a novas aprendizagens.

Por outro lado, constituiu uma ótima ferramenta para aumentar as capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal dos alunos, quer através de todos os cuidados com a redação da informação que alguns artigos continham, quer como a explicitação a que eram sujeitos quando interpelados por membros da comunidade pretendendo saber mais sobre o processo de estudo a que estavam a ser sujeitos.

- **Youtube⁴**

Embora inicialmente usado especialmente a pensar na alocação virtual de determinadas publicações e formato vídeo para posterior publicação no *Facebook*, o recurso ao *Youtube* permitiu no entanto ter a percepção de dados diferentes, relativos à fase de divulgação, que só podiam ser obtidos através dele, sobretudo no que respeita a aspetos específicos das temáticas individuais publicadas e a dados geográficos da sua difusão. É de salientar que a esmagadora maioria de dados abaixo referenciados resultam de pesquisa direta e não através das ligações estabelecidas a partir do *Facebook*, constituindo estas últimas uma percentagem reduzida das visualizações registadas (Anexos 36 e 37).

⁴ Para consulta:

https://www.youtube.com/channel/UCSLsroKil_R5yFFNymSdvcA/videos?shelf_id=0&view=0&sort=dd

Assim, olhando para as 16 atividades que foram estruturadas em língua portuguesa e alojadas no *Youtube* entre novembro de 2014 e agosto de 2015 (com *tags* unificadores como empreendedorismo, literacia financeira, educação financeira, Projeto E.L.F., Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira,...), salienta-se que as atividades mais visualizadas estavam centradas as técnicas tradicionais (reportando-se por isso a processos e informações hoje em dia vetadas ao esquecimento), em particular as atividades “Fabrico de réstias” (que obteve 168 visualizações) e a “Enxertia, veda e poda” (que obteve 98 visualizações). Seguidamente, as temáticas mais procuradas são as subordinadas às técnicas agrícolas modernas, constituindo um contraponto interessante que leva a pensar que, apesar da pesquisa por tecnologia mais atualizada, as pessoas ainda valorizam e revelam interesse por técnicas mais antigas mas que comprovadamente tem valor – tal como se tinha constatado através das entrevistas de grupo aos pais.

Posteriormente a essas, as principais visualizações recaíram sobre as atividades relacionadas com questões pedagógicas, tendo as técnicas agrícolas antigas mas ainda conhecidas (como a apicultura), tido pouca procura e as atividades ligadas aos recursos naturais e ao ensino profissionalizante sido as menos visualizadas de todas.

Geograficamente, por intermédio dos *tags* definidos em cada atividade do Projeto que foi alocada, registaram-se visualizações a partir dos 12 seguintes países até ao final do ano letivo a que se reporta a implementação do projeto E.L.F.: Portugal, Brasil, França, Suíça, Chile, Índia; EUA, Espanha, Moçambique, Itália, Roménia e Rússia.

Claramente e de forma lógica, atendendo a que os *tags* estavam escritos em Português, a maioria das visualizações ocorreram advindas de países com línguas de origem latina. Nesta perspetiva, seria muito interessante investigar a que países (e com que grau de divulgação) poderia chegar o projeto, caso tivessem sido usados *tags* em inglês.

Portugal, naturalmente esteve associado a todas as temáticas e o Brasil às das técnicas tradicionais e pedagogia, maioritariamente. De França fizeram-se consultas em torno das técnicas tradicionais e modernas, bem como da pedagogia. De Moçambique registaram-se pesquisas ligadas com a pedagogia. Já da Suíça surgem as pesquisas em técnicas tradicionais e modernas e ensino profissionalizante. Os restantes países registados estão ligados às técnicas tradicionais.

À semelhança do que sucedeu com a divulgação através do *Facebook*, o uso deste recurso contribuiu para o desenvolvimento da perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados, o reforço da motivação para a aprendizagem e o desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal, embora, neste caso, este desenvolvido tivesse decorrido da discussão e apresentação de resultados aos alunos, uma vez que diretamente não tinham acesso nem perceção da abrangência da divulgação através deste recurso.

- **Diários de aula**

Através dos diários de aula, foi possível registar quatro momentos marcantes que mereceram uma análise mais aprofundada no âmbito do presente estudo.

O primeiro reporta-se ao momento da apresentação do Projeto E.L.F. na reunião escolhida para divulgação aos Encarregados de Educação. Nessa reunião, apesar de nem todos eles estarem presentes, foram sublinhadas as razões por detrás do nascimento do projeto e toda a contextualização do mesmo e a partir daí foi possível perceber a sintonia de ideias entre os ideais do Projeto E.L.F. e a valorização que os pais fizeram, em particular dos objetivos e preocupações a ele subjacentes – para isso contribuiu também a garantia do leccionamento dos conteúdos. Foi curioso notar, da parte de alguns dos presentes, alguma ansiedade sobre a data prevista para iniciar a aplicação do projeto, muito devido à perceção das dimensões que o mesmo abrangia e à curiosidade em torno dos ganhos decorrentes para os seus educandos com a implementação das dinâmicas apresentadas.

Por outro lado, o segundo momento refere-se à seleção da temática para implementação das miniempresas. Aí, os alunos fizeram, conjuntamente, uma apreciação rigorosa das ideias inovadoras apontadas para base do desenvolvimento das miniempresas e da construção dos planos de negócio, incidindo nos potenciais de cada ideia, nos riscos exagerados ou mesmo nas desadequações à realidade, para posterior ordenação de potencial implementação. Foi curioso, já na fase de seleção final, que uma aluna tivesse tido a iniciativa e a visão para sugerir que, em alternativa a escolher uma opção em relação às restantes (e como todas elas tinham como denominador comum a utilização dos solos), as três opções com mais potencial se fundissem numa única ideia, abarcando assim as necessidades mas também a produtividade das três, rentabilizando os espaços e os processos comuns a essas ideias. Foi um momento privilegiado para o desenvolvimento da capacidade de

avaliação, da capacidade de risco e da criatividade e também foi um momento crítico em que muitos dos autores das ideias que eram inovadoras, mas que foram apontadas sem uma pré-análise do risco e da adaptabilidade local, tiveram de se sujeitar a uma análise crítica pelos pares, tendo algumas delas sido apontadas como surreais e excluídas do leque de escolhas.

Numa dimensão mais curricular, o terceiro momento, que decorreu durante uma atividade que exigia ser iniciada através da revisão e síntese de conceitos sobre o círculo com os alunos de 3.º ano e a introdução desses mesmos conceitos aos alunos do 2.º ano de escolaridade. Inesperadamente, um dos alunos mais novos, fez imediatamente a identificação do conceito de raio e diâmetro e a respetiva relação, tendo sido acompanhado por outros alunos de 2.º ano. Segundo eles, essa relação devia-se às aprendizagens realizadas no âmbito da sequência didática em torno da obra “O pequeno inventor”, a qual, no caso desta turma, tinha sido abordada no âmbito da preparação das atividades a implementar no Projeto E.L.F. no ano anterior. Por aqui foi possível depreender a importância que teve a referida atividade prática que “marcou” os alunos (na altura no 1.º ano, a trabalhar com pares de 2.º) através de um vínculo duradouro que exemplifica bem a ideia patente no presente estudo de apoiar a abordagem curricular de uma forma articulada entre áreas e com aspetos em que a sua aplicação prática no quotidiano é visível e perceptível para os alunos.

Finalmente, o quarto momento, ocorrido durante uma Assembleia de Turma destinada à avaliação das equipas de trabalho, representa um momento em que, além da capacidade de avaliação e comunicação, uma aluna assume uma postura de liderança, pela necessidade de evidenciar a sua responsabilidade e chamar à atenção outro aluno, usando da palavra para justificar a sua avaliação, assumindo um papel muito diferente do que o seu carácter habitualmente a fazia desempenhar no seio da turma.

- **Relatório da atividade inspetiva**

Ainda que inicialmente não fosse prevista no Projeto E.L.F., uma das turmas foi visitada pela atividade inspetiva e mereceu a sua análise. Na sequência, foram feitas as seguintes referências no relatório da atividade inspetiva:

“O envolvimento das crianças e dos alunos em atividades que consideram as especificidades e os recursos do meio e valorizam o conhecimento das raízes culturais locais é uma boa prática. Para além das iniciativas do plano anual de

atividades relacionadas com o contexto, muitas delas em articulação com entidades locais, é de distinguir o Projeto de literacia financeira, desenvolvido em duas turmas do 1.º ciclo que, de forma sistemática, contribui para aproximar as aprendizagens às vivências dos alunos.”

Estas afirmações de uma entidade externa ao processo reforçam a importância de aproximar as aprendizagens às vivências dos alunos, correspondendo uma vez mais à ideia de interligar as abordagens curriculares ao quotidiano.

- **Questionário sobre a Aplicação do Projeto ELF para professores**

Na sequência do já referido pedido de divulgação do Projeto E.L.F. através da realização de um *workshop*, foi utilizado um questionário como recurso para avaliar o parecer dos visados relativamente às várias vertentes do projeto. Embora os resultados não tenham sido muito relevantes para a temática do subprojecto que é este estudo, importa ainda assim salientar que, num universo de 36 professores e educadores, onde não se registaram presenças de docentes do 1.º Ciclo nem do secundário (e tratando-se de um agrupamento onde já havia sido prestada formação e acompanhamento à aplicação de projetos de empreendedorismo), a maioria dos participantes reconheceu valor ao projeto – tanto a nível da estruturação das suas dimensões como a nível do tipo de trabalho desenvolvido – todavia não consideraram de particular interesse a noção de Integração Curricular, considerando prioritários os aspetos ligados à vertente social do projeto. Para eles, a integração curricular foi, de certa forma, considerada um tema de média importância, à semelhança das dinâmicas de grupo, levando a pensar na hipótese de estarem convictos da ideia de ser possível desenvolver com sucesso um trabalho ao nível do domínio social dos alunos, sem que para isso os aspetos curriculares tenham de ser envolvidos a um nível principal. Este é um pormenor interessante, se atendermos a que todo o projeto assenta, tal como lhes foi apresentado, na integração das diferentes áreas curriculares entre si e destas com o empreendedorismo, apoiada numa experimentação providenciada por parcerias e entidades locais e apoiada nas características do meio local, dependendo o projeto do sucesso desta articulação para chegar às comunidades e obter o reconhecimento. Com efeito, o conceito de integração adotado “admite a possibilidade de mobilização de todos os tipos de conhecimento que possam contribuir para que o aluno compreenda melhor o mundo à sua volta e se compreenda melhor a si próprio, enquanto indivíduo e cidadão”

(Alonso e Sousa, 2013, p.54), espelhando bem a importância da integração curricular num processo de aprendizagem.

- **Questionário de avaliação global pelos alunos**

A partir do questionário aplicado no final do ano letivo aos alunos para obter uma avaliação mais global do trabalho realizado no âmbito do Projeto E.L.F. (Anexo 31), foi possível apurar que as atividades consideradas mais relevantes pelos alunos foram as atividades agrícolas, a visita de estudo à E.P.A.F.B.L., a peça de teatro, as tomadas de conhecimento de técnicas agrícolas antigas e a montagem da estufa. Nesta perspetiva, é possível agrupá-las como atividades de carácter mais prático e em que os alunos tiveram uma intervenção virada para a experimentação, o que vem reforçar a ideia da importância de uma abordagem curricular com fortes ligações ao quotidiano.

Foi amplamente reconhecida a relevância do projeto tanto para alunos como famílias, tendo sido apresentadas como principais justificações a aprendizagem de técnicas agrícolas e a aplicação das aprendizagens em empresas familiares, o que, por sua vez, corresponde ao objetivo de conseguir transmitir conhecimentos às comunidades através dos alunos, se possível levando a replicações dos processos realizados nas escolas.

Entre as comunidades educativas das escolas, as atividades do projeto que foram apontadas como sendo de maior relevância foram a montagem e utilização da estufa, as atividades agrícolas e a peça de teatro tanto por serem atividades de maior visibilidade, como pela produção de produtos para a comunidade, como ainda pelo ensino de técnicas a essa mesma comunidade. De certa forma encontra-se aqui uma sintonia de ideias relativamente à tipologia de atividades referidas pelos alunos, o que de certa forma faz sentido, sendo eles um prolongamento específico da comunidade na escola e um veículo de transmissão de informação entre a escola e esta.

Relativamente à importância da escola para os alunos, a mesma foi grandemente reconhecida por eles, tanto devido à aprendizagem de novos conteúdos, como de novas técnicas, parecendo fortalecer também a ideia da importância de uma abordagem curricular enquadrada com o meio.

Este aspeto parece reforçar a perspetiva de integração curricular apontada por Beane (2003) como sendo a que permite “por um lado, ajudar os jovens a integrar as suas próprias experiências; por outro lado, promover a integração social democrática entre os jovens (p.94)”. De resto, o reconhecimento da importância da escola prede-

se com a já referida ideia defendida pela Comissão Europeia de se promover a integração do Empreendedorismo no currículo em todos os níveis de ensino, sendo que, especificamente no 1.º Ciclo, essa integração deveria ocorrer através de projetos centrados na criatividade, iniciativa e perseverança. O projeto está em sintonia com a ideia da Comissão que refere que este tipo de percurso “corresponde ao atingir de muitos objetivos e metas estabelecidos para outros conteúdos, e como tal adiciona valor relativamente aos conteúdos na globalidade” (p.157).

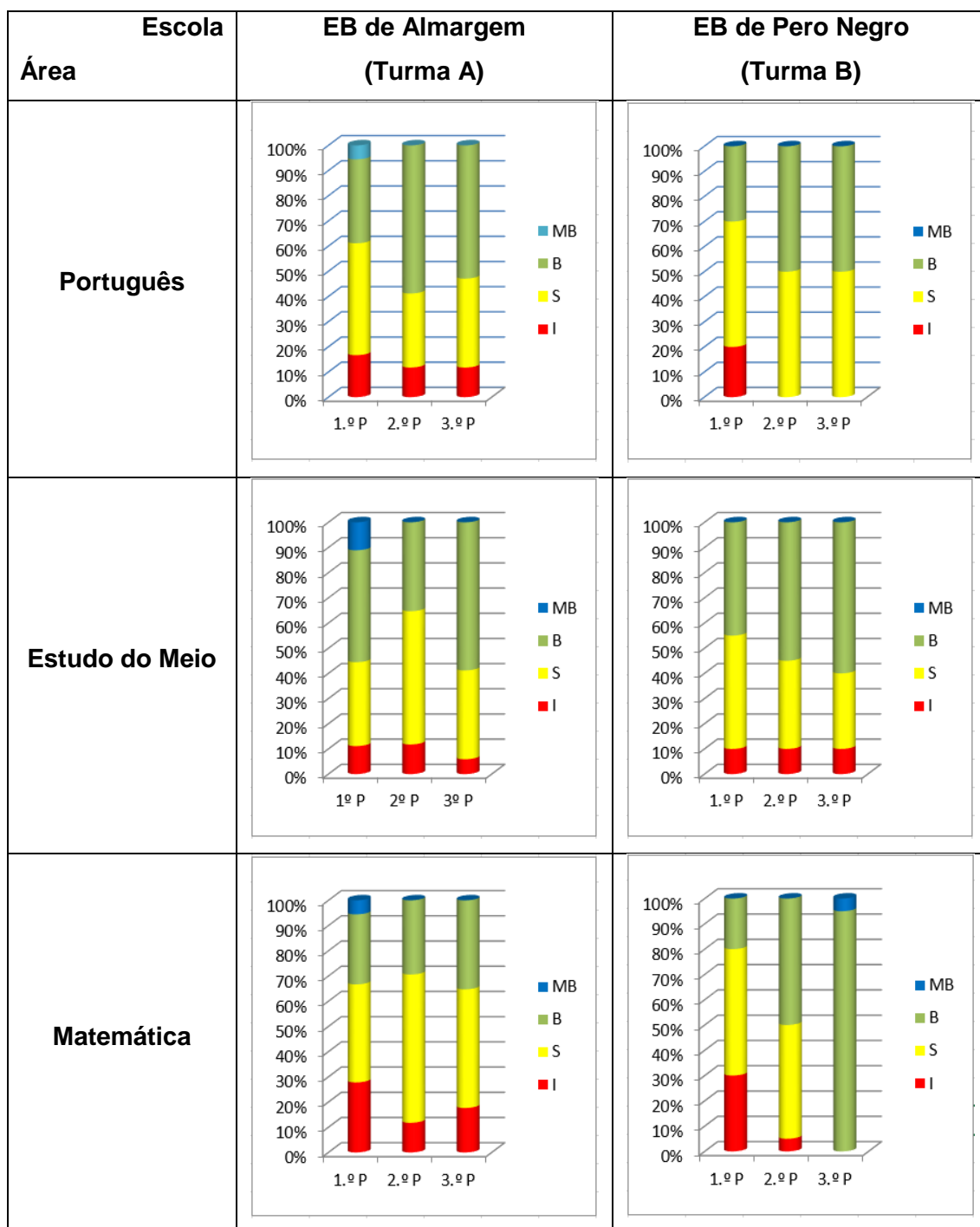
Se a isto juntarmos a motivação dos alunos gerada pelo processo retratado no estudo, facilmente percebemos o reconhecimento da importância da escola para os mesmos. De resto, a motivação é também um aspeto que merece ser relevado, pois acabou por funcionar como impulsionador de todo o percurso estabelecido no âmbito do projeto, pelo que também aí se verificou o sincronismo com a Comissão Europeia que na sua recomendação sobre abordagem ao empreendedorismo indicou que “parece desenvolver o entusiasmo e a motivação, até entre alunos desmotivados em relação aos conteúdos mais tradicionais” (Johansen e Schanke, 2014, p.157).

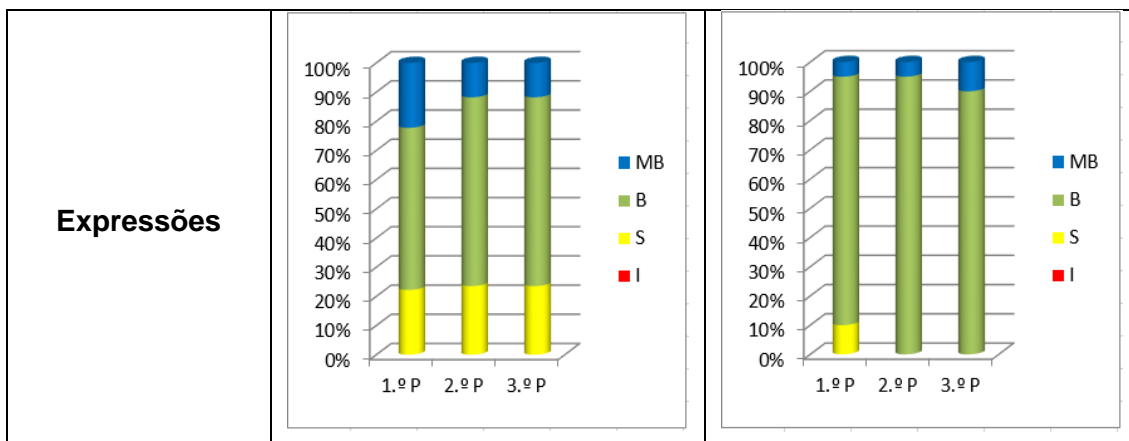
Finalmente, de entre os alunos envolvidos, a maioria prevê que possam abrir uma empresa no futuro, existindo apenas um grupo que apontou com toda a certeza que não o fará e havendo muito poucos alunos com dúvidas em relação a essa tomada de decisão. Em relação a perspetivas futuras, a maioria fez recair a escolha na prestação de serviços, trabalho na indústria, em desportos, na criação de empresas agrícolas e na manutenção de empresas familiares já existentes. Nos diversos casos, vale a pena salientar que o objetivo de fomentar os hábitos de tomada de decisões informadas com base na experimentação, parece ter sido atingido, uma vez que, querendo enveredar por determinada carreira ou não querendo seguir por determinada via, os alunos estão já a dar provas do uso do livre arbítrio para tomar uma decisão relativamente ao seu percurso de vida.

Assim, além da motivação patente, em especial relativamente a etapas do processo como a relação com o quotidiano, este instrumento de avaliação, em particular, veio aferir se se deu ou não o desenvolvimento das capacidades de iniciativa e tomada de decisão.

- **Avaliação dos resultados escolares**

Com base nas avaliações que foram registadas ao longo do ano foi possível quantificar e representar graficamente os seguintes resultados escolares obtidos durante o estudo e registados no Quadro 12:





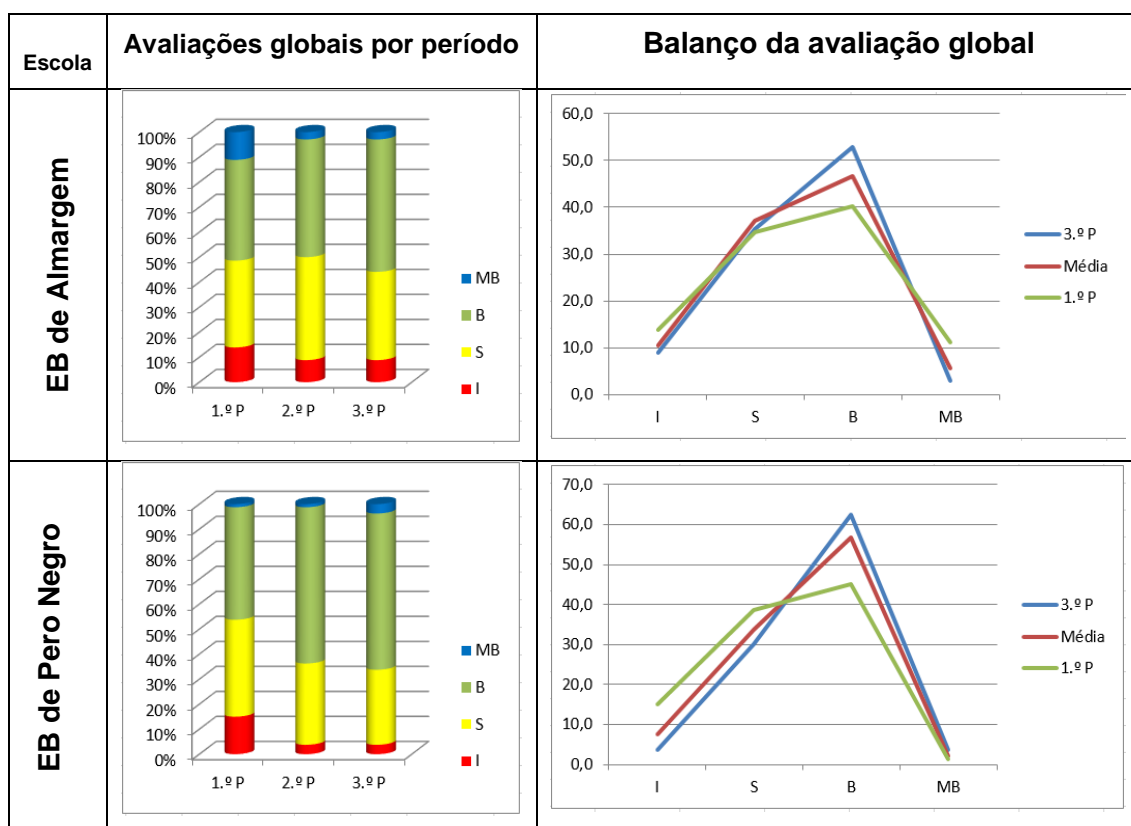
Quadro 12 – Registos das avaliações obtidas em cada escola, por área, ao longo do ano letivo.

Fonte: própria.

Relativamente aos resultados escolares obtidos na EB de Almargem, através dos gráficos ficamos com a perceção de que foram conseguidos progressos ao nível das áreas de Português e Estudo do Meio, embora, por outro lado, seja perceptível uma estagnação ao nível das áreas da Matemática e das Expressões. É de salientar que estas duas áreas partiram de níveis de conhecimento diferentes das restantes (a Matemática registava de início o maior nível de insucesso e as Expressões são o único caso onde inicialmente não se registava insucesso) e, sendo assim, a área da Matemática era aquela onde os resultados iniciais eram os mais difíceis de inverter.

Quanto aos gráficos referentes à EB de Pero Negro, fornecem indicações de que as avaliações progrediram positivamente ao nível das áreas de Português, Estudo do Meio, Expressões e Matemática, sendo que esta última área foi a que registou, ao longo do tempo a melhoria mais significativa.

Por outro lado, olhando à evolução da avaliação global em todas as disciplinas e tentando fazer o balanço entre o ponto global de partida e de chegada, estruturaram-se ainda os seguintes gráficos constantes do Quadro 13:



Quadro 13 – Registos das avaliações globais obtidas em cada escola, ao longo do ano letivo e respetivos balanços da evolução registada.

Fonte: própria.

Ao proceder à leitura do primeiro gráfico referente A EB de Almargem, é possível observar que a média do aproveitamento global nas quatro áreas referidas foi aumentando ligeiramente. O insucesso escolar reduziu entre o início e o final do ano letivo, com mais incidência no final do 2.º período (altura coincidente com a conclusão das atividades de maior relevância par ao Projeto E.L.F.) terminando abaixo de 9%.

Recorrendo ao gráfico que faz o balanço da avaliação global da mesma turma, apercebemo-nos que o aproveitamento médio global dos alunos atinge percentagens mais altas nos níveis “Suficiente” e principalmente no “Bom”. Todavia, esse aproveitamento global médio é coincidente de uma forma perfeita com os resultados globais registados no 3.º período do ano letivo, o que indica que a evolução, apesar do aumento ligeiro em termos de aprendizagem, que foi referido anteriormente, acabou por não ser muito relevante.

Em relação aos dados referentes à Turma B da EB de Pero Negro, ao observarmos o primeiro gráfico, temos a percepção de que o aproveitamento global nas quatro áreas registou uma subida assinalável, na ordem dos 20% (uma vez que a percentagem de alunos a apresentar níveis “Bom” e “Muito Bom” passou de 50% para 70%).

Recorrendo ao gráfico que faz o balanço da avaliação global, da mesma turma, podemos observar que o aproveitamento médio global dos alunos apresenta maior elevação nos níveis “Suficiente” e Bom”, embora seja neste último que se destaca uma maior incidência. O aproveitamento global médio é coincidente de forma quase perfeita com os resultados finais do ano letivo, confirmando assim a evolução em termos de aprendizagem como sendo significativa, atendendo à comparação entre o período inicial e o 3.º Período.

Estas análises não podem deixar de ser vistas à luz das suas realidades específicas, pois alguns aspetos são influenciadores de toda a avaliação registada durante o estudo e alguns deles mesmo decisivos. Assim, não se pode deixar de lembrar que uma turma tinha 2 anos de escolaridade (EB Pero Negro) e a outra (EB de Almargem) os 4 anos de escolaridade, uma tinha 5 alunos ao abrigo do R.E.E. e a outra 2, respetivamente, sendo que um destes últimos alunos apresenta um quadro profundamente complexo e condicionante de toda a turma onde se insere. Em particular, a turma da EB de Almargem foi sujeita a uma rotatividade elevada do corpo docente (que é peça fundamental para o bom funcionamento do projeto e para a garantia do alargamento das experiências a todos os alunos), conduzindo este aspeto a frequentes acertos no controlo da disciplina e a dificuldades na estruturação de laços de confiança entre alunos e adultos.

Para além disto, olhando globalmente aos resultados atingidos por todos os alunos envolvidos no processo, constata-se que o percurso de aprendizagem resultou num aumento global do sucesso escolar, não tendo sido necessário equacionar sequer a hipótese de retenção para nenhum aluno, facto que, em ambas as escolas, já não sucedia há bastante tempo. De resto, este sucesso com ausência de retenções está de acordo com as indicações colhidas entre os alunos (e alguns pais) que foram evidenciando uma melhor compreensão curricular e um aumento de solidez nas aprendizagens realizadas, não só pela integração curricular promovida no âmbito do projeto, como pela aplicação prática das aprendizagens associada a situações

concretas e do quotidiano que foram sido vivenciadas pelos alunos na vertente prática do mesmo.

Finalmente importa referir que este sucesso parece estar interligado às dinâmicas de grupo implementadas nas equipas de trabalho, em que, através da cooperação e troca de conhecimentos entre os alunos, parece ter ocorrido uma homogeneização dos resultados escolares: é recorrente no panorama educativo haver exemplos de turmas nas quais acontece uma redução ao longo do ano letivo da percentagem de alunos a atingir o nível “Muito Bom” – sendo explicável pelo aumento gradual do nível de dificuldade dos conteúdos ao longo do ano, mas, no caso dos alunos em estudo, aconteceu também a redução dos alunos com nível “Insuficiente”, conduzindo este aspeto a uma concentração em torno dos níveis de “Suficiente” e “Bom” e portanto a uma redução dos extremos e da heterogeneidade, tantas vezes apontada nas turmas como um fator que gera maiores dificuldades.

Além disso, neste processo, um aspeto que foi penalizador dos alunos com melhor desempenho no âmbito da aplicação do Projeto E.L.F. foi o facto de os critérios de avaliação em uso durante o processo, serem comuns a qualquer outra turma do agrupamento e portanto estarem preparados para espelharem uma realidade em que os domínios sócioafetivo e cognitivo dos alunos se conjuguem em ponderações que tentem exprimir o seu potencial em percursos metodológicos tradicionais muito ligados a uma avaliação dependente de testes (ainda que possa ser contínua). Neste caso, seria mais justo e espelharia a realidade se os alunos envolvidos no estudo pudessem ter usufruído de critérios de avaliação preparados para a realidade metodológica do projeto e que teria de permitir que um aluno de nível “Muito Bom” fosse aquele que, além de atingir bons resultados educativos, fosse particularmente valorizado pelo seu esforço acrescido em termos de solidariedade e cooperação com os colegas, expresso pela sua transmissão de saberes e interajuda.

Particularmente, na EB de Almargem, a redução dos níveis “Muito Bom” sucedeu em especial nas áreas de expressão, mas esse aspeto também parece ter ligação com o facto de a metodologia do projeto ter possibilitado aos alunos perceberem que conseguiam atingir melhores resultados noutras áreas que habitualmente não são as suas áreas fortes. Isso pode ter levado a que se tivessem deixado de “especializar” numa única área e almejado alcançar metas em todas elas, custando-lhe no entanto uma redução na sua área forte em prol das outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- **Sobre o estudo**

Relativamente ao presente estudo, é chegado o momento de fazer a apreciação final do mesmo e, para tal, começar-se-á pela análise do cumprimento dos objetivos específicos do mesmo.

Relativamente aos primeiros desses objetivos, ao serem sujeitos a análise, verificamos que foi possível **“reconhecer a utilidade prática dos conteúdos trabalhados, através da participação num projeto relacionado com as atividades quotidianas da comunidade em que se inserem”** e também **“identificar relações entre conteúdos de diferentes áreas curriculares e de diferentes anos de escolaridade”**. Tal como referido relativamente ao projeto, a consecução dos objetivos foi confirmada e está espelhado num diário de bordo (ver pág. 96 e Anexo 23) nos cartazes e cadernos de registo (ver Anexos 10 e 11), onde os alunos foram envolvidos na elaboração das planificações mensais das atividades e na elaboração dos mapas de conceitos (ver Anexo 20), com base nos conteúdos curriculares abordados durante todo o percurso. Naturalmente e como nenhuma das turmas envolvidas integrava alunos de apenas um ano de escolaridade, a articulação vertical dos conteúdos foi também perceptível para os mesmos, que reconheceram a importância da vertente prática pela motivação que provocou e pela compreensão curricular que permitiu, levando a uma aumento da consistência das aprendizagens e a melhores resultados escolares, o que parece ir de encontro às ideias de Johansen e Schanke (2014, p.155). Nelas, os autores indicavam que “com menos enfoque na parte empresarial, projetos empreendedores podem constituir um bom método de ensino para melhoria do desempenho académico”, pelo que podemos verificar que o Projeto E.L.F. se encontra em sintonia com esta ideia, pois sem cair no objetivo de produzir ou sequer preparar futuros empresários, mas centrando-se no desenvolvimento do espírito empreendedor nos alunos, o processo revelou-se como uma forma de aumentar a compreensão e solidez nas aprendizagens, resultando num aumento do sucesso escolar global nas turmas envolvidas. Também de acordo com as finalidades aglutinadoras do conhecimento curricular apontadas por Roldão (2013), a integração curricular operacionalizada no Projeto E.L.F. levou a uma perceção mais interligada e aprofundada dos conteúdos curriculares, levando os alunos

a terem mesmo uma participação ativa na condução deste processo e, com a ajuda da articulação com o empreendedorismo, prepará-los para serem cidadãos com uma participação social mais ativa, através da promoção do “potencial de que cada indivíduo é portador” (p.19).

Para concluir esta ideia, recuperamos a visão de Beane (2003, p.94) sobre o tipo de percurso curricular que foi usado no projeto, pois refere que “organizado deste modo, o currículo e o conhecimento que este abarca são mais acessíveis e mais significativos para os jovens e, conseqüentemente, tendem a ajudá-los muito mais a expandir e aprofundar a compreensão de si próprios e do seu mundo.”

Justamente o objetivo específico **“melhorar os resultados escolares”** confirmou-se pelo estudo quantitativo feito em torno dos resultados escolares dos alunos, salientando-se o aumento do sucesso escolar e a diminuição das retenções (ver pág. 100 e Anexo 41).

Finalmente, os restantes objetivos específicos foram atingidos, à semelhança daqueles estipulados para o Projeto E.L.F. relativamente ao desenvolvimento das competências-chave do empreendedorismo (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007). Assim, conseguiram-se **“desenvolver hábitos de trabalho cooperativo que se reflitam nas capacidades de criar, avaliar e decidir em conjunto durante as diferentes fases do projeto”**, bem como apurar o **“aumento progressivo de comportamentos e atitudes de autoconfiança e capacidade de iniciativa”** e ainda **“desenvolver capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal com os seus pares e com os adultos da comunidade envolvente”**. Quanto a estes objetivos, além da sua concretização estar patente na comparação feita entre os Questionários de Determinação das Capacidades Empreendedoras aplicado no início e no final do projeto (ver pág. 86 e Anexo 27) e, mais uma vez, nos resultados da 2.^a entrevista de grupo aos encarregados de educação (ver pág. 89 e Anexos 34 e 35), os quais evidenciam justamente o desenvolvimento de uma série de competências correspondentes ao indivíduo empreendedor, estão também patentes em diários de aula (ver pág. 96 e Anexo 24).

Assim sendo, vale a pena relembrar que a Comissão Europeia – pelas palavras de Johansen e Schanke (2014, p.157) – considerou a criação de minipresas como a melhor forma de desenvolver o Empreendedorismo nas escolas e que os benefícios desse processo eram “permitir aos alunos adquirir capacidades de negócio, para demonstrar a sua criatividade, desenvolver o entusiasmo e a autoconfiança, e aprender

como trabalhar em equipa”, aspetos todos eles verificados no presente estudo incidindo sobre o Projeto E.L.F.

A capacidade de comunicação merece algum destaque pois foi visível o aperfeiçoamento desta capacidade nos alunos em geral, tendo-se tornado mais capazes de exprimir as suas ideias, preocupações e motivações, como está patente nos apontamentos produzidos nos cartazes de registo e em diários de aula ou na 2.^a entrevista de grupo realizada aos encarregados de educação.

Deste modo, relativamente ao presente estudo, parece ter sido bem-sucedido em determinar que os alunos em geral puderam reconhecer a utilidade prática dos conteúdos trabalhados, por terem vivenciado a aplicabilidade do currículo à realidade em situações concretas. Ao mesmo tempo permitiu aferir a sua perceção acerca da existência de interligações entre conteúdos de diferentes áreas curriculares e de diferentes anos de escolaridade (ver Anexos 20 e 23). A nível de competências, o estudo também permitiu verificar que o Projeto E.L.F. foi um processo fomentador do trabalho cooperativo através da criação de cenários e situações potenciadoras das capacidades de criar, avaliar e decidir em conjunto, durante as suas diferentes fases, levando, ao longo do processo, a um aumento da autoconfiança, iniciativa, capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal com os seus pares e com os adultos da comunidade envolvente, aspetos que também o estudo permitiu corroborar.

Finalmente, a monitorização dos resultados escolares obtidos no decorrer do projeto (ver pág. 100 e Anexo 41), acaba por servir como expressão mais palpável da ideia de que o empreendedorismo integrado nos currículos escolares pode originar processos de melhoria e promoção do sucesso escolar dos alunos.

Tendo por base o cumprimento dos objetivos específicos acima analisados, há que confirmar o objetivo geral do estudo, uma vez que foi possível **“determinar se um projeto de integração curricular no primeiro ciclo pode contribuir para o desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo”**. Com efeito, todo este processo de integração do empreendedorismo com o currículo nacional resultou em inúmeras situações ao longo do ano letivo em que os alunos foram expostos a situações nas quais se viram na necessidade de desenvolver ou aperfeiçoar essas competências, sendo que ao longo de todo o projeto foi possível potenciar todas elas. É possível concluir isto pela comparação das respostas dos alunos nos Questionários de Determinação das Capacidades Empreendedoras (ver pág. 86 e Anexo 27), mas

também os encarregados de educação fizeram referência ao desenvolvimento dessas mesmas competências na 2.^a entrevista de grupo (ver pág. 89 e Anexos 34 e 35). Por tudo isto, o presente estudo confirma que o Projeto E.L.F., tal como aconteceu com os estudos de Johansen e Schanke (2014), proporciona o desenvolvimento tanto do conhecimento, como das capacidades ligadas ao Empreendedorismo, sendo, para estes autores, “a primeira razão para se desenvolverem projetos como os referidos” (p.162). Toda a integração curricular feita obedeceu à ideia dos mesmos autores que defendiam que “para promover capacidades empreendedoras e desempenho académico mais efetivo, orientações de qualidade sobre como utilizar o Empreendedorismo interrelacionando várias disciplinas deve ser proporcionado” (p.164).

- **Sobre o Projeto E.L.F.**

Relativamente ao desenvolvimento do Projeto E.L.F. (que está na origem deste estudo, mas é mais amplo a nível temporal e a nível de intenções), parece também possível afirmar que se atingiram todos os objetivos específicos estabelecidos.

No que respeita aos objetivos específico **“estruturar pontes entre conteúdos curriculares das várias áreas e anos de escolaridade de forma a proporcionar encadeamentos sequenciais de aprendizagem”** e **“identificar articulações entre conteúdos sequenciais do currículo e ligações à sua aplicação prática no quotidiano”** ambos foram cumpridos, conforme foi possível constatar por registos como os mapas de conceitos que os alunos gradualmente foram criando (Anexo 20), por resultados de atividades como a criação das plantas da escolas (para aplicação de vários conceitos matemáticos associados a espaços fulcrais à parte prática – Anexo 17) e que integram os cartazes de registo das turmas e os Cadernos de Registo Individuais (ver Anexos 10 e 11) ou ainda pelas planificações que mensalmente eram propostas e acertadas de acordo com as suas decisões, relativamente às áreas curriculares e ao empreendedorismo (ver Anexo 2). Na divulgação das atividades através do filme “Dia-a-dia do Projeto E.L.F.”⁵ também está patente a noção que os alunos têm do volume de conteúdos que foi abordados e da integração que os mesmos sofreram.

⁵ Para consulta:

<https://www.youtube.com/watch?v=3OTqTgpPsNI>

Quanto ao objetivo específico **“vivenciar percursos com experiências variadas e de cariz prático”** foi claramente cumprido por todo o percurso estabelecido nas planificações apresentadas em Anexo (Anexos 2, e 3) e divulgado nas redes sociais⁶.

No que respeita aos objetivos específicos de **“reconhecer a aplicação do próprio potencial em situações de aprendizagem”** e **“desenvolver hábitos de trabalho conjunto que geram impactos individuais nas suas capacidades de criar, avaliar e decidir sobre ideias”**, todos os alunos, através das equipas de trabalho a funcionar em dinâmicas de grupo, desenvolveram a cooperação e se aperceberam em muitas ocasiões do impacto da utilização das suas capacidades e das capacidades dos seus grupos nos momentos de criação, seleção e avaliação e da forma como isso contribuía para o seu desenvolvimento individual e também coletivo. Estes aspetos constatarem-se ainda tanto a nível do levantamento dos Questionários de Determinação das Capacidades Empreendedoras (ver pág. 86 e Anexo 8) como das entrevistas de grupo (ver pág. 89 e Anexos 17 e 18).

Passando à análise do cumprimento do último objetivo específico: **“desenvolver hábitos de tomadas de decisão acerca do seu percurso de vida”** – neste caso, a prova maior é a concretização do plano de negócios onde tudo, desde a tomada de decisão da criação das miniempresas até à decisão sobre a publicidade a usar nos momentos de venda, espelha bem a recorrência dos hábitos de tomada de decisão dos alunos (ver Anexo 15). Além disso, se recorrermos ao Questionário de Avaliação do Projeto E.L.F. para alunos (ver Anexo 10), verificamos que a maioria aponta perspetivas para um futuro (quer como empresário, quer como trabalhador numa empresa) a desenrolarem-se na região. Não menos importante, apesar de ser um número mais reduzido, a existência de alunos que querem seguir um percurso ligado ao que experimentaram no projeto. Para além disso a esmagadora maioria já soube tomar uma decisão sobre o seu futuro, perante uma situação de escolha.

⁶ Para consulta:

<https://www.facebook.com/613761542079519/photos/pcb.879573722164965/879571802165157/?type=3> ou fazer pesquisa no *Facebook* por “projeto elf”

ou ainda:

https://www.youtube.com/channel/UCSLsroKil_R5yFFNymSdvcA/videos?shelf_id=0&view=0&sort=dd

Deste modo o cumprimento do objetivo geral do projeto, “**promover a tomada de decisão por parte dos alunos**” acaba por estar comprovado pela concretização destes último objetivo específico.

Relativamente ao primeiro dos objetivos gerais, “**valorizar a escola no seio das comunidades onde se insere, garantindo o papel social que desempenha nos processos de coesão social**”, tanto pelos resultados dos questionários de avaliação (ver pág. 86 e Anexo 31) realizado aos alunos como pelas entrevistas de grupo aos encarregados de educação (ver pág. 89 e Anexos 34 e 35) ficou claro que o conjunto das atividades desenvolvidas e divulgadas no âmbito do mesmo foram reconhecidas pelo seu valor pela comunidade educativa e, por conseguinte, as escolas saíram também elas mais valorizadas.

Quanto ao objetivo geral seguinte, “**proporcionar aos alunos conhecimentos e experiências de vida, promovendo as suas relações interpessoais e a “utilidade” do currículo**”, também ele foi atingido, como os objetivos específicos atrás referidos deixam perceber.

Finalmente, em relação ao objetivo geral “**desenvolver uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola**”, também foi sobejamente conseguido, tanto pela divulgação feita das atividades de carácter prático, como pelos alunos enquanto portavoz na relação escola-família, tal como pode ser constatado pelas palavras dos pais nas entrevistas de grupo (ver pág. 89 e Anexos 33 e 34).

Assim, e relativamente às questões orientadoras do trabalho desenvolvido no Projeto E.L.F., verificou-se que a abordagem integrada dos conteúdos do 1º ciclo, em estreita relação com as experiências quotidianas dos alunos e com as atividades da comunidade em que se inserem contribuiu para a referida perceção da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados, levando a uma maior solidez na aquisição dos conhecimentos focados e contribuindo também para um aumento da motivação para novas aprendizagens e para o desenvolvimento das competências-chave do empreendedorismo, conduzindo a uma melhoria gradual dos resultados escolares nas dias turmas (ver pág. 100 e Anexos 40 e 41).

- **Limitações e potencialidades**

A título de remate, importa ainda referir algumas limitações e potencialidades constatadas durante o estudo relativamente à implementação do Projeto E.L.F. e que resultaram, ou em obstáculos a uma maior profundidade do estudo, ou em possibilidades de explorações futuras a nível do projeto, respetivamente.

Começando pelas limitações, foram sentidas as previstas dificuldades de um processo de investigação-ação, ou seja, a intervenção dos investigadores no projeto, acabou por vezes por tornar complexa a elaboração do estudo, sendo difícil analisar isoladamente alguns aspetos, por estarem demasiadamente interligados no processo e existir um conhecimento muito global e completo do mesmo. Estas dificuldades sentiram-se especialmente a nível da clareza de ideias na transmissão de informação, pois estando os investigadores por dentro de cada aspeto do projeto, acabaram por vezes por esquecer que quem lê os resultados do estudo não conhece o processo como eles.

A nível prático, uma das grandes dificuldades foi a falta de tempo para estabelecer contatos e firmar parcerias, uma vez que um projeto desta envergadura beneficiaria muito com a atribuição de tempo para essas tarefas tão indispensáveis ao projeto, ou, pelo menos da atribuição de mais recursos humanos que pudessem ajudar a agilizar essa etapa.

Outra limitação sentida e que a certa altura se tornou muito forte foi a dificuldade em produzir uma articulação deste tipo, tão vasta e tão rica, com currículos com a dimensão e sobretudo grau de exigência dos atuais. É um facto que a estruturação foi planeada, mas muitos dos ajustes (além dos referidos relativos a questões com parceiros ou com o estado do tempo), deveram-se ao acerto do ritmo de leccionamento dos conteúdos. Não obstante este pormenor, o processo foi concluído e com sucesso, mas parece-nos que este tipo de integração curricular, se realizado a partir de um currículo nacional mais aberto e mais flexível, poderia ter resultados ainda mais expressivos e marcantes.

Sendo este um processo feito com base numa vertente prática, com muitas abordagens curriculares a partir de atividades com uma estruturação de exercícios muito personalizada) e outras experiências contextualizadas em cenários reais e concretos, a adoção obrigatória dos manuais escolares no agrupamento tornou-se um obstáculo. Com todos os Anexos que os compõem (livros de fichas cadernos de exercícios, fichas

mensais, ...) e uma tipologia de exercício muito virado para a preparação para exames de final de ciclo e pouco aberto a aplicações com vertente prática (como se pretendia neste percurso curricular), os manuais acabaram por pouco servir como recursos e tornaram-se entraves ao projeto pela pressão extra que lhes estava associada, dado terem sido comprados por encarregados de educação e a sua utilização não ser feita de uma forma tão recorrente como tradicionalmente se faz.

Finalmente, apesar de ser um projeto bastante rico e que deixa perceber muitos ganhos para alunos e professores, é também um processo amplo no seu todo e que funcionaria decerto melhor se desenvolvido numa equipa de trabalho mais alargada, pois assente em apenas dois docentes, cada um deles titulares de turma, provocou algum desgaste, especialmente em termos de disponibilidade temporal (como se referiu acima), mas também em termos económicos (pois os contactos e deslocações também não tiveram qualquer tipo de apoio e ficaram a cargo dos investigadores), podendo ser uma limitação importante à replicação do processo. Todavia, dados os resultados do estudo, parece que possa ser consensual o valor do projeto, pelo que com os devidos apoios a nível da gestão do tempo, deslocamentos e comunicações, parece justificável a replicação do mesmo noutros cenários.

Em termos de potencialidades, e como foi referido nas entrevistas de grupo aos encarregados de educação, o alargamento vertical é uma possibilidade realizável, envolvendo a devida organização e desde que o grupo de docentes participe por sua livre vontade e crença nos resultados do projeto, sendo muito interessante um possível estudo que monitorizasse os resultados de um alargamento deste tipo até ao final da escolaridade obrigatória. Desta feita, seria possível estabelecer a ponte entre o presente estudo e os estudos de Johansen e Schanke (2014) em níveis escolares mais avançados e determinar qual seria o perfil do aluno no final de um trabalho continuado desta forma.

Outra forma de generalizar o Projeto E.L.F. a outras realidades seria a promoção da formação de professores dentro da temática da integração curricular do Empreendedorismo nos Currículos do Ensino Básico com a devida monitorização da aplicação do processo. Apesar das noções sobre educação financeira envolvidas serem bastante básicas, nem todos os docentes as possuem e a aplicação das mesmas através do desenrolar das etapas do projeto são a chave do sucesso do mesmo. Assim, uma formação básica e um acompanhamento para garantir a autoconfiança dos

professores que procedessem à sua implementação também parecem um passo essencial.

É também de referir que o interesse na replicação do Projeto E.L.F. não tem de cair por terra com o receio da amplitude do mesmo. Neste estudo, o projeto foi desenvolvido quase na sua amplitude máxima em relação ao modo como foi idealizado, no entanto, sem outro tipo de recursos de apoio (como referidos anteriormente), o processo pode tornar-se difícil, até angustiante e estar vetado ao insucesso. Ainda assim, o mesmo também está preparado para funcionar em diversos outros moldes, mais simples e menos ambiciosos, como seja ser desenvolvido como Atividade de Enriquecimento Curricular ou como Área de Projeto, virado para a parte prática e mais desligado da integração curricular ou mais centrado no empreendedorismo ou ainda, menos prolongado no tempo.

Além disso, a amplitude global do projeto poderá futuramente dar origem a estudos mais aprofundados sobre outras vertentes que não foram exploradas nos dois estudos decorrentes dele, como o impacto do projeto no agrupamento onde é desenvolvido, o impacto do projeto para os parceiros envolvidos, o impacto de projetos deste tipo nos professores, o impacto em pais e professores que recebessem formação sobre o tema ou, simplesmente, o aprofundar de estudo em torno do recurso a equipas de trabalho como dinâmicas de grupo.

Finalmente, e ainda que pouco focado neste estudo, o Projeto E.L.F. revelou-se também um bom processo de lidar com focos de indisciplina, em especial pela sua parte prática, pois ao delinear-se o plano de negócios com base nas ideias, avaliações e argumentos dos alunos, a parte prática vai centrar-se em áreas do seu interesse, rentabilizando muitas vezes aprendizagens que os alunos mais indisciplinados possuem e que não demonstram e também pelo sucesso curricular que neles promove, com o auxílio das dinâmicas de grupo, por articular conteúdos escolares com aspetos práticos que muitas vezes lhes são familiares e assim complementam a sua compreensão e solidez de aprendizagens. De notar que, ao longo do ano letivo, o número de alunos com registos de comportamento nas cadernetas escolares ou de tramitações disciplinares foi bastante baixo e reduziu muito, se compararmos com os anos letivos anteriores ao desenvolvimento do Projeto E.L.F..

Por tudo isto, acreditando no potencial que o projeto encerra, seria interessante descobrir se não seria o processo ideal para dar resposta a algumas das questões que se levantam no atual panorama educativo nacional:

"Aquilo que temos de ter é um perfil de saída. Não queremos fazer uma reforma curricular, não estamos a falar de uma reforma curricular, mas a partir dos instrumentos que temos de definir - estamos a formar para quê, qual é o perfil de saída dos alunos -, a partir daí identificar em cada disciplina o que é essencial para chegar a esse perfil e flexibilizar o resto"

In DN (30/04/2016), João Costa, Secretário de Estado, à margem da conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores, numa escolaridade de 12 anos, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa

REFERÊNCIAS

- **Bibliografia**

Alonso, L. (2014, maio). *Processo de Construção do Projeto Curricular Integrado*. Seminário no âmbito do módulo de Didáticas Integradas, do Mestrado em Didáticas Integradas em Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais e Sociais promovido pela Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa

Alonso, L. (2013). Investigação para um currículo relevante – Inovação curricular: Transformar o currículo, melhorar a escola. In Sousa, F., Alonso, L., Roldão, M. (Orgs), *Investigação para um currículo relevante* (pp. 29-51). Coimbra: Almedina

Alonso, L. e Sousa, F. (2013). Investigação para um currículo relevante – Integração e relevância curricular. In Sousa, F., Alonso, L., Roldão, M. (Orgs), *Investigação para um currículo relevante* (pp. 53-72). Coimbra: Almedina

Bardin, L. (2008) Definição e relação com as outras ciências. In Bardin, L. (Ed), *Análise de conteúdo* (pp. 29-46). Lisboa: Ed. 70

Barmby, P., Harries, T., Higgins, S. e Suggate, J. (abr 2009) – The array representation and primary children's understanding and reasoning in multiplication. *Educational Studies in Mathematics*, 70 (3), pp. 217-241

Beane, J. (jul/dez 2003). Integração curricular: a essência de uma escola democrática (pp. 91-110). *Currículo sem Fronteiras*, 3 (2), pp. 91-110

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação* (pp. 134-138). Porto: Porto Editora

Carneiro, R. et al. (2000). *O Futuro da Educação em Portugal - Tendências e Oportunidades*. Lisboa: Ministério da Educação

Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional (CEDEFOP) (2006). *Melhorar as políticas e os sistemas de orientação ao longo da vida: Utilização dos instrumentos de referência comuns europeus*. Luxemburgo. Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias

Comissão das Comunidades Europeias (2006, fevereiro). *Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões, Bruxelas

Dias, A. et al. (2013). *Referencial de Educação Financeira*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência

Dias, G., Matos, J. e Vilarinho, H (2010). As inteligências múltiplas na aula de Matemática, In Silver, H., Strong, R. e Perini, M. (Orgs), *Inteligências Múltiplas e Estilos de Aprendizagem* (pp. 386-404). Porto: Porto Editora.

Ghiglione, R. e Matalon, B. (1993) Como inquirir? Os questionários. In Ghiglione, R. e Matalon, B. (Eds.), *O inquérito - Teoria e Prática* (pp. 115-147). Oeiras: Celta Editora

Gutstein, E. (2003) – Teaching and learning Mathematics for social justice. *Journal for Research in Mathematics Education*. 34 (1), pp. 37-73

Gutstein, E. (2007) – connecting community, critical, and classical knowledge In teaching mathematics for social justice. *The Montana Mathematics Enthusiast*. Monograph 1, pp. 109-118

Fonseca, J. (2013). Investigação-ação como abordagem ao currículo: questões metodológicas e éticas. In Sousa, F., Alonso, L., Roldão, M. (orgs), *Investigação para um currículo relevante* (pp. 73-86). Coimbra: Almedina

Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica* (pp. 77-97). Lisboa: Ed. Monitor

Johansen, V. e Schanke, T. (2014) – Entrepreneurship Projects and Pupil's Academic Performance: a study of Norwegian secondary schools. *European Education Research Journal*, 13 (2), pp. 155-166

Loureiro, C. (2008). Literacia Matemática — uma procura de contributos para formar cidadãos mais críticos e intervenientes. In Canavarro, A. (org), *20 anos de Temas na Educação Matemática* (pp 14-25). Lisboa: APM

Malheiros, M. e Valadares, J. (2011). *Comunidades de prática para a melhoria da qualidade de escolas para todos* (pp. 35-61). Lisboa: Universidade Aberta

Pacheco, J. (1996). *Currículo: teoria e práxis* (pp. 15-27). Porto: Porto Editora

Pereira, M., Ferreira, J. e Figueiredo, I. (2007). *Guião «Promoção do Empreendedorismo na Escola»*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação

Pina, J. e Ferreira, R. (2014). *Educação financeira e Empreendedorismo para os primeiros ciclos de aprendizagem*. Lisboa: Escolar Editora

Ponte, J. (2008). *Investigar a nossa própria prática: uma estratégia de formação e construção do conhecimento profissional*. *PNA*, 2 (4), pp. 153 – 158

Roldão, M. (1999). *Gestão curricular – fundamentos e práticas* (pp. 23-35). Lisboa: MEC/DEB

Roldão, M. (2013). Investigação para um currículo relevante – O que é um currículo relevante?. In Sousa, F., Alonso, L., Roldão, M. (orgs), *Investigação para um currículo relevante* (pp. 15-28). Coimbra: Almedina

Seabra, T. (2009). Desigualdades escolares e desigualdades sociais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 59, pp. 75-106

Zabalza, M. (1994). Os diários no contexto dos documentos pessoais e materiais autobiográficos. In Zabalza, M., *Diários de aula* (pp. 82-90). Porto: Porto Editora

- **Webgrafia**

Empreendedorismo [Em linha]. Significados site. Acedido junho 27, 2016, em <http://www.significados.com.br/empreendedorismo/>

Escolas com mais autonomia para flexibilizarem currículo [Em linha]. DN site. Acedido junho 28, 2016, em <http://www.dn.pt/portugal/interior/escolas-com-mais-autonomia-para-flexibilizarem-curriculo-5151467.html>

Famílias, estratégias educativas e percursos escolares [Em linha]. Google Académico site. Acedido abril 06, 2014, em http://scholar.google.pt/citations?view_op=view_citation&hl=pt-PT&user=IR-Z3mEAAAAJ&sortby=pubdate&citation_for_view=IR-Z3mEAAAAJ:UebtZRa9Y70C

Guia Prático do Capital de Risco [Em linha]. IAPMEI site. Acedido julho 24, 2012, em <http://www.iapmei.pt/resources/download/GuiaPraticodoCapitaldeRisco2604.pdf>

Making Math Education Relevant [Em linha]. Youtube site. Acedido junho 14, 2014, em <https://www.youtube.com/watch?v=QNDCVm038ik&feature=youtu.be>

Ken Robinson: Como as escolas matam a criatividade [Em linha]. TED site. Acedido janeiro 4, 2014, em https://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity?language=pt#t-21860

Revisão do PDM – Município de Sobral de Monte Agraço [Em linha]. Município de Sobral de Monte Agraço site. Acedido janeiro 11, 2016, em <http://www.cm-sobral.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=593520f0-e0bc-415b-87e5-a62703af3237&m=a41>

Significado de Empreendedorismo [Em linha]. Significados site. Acedido junho 28, 2016, em <http://www.significados.com.br/empreendedorismo/>

Teaching social justice [Em linha]. Youtube site. Acedido junho 14, 2014, em https://www.youtube.com/watch?v=yYH__zLdG3U&feature=youtu.be

Teste de Capacidade Empreendedora [Em linha]. IAPMEI site. Acedido julho 24, 2012, em <http://www.iapmei.pt/iapmei-bimteste-01.php>

Wikipédia [em linha], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Permacultura#Refer.C3.AAncias> [consultado em 30-03-2015])

ANEXOS

ANEXO 1 - O Bom Português

O BOM PORTUGUÊS

ABRIR PERSPETIVAS DE FUTURO

Escolhemos abrir este prefácio com a palavra bom, não no sentido pretensioso, mas antes no de bondade, palavra esta que tem caído em desuso por ser conotada com ingenuidade, de fácil engano, com utopia, com ser sonhador... O objetivo de ser um homem bom deixou de ser um ideal na formação de um indivíduo; a sociedade exige o sucesso, a prosperidade, inventividade e inovação.

A procura do tentar ser um “bom português”, neste sentido de bondade, de fazer algo bonito e construtivo, de dar e receber boas perspetivas de futuro obriga a um processo de pensamento que em simples palavras se traduz nas seguintes questões:

Quem sou eu?

Com quem sou?

Para que sou?

As respostas a estas questões podem estar centradas no domínio da metafísica, filosofia, religião ou no campo científico. **“Quem sou eu”**, é uma questão que muitas vezes perguntamos a nós próprios ao longo da vida e, por norma, a resposta corresponde ao número de preferências que nos definem numa determinada realidade. **“Com quem sou”** corresponde a um número limitado de pessoas às quais compartilhamos a totalidade do ser sem restrições, uma vez que na maioria das nossas interações com outros demonstramos apenas uma das nossas facetas, a que é socialmente mais aceite naquele determinado contexto. Por fim, **“para que sou”** e, neste caso, somos para que haja alguma bondade, equidade, conhecimento e a mais importante, amor entre aqueles que comigo compartilham o espaço e o tempo em que se desenrola a ação que chamamos de viver.

Assim, viver com bondade e prestar um serviço aos que compartilham connosco o desafio no processo de viver, não poderá estar fora do instrumento que nos define enquanto professores que fazem parte do sistema de ensino público – a educação. Na nossa opinião, é o vínculo perfeito na elevação do espírito humano na vida em sociedade e o meio gerador de mudança para melhor, ou para pior, daquilo que, como povo de uma nação, acreditamos que possa vir a ser o nosso futuro.

Ao longo do percurso feito até chegar aqui, fomos compreendendo que este tipo de processo de pensamento corresponde em grande parte ao que em educação se chama de investigação-ação. Assim, os estudos por nós desenvolvidos (onde se incluem o **Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira – Projeto E.L.F.** – e as duas teses desenvolvidas com base no mesmo), pretendem ser um reflexo desse mesmo processo. Desse percurso, resultaram a delineação de metodologias e a produção de materiais pedagógicos para partilhar com outros que, como nós, esperando que se sintam inspirados a experimentar uma aplicação prática dos valores acima referidos, adaptando-os às suas realidades de ensino e assim possam, à sua maneira, pensar também na seguinte questão que nos moveu e deu origem ao projeto:

“Como corrigir as desiguais condições de partidas resultantes da origem social e, simultaneamente, generalizar a aquisição de atitudes e saberes necessários à inovação e ao empreendedorismo?”

Mas porque o tema deste prefácio gira em torno da bondade, há que tentar colocar a questão de uma forma mais genuína, mais aproximada ao discurso oral:

“Será que é possível ensinar estratégias e padrões de pensamento que permitam às pessoas evitar os impulsos que afetam a sua vida futura, fazendo com que tomem decisões informadas, colocando-os na rota da prosperidade, do conhecimento e da bondade, numa espiral ascendente, contemplando, ao mesmo tempo, as dimensões das três perguntas fundamentais (Quem sou eu - Com quem sou - Para que sou)?”

ou, por outras palavras,

“Como voltar a ter e a dar perspectivas de futuro positivas, que incluam a possibilidade de uma mudança de posição social que seja credível?”

Para estas perguntas, foram geradas respostas simples de aplicação fácil, no entanto, a complexidade das múltiplas dimensões que estas questões abrangem e integram e também dos estudos teórico-científicos que as suportam, deram origem a uma fundamentação teórica, que se revelou bastante extensa.

O Projeto E.L.F surgiu antes da preocupação com esta fundamentação teórica e teve por base os sentimentos de preocupações pessoais, perfeitamente comuns àqueles que diariamente estão à nossa volta e com quem partilhamos as nossas dúvidas, incertezas e ideais que perspetivem um futuro mais feliz. Tem um desenho inspirado na permacultura – que dá ênfase a uma aplicação criativa dos princípios básicos da natureza integrando plantas, animais, construções e pessoas em um ambiente produtivo e com estética e harmonia (“permacultura”, in Wikipédia [em linha], <http://pt.wikipedia.org/wiki/Permacultura#Refer.C3.AAncias> [consultado em 30-03-2015]) – e na nossa experiência de vida e daqueles que nos rodeiam, o que nos levou sempre a conduzi-lo de modo a que, em todos os momentos, refletisse a ideia de que tal como a vida, apesar de complexa, se deve desenvolver de uma forma simples e fácil, caso contrário não existiria.

Esta linha de pensamento foi refletida e usada como referência durante todos os momentos de planificação e reavaliação do processo.

UM PROCESSO ATÍPICO

Éramos colegas de trabalho, mas poucas vezes tínhamos falado antes daquela tarde. Nessa tarde, enquanto nos sentávamos na grande sala comum a tantos professores do país – paragem do autocarro em frente à escola – em que se travam conversas variadas, surgiu uma sintonia de ideias e uma vontade extraordinária de fazer “qualquer coisa” em relação aos problemas antes referidos e vivenciados por nós e por tanta gente à nossa volta.

Quantos de nós já vivenciámos a experiência de, numa tarde de conversa, focar os problemas do mundo, analisá-los e até, de certa forma, encontrar respostas válidas para esses problemas que são globais e que de alguma maneira nos tocam? O que acontece normalmente no final dessas conversas é um sentido de dever racional cumprido mas com possibilidade de se fazer muito pouco, ou nada “...cabe aos políticos decidir porque nós não podemos fazer nada...”. Mas naquela tarde foi diferente... Falámos da quantidade de gente que o ensino desperdiçava ou excluía, sendo as consequências dessa exclusão os comportamentos desviantes, a anulação de objetivos e sonhos e um desperdício monumental da nossa

principal matéria-prima, a inteligência e capacidade de trabalho como povo. Tal aconteceu porque o peso dado pela sociedade, por via da escola, no que se refere ao campo da matemática e das línguas, tem uma relevância muito maior do que as restantes áreas da inteligência humana. E se até há algum tempo esse peso poderia fazer algum sentido, pois essa seleção era a que dava mais garantias de empregabilidade, ascensão social e perspectivas de futuro, atualmente, até esse argumento estava a desaparecer pois começaram a aparecer famílias com o seguinte discurso: "...estou muito orgulhosa da minha filha foi a primeira da família a completar o ensino superior, infelizmente para a área dela é muito difícil arranjar emprego..."

Assim, ter mais estudos deixou de dar equivalência, tanto à mudança como à manutenção social que até aqui existia. O problema da exclusão dos vários tipos de inteligência associado à falta de perspectivas de futuro por parte daqueles que terminavam o seu percurso académico, não podia ficar sem resposta nem à espera que alguém a desse. A resposta na altura foi simples: "temos de arranjar alguma maneira de dar aos nossos alunos, aproveitando e valorizando os diferentes tipos de inteligência que possuem, instrumentos que os preparem para futuramente serem capazes de gerar o seu próprio emprego fazendo o que gostam ou, se isso não for possível, que pelo menos que os preparem pra evitar perderem dinheiro e serem capazes de fazer uma gestão dos recursos familiares de forma mais eficaz. Na sequência desta conversa, ficaram retidas as seguintes objetivos-chave, como ponto de partida:

- a) Valorizar o papel da escola no seio das comunidades onde se inserem, de forma a justificar a manutenção do seu funcionamento (numa altura em que se fechavam escolas e se faziam convergir os alunos para grandes centros educativos);
- b) Dar aos alunos conhecimentos e experiências de vida e estabelecer a ligação entre os mesmos e a "utilidade" do currículo;
- c) Habituar os alunos a tomar decisões informadas ao longo do seu percurso de vida;
- d) Desenvolver uma rede de troca de conhecimentos em torno da escola.

Olhando à nossa volta existiam muitas histórias de pessoas, que não tendo grande percurso académico, foram capazes de gerar riqueza e conforto para si e para as suas famílias. O que havia de especial nessas pessoas que, com a sua força de vontade e experiência, se tinham tornado capazes de gerarem o seu próprio emprego com níveis de conhecimento profundos nas áreas em que se movimentam?

Partindo da informação dessas experiências, verificamos que as competências que tinham sido identificadas como mais importantes eram na sua grande parte as competências associadas ao empreendedorismo, compreendemos também que as questões ligadas ao dinheiro e à banca tinham um papel fundamental como instrumento de concretização de ideias. Deste modo, tornou-se óbvio para nós aquilo que poderíamos fazer como professores. Teríamos que de alguma maneira aliar o currículo nacional às competências do empreendedorismo e ao mesmo tempo ajudar os alunos a compreender, a descodificar e saber de forma consciente utilizar a linguagem dos bancos entrando assim na ideia inicial - a literacia financeira.

Estava descoberta a resposta à questão "**Quem sou, como professor?**".

Mas como poderiam dois professores de aldeia, sozinhos, fazer alguma diferença que fosse significativa na vida dos alunos e das famílias que formam as comunidades onde as escolas se inserem?

A SOPA DA PEDRA

Foi o primeiro plano que elaboramos: os tempos eram de crise, não havia nem tempo nem financiamento para apoiar novos projetos por parte das entidades competentes para além do mais, o plano era apenas um conceito com boas intenções, que abordavam temáticas que há primeira vista ainda não eram muito claras para a maioria dos adultos quanto mais para aplicar em alunos do primeiro ciclo.

Sabíamos que era uma desconfiança natural e que sozinhos, era-nos impossível anulá-la. Teríamos que ter parceiros externos que pudessem contribuir para a construção do projeto e que, ao mesmo tempo, lhes dessem a consistência que permitisse dissipar a desconfiança inicial que existe quando se apresenta algo de novo.

Tínhamos pela nossa frente que tentar convencer uma multidão de gente de diferentes áreas. Olhando em retrospectiva, se tivéssemos antevisto todas as tarefas que teríamos de percorrer, é muito provável que nunca tivéssemos avançado, mas na altura o caminho inicial surgiu de forma clara:

Fase 1 - fazer um levantamento de equipamentos e bens materiais do concelho que estivessem subaproveitados e que de alguma maneira pudessem ser rentabilizados pelo projeto.

Fase 2 - Ir ao encontro dos conhecimentos e gostos locais, onde foi notório o impacto que o sector primário teve no passado, setor esse que tinha vindo a perder terreno para o terciário mas que neste momento também começava a estagnar e a retroceder.

Fase 3 - Fazer o suporte teórico do projeto, apresentando cruzamento das competências curriculares com as competências do empreendedorismo e literacia financeira, utilizando recursos e saberes existentes de forma a viabilizar a aplicação do projeto em ações empreendedoras (trabalhos de cariz prático) com custos de oportunidade e custos financeiros muito reduzidos, que nunca deveria ser suportado pelos pais dos alunos. Toda esta articulação exigiu da parte dos docentes uma reorganização do desenho curricular que garantisse, em relação às várias áreas, o encadeamento e relevância para a sequência pretendida, de modo a tornar o currículo visivelmente significativo para os alunos.

Fase 4 - Obter autorização do agrupamento para poder operacionalizar o projeto e reunir as parcerias necessárias, sem que houvesse prejuízo do cumprimento do horário letivo, nem de todas as atividades e responsabilidades inerentes ao cumprimento de serviço.

Fase 5 - Cooptação de parcerias.

Fase 6 - Operacionalização.

Fase 7 - Avaliação.

Fase 8 - Divulgação e expansão.

Foi justamente em relação às parcerias e à manutenção dos custos do projeto em níveis de praticamente zero, que a história da “sopa da pedra” nos inspirou. Teríamos de fazer uma apresentação a cada um dos parceiros, indicando as vantagens para cada um deles e ao mesmo argumentar que os gastos de tempo ou recursos que estes iriam ter eram muito poucos comparados com as vantagens que poderiam retirar por estarem associados a este projeto e que o trabalho que iriam ter era muito pouco, uma vez que o grosso do trabalho de produção, execução e divulgação ficaria por nossa conta.

Os parceiros que teríamos de cooptar ao chegarmos à fase 4, também nos surgiram com muita clareza. Em primeiro lugar, os alunos. O que achavam da ideia, se lhes parecia interessante trabalhar no projeto utilizando os recursos à disposição, em suma: o que iriam fazer, porque é que o iam fazer, como é que iriam fazer e o que se esperava deles durante este processo. A ideia foi recebida com muito entusiasmo, como se fosse qualquer coisa que já deveria ter começado ontem.

O segundo parceiro foram os pais dos alunos que frequentam os estabelecimentos de ensino onde iria ser implementado o projeto; a estes foi necessário explicar que todos os conteúdos curriculares iriam ser lecionados, apenas iríamos alterar a sua ordem temporal para que estes se tornassem significativos à medida que executávamos os trabalhos práticos referentes ao projeto, que iriam ser mobilizados e valorizados os conhecimentos e os gostos culturais de cada uma das comunidades onde as escolas se

inserir e que esse processo iria contribuir para a valorização da escola, da comunidade e das famílias que mais de perto acompanhassem este processo. Por parte dos pais a ideia foi bem recebida. Os seus filhos estavam entusiasmados com o tipo de aprendizagens que iriam fazer na escola, o projeto abordava temáticas que iam ao encontro das suas preocupações atuais e que estão relacionadas com o futuro dos seus filhos e, ao mesmo tempo, a escola estava a abrir as portas de forma a valorizar gostos e conhecimentos, que nem sempre foram reconhecidos ou valorizados, mas que são parte da identidade coletiva local.

O parceiro seguinte foi a associação de pais do Agrupamento, que tem uma visão mais global do panorama educativo nacional. Na altura do primeiro contato, tinham uma posição muito reticente relativamente à qualidade de ensino praticado nas escolas das aldeias, uma vez que estas apresentavam turmas que chegam a ter os quatro níveis de ensino do primeiro ciclo e estavam instaladas em edifícios que são do plano centenário e que contrastam com a modernidade exterior dos novos centros educativos.

Apresentámos à A.P.E.A.V.E.S (associação de pais) um documento explicativo do projeto e convidamos o seu presidente a deslocar-se às nossas escolas. Verificou por si, que apesar do aspeto exterior dos edifícios ser datado, estes se encontram bem mantidos, que no seu interior tinham equipamentos e tecnologia com padrões atuais, que eram escolas que tinham muito mais proximidade com os pais e com a comunidade, onde a vigilância e segurança dos alunos é mais eficaz do que nos centros escolares e por fim, verificou que o trabalho em parceria de grupos dentro da sala de aula, com diferentes níveis de ensino e idades, não só pode ser feito com qualidade, como pode ser uma mais-valia na troca de saberes entre os alunos mais velhos e mais novos. A associação de pais tornou-se uma forte apoiante do projeto, contribuindo com donativos, presença em atividades e divulgação. Tornou-se também uma força dentro e fora do conselho de apoio à manutenção da atividade educativa nestas escolas.

Outro parceiro selecionado foi a Escola Agrícola Fernando Barros Leal, a qual, sendo um parceiro ligado à educação, também partilhava algumas das preocupações que nos levaram a construir este projeto, e participou fornecendo informações sobre técnicas agrícolas modernas, encaminhamento e possibilidades profissionais e ajuda na construção e montagem de estufas nas escolas. Estas, por sua vez, iriam ser o motor para a obtenção de produtos reais resultantes das miniempresas fictícias criadas pelos grupos de alunos nas suas ações empreendedoras. Ao mesmo tempo essas ações iriam ser uma ponte de passagem de conhecimentos e técnicas para as comunidades envolvidas às escolas.

Foi também necessário encontrar empresas na região que se disponibilizassem a ser visitadas pelos alunos, com vista a estes compreenderem a linha existente entre as aprendizagens curriculares, as ações empreendedoras que se tentam simular, a possível aplicação prática para esses conhecimentos e, por fim, fazer a ligação de como funcionam as coisas fora do espaço escolar, num empreendimento que gera postos de trabalho e riqueza.

Os próximos parceiros seriam membros da comunidade local que já não estivessem na vida laboral ativa, mas que encerram em si muitos dos conhecimentos que contribuiriam para a economia e cultura do concelho. Pedimos uma parceria à associação de reformados que não funcionou (e atualmente foi substituída pelo Clube Sobral Sénior), embora alguns dos seus associados, a título individual, se tivessem disponibilizado a participar, no sentido de contarem partes da sua história de vida e conhecimentos práticos, que estivessem ligadas aos assuntos que estavam a ser curricularmente abordados na escola, permitindo aos alunos entender a ligação entre as abordagens curriculares e a sua aplicação prática, dentro de um tema ligado a uma ação empreendedora, que tem como suporte o sector primário, uma vez que era o sector que apresentava melhores condições para a implementação do projeto, conforme a análise das conclusões das fases 1 e 2.

Um outro parceiro ligado à Educação, foi a Escola Superior de Educação de Lisboa que demonstrou sempre interesse em apoiar, motivar, encaminhar e ajudar a divulgar as práticas ligadas ao projeto. No âmbito do mesmo, era uma maneira de solidificar as bases teóricas e didáticas. Esse apoio foi e continua a ser de grande importância, pois tem ajudado a legitimar um processo que é algo novo.

Na altura também nos pareceram importantes parcerias ligadas ao departamento de projetos do Ministério da Educação, mas do qual nunca obtivemos grande resposta, sendo apesar de tudo de salientar o contributo dado ao indicar-nos como orientação documentação sobre empreendedorismo nas escolas.

Uma parceria ligada à parte do empreendedorismo e formação de empresas (A.C.I.R.O.), contribuiu com o encaminhamento na procura de documentação sobre a elaboração de planos de negócios. Da nossa parte tivemos de criar uma estrutura nova para um plano de negócios que estivesse adaptado a uma linguagem adequada às idades com que iríamos trabalhar, sem que isso compromettesse os pontos-chave sobre os quais é necessário incidir e refletir sobre as várias vertentes necessárias ao seu correto preenchimento. Por parte da A.C.I.R.O., foi feita uma validação informal da estrutura do plano construído. Após este trabalho a A.C.I.R.O. tornou-se parceira num projeto de empreendedorismo nas escolas do primeiro ciclo no Concelho de Torres Vedras, tendo deste modo terminado a parceria com o Projeto E.L.F..

Achámos que uma parceria que desse mais consistência no campo da literacia financeira, faria sentido. Procurámo-la junto da Caixa Agrícola de Sobral de Monte Agraço, mas a parceria não foi fácil. No final da reunião sentimos que falávamos linguagens completamente diferentes e essa barreira na linguagem levou-nos a contactar um perito em marketing, que nos explicou que para atingir os nossos objetivos neste campo teríamos de alguma maneira conseguir explicar as nossas intenções respondendo a algumas perguntas em relação ao projeto: **“O que é?”**, **“Para que serve?”**, **“Como se aplica?”**. Numa segunda reunião foi então possível estabelecer a parceria, que envolvia um concurso e uma campanha de divulgação do projeto e que por isso acarretava alguns custos na produção de materiais, quer para a divulgação, quer para o concurso, idealizado com o objetivo informar e fazer pensar em questões ligadas ao empreendedorismo e literacia financeira. No decorrer desta parceria, mais ou menos a meio do primeiro ano da implementação do projeto, fomos informados que devido a cortes orçamentais o parceiro só poderia contribuir com metade do valor acordado... Assim terminou a parceria com a entidade bancária, mas o projeto ganhou uma dimensão prática diferente – se como ser humano devo pensar nas perguntas **“Quem sou?”**, **“Com quem sou?”**, **“Para que sou?”**, em relação às ideias empreendedoras e objetos teria de se pensar no sentido de encontrar respostas para outras questões: **“O que é?”**, **“Para que serve?”** e **“Como se aplica?”**. Para entender melhor o que queremos dizer com estas perguntas, há que explicar da mesma forma que explicamos aos alunos: Pegamos num objeto, uma chave, por exemplo, e questionamos:

- O que é?

A resposta surge com facilidade:

-É uma chave.

Para que serve?

- Para fazer funcionar as fechaduras e abrir portas.

Como se aplica?

Por norma faz-se silêncio nesta altura....

O recorte da chave é colocado na mesma posição da ranhura da fechadura; a chave é empurrada para dentro da fechadura e girada no sentido dos ponteiros do relógio, fazendo deste modo funcionar o mecanismo que nos permite abrir a porta. Se quisermos trancar a porta, o movimento deverá ser o contrário ao sentido dos ponteiros do relógio. No final da operação de abrir ou de trancar retira-se a chave.

Se pensarmos nestas perguntas, quando temos uma ideia ou criamos um objeto, torna-se mais claro para nós e para os outros o que pretendemos.

As últimas parcerias aqui referenciadas são aquelas que, quer em termos de operacionalização, (na cedência de transporte gratuito nas deslocações no âmbito do projeto, assim como na aquisição dos materiais necessários à construção das estufas) quer em termos de divulgação, mais contribuíram (e continuam a contribuir cada vez mais) para a implementação do projeto no terreno: a Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço e Juntas de Freguesia de Santo Quintino e Sapataria.

Também como parceiros de divulgação local e aos concelhos limítrofes contámos com a rádio “Oásis” (a qual contribuiu, até ao seu encerramento no final do ano de 2014, para a divulgação das ações no âmbito do projeto em particular aquelas que envolviam a comunidade), com o canal Lisboa (através do seu programa “Nós e a escola”) e finalmente com o parceiro que veio a substituir a rádio, o jornal semanal de Torres Vedras “O Badaladas”.

Com o contributo de todos os parceiros, estavam reunidos os ingredientes necessários para fazer esta “sopa”. Estava deste modo montada uma teia de conexões entre a temática do projeto e os alunos, pais, professores, representantes da comunidade de diferentes gerações e diferentes saberes, empresas, escolas, decisores políticos locais e meios de comunicação.

Como professores, tínhamos encontrado a resposta à segunda questão “**Com quem sou?**” e passámos a ser com todas estas dimensões, com toda esta gente que se juntou em torno de uma ideia.

UM “TIPO MANHOSO”

Como já se referiu, uma coisa que sempre teve a máxima importância quando o Projeto E.L.F. foi pensado, foi o desejo de contribuir com um instrumento concreto, que pudesse melhorar a nossa qualidade de vida e daqueles que nos rodeiam. Para nós a resposta era clara e óbvia, claridade essa, acompanhada pela ingenuidade e fé de que seria claro para todos.

No entanto, à medida que o percurso ia ganhando forma e consistência, também começaram a surgir as vozes que duvidavam do caminho que tínhamos decidido prosseguir. As questões prendiam-se invariavelmente com a imagem residual do perfil do empreendedor e do seu significado que paira no subconsciente de muita gente. Para os discordantes, a imagem do empreendedor é quase sempre a de um “tipo manhoso” saído de um filme dos anos 80, um explorador com poucos escrúpulos, cujo objetivo é o lucro a qualquer custo. Precisamente o tipo de personalidade que deu origem à crise, aproveitando-se da falta de literacia financeira e ingenuidade das pessoas, alimentando-se da miséria, do medo e da ganância.

Era, portanto, necessário clarificar a diferença entre o verdadeiro empreendedor e o explorador (o “tipo manhoso”) de baixo salário, trabalho precário, aquele que enriquece com propostas aliantes de ganhos que não existem, despojando as populações das suas poupanças, geradas por uma vida de trabalho.

Para nós o **empreendedor** é o indivíduo que trabalha e que domina as **competências do empreendedorismo** (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007, pp.21-22) – tendo em vista a criação de projetos que sejam benéficos para si e para aqueles que o rodeiam:

Autoconfiança/Assunção de riscos

Iniciativa/Avaliação/Energia

Resiliência

Planeamento/Organização

Criatividade/Inovação

Relacionamento interpessoal /comunicação

Por fim, para que a ideia fosse aceite como parte da visão coletiva, para podermos garantir a cientificidade do processo através de um suporte teórico consistente e também para melhor poder explicá-lo a outros, tornou-se importante aos nossos olhos, obter uma validação através de uma instituição com valências para o fazer e que tivesse um reconhecimento unânime de qualidade nos processos de formação na educação. Além disso havia chegado o momento em que se tornou necessário obter mais formação para aprofundar e agilizar o processo, ao mesmo tempo em que poderia ser feita a ponte para a divulgação em meio académico. Para nós, a resposta foi clara: a Escola Superior de Educação de Lisboa.

Com a frequência do mestrado, viemo-nos a aperceber da profundidade e da complexidade teórica por detrás de cada uma das dimensões do projeto. Sendo assim, tentamos olhar de forma separada estas dimensões, tornava muito difícil encontrar a resposta à última pergunta “**Para que sou, como professor?**”. É também essa resposta que buscámos na investigação que decidimos fazer em torno deste projeto e no âmbito da tese de mestrado. No entanto, também por esse prisma, toda a riqueza do projeto não poderia ser analisada em profundidade no âmbito de teses de mestrado. Assim, foi necessário incidir os estudos e definir duas temáticas centradas em apenas duas dessas dimensões, tendo sido selecionadas as que pareciam mais interligadas com o tema do Mestrado das Didáticas Integradas. Por conseguinte, optou-se por selecionar as dimensões curricular e de interligação às Ciências Sociais, o que, não obstante o desenvolvimento das restantes dimensões com a continuidade do desenrolar do projeto, se pretende que possa permitir perceber o impacto destas dimensões no âmbito de um processo de investigação-ação.

Esperamos que no final da investigação, também para esta última questão seja encontrada uma resposta ou que durante a investigação e conclusões dela retiradas, sejam apontados novos caminhos.

LINHA DO TEMPO

Apenas com o intuito de contextualizar também no tempo o percurso desenvolvido até agora e desde a criação do Projeto E.L.F., é de salientar que o mesmo começou por ser idealizado informalmente – na paragem do autocarro – no final do ano letivo 2010/2011, operacionalizado gradualmente nos anos letivos seguintes e está a ser implementado no seu todo e muito próximo da forma globalmente idealizada no presente ano letivo de 2014/2015.

UM CAMINHO, DOIS INDÍVIDUOS

PARTE INDIVIDUAL DAS TESES

Ao longo de todo este longo percurso, gerou-se um processo de amizade e uma coadunação de pensamento profissional e ético que fazem com que a transmissão de ideias relativamente ao trabalho desenvolvido, que assumiu um contorno de parceria pura, se torne impossível de individualizar, uma vez que todas elas foram pensadas, ponderadas e avaliadas sempre conjuntamente e decorrentes das características complementares que caracteriza cada um de nós. No papel de professores, teorizamos frequentemente sobre valores de amizade, respeito, autoconfiança e satisfação pessoal, logo teríamos necessariamente, e também em consonância com os valores do próprio projeto que desenvolvemos, que

agir de acordo com os mesmos princípios, e isso retratou-se, no caso destes estudos, na transmissão de informação conjunta e partilhada, razão pela qual uma boa parte das teses são semelhantes – e individualizadas apenas onde se justifique – já que, de certa forma, espelham um percurso de vida, que ao relembrarmos queremos que seja positivo e construtivo.

ANEXO 2 – Articulação Mensal do Projeto E.L.F.

Empreendedorismo

.	.	.	• Explicitação do projeto às famílias dos alunos Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas (César Lourenço) • Seleção da área de exploração da empresa • Construção dos espaços escolares agrícolas e de jardinagem
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Estudo do Meio

.	.	• As profissões (1.ª/2.ª Ano) • As atividades económicas (3.ª/4.ª)	• As profissões (1.ª/2.ª Ano) • As atividades económicas (3.ª/4.ª)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Português

.	.	.	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Matemática

.	.	.	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Expressões

.	.	.	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Registos

.	.	• Inquérito sobre a interiorização dos currículos escolares aplicados à vida prática	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

setembro/outubro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas Seleção dos espaços e das estruturas 	<ul style="list-style-type: none"> Seleção dos espaços e das estruturas Construção de um startup plan 	<ul style="list-style-type: none"> Visita de estudo: Armazém de exportação e transformação de produtos (dia 17 – Campoeste e Hortorres – Catarina Santos, Carla Miranda e José Costa) Construção dos espaços escolares agrícolas e de jardinagem Sementeira de alho, tremçoço, fava e ervilha. Exploração do livro: O pequeno inventor (2.º/3.º/4.º) Construção de um startup plan 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alho, tremçoço, fava e ervilha. Criação do logotipo da empresa
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> As atividades económicas (3.º/4.º) Sementeira de alfaces, cenouras, couves e brócolos na horta. Plantação de bolbos e estacas de roseiras. As plantas (1.º/2.º/3.º) As plantas (1.º/2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alfaces, cenouras, couves e brócolos na horta. Plantação de bolbos e estacas de roseiras. As plantas (1.º/2.º/3.º) A reprodução das plantas (2.º/3.º Ano) Plantas cultivadas e espontâneas (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> As plantas (1.º/2.º/3.º) A reprodução das plantas (2.º/3.º Ano) Plantas cultivadas e espontâneas (2.º/3.º/4.º) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Português

	<ul style="list-style-type: none"> O texto poético (1.º/2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a novembro (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> O texto poético (1.º/2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a novembro (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto narrativo/descritivo sobre a visita de estudo (2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Exploração da obra "Os heróis da horta" – Atividade de didáticas integradas (2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a Dezembro (1.º/2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Os números decimais (2.º/3.º/4.º) O dinheiro (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> As unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) As figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) Os ângulos (2.º/3.º/4.º Ano) 	<ul style="list-style-type: none"> As unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) As figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) Os ângulos (2.º/3.º/4.º Ano) Revisão da metade, terça-parte, quarta-parte, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Revisão do dobro, triplo, quádruplo, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> As unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) As figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) Os ângulos (2.º/3.º/4.º Ano) Revisão da metade, terça-parte, quarta-parte, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Revisão do dobro, triplo, quádruplo, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Expressões

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

novembro

Registos

<ul style="list-style-type: none"> Guião de trabalho sequencial de construção do plano de negócios (pontos-chave para trabalhos de grupo) Guião para as visitas de estudo 	<ul style="list-style-type: none"> Fichas de sistematização de interiorização de conceitos presentes no startup plan 		<ul style="list-style-type: none"> Mapa de integração curricular (ao longo do ano) Cartaz das dicas de poupança (ao longo do ano)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

novembro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Criação do logotipo da empresa Ida de um agricultor mostrar o processo de criação de réstias de cebolas e alhos (Mário Domingos) Preenchimento do startup plan. 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de salsa. Construir abrigos contra o gelo. Preenchimento do startup plan. 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de salsa. Construir abrigos contra o gelo. Plantar jarros. Atividade experimental: aquecimento sem energia elétrica – atividade de didáticas integradas Energias renováveis. 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> Os animais (2.º/3.º) As cadeias alimentares (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Os animais (2.º/3.º) Relação dos estados do tempo com a estação do ano, o desenvolvimento das plantas e os hábitos dos animais (2.º/3.º) As estações do ano (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> As funções que fazem dos animais e plantas seres vivos As estações do ano (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Português

<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Variação dos nomes (2.º/3.º/4.º) Nomes coletivos (2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Variação dos nomes (2.º/3.º/4.º) Nomes coletivos (2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto narrativo/descritivo sobre a visita de estudo (2.º/3.º/4.º) Variação dos nomes (2.º/3.º/4.º) Nomes coletivos (2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Revisão da metade, terça-parte, quarta-parte, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Revisão do dobro, triplo, quádruplo, ... a partir dos canteiros da horta (2.º/3.º/4.º) Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Expressões

<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> Construção de mealheiros com material reciclado (TPF, em grupo, com família) 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Registos

<ul style="list-style-type: none"> Guião de Literacia Financeira 	<ul style="list-style-type: none"> Startup plan (afecção ao longo do ano) 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

dezembro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de batata, ervilha, fava, cebola, salsa, tomate na horta. Plantar morangueiros. Plantação de ervilhas-de-cheiro, lírios, goivos e miosótis no jardim. 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de batata, ervilha, fava, cebola, salsa, tomate na horta. Plantar morangueiros. Plantação de ervilhas-de-cheiro, lírios, goivos e miosótis no jardim. Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias (José Martins) 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alface, couve, nabo e nabica na horta. Plantação de gipsófilas, sécias e zínias no jardim. Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias (José Martins) 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alface, couve, nabo e nabica na horta. Plantação de gipsófilas, sécias e zínias no jardim.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

janeiro

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> O corpo humano (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> O corpo humano (2.º/3.º/4.º) A higiene do corpo (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> O ciclo da água (2.º/3.º/4.º) Relação dos estados do tempo com a estação do ano, o desenvolvimento das plantas e os hábitos dos animais (2.º/3.º) Substâncias perigosas – em particular os pesticidas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Os astros e os pontos cardeais e a relação com as culturas e estações do ano (3.º/4.º) A evolução dos trajes e costumes no meio agrícola e pecuário – (2.º/3.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

janeiro

Português

<ul style="list-style-type: none"> Recolha de provérbios alusivos a Janeiro (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Recolha de provérbios alusivos a Janeiro (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Texto narrativo/descritivo sobre a visita de estudo (2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a Fevereiro (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

janeiro

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro - Cálculo informal (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro - Cálculo informal (2.º/3.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

janeiro

Expressões

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

janeiro

Registos

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

janeiro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> • Plantação de gipsófilas, sécias e zínias no jardim. • Sementeira de alface, couves, nabiça, pimento, repolho, feijão e tomate na horta. Transplantar cebolas e couves semeadas em Dezembro. Plantar batata para colher em Junho. Plantar morangueiros. • Plantação de gipsófilas, ciclames, cóleos e sécias. • Ida à escola de um vedor para ensinar a localizar lençóis de água (Mário Domingos) • Ida de um agricultor à escola mostrar os processos de poda e enxertia (Mário Domingos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Articulação com a BE: D. Dinis e o desenvolvimento da agricultura (4.º) • Sementeira de alface, couves, nabiça, pimento, repolho, feijão e tomate na horta. Transplantar cebolas e couves semeadas em Dezembro. Plantar batata para colher em Junho. Plantar morangueiros. • Plantação de gipsófilas, ciclames, cóleos e sécias. • Ida de um apicultor para mostrar uma colmeia e falar da polinização (Mário Domingos) • Construção dos espaços escolares agrícolas e de jardinagem (Escola Profissional Agrícola Fernando Barros Leal) 	<ul style="list-style-type: none"> • Plantação de manjericos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Plantação de manjericos.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

fevereiro

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> • Articulação com a BE: D. Dinis e o desenvolvimento da agricultura (4.º) • As rochas e os solos (3.º Ano) 	<ul style="list-style-type: none"> • As rochas e os solos (3.º Ano) • Simbologia de perigo (1.º/2.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Articulação com a BE: A importância da produção agrícola para a Capital até aos dias de hoje (3.º/4.º) • Simbologia de perigo (1.º/2.º) • 1.ºs Socorros a ter em locais como empresas, escolas, ... (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • 1.ºs Socorros a ter em locais como empresas, escolas, ... (3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

fevereiro

Português

<ul style="list-style-type: none"> • Recolha de provérbios alusivos a Fevereiro (1.º/2.º/3.º/4.º) • Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Recolha de provérbios alusivos a Março (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Recolha de provérbios alusivos a Março (1.º/2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

fevereiro

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> • Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) • O dinheiro – abordagem interligada à importância do mesmo na articulação entre sectores primário, secundário e terciário • O dinheiro e a importância na sequência entre os sectores laborais (2.º/3.º/4.º) • A área – cálculo informal (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) • O dinheiro – abordagem interligada à importância do mesmo na articulação entre sectores primário, secundário e terciário • O perímetro - Cálculo informal (2.º/3.º) • O perímetro (3.º/4.º) • A área – cálculo informal (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) • O dinheiro – abordagem interligada à importância do mesmo na articulação entre sectores primário, secundário e terciário • O perímetro (3.º/4.º) • Cálculo das áreas a partir da horta (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) • As unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º) • O perímetro (3.º/4.º) • Cálculo das áreas a partir da horta (3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

fevereiro

Expressões

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

fevereiro

Registos

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana
------------	------------	------------	------------

fevereiro

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alface, ervilha, couves, nabiça, espinafre, feijão, pepino e salsa na horta. Plantação de amores-perfeitos, cravos, crisântemos, dâlias e bocas-de-lobo no jardim. Construção dos espaços escolares agrícolas e de jardinagem (Escola Profissional Agrícola Fernando Barros Leal) 	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de alface, ervilha, couves, nabiça, espinafre, feijão, pepino e salsa na horta. Plantação de amores-perfeitos, cravos, crisântemos, dâlias e bocas-de-lobo no jardim. 	<ul style="list-style-type: none"> Visita de estudo à Escola Agrícola de Runa (dia 16 – Patrícia Monteiro) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> Articulação com a BE: O desenvolvimento da Agricultura na República (3.º/4.º) 		<ul style="list-style-type: none"> Ciclo de produção de verde – Atividade CTS de didáticas integradas A poluição (1.º/2.º/3.º/4.º) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Português

<ul style="list-style-type: none"> Recolha de provérbios alusivos a Março (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) O perímetro (3.º/4.º) Cálculo das áreas a partir da horta (3.º/4.º) As unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Expressões

		<ul style="list-style-type: none"> Ensaio para o teatro – a Cigarra e a Formiga – Parceria com a Sobral Sénior 	
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Registos

	<ul style="list-style-type: none"> Guião para as visitas de estudo 		
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

março

Empreendedorismo

.	<ul style="list-style-type: none"> Sementeira de milho, cenouras e feijão. Plantação de girassóis, malmequeres, , dalias e gladiolos no jardim. Colheitas na horta. 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Visita ao museu de Pero Negro (dia 19? – Sr. Belarmino). 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Visita ao museu de Pero Negro (dia 26? – Sr. Belarmino).
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Estudo do Meio

.	<ul style="list-style-type: none"> Ciclo de produção de verde – Atividade CTS de didáticas integradas A poluição (1.º/2.º/3.º/4.º) Os transportes e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º) Os meios de comunicação e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Os transportes e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º) Os meios de comunicação e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º) 	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Português

.	<ul style="list-style-type: none"> Recolha de provérbios alusivos a Abril (1.º/2.º/3.º/4.º) Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º) Recolha de provérbios alusivos a Maio (1.º/2.º/3.º/4.º) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Matemática

.	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) Continuação das unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º) Continuação das unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º) Exploração da obra "O pequeno inventor" – atividade de didáticas integradas 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Expressões

.	<ul style="list-style-type: none"> Ensaio para o teatro – a Cigarra e a Formiga – Parceria com a Sobral Sénior (Manuel Augusto) 	<ul style="list-style-type: none"> Ensaio para o teatro – a Cigarra e a Formiga – Parceria com a Sobral Sénior (Manuel Augusto) 	<ul style="list-style-type: none"> Teatro – a Cigarra e a Formiga – Parceria com a Sobral Sénior (24 – Almargem – Comemorações de abril e 30 – Pero negro – comemorações do 1.º de maio)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Registos

.	.	.	.
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

abril

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Concurso de literacia financeira/consciência cívica com a parceria da CPCJ (Patrícia Freitas) 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Concurso de literacia financeira/consciência cívica com a parceria da CPCJ (Patrícia Freitas) 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Concurso de literacia financeira/consciência cívica 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Concurso de literacia financeira/consciência cívica
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Estudo do Meio

<ul style="list-style-type: none"> Exploração do documentário "Supersize me" – atividade de didáticas integradas Importância de hábitos alimentares saudáveis 	<ul style="list-style-type: none"> Exploração do documentário "Supersize me" – atividade de didáticas integradas Importância de hábitos alimentares saudáveis 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Português

<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Recolha de provérbios alusivos a Maio (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Recolha de provérbios alusivos a Junho (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Catálogo das plantas com o fotoherbário (2.ª/3.ª/4.ª)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª)
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Expressões

<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Registos

<ul style="list-style-type: none"> Folheto para concurso de literacia financeira 	<ul style="list-style-type: none"> Folheto para concurso de literacia financeira 	<ul style="list-style-type: none"> 	<ul style="list-style-type: none">
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

maio

Empreendedorismo

<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Balanço das atividades e produção das empresas fictícias 	<ul style="list-style-type: none"> Colheitas na horta. Venda de produtos hortícolas, de plantas de jardim, sementes e alimentos confeccionados com produtos provenientes da horta, na Festa de Encerramento do ano letivo. 		
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Estudo do Meio

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Português

<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) Recolha de provérbios alusivos a Junho (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 		
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Matemática

<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 	<ul style="list-style-type: none"> Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.ª/2.ª/3.ª/4.ª) 		
1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Expressões

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

Registos

1.ª semana	2.ª semana	3.ª semana	4.ª semana

junho

ANEXO 3 - Planificação Mensal do Projeto E.L.F.

Plantação de amores-perfeitos, cravos, crisântemos, dalias e bocas-de-lobo no jardim.										
Os transportes e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º)										
Os meios de comunicação e a sua importância para as empresas (2.º/3.º/4.º)										
As unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º)										

3.º Período

Fase do projeto	Abril			Maio					Junho	
	2.ª Semana	3.ª Semana	4.ª Semana	1.ª Semana	2.ª Semana	3.ª Semana	4.ª Semana	5.ª Semana	1.ª Semana	2.ª Semana
Recolha de provérbios alusivos a Abril (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Sementeira de milho, cenouras e feijão.										
Plantação de girassóis, malmequeres, , dalias e gladiolos no jardim.										
Família de palavras e campo lexical - subordinado ao vocabulário em estudo na horta (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Registo gráfico do desenvolvimento das plantas (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Visita ao Mercado municipal, Auto-agrícola Sobralense, Acrigado, Tertúlia tauromáquica Juntas de Freguesia e Ciprestes Soc. Unipessoal (Sobral de Monte Agraço)										
Texto narrativo/descritivo sobre a visita de estudo (2.º/3.º/4.º)										
Estudo da variedade de empresas de comércio e serviços que interagem com a agricultura ou pecuária (2.º/3.º/4.º)										
Continuação das unidades de capacidade e o volume (aproveitando a utilização da rega com a chegada da Primavera) (3.º/4.º)										
Recolha de provérbios alusivos a Maio (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Colheitas na horta.										
Recolha de provérbios alusivos a Junho (1.º/2.º/3.º/4.º)										
Venda de produtos hortícolas, de plantas de jardim, sementes e alimentos confeccionados com produtos provenientes da horta, na Festa de Encerramento do ano lectivo.										

Nota: Esta planificação encontra-se em ajuste, sendo plausível de ser alterada em relação à planificação anual, atendendo ao percurso a realizar de forma ponderada e acordada com os parceiros.

ANEXO 4 - Planificação Geral do Projeto E.L.F.



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação					
				Instrumentos	Indicadores				
Alunos	Dificuldades em identificar a utilidade prática dos conteúdos curriculares	Abordar os currículos de forma contextualizada e integrada	Aplicação do currículo com base em didáticas integradas que permitam a contextualização nas práticas	Inquéritos de aplicação anterior e posterior ao desenvolvimento do projeto	Nível de consciencialização da relação entre currículos escolares e a aplicação na vida prática				
			Construção de Mapa de Conceitos de Integração Curricular	Mapa de Conceitos	N.º de ligações estabelecidas pelos alunos ao longo do projeto				
	Falta de adaptabilidade rápida a novas circunstâncias (falta de iniciativa, resistência à mudança e de inovação, dificuldades de identificação de áreas para demonstrar o potencial empreendedor)	Desenvolver sequências de recolha, produção e transmissão de informação	Criar grupos (equipas de trabalho), promovendo o trabalho cooperativo	Guião de trabalho sequencial de apoio à construção do plano de negócio (preparação prévia, acompanhamento, análise posterior e aplicação)	Mapa de sistematização e interiorização de conceitos abordados nos momentos de discussão	N.º de alunos que realizam sequências de recolha, produção e transmissão de informação			
						Conceber projetos e respetiva implementação	N.º de ações empreendedoras completadas pelos alunos		
						Compreender conceitos associados ao empreendedorismo e literacia financeira	N.º de correlações feitas pelos alunos de forma autónoma entre o currículo e as atividades		
						Agir proativamente, respondendo positivamente a mudanças	N.º de imprevistos ultrapassados positivamente		
						Identificar em termos pessoais e no trabalho coletivo as áreas fortes e fracas	N.º de alunos envolvidos na identificação das áreas fortes e fracas		
						Reconhecer as competências-chave para o empreendedorismo	Aplicação de testes de capacidade empreendedora adaptados, no início e final do projeto	Teste de capacidade empreendedora adaptado	Comparação entre os resultados iniciais e finais dos testes
						Assumir riscos	Definição do plano de negócios	Plano de negócios (construção, monitorização e ajuste da aplicação do plano de negócios da turma)	N.º de decisões informadas que conduzam à estruturação do plano de negócios
	Dificuldade em tomar decisões relativas ao seu percurso educativo	Vivenciar experiências que facilitem aos alunos as tomadas de decisão ao longo do percurso educativo	Criação de momentos de troca de experiências e experimentação prática do desenvolvimento de atividades empreendedoras	Guião de trabalho sequencial de apoio à visita de estudo (preparação prévia, acompanhamento, análise posterior e aplicação)	Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la				

			Construção, monitorização e ajuste da aplicação do plano de negócios da turma	N.º de decisões informadas que conduzam à estruturação do plano de negócios
Decréscimo de aprendizagem decorrente de fatores disciplinares	Reduzir os focos de indisciplina	Diverificar a oferta de atividades de ocupação dos tempos de intervalo	Registos de ocorrência disciplinar	N.º de registos de ocorrência disciplinar
Incapacidade de reconhecer ideias inovadoras com sustentabilidade, de acordo com as necessidades da sociedade atual	Reconhecer ideias inovadoras e avaliar a sua sustentabilidade	Apresentar aos alunos exemplos de ideias inovadoras e quais as suas evidências de sustentabilidade	Registo da análise das ideias apresentadas para a elaboração do Plano de Negócios	N.º de avaliações corretas das ideias apresentadas
		Reconhecer os pontos chave relativos à identificação dos conceitos de inovação e sustentabilidade	Registo da aplicação dos pontos chave no plano de negócios	N.º de alunos que utiliza corretamente os conceitos abordados na construção do plano de negócios
Baixa literacia financeira	Aumentar a circulação de informação sobre literacia financeira e as atividades desenvolvidas pela escola para esse fim	Sessões de explicitação de termos económicos do quotidiano reunidos em "chuva de palavras" no seio da turma	Guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	N.º de conceitos explicitados ao longo do ano
		Criação de canais de comunicação diversificados entre todos os elementos do projeto		Avaliação quantitativa obtida nos guiões
				N.º de atividades replicadas em família
Incapacidade de participar ativamente na gestão familiar	Participar na gestão familiar dos recursos	Realização de atividades familiares, de informação ou aplicação prática, sobre a temática, partindo dos guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	Guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	N.º de atividades replicadas em família
			Cartaz com dicas de poupança	N.º de sugestões dadas pelas famílias
				N.º de dicas do cartaz aplicadas em família



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Dinâmicas de Grupo	Dependência frequente de orientação por parte do professor para a realização de atividades em equipa (falta de autonomia)	Recolher informação pertinente	Aplicação de guiões orientadores para exploração de informação obtida através de entrevistas, leitura de artigos, pesquisas,...	Guiões de trabalho orientadores sobre seleção, sistematização e reorganização de informação	N.º de guiões preenchidos com sucesso
		Selecionar e analisar essa informação			
		Planear o seu trabalho de forma a atingir os seus objetivos	Construção de linhas de tempo/atividades antes da realização de qualquer tarefa empreendedora	Linhas de tempo/atividades construídas	N.º de linhas planificadas com exequibilidade de forma autónoma
		Desenvolver competências de trabalho em grupo	Aplicação das estratégias para desenvolvimento das competências chave do empreendedorismo (autoconfiança/assumpção de riscos; iniciativa/avaliação/energia; Resiliência; planeamento/organização; criatividade/ inovação; relacionamento interpessoal/comunicação)	Plano de ações empreendedoras sequenciais realizadas ao longo do ano (ver anexos)	N.º de ações completas
		Executar o seu próprio plano de trabalho	Monitorização do sucesso de desenvolvimento do plano de negócios da turma	Guião de trabalho sequencial de apoio à construção do plano de negocio (preparação prévia, acompanhamento, análise posterior)	Capacidade de aplicar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la
		Controlar e monitorizar o processo de trabalho			
		Avaliar o sucesso na implementação do seu plano de trabalho			
		Comunicar aos outros as principais linhas orientadoras do seu trabalho, as conclusões mais importantes e eventuais repercussões sociais do mesmo	Realização de atividades familiares, de informação ou aplicação prática, sobre a temática, partindo dos guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	Guiões de trabalho específicos sobre a informação discutida	Registo do n.º de atividades replicadas em família
			Criação de um momento de venda à comunidade (festa de final de ano)	Grelhas de observação	Salientam os pontos de inovação
					Explicam a sustentabilidade na produção dos produtos
			Distinguem o carácter inovador do seu trabalho		
			Revelam autonomia revelada no diálogo aplicado a técnicas de venda		

				N.º de vendas realizadas proativamente fora do espaço da bancada de vendas
Falta de hábitos de trabalho com rotatividade de papéis e perfis (autoconfiança, liderança, capacidade de planeamento, criatividade, resiliência, capacidade de comunicação, iniciativa, relacionamento interpessoal e capacidade de se autoavaliar) e de autonomia nas dinâmicas de grupo	Trabalhar os fatores críticos e estruturantes do sucesso educativo na educação para o empreendedorismo (participação ativa, constituição de grupos, intergação curricular, conceção e concretização de atividades e contextualização)	Levantamento individual de competências para o empreendedorismo	Modelo europeu de capacidade empreendedora	Resultados obtidos tabelados pelo modelo
		Estratégias para trabalhar a seleção de alunos (com base no levantamento)	Grelhas de registo	Registo da capacidade de reconhecimento do papel dentro do grupo (auto e heteroavaliação)
		Estratégias de organização e quantificação	Linhas de tempo/atividades	N.º de linhas planificadas com exequibilidade de forma autónoma
		Estratégias de análise e criação de abordagens	Guião de trabalho sequencial de apoio à construção do plano de negocio (preparação prévia, acompanhamento, análise posterior e aplicação)	A capacidade de aplicar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la
		Estratégias de controlo/para lidar com problemas e erros, na perspetiva do erro ser encarado como uma oportunidade de mudança e de avaliação	Inventário de ideias	N.º de ideias
			Linhas de tempo/atividades	N.º de alterações realizadas com sucesso às linhas planificadas, mediante a necessidade de superação de obstáculos encontrados
		Estratégias de comunicação e apresentação de resultados finais e intermédios	Plataformas de divulgação na forma escrita, gráfica e oral	Comunicações eficazes , reportando resultados intermédios
		Produção de cartazes		
		N.º de visualizações obtidas na página do projeto no Facebook		
		Artigos impressos e publicados		
		N.º de aplicações das ideias dos guiões de trabalho no seio das famílias		



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Escola	Dificuldade por parte dos professores em ajudar os alunos na tomada de decisões relativas ao seu percurso educativo	Desenhar novos rumos para a inclusão de alunos com diferentes interesses do percurso escolar normal	Informação aos professores sobre o Projeto E.L.F. enquanto exemplo de percurso diferenciado assente no desenho curricular do 1.º Ciclo	Grelhas de registo (conferências)	Registo dos comentários dos professores presentes nas conferências
		Promover experiências que facilitem aos alunos as tomadas de decisão ao longo do percurso educativo		Grelhas de registo (momentos de partilha)	Registo dos comentários dos professores presentes nos momentos de partilha
			Divulgação do livro de Empreendedorismo e Educação Financeira	Registo de vendas	N.º de livros vendidos
			Grelha de registo de comentários	Registo dos comentários dos presentes no lançamento do livro	
	Focos de indisciplina	Reduzir os focos de indisciplina	Diverificação de oferta de atividades de ocupação de tempos livres	Registo das ocorrências disciplinares	Nº de professores que participam nos ateliês N.º de registos de ocorrência disciplinar



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Famílias	Declínio das espetativas da família face ao valor da escola	Valorizar a escola enquanto agente promotor do desenvolvimento económico local	Explicitação do projeto às famílias dos alunos	Registos das opiniões das famílias	Reconhecem a escola como agente interveniente na comunidade
	Baixa literacia financeira	Reconhecer o impacto das atividades desenvolvidas na escola na dinâmica familiar	Replicação de atividades desenvolvidas na escola, no seio das famílias	Registo dos comentários feitos pelos familiares e alunos	Número de réplicas registadas durante o ano
			Circulação das informações e práticas implementadas		
	Reduzido envolvimento nas atividades escolares	Aumentar o nível de participação das famílias nas atividades escolares	Promoção de atividades que vão de encontro às espetativas das famílias	Registo de presenças	N.º de presenças de familiares nas atividades
Dificuldades de compreensão do currículo por parte das famílias	Aumento das espetativas do percurso escolar dos educandos decorrente de uma valorização do currículo	Apresentação do projeto aos pais e divulgação periódica do percurso à comunidade	Entrevistas de grupo sobre as espetativas em relação ao projeto e as aprendizagens escolares, a realizar no início e no final do projeto	Comparação entre os resultados iniciais e finais das entrevistas	



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios	Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
				Instrumentos	Indicadores
Comunidade envolvente	Declínio das espetativas da comunidade face ao valor da escola	Valorizar a escola enquanto agente promotor do desenvolvimento económico local	Divulgação do projeto nos meios de comunicação local (rádio local) e aos balcões das Juntas de Freguesia		Número de opiniões/pareceres recolhidos
					Feedbacks favoráveis às ações específicas do projeto
	Baixa literacia financeira	Aumentar a circulação de informação sobre literacia financeira e as atividades desenvolvidas pela escola para esse fim	Circulação de informação relativa à literacia financeira		N.º de folhetos distribuídos
					N.º de locais abrangidos pela distribuição de folhetos
			Promoção de um concurso local sobre literacia financeira (a partir do folheto de divulgação)		N.º de participantes no concurso sobre literacia financeira
					N.º de entidades patrocinadoras
	Necessidades de formação sobre literacia financeira e/ou empreendedorismo	Consciencializar a comunidade sobre a necessidade de formação específica	Divulgação de oferta de formação aos balcões das Juntas de Freguesia,		Quantidade de inscritos na oferta de formação
			Complementar as necessidades de formação da comunidade	Criação de uma página do projeto no Facebook com o intuito de divulgar informações úteis e inovadoras para a criação de uma empresa	Divulgação de informação colocada na página do projeto no Facebook
	Reduzido envolvimento nas atividades escolares	Aumentar o nível de participação da comunidade nas atividades escolares	Promoção de atividades direcionadas para a comunidade	Registo de presenças	N.º de presenças de elementos da comunidade envolvidos nas atividades
	Impacto pouco significativo na comunidade das atividades escolares	Aumento da visibilidade/valorização das atividades escolares no seio da comunidade			
Desaparecimento de costumes e tradições que caracterizam a identidade da comunidade local	Conhecer e revitalizar processos e tradições envolvendo a comunidade	Promoção de atividades direcionadas para a comunidade	Registo de presenças	N.º de presenças de elementos da comunidade envolvidos nas atividades	



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Domínios		Problemas	Objetivos	Estratégias	Avaliação	
					Instrumentos	Indicadores
Parcerias	Câmara Municipal e Juntas de Freguesia	Perda de residentes e de poder económico no concelho	Rentabilizar o potencial económico, físico e humano do concelho	Envolvimento do município nas deslocações aos parceiros empresariais	Deslocações a empresas locais Guiões de visitas de estudo	Recolha de opiniões dos alunos a partir do guião das visitas de estudo
		Subaproveitamento de espaços	Rentabilizar recursos materiais do concelho (custos de oportunidade)	Utilização de espaços municipais disponíveis	Plano de negócios	Reconhecimento da utilização dos espaços escolares como um recurso para a implementação do projeto a custo zero
		Disseminação do projeto à escala local	Divulgar o projeto a nível concelhio	Realização de conferências temáticas promovendo o empreendedorismo	Conferências temáticas	N.º de conferências solicitadas pelas autarquias
	APEAVES	Necessidade de aumento da participação dos pais na vida escolar	Aumentar a participação dos pais na vida escolar	Participação e divulgação de atividades que reflitam boas práticas	Atividades em parceria	N.º de atividades realizadas em parceria
		Baixa literacia financeira entre as famílias mais carenciadas	Aumentar a circulação de informação sobre literacia financeira e as atividades desenvolvidas pela escola para esse fim			
Escolas profissionais	Desconhecimento das alternativas em termos de percurso académico	Conhecer percursos académicos alternativos				
		Contatar escolas profissionais	Realização de visita de estudo a diversas escolas profissionais	Guiões de visitas de estudo	Recolha de opiniões dos alunos a partir do guião das visitas de estudo	
	Reduzido conhecimento sobre técnicas agrícolas	Dominar conhecimentos agrícolas	Observação participante das práticas dos alunos da escola profissional	Atividades conjuntas	N.º de novas técnicas implementadas	
			Aconselhamento de novas técnicas agrícolas, adequadas à realidade Observação participante das práticas dos alunos da escola profissional			
	Desvalorização/abandono do setor primário, como fonte de trabalho a longo prazo	Valorizar o setor primário pela importância para a sociedade, pela potencialidade de crescimento e relevância histórica local	Conhecer explorações industriais e familiares	Guiões de visitas de estudo	Opiniões dos alunos	
ESELx	Validação externa do percurso definido no projeto	Supervisionar e validar o projeto	Acompanhamento do projeto por docentes da ESELx	Relatório de monitorização do projeto	N.º de objetivos do projeto que foram atingidos e referidos no relatório de monitorização	

		Disseminação do projeto a nível da comunidade profissional educativa	Divulgar o projeto a outros docentes	Inserção do projeto nos canais de comunicação e divulgação da ESELx	Conferências temáticas	N.º de conferências
Hortorres e Campoeste	Divulgação de boas práticas empresariais no meio local	Divulgar boas práticas empresariais	Visita de estudo		Guião de trabalho	N.º de guiões preenchidos corretamente
					Divulgação de informação sobre a visita em circuitos comunitários	N.º de visualizações na página do projeto no Facebook
Clube Sobral Sénior Ativo	Desvalorização da troca de informação intergeracional	Aumentar o número de interações intergeracionais	Produção e dramatização de uma adaptação musicada da fábula "A cigarra e a formiga"	Divulgação das práticas	Dramatização de uma adaptação musicada da fábula "A cigarra e a formiga" para a comunidade	N.º de opiniões positivas dadas pelos intervenientes
Jornal O Badaladas	Divulgação de notícias relacionadas com a educação	Valorizar a escola	Divulgação das práticas	Artigos publicados		N.º de artigos publicados
TVL	Divulgação de notícias relacionadas com a educação	Valorizar a escola	Divulgação das práticas	Entrevistas realizadas		N.º de entrevistas realizadas
Membros individuais da comunidade	Desvalorização da troca de informação comunitária	Aumentar o número de interações comunitárias	Realização de encontros temáticos		Encontros temáticos	N.º de trabalhos produzidos pelos alunos a partir dos encontros temáticos
						N.º de encontros temáticos articulados com o currículo

ANEXO 5 - Quadro-Síntese do Projeto E.L.F.

QUADRO-SÍNTESE DO PROJETO

Questões	Sub-Questões	Fases	Objetivos	Atividades	Áreas/atividades integradoras por ano*	Mês de realização*	Instrumentos	Indicadores
	Poderá uma abordagem integrada dos conteúdos do 1º ciclo, em estreita relação com as experiências quotidianas dos alunos e com as atividades da comunidade em que se inserem contribuir para:							
<ul style="list-style-type: none"> De que modo é que um processo de integração curricular no âmbito do 1º Ciclo do Ensino Básico pode contribuir para o desenvolvimento de competências associadas ao Empreendedorismo? 	<ul style="list-style-type: none"> O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação Inicial 	<ul style="list-style-type: none"> Determinar o nível de competências do empreendedorismo dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> Setembro /Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras 	<ul style="list-style-type: none"> Comparação entre os resultados iniciais e finais dos questionários
			<ul style="list-style-type: none"> Determinar o percurso escolar (fatores de influência, exclusão académica) dos EE Averiguar os seus conhecimentos sobre as competências ligadas ao Projeto E.L.F. (empreendedorismo) Identificar as suas expetativas sobre o papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade) 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE 		<ul style="list-style-type: none"> Novembro 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista de Grupo 	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecimento da escola como agente interveniente na comunidade
		<ul style="list-style-type: none"> Negociação e Planeamento 	<ul style="list-style-type: none"> Reunir parcerias necessárias garantindo o cumprimento do horário letivo das atividades e responsabilidades inerentes ao cumprimento de serviço 	<ul style="list-style-type: none"> Obtenção da autorização do agrupamento para desenvolvimento do Projeto E.L.F. 		<ul style="list-style-type: none"> Setembro /Outubro 		
			<ul style="list-style-type: none"> Cooptação de parcerias 		<ul style="list-style-type: none"> Setembro /Outubro Novembro 		<ul style="list-style-type: none"> N.º de parcerias asseguradas 	
			<ul style="list-style-type: none"> Programar e preparar instrumentos de monitorização do desenvolvimento do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> Planificação da aplicação dos instrumentos de recolha de dados 		<ul style="list-style-type: none"> Setembro /Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> N.º de instrumentos de recolha de dados produzidos 	

		<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar aos EE a proposta de implementação do Projeto E.L.F. (as competências e os valores individuais e comunitários nele desenvolvidos e consequentes atividades) 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de diapositivo sobre o projeto na primeira reunião de EE • Auscultação de opiniões para sintonia de valores e recolha de atividades propostas pelos EE 		<ul style="list-style-type: none"> • Setembro/Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> • Diapositivo de apresentação do projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de EE presentes que concordaram com a implementação do Projeto E.L.F. na turma e/ou que sugeriram temas/atividades
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? 		<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar aos alunos a proposta de implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de informação relevante para a tomada de decisões informadas relativa à implementação prática do Projeto E.L.F. 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> • Setembro /Outubro 		<ul style="list-style-type: none"> • N.º de alunos que aceitaram a proposta de desenvolvimento do Projeto E.L.F.
<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Tornar visível aos alunos e à comunidade escolar a linha condutora do projeto • Registrar a articulação curricular estabelecida ao longo da implementação do projeto • Registrar a integração das atividades empreendedoras desenvolvidas no âmbito do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de cartaz para o registo de implementação do Projeto E.L.F. 	Empreendedorismo Estudo do Meio Português Matemática Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	<ul style="list-style-type: none"> • Setembro/Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento de uma linha cronológica de registos das etapas do projeto para correlação das atividades realizadas no âmbito de cada uma das áreas abrangidas pelo projeto
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 		<ul style="list-style-type: none"> • Estruturar um Plano de Negócios para as minipresas a serem constituídas nas turmas com os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Auscultação e negociação de ideias para escolha de uma atividade económica onde centrar o Projeto E.L.F. 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> • Setembro/Outubro 	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de ideias propostas para a centralização das minipresas • N.º de ideias propostas para o logotipo das minipresas decorrentes do plano de negócios

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 			<ul style="list-style-type: none"> • Visita de Estudo à Hortorres e Campoeste - armazenamento, exportação e transformação de produtos 	<p>Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo/descritivo sobre a visita (2.º/3.º/4.º) • Família de palavras e campo lexical sobre o vocabulário em estudo (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • As plantas (1.º/2.º/3.º) • Reprodução de plantas (2.º/3.º) • Plantas cultivadas e espontâneas (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro 	<ul style="list-style-type: none"> • Guião • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de guiões corretamente preenchidos • N.º de atividades do Projeto E.L.F. decorrentes da visita de estudo • N.º de visualizações • Relevância do resumo, seleção e transmissão das informações obtidas
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 			<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento dos dados necessários à criação do Plano de Negócios • Criação do Plano de Negócios 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Família de palavras e campo lexical subordinado ao vocabulário em estudo (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • As profissões (1.º/2.º) • As atividades económicas (3.º/4.º) • As plantas (1.º/2.º/3.º) • Reprodução das Plantas (2.º/3.º) • Plantas cultivadas e plantas espontâneas (2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • Correlação entre a informação selecionada em grupos e os pontos-chave dos planos de negócios • N.º de planos de negócios criados
<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 		<ul style="list-style-type: none"> • Planificar a implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planificação anual/mensal da integração curricular com as atividades empreendedoras 	<p>Empreendedorismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Outubro • Novembro • Janeiro • Abril 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de atividades/ab ordagens a conteúdos efetivamente desenvolvidas

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? 		<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o vocabulário técnico ligado ao empreendedorismo e à educação financeira dos alunos e EE • Providenciar um enquadramento histórico para o conceito de empreendedorismo e a criação de empresas 	<ul style="list-style-type: none"> • Sessão sobre literacia financeira, empreendedorismo e criação de empresas 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Matemática</p> <ul style="list-style-type: none"> • N.ºs decimais (2.º/3.º/4.º) • O dinheiro (2.º/3.º/4.º) • As profissões (1.º/2.º) • As atividades económicas (3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Entrevista de grupo • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de visualizações • Demonstrações de conhecimentos de empreendedorismo por parte dos EE • Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la
<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação 	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilizar para a importância da utilização de recursos e energia no dia-a-dia (a nível empresarial e doméstico) • Sensibilizar para necessidade de poupança destes recursos e para o impacto ambiental e económico daí decorrente 	<ul style="list-style-type: none"> • Sessão sobre recursos hídricos e energéticos e o seu impacto na vida das empresas e das famílias 	<p>Empreendedorismo Educação para a Cidadania Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Produção de cartazes (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • O ciclo da água (2.º/3.º/4.º) • Substâncias perigosas (1.º/2.º/3.º/4.º) • Energias renováveis (1.º/2.º/3.º/4.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Janeiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de visualizações • Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Alargar o potencial de produção das miniempresas • Conhecer as etapas de construção de uma estufa • Reconhecer aspetos positivos da cooperação entre parceiros 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção das estufas 	<p>Empreendedorismo Matemática</p> <ul style="list-style-type: none"> • Unidades de medida de comprimento (2.º/3.º/4.º) • Medições (1.º/2.º/3.º/4.º) • Figuras bidimensionais (1.º/2.º/3.º/4.º) • Os ângulos (2.º/3.º/4.º) • Números fracionários (2.º/3.º/4.º) • Múltiplos e divisores (2.º/3.º/4.º) • Gráficos (1.º/2.º/3.º/4.º) • Perímetro (2.º/3.º/4.º) • Área (2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • As rochas e os solos (3.ºano) 	<ul style="list-style-type: none"> • Fevereiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento da utilização dos espaços escolares como um recurso para implementação do Projeto • N.º de visualizações
		<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar a ligação intergeracional através da valorização dos conhecimentos dos membros mais antigos da comunidade • Perpetuar técnicas tradicionais com impacto na economia familiar e do meio 	<ul style="list-style-type: none"> • Sessões sobre recuperação de técnicas agrícolas tradicionais - criação de réstias, localização de lençóis de água, processos de poda e enxertia, extração de mel e importância da polinização 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto descritivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto expositivo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Variações dos nomes (2.º/3.º/4.º) • Nomes comuns coletivos (2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reprodução das plantas (2.º/3.º) • Os animais (2.º/3.º) • Relação dos estados do tempo com a estação do ano, o desenvolvimento das plantas e os hábitos dos animais (2.º/3.º) • Funções que fazem dos animais e plantas seres vivos (2.º/3.º) 	<ul style="list-style-type: none"> • Dezembro • Fevereiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista de grupo • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstração de conhecimentos de empreendedorismo por parte dos EE • N.º de visualizações • Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer a comparação de técnicas modernas com tradicionais, em termos de produtividade e impacto ambiental • Informar sobre a existência de percursos escolares diferentes, para futuras tomadas de decisão 	<ul style="list-style-type: none"> • Visita de estudo à EPAFBL 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto narrativo (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto descritivo (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • A poluição (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Educação para a Cidadania</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Março 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualizações obtidas na divulgação da sessão sobre literacia financeira, no Facebook e no Youtube • Textos coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstração de conhecimentos de empreendedorismo por parte dos EE • Capacidade de explicitar informação relevante, de sintetizá-la e de sequencializá-la
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 		<ul style="list-style-type: none"> • Afinar o Plano de Negócios com vista à superação de obstáculos e à antecipação de novos objetivos de produção, de embalamento e venda 	<ul style="list-style-type: none"> • Monitorização da aplicação do plano de negócios 	<p>Empreendedorismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) • Diários de bordo • Entrevista de grupo • Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de imprevistos ultrapassados positivamente • Desenvolvimento de competências-chaves do empreendedorismo • Comparação entre os resultados iniciais e finais dos questionários

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Adaptar uma história tradicional de aspetos morais vinculados de modo a refletir um espírito de valorização e cooperação • Trabalhar valores comunitários associados ao empreendedorismo • Fomentar a ligação intergeracional através da valorização dos conhecimentos dos membros mais antigos da comunidade • Dar visibilidade do trabalho desenvolvido junto da comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) e sua dramatização para a comunidade 	<p>Empreendedorismo Português</p> <ul style="list-style-type: none"> • A fábula (1.º/2.º/3.º/4.º) • Texto dramático (1.º/2.º/3.º/4.º) <p>Educação para a Cidadania Expressões</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Março • Abril • Maio 	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação da história tradicional "A Cigarra e a Formiga" (visando os valores do empreendedorismo/valores da comunidade) • Festa comunitária 	<ul style="list-style-type: none"> • Clareza na transmissão da mensagem da peça (valores do empreendedorismo/valores da comunidade) • Adesão da comunidade escolar à apresentação
<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Preparar o domínio técnico de vendas contemplado no plano de negócios • Dar visibilidade do trabalho desenvolvido junto da comunidade local e concelhia • Reconhecer aspetos positivos da cooperação entre parceiros a nível da venda de produtos e gestão do dinheiro doado 	<ul style="list-style-type: none"> • Feiras na Escola 	<p>Empreendedorismo Matemática</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Slogan de venda • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) • Entrevista de grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Concretização das vendas respeitando o slogan da empresa • Registo das vendas efetuadas Saldo da empresa • Reconhecimento da importância dos momentos de venda pelos EE
			<ul style="list-style-type: none"> • Participação no Arraial de Final de Ano Letivo 	<p>Empreendedorismo Matemática</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Slogan de venda • Cartazes para o registo de implementação do Projeto E.L.F. • Plano de negócios (<i>startup plan</i>) • Entrevista de grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Concretização das vendas respeitando o slogan da empresa • Registo das vendas efetuadas Saldo da empresa • Reconhecimento da importância dos momentos de venda pelos EE

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação das atividades do Projeto E.L.F. para além da esfera local • Valorização do potencial de escolas em meios pequenos • Permitir o reconhecimento do valor do trabalho desenvolvido pelos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através da página do Facebook e do Youtube 	/	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades divulgadas na página do Facebook e do Youtube • Visualizações obtidas na divulgação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de atividades divulgadas • Dados estatísticos obtidos na divulgação do Projeto E.L.F. • Registo geográfico das visualizações obtidas na divulgação do Projeto E.L.F. 				
/		<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através do Jornal "O Badaladas" 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através da Revista "Saber Viver" 		/	<ul style="list-style-type: none"> • Novembro • Abril • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. • N.º de exemplares impressos 			
		<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através da Revista "Saber Viver" 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto no site do Município 			/	<ul style="list-style-type: none"> • Abril 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigo escrito para divulgação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. • N.º de exemplares impressos 		
		<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto no site do Município 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através do Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes 				/	<ul style="list-style-type: none"> • Setembro 	<ul style="list-style-type: none"> • Artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de artigos escritos para divulgação do Projeto E.L.F. 	
		<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através do Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto através do Workshop no Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes 					/	<ul style="list-style-type: none"> • Abril 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação no Workshop • Questionário sobre a Aplicação do Projeto ELF para professores 	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de solicitações para participação • Dados estatísticos obtidos a partir da opinião dos professores sobre o Workshop
		<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto nas Jornadas Pedagógicas - Grassa a Ciência pelo Monte 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da implementação do projeto nas Jornadas Pedagógicas - Grassa a Ciência pelo Monte 						/	<ul style="list-style-type: none"> • Julho 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação nas Jornadas

		<ul style="list-style-type: none"> • Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação em sala de aula pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência 		<ul style="list-style-type: none"> • Maio 	<ul style="list-style-type: none"> • Relatório de Avaliação Externa das Escolas 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento da aplicação do Projeto E.L.F. como boa prática pedagógica
<ul style="list-style-type: none"> • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Determinar o nível de competências do empreendedorismo dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras aos alunos 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação entre os resultados iniciais e finais dos questionários
<ul style="list-style-type: none"> • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? 		<ul style="list-style-type: none"> • Determinar a valorização da aplicação do Projeto E.L.F. pelos EE • Averiguar o desenvolvimento dos seus conhecimentos sobre as competências ligadas ao Projeto E.L.F. (empreendedorismo) • Determinar a valorização do papel da escola e do professor (promoção da ligação escola-comunidade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de Entrevista de Grupo (amostragem por conveniência) aos EE 		<ul style="list-style-type: none"> • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista de Grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecem a escola como agente interveniente na comunidade
	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação Final 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as atividades do projeto mais valorizadas pelos alunos e pela comunidade • Aferir a capacidade de tomada de decisão • Aferir perspetivas de futuro 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação do Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos 	Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> • Junho 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário de Avaliação Global do Projeto aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados estatísticos obtidos a partir dos questionários de Avaliação do Projeto Global aos alunos

<ul style="list-style-type: none"> • A perceção pelos alunos da aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados? • A motivação para a aprendizagem? • O desenvolvimento da autoconfiança e das capacidades de iniciativa e tomada de decisão? • O desenvolvimento de capacidades de resiliência, planeamento, organização e autoavaliação? • O desenvolvimento de capacidades de comunicação e relacionamento interpessoal? 		<ul style="list-style-type: none"> • Registrar a perceção de momentos-chave e superação de obstáculos decorrentes do projeto, por parte dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Assembleias de turma 	Empreendedorismo Português Matemática Estudo do Meio Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Diários de bordo 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de momentos-chave por parte dos alunos
<ul style="list-style-type: none"> • A melhoria dos resultados escolares? 		<ul style="list-style-type: none"> • Determinar o grau de sucesso escolar dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação global dos alunos 	Português Matemática Estudo do Meio Expressões Educação para a Cidadania Educação Financeira	<ul style="list-style-type: none"> • Ao longo do ano letivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de avaliação periódica 	<ul style="list-style-type: none"> • Percentagem de sucesso e insucesso nas turmas

* Nota: Consultar a Articulação anual/mensal do Projeto E.L.F. (anexo 2) para melhor compreensão da articulação das atividades.

ANEXO 6 - Apresentação aos Pais



Projeto E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Ano Letivo
2014/2015

O que é?

Projeto E.L.F.

É um projeto criado para trabalhar o **empreendedorismo** nas escolas do 1.º Ciclo, abordando conceitos de economia que os alunos ouvem no seu dia-a-dia.

Para que serve?



Para desenvolver um espírito **empreendedor** nas crianças, estimulando o hábito de **criação de novas ideias** e o hábito de avaliar o **potencial** das mesmas.

Para **fortalecer traços da personalidade**: capacidade de liderança, autonomia, rigor na realização de tarefas, responsabilidade, cooperação em trabalhos de equipa,...

Para proporcionar **experiências ligadas à vida prática**, onde se habituem a **enfrentar obstáculos** e a **tomar decisões**.

Para mostrar aos alunos a **aplicação dos conteúdos** aprendidos na escola, na vida prática.



Como funciona?

Projeto E.L.F.

Desenvolve-se simulando o dia-a-dia numa qualquer empresa, desde a suas fases de criação até às de produção e estabilização, **colocando os alunos no papel de empresários**, numa **vertente social**.

Cria **hábitos de controlo de despesas e de poupança** nos alunos, para os preparar para um dia criarem o seu emprego, para serem eficientes no seu trabalho para outrem, ou simplesmente, para os ajudar a gerir o lar.

É, muito importante...

...trabalha o **Empreendedorismo** a par do programa de **Estudo do Meio** e de uma forma clara **integra as aprendizagens de Matemática, Português, Expressões e Formação Cívica...**

... assim, **não acresce aos conteúdos das disciplinas**. Em vez disso, reorganiza-os e **trabalha o empreendedorismo ao mesmo tempo que o programa vai sendo trabalhado!**




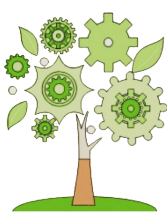
Parcerias

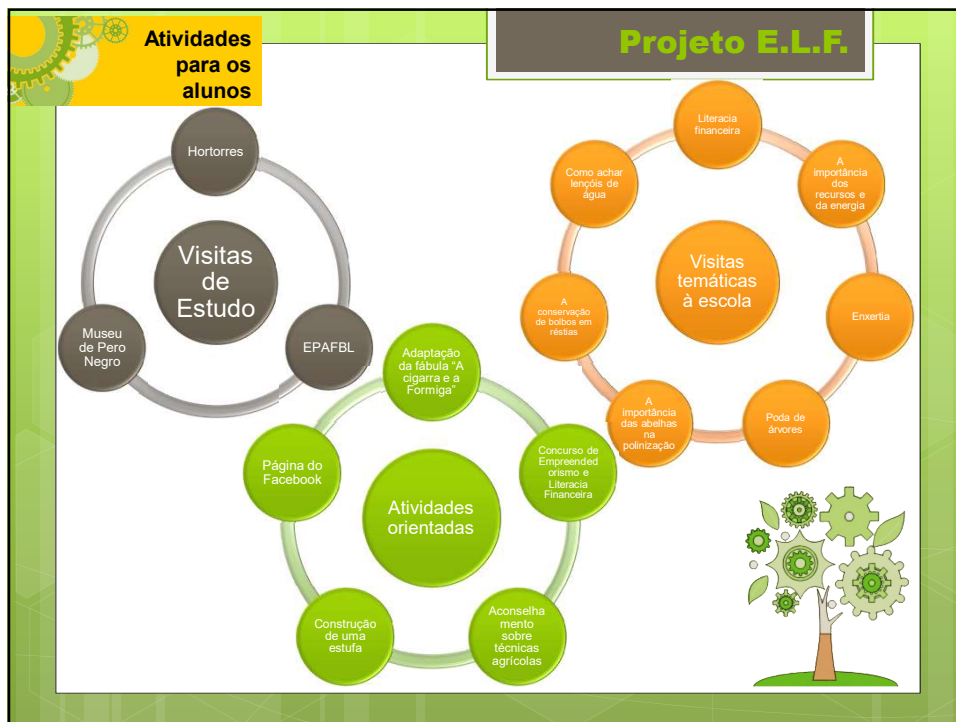
Projeto E.L.F.

Além disso...

... é um projeto que assenta num **trabalho com e para a comunidade**, em que esta contribui para a aprendizagem dos alunos e estes, por sua vez, vão divulgar aspetos que podem ajudar a melhorar a vida de outros membros da comunidade!







Projeto E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

Ano Letivo
2014/2015

ANEXO 7 - Caraterização dos EE



A. E. J. I. C. S.

Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral

Escola: EB de Almagem e EB de Pero Negro

Turmas: A e B

Ano lectivo: 2014 / 2015

Relação da idade das mães

Até 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	36 a 40 anos	41 a 45 anos	Mais de 46 anos
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	7	13	6	8	1

Relação da idade dos pais

Até 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	36 a 40 anos	41 a 45 anos	Mais de 46 anos
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
	4	9	8	9	6

Relação das profissões das mães

Desempregada, Reformada ou Desconhecida	Ligadas ao Sector Primário	Ligadas ao Sector Secundário	Ligadas ao Sector Terciário
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
11	2	4	18

Relação das profissões dos pais

Desempregado, Reformado ou Desconhecida	Ligadas ao Sector Primário	Ligadas ao Sector Secundário	Ligadas ao Sector Terciário
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
8	1	15	12

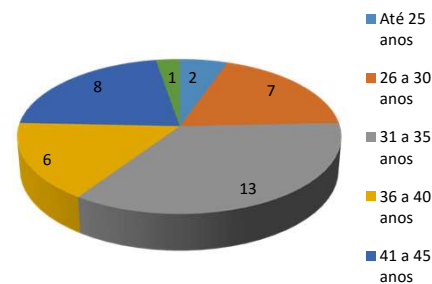
Relação das habilitações literárias das mães

1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	10	9	10		2		

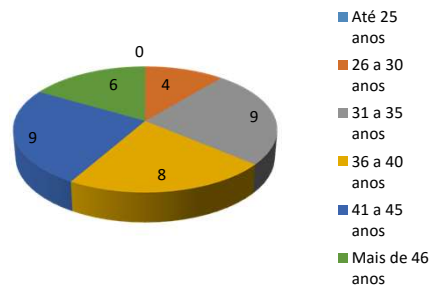
Relação das habilitações literárias dos pais

1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar	Adicionar
8	8	8	8			2	

Relação da idade das mães



Relação da idade dos pais



ANEXO 8 - Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras

Teste de Capacidade Empreendedora Para Crianças

(adaptado de <http://www.iapmei.pt>)



Nome: _____ data: ___/___/___

Coloca na maneira como te vês em cada situação:

Independência	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre	Autodisciplina	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre
1 – Aborreço-me quando tentam mandar em mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1 - Termino o que começo, mesmo que seja complicado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 - Por vezes chamam-me teimoso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	2 - Pensar num projeto aborreço-me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 - Gosto de tomar a iniciativa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	3 - Tenho uma boa capacidade de concentração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 - Gosto de estar só	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	4 - Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - Gosto de responsabilidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	5 - Quando erro, penso nisso para poder melhorar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 - Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	6 - Sou motivado e quero ser bem sucedido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criatividade	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre	Motivações	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre
1 - Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1 - Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 – Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	2 - Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível!	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 - Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	3 - Sou corajoso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 - Sou curioso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	4 - Sou empenhado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	5 - Sou otimista	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 - Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	6 - Sou responsável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Capacidade de Risco	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre	Autoconfiança	Quase Nunca	Às vezes	Quase Sempre
1 - Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1 - Gosto de mim próprio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 - Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	2 - Tenho confiança naquilo que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 – Tento aproveitar todas as oportunidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	3 - Sou capaz de enfrentar qualquer situação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 - Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	4 - Luto por aquilo que quero	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	5 - Aceito, de boa vontade, um elogio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 - Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	6 - Aceito desafios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Nota: Raramente = 1 ponto / Às vezes = 3 pontos / Quase sempre = 5 pontos

ANEXO 9 - Guião de Entrevista Inicial aos EE

Proposta de entrevista semiestruturada

Que importância podem ter projetos de empreendedorismo, numa vertente interdisciplinar integrada, na educação em Portugal?

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Etapas/Questões
Bloco A <ul style="list-style-type: none">Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">Legitimar a entrevista;Motivar o entrevistado.	<p>Apresentar o tema e o objetivo do Projeto E.L.F.;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, destacando a importância da sua colaboração na realização do estudo;</p> <p>Assegurar o caráter anónimo das informações prestadas;</p> <p>Solicitar autorização para realizar o registo vídeo e audiográfico da entrevista;</p> <p>Garantir a informação sobre o resultado da investigação.</p>
Bloco B <ul style="list-style-type: none">A educação, o currículo e o empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none">Conhecer a atitude dos inquiridos em relação ao papel da educação e do empreendedorismo.	<ul style="list-style-type: none">Qual o papel que a educação teve na sua vida?Qual o ano de escolaridade que considerou ter mais influência na sua vida?Consegue recordar uma atividade na escola que o tenha marcado pela positiva? Porquê?Defina empreendedorismo em poucas palavras.De tivesse de apontar uma imagem que defina o empreendedor, qual seria?Sente que aprendeu mais na escola ou quando começou a trabalhar?Quando andava na escola, sentiu que havia alunos “postos de parte”?Por que razão deixou de frequentar a escola?
Bloco C <ul style="list-style-type: none">Expetativas sobre a aplicação deste projeto para os alunos	<ul style="list-style-type: none">Aferir as expetativas dos encarregados de educação relativamente à aplicação do projeto.	<ul style="list-style-type: none">Acha que os alunos envolvidos neste tipo de projeto podem compreender melhor os conteúdos escolares?Pensa que este tipo de projetos pode

		<p>contribuir para fazer dos alunos cidadãos responsáveis e capazes de tomar decisões informadas ao longo do seu percurso de vida?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que aprendizagens querem/esperam que os filhos realizem com este projeto?
<p>Bloco D</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas sobre o papel da escola/professor e a visão pela comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aferir a visão que os encarregados têm da escola/professor e o papel que devem ter na formação dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Na sua opinião qual o papel que a escola tem nesta localidade? ▪ E qual o papel que o professor deverá assumir?
<p>Bloco E</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Validação da entrevista</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Validar a entrevista;</i> ▪ <i>Agradecer a disponibilidade.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Deseja acrescentar alguma coisa sobre o assunto em análise? <p><i>Indicar que a transcrição da entrevista será enviada para confirmação dos dados;</i></p> <p><i>Agradecer e confirmar a utilidade da entrevista.</i></p>

José Pina

Rui Ferreira

ESELx 2014

ANEXO 10 - Cartazes de Registo

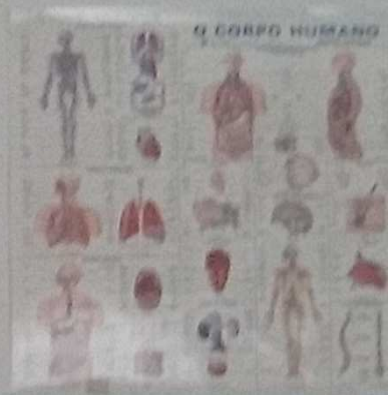


PROJETO

E.L.F.

EMPREENDEDORISMO
E

LITERACIA FINANCEIRA



A large display board covered with handwritten notes, printed documents, and colorful drawings. The board is organized into several columns of text. On the right side, there are several drawings, including a landscape with a sun and water, a person, and a figure with arms raised. The board is used for educational purposes, likely related to entrepreneurship and financial literacy.

PLANO DE NEGÓCIOS – Startup plan

Nome da empresa: *Arrogância Cultural* Setor/Área: *Produção agrícola*

MISSÃO – O que nos propomos fazer: *termos plantas e colher e pegar e embalar e vender.*

ÂMBITO DO NEGÓCIO

PRODUÇÃO – O que produzimos: *Tomates, alface, alho - fresco, alho, cebola, brócolos etc...*

Mercado – A quem se destina: *do grupo do 3º ano, Rui A, Rodrigo, Vanessa, Rui F, Pedro*

RAZÕES DE PRODUÇÃO – O que distingue os nossos produtos: *é mais fresco, é maduro, as massas, frutas saudáveis, e pão feitos com muito amor e carinho e amor*

FATORES DE SUCESSO – Aspectos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares): *Dinheiro, legumes, ter alegria a fazer o projeto E.L.F.*

RECURSOS – Com o que temos de contar

Quem trabalha/ajuda: *Sr. Maria, Sr. José, Martins, Sr. Secar, Sr. Daniel, Professores, grupo do 3º ANO.*

Doações: *Cimento, pau, estufa, plástico, terra, ajuda da escola de humar, ajudar a pagar o*

Compras/Necessidades de gasto: *fruta, enchido, Regador, betão, legumes.*

Nome da empresa:

Hortimilva

Setor/Área:

Setor primário/agricultura

MISSÃO - O que nos propomos fazer:

• fazer uma horta

• 5 - rabo de

colher

• 1 - Tomateiros

• 6 - morangos e embidos

• 2 - alfaces

• 7 - alho

• 3 - batata

• 8 - PERINOS

• 4 - alho francês

Manter a horta vendendo

boa

ÂMBITO DO NEGÓCIO

PRODUÇÃO - O que produzimos:

dos produtores legumes e vegetais

Mercado - A quem se destina:

VENDE - 56 AOS

AMIGOS E PÁSE A

FAMILIA.

RAZÕES DE PRODUÇÃO - O que distingue os nossos produtos:

- produtos sem veneno
- produtos biológicos
- produtos criados com amor
- Grãos
- produtos mais saudáveis

FATORES DE SUCESSO - Aspectos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares):

em
aprendo
com
• trabalho de grupo

Materiais	Família
DINHEIRO	psicologia

RECURSOS - Com o que temos de contar

Quem trabalha/ajuda:

ajuda: Rafael, José, Diana

trabalha: mãe, pai, avós, avó, avô

Doações: água, fardos, sementes, plástico, para, etc.

Compras/Necessidades de gasto:

alimentos

MAIO

5/5/2015

venda - 2 alfaces

1 - verde - 1€

1 - romana - 0,50€

6/5/2015

venda - 1 rabanete - 2€

11/5/2015

venda - 1 alface romana - 1€

20/5/2015

- Rabanete - 1,20€

- Rabanete 3€

- Rabanete - 1€

- Rabanete - 1€

||

JUNHO

Problemas:

- lagartas

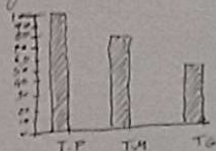
- bichos de Tesoura

21/6/2015

2 alfaces → 1€

1 pepino → 1€

setembro - 228 T
calibragem: 51TG / 77TM / 100TP



Venda de Tomates setembro 2015

Marisa - 1€

Rui Filipe - 5€

19/ outubro

68 Tomates
& Pepinos

TOTAL
= 9€

Uma das lagartas
fui estava em casulo
decidimos investigar
o ciclo de vida da
lagarta.

Variedade	Produção	Calibragem	Outros
TP	100	51TG	
TM	77	77TM	
TG	51	51TG	

ABRIL

10-4-2015

M

Visita do Sr Manuel à escola

TEMA: Teatro "A cigarra e a formiga"

O que aprendemos: Planificar o futuro

harmonia . amizade . estar juntos . empenho
. aprender coisas novas . paz . mimo . amor
. carinho . trabalhar em grupo . liberdade

Valores do projeto E.L.F

CIDADANIA → FAZER VALER OS DIREITOS

Proble

↓
COMUNIDADE → QUÊM PARTILHA A VIDA

↓
OBJETIVO COMUM → VALORES: mudança ; liberdade ;
carinho ; leis justas ; amizade ;
cidadania e empreendedorismo

↓
FUTURO MELHOR

24/4/2015

Uma das
fui estanca e
decidimos ir
o ciclo de a
lagarta.

A Cigarra e a Formiga

Personagens - Cigarra
3 Formigas
Fada da Sabedoria

Crianças de 6 a 9 anos

do 2º ano
de 11/2015
Cigarra
Formigas
Fada Sabedoria
do 2º ano - 11/2015
10/11/15

Cenário 1 - Mata na Primavera/Verão. A um canto senta-se a fada numa pedra por baixo de uma árvore com um livro, enquanto na mata a formiga vai apanhando folhas que leva para o formigueiro e a cigarra vai cantarolando. Noutro canto há um formigueiro.

Cenário 2 - Mata no Inverno. A um canto senta-se a fada numa pedra por baixo de uma árvore com um livro, a cigarra vai pedir ajuda às formigas. Noutro canto há um formigueiro.

A um canto senta-se a fada numa pedra por baixo de uma árvore com um livro (com este livro ela vai pôr questões de estar na vida, e vai gerir o conflito que se gera entre ambas dada a sua diversidade de posturas, para induzir à importância da compreensão mútua, mesmo com "pontos de vista" diferentes e da importância da complementaridade das habilidades de cada uma, como forma de ter uma capacidade conjunta que as ajude por tornar igualmente úteis e até capazes de concretizar projectos comuns.

5 PRODU

1- O QUE É UM PLANO DE NEGÓCIOS?

É UM PLANO FEITO EM EQUIPA QUE PERMITE PENSAR NO FUTURO E OBJETIVOS DAS NOSSAS MINI-EMPRESAS.

2- PARA QUE SERVE O PLANO DE NEGÓCIOS?

SERVE PARA CONSTRUIRMOS UM CAMINHO PARA O SUCESSO.

3- COMO SE APLICA O PLANO DE NEGÓCIOS?

DÁ-NOS AS TAREFAS QUE SÃO IMPORTANTES FAZER E PARA QUANDO AS DEVEMOS FAZER.

TODOS OS PLANOS DEVEM TER AS SEGUINTEs INFORMAÇÕES:

1- NOME DA EMPRESA

2- QUAL O SECTOR/ÁREA DE TRABALHO

3- MISSÃO - O QUE QUEREMOS FAZER

4- ÂMBITO DO NEGÓCIO / QUE NEGÓCIO VAI SER?

· PRODUÇÃO - O QUE VAMOS FAZER

· MERCADO - A QUEM VAMOS VENDER / DAR

· RAZÕES DE PRODUÇÃO - PORQUE É QUE VAMOS FAZER MELHOR / QUE PROBLEMA VAMOS RESOLVER

· FATORES DE SUCESSO - GANHOS

· PESSOAIS

· MATERIAIS

· FAMILIARES

5- RECURSOS (O QUE PRECISAMOS PARA TRABALHAR)

· QUEM TRABALHA / AJUDA

· DOAÇÕES

· O QUE VAMOS PRECISAR DE COMPRAR

6- PRAZOS PREVISTOS

· IDEIA

· PLANIFICAÇÃO

· PRODUÇÃO

· EMBALAMENTO

· VENDA

· BALANÇO

7- BALANÇO DO FUNCIONAMENTO E DA QUALIDADE DOS PRODUTOS

· PONTOS FORTES / FRACOS

· EXPERIÊNCIAS MAIS SIGNIFICATIVAS

· DIFICULDADES E SOLUÇÕES ENCONTRADAS

- TEMA: VEDAR (PROCURAR...)
 - PODAR (COMO CORTAR AS PLANTAS PARA FICAREM MAIS FORTES)
 - ENXERTAR (COMO TRANSFORMAR UMA PLANTA BRAVA NUMA QUE DÁ FRUTA BOA.)

O QUE APRENDEMOS

- 1-COMO ENCONTRAR ÁGUA
- 2-COMO SE DEVE CORTAR AS ÁRVORES PARA AJUDAR A CRESCER.
- 3-COMO TRANSFORMAR UMA PLANTA BRAVA NUMA PLANTA QUE DÁ FRUTA BOA PARA COMER.

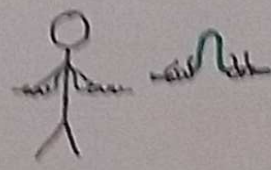
COMO ENCONTRAR ÁGUA?

MATERIAL:

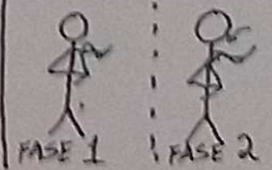
1-UM PAU FLEXÍVEL QUE DÊ PARA DOBRAR SEM QUEBRAR (RECOMENDA-SE OLIVEIRA).

PROCEDIMENTO:

1- DOBRAR O PAU COM AS MÃOS VIRADAS PARA CIMA.



2- ANDAR PELO TERRENO E ESPERAR QUE A VARINHA TREMA E RODE.



QUANDO A VARINHA RODE SIGNIFICA QUE NAQUELE LOCAL HÁ ÁGUA.

O QUE GOSTARIAMOS DE INVESTIGAR?

- 1-COMO SE TIRA A ÁGUA?
- 2-COMO RETIRAR ÁGUA QUE ESTÁ DEBAIXO DO CIMENTO OU PEDRAS?
- 3-QUAL É A EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA PARA SE ENCONTRAR ÁGUA COM UM PAU?

COMO SE DEVE CORTAR AS ÁRVORES PARA AJUDAR A CRESCER?

MATERIAL:

TEROURA DE PODAR
 ALICATE DE PODAR
 PODAR: CUIDAR QUANDO CORTAR OS RAMOS SECOS E INÚTEIS PARA AS ÁRVORES.

PROCEDIMENTO

DEVE-SE CORTAR OS RAMOS MAIS PEQUENOS QUE ROUBAM FORÇA À PLANTA PARA A PLANTA FICAR MAIS BONITA DEVE SER CORTADA COM FORMA ARRETOURADA O CORTE DOS RAMOS MAIS PEQUENOS DEVE SER FEITO O MAIS RENTE POSSÍVEL AO RAMO PRINCIPAL.

O QUE QUEREMOS INVESTIGAR?

- 1- POR QUE RAZÃO NÃO PODEM SER CORTADAS AS ÁRVORES NO VERÃO?
- 2- POR QUE MUDA A COR DAS FOLHAS DAS ÁRVORES?
- 3- SERÁ QUE O CORTE DAS ÁRVORES FAZ DIMINUIR OS ANÍVEIS DE OXIGÊNIO?
- 4- O QUE FAZ COM QUE A CASCA DAS ÁRVORES MUDE QUANDO ESTAS CRESCEM?
- 5- POR QUE SE PARTEM OS RAMOS DAS ÁRVORES?
- 6- POR QUE É QUE AS FLORES ABREM COM O CALOR?
- 7- COMO É QUE AS ÁRVORES PRODUZEM OXIGÊNIO?
- 8- QUANTO TEMPO DEMORAM AS PLANTAS A CRESCER?
- 9- O QUE FAZ CRESCER AS ÁRVORES?
- 10- COMO É QUE AS RAÍZES RETIRAM NUTRIENTES DA TERRA?
- 11- QUAL É A ÁRVORE QUE VIVE MAIS...

ENXERTIAS O QUE É?

TRANSFORMAÇÃO DE UMA PLANTA BRAVA NUMA PLANTA QUE DÁ FRUTA BOA

PROCEDIMENTO:

- 1- COMO SE TIRA A ÁGUA?
- 2- COMO RETIRAR ÁGUA QUE ESTÁ DEBAIXO DO CIMENTO OU PEDRAS?
- 3- QUAL É A EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA PARA SE ENCONTRAR ÁGUA COM UM PAU?

COMO SE DEVE CORTAR AS ÁRVORES PARA AS AJUDAR A CRESCER?

MATERIAL:

TESOURA DE TONAR
ALICATE DE TONAR

TONAR: LIMPAR OU CORTAR OS RAMOS SECOS E INVUTEIS PARA AS ÁRVORES.

PROCEDIMENTO
DEVE-SE CORTAR OS RAMOS MAIS PEQUENOS QUE ROUBAM FORÇA À PLANTA.

PARA A PLANTA FICAR MAIS BONITA DEVE SER CORTADA COM FORMA ARREDONDADA

O CORTE DOS RAMOS MAIS PEQUENOS DEVE SER FEITO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL AO RAMO PRINCIPAL.

O QUE QUEREMOS INVESTIGAR?

- 1- PORQUE RÁPIDO NÃO PODEM SER CORTADAS AS ÁRVORES NO VERÃO?
- 2- PORQUE NUNCA A COR DAS FOLHAS DAS ÁRVORES?
- 3- SERÁ QUE O CORTE DAS ÁRVORES FAZ DIMINUIR OS NÍVEIS DE OXIGÊNIO?
- 4- O QUE FAZ COM QUE A CASCA DAS ÁRVORES MUDA QUANDO ESTAS CRESCEM?
- 5- PORQUE SE PARTEM OS RAMOS DAS ÁRVORES?
- 6- PORQUE É QUE AS FLORES ABREM COM O CALOR?
- 7- COMO É QUE AS ÁRVORES PROPICIAM OXIGÊNIO?
- 8- QUANTO TEMPO DEMORAM AS PLANTAS A CRESCER?
- 9- O QUE FAZ CRESCER AS ÁRVORES?
- 10- COMO É QUE AS RAÍZES RETIRAM NUTRIENTES DA TERRA?
- 11- QUAL É A ÁRVORE QUE VIVE MAIS ANOS?
- 12- QUANTAS ESPÉCIES DIFERENTES DE PLANTAS EXISTEM NO MUNDO?

ENXERTIAS O QUE É?

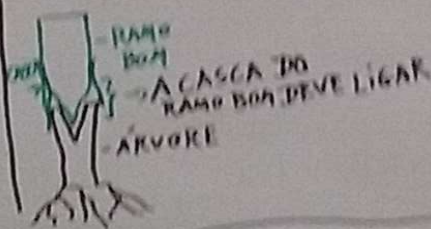
TRANSFORMAÇÃO DE UMA PLANTA BRAVA NUMA PLANTA QUE DÁ FRUTA BOA.

MATERIAL:

- 1- ÁRVORE COM RAÍZ
- 2- RAMOS DE ÁRVORE DE FRUTO
- 3- FACIL
- 4- PLÁSTICO
- 5- FIO
- 6- TERRA

PROCEDIMENTO:

- 1- FAZER UMA CUNHA NA ÁRVORE
- 2- AFIAR OS RAMOS BOOS



3- COLOCAR TERRA MACIA EM TORNO DA UNIÃO E APERTAR COM PLÁSTICO À VOLTA.

23/2/2015

FORMAÇÃO INTERNET SEGURA

PARA TRABALHAR O PROJETO ELF PRECISAMOS DE SABER INVESTIGAR MUITAS INFORMAÇÕES SOBRE MUITOS ASSUNTOS DIFERENTES. É TAMBÉM NA INTERNET QUE DIVULGAMOS AQUILO QUE FAZEMOS E APRENDEMOS SEMPRE QUE INVESTIGAMOS PARA O PROJETO ELF SOBRE OBJETOS E IDEIAS DE VAMOS FAZER AS PERGUNTAS:

- 1- O QUE É?
- 2- PARA QUE SERVE?
- 3- AFINAL, UTILIZA?

23/2/2015

CONSTRUÇÃO DE ESTUFA COM OS ALUNOS DA ESCOLA FERNANDO BARROS LEAL.

25/2/2015

VISITA DO SR MÁRIO

TEMA: ABELHAS

COMO VIVEM?

COMO SE ORGANIZAM?

QUE BENEFÍCIOS TRAZ O TRABALHO DO TRABALHO DAS ABELHAS?

O QUE PODEREMOS APRENDER COM AS ABELHAS?

Vizita do Sr. Jose Martins
Tema - ENERGIA

COMO SE PRODUZ (ENERGIAS RENOVAVEIS)

- SOL - ENERGIA SOLAR - PAINÉIS FOTOVOLTAICOS
- VENTO - ENERGIA EOLICA - AEROGERADORES
- FLORESTA - BIOMASSA - QUEIMA DE RESIDUOS FLORESTAIS
- ÁGUA - ENERGIA HIDRICA - BARRAGENS

PORQUE DEVES POU PAR ENERGIA?

- AQUECIMENTO GLOBAL.
- QUANDO GASTAMOS ENERGIA, GASTAMOS DINHEIRO.

BOAS PRÁTICAS PODEM RESULTAR EM CASA OU NO TRABALHO EM POU PANÇAS ATÉ 200 € ano.

BOAS PRÁTICAS - (DICAS DE POU PANÇA)

- 1- APAGAR A LUZ QUANDO SE SAI DE UMA DIVISÃO DA CASA.
- 2- DESLIGAR A T.V. QUANDO NÃO SE ESTÁ A VER.
- 3- USAR LÂMPADAS DE BAIXO CONSUMO.
- 4- BANHOS DEMORADOS GASTAM MAIS ENERGIA.
- 5- USAR ELETRODOMÉSTICOS DE BAIXO CONSUMO (A+)
- 6- NÃO DEIXAR A PORTA DO FRIGORIFICO ABERTA.
- 7- NÃO COLOCAR ALIMENTOS QUENTES NO FRIGORIFICO.

PERIGOS DA ELETRICIDADE

- CHOQUES ELETRICOS (BANHEIRA e TOMADAS)
- NÃO MEXER NOS QUADROS ELETRICOS
- NÃO PEGAR NUM APARELHO ELETRICO QUANDO SE ESTÁ DESCALSO.

FRASES CHAVE

- 1- TUDO O QUE FAZEMOS OU PRODUZIMOS REQUER O USO DE ENERGIA.
- 2- O AMBIENTE É DE TODOS VAMOS USAR BEM A ENERGIA
- 3- VAMOS DEIXAR SÓ AS IDEIAS ACESAS.
- 4- O MELHOR QUE SABEMOS FAZER DEVE SER PARA AJUDAR OS OUTROS.

plantas e quando

sementes e sementes

praticar e regar e

ER MAIS?
EM AS PLANTAS.
A HORTA.

A AS

IDEIAS

TEM

O O

AS A

MATER

1- UM
FLEXIV
QUE DE
PODRAR S
QUEBRAR
(RECOMEN
OLIVEIRA

1- CO
2- CO
PE
3- QU
UM

COMO
AJUDAR

MATERIAL
TEBORA
ALICATE

POPAR: LIMP
CORTAR OS RAM
E INUTEIS PAR
ARVORES.

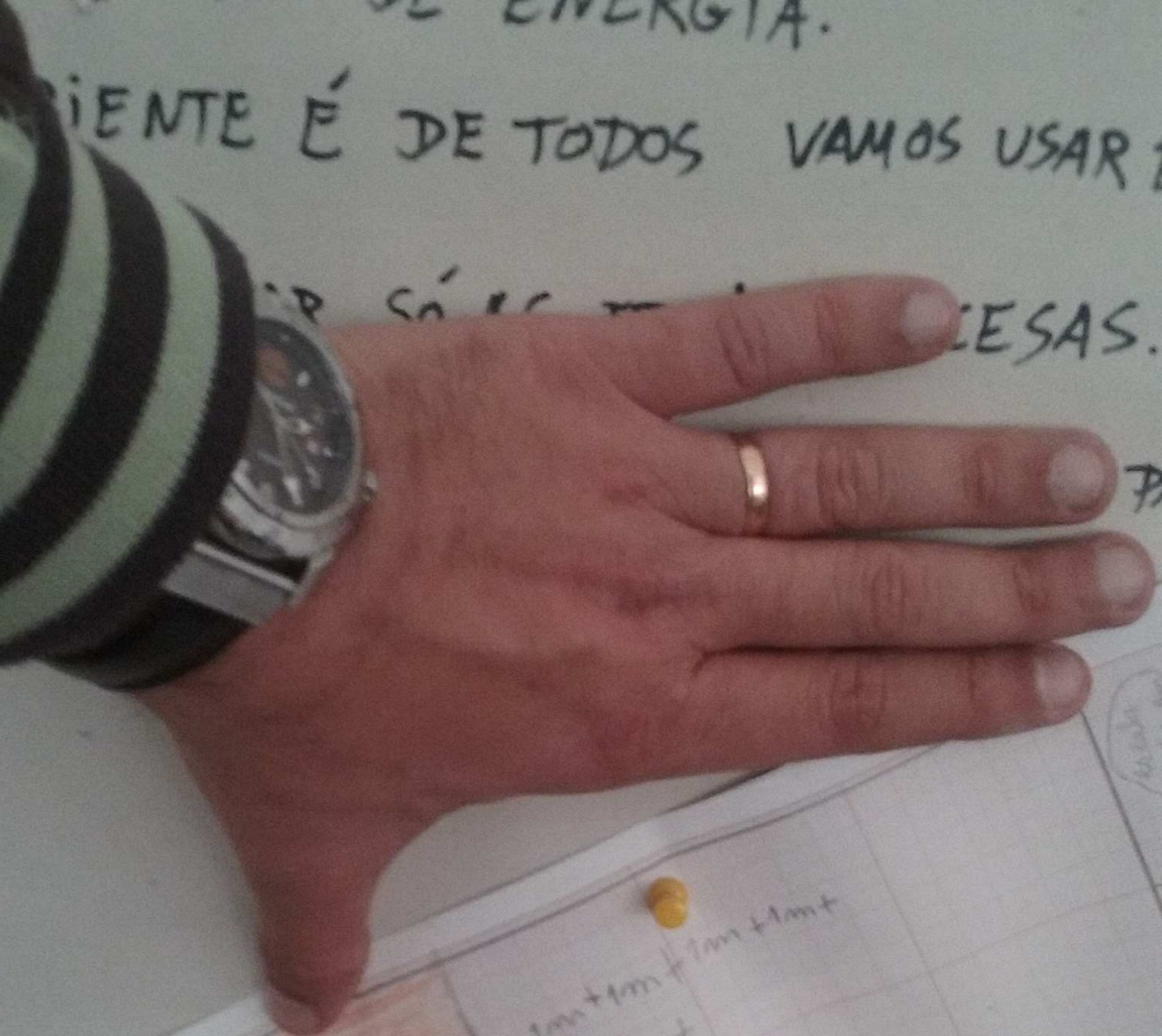
INXERTI
O QUE E
TRANSFOR
BRAVA NU
BOM

MATERIAL:
1- ARVORE COM
RAIZ
1- RAMOS
DE ARVORE
DE FRUTO

DE ENERGIA.

IENTE É DE TODOS VAMOS USAR

SÓ... NESAS.



$1m + 1m + 1m + 1m +$
 $1m + 1m +$

$3 \times 2 = 2m$
 $10 \times 10 = 100m^2$

... $\frac{1}{2}$ da hora

7/11/14

DE Z E M

DE DOR

É ?

R É AGILELE

projetos

na

ntros.

DE

/DE DOR:

usa

organização

novação

municiação

1/12/14

· Visita do J.R. Mário

- 1- Viso explicar como se juntam cebolas e alhos.
- 2- Viso dizer quando se planta e quando se colhe

3- Como se faz uma sementeira

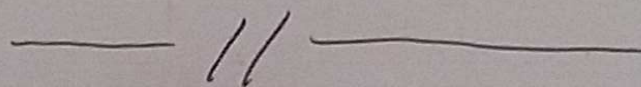
4- Porque surgiram as sementes

Porque se fazem sementes?

É uma maneira simples, prática e barata de conservar, armazenar e transportar o produto.

O QUE QUEREMOS SABER MAIS?

- COMO SE REPRODUZEM AS PLANTAS.
- COMO PLANIFICAR A HORTA.



PERGUNTAS PARA AS PESSOAS.

1- QUÊM SOU?

2- COM QUÊM SOU?

3- PARA QUE SOU?

PERGUNTAS PARA IDEIAS OU OBJETOS

1- O QUE É?

2- PARA QUE SERVE?

3- COMO SE APLICA?

CONSUMIDOR
ELE QUE COMPRA
LIZA O PRODUTO

SOL -
VENT
FLORE
ÁGUA

BOAS
OU M

- 1- APA
CAS
- 2- DES
- 3- USA
- 4- BAN
- 5- USA
- 6- NÃO
- 7- NÃO

· CHO
· NÃO
· NÃO
SE

1- TUD
REQU

2- O AM
ENER

O QUE É?
 EMPREENDEDOR É AQUELE
 que começa novos projetos
 para se melhorar
 a si e aos outros.

· Visita
 alhos.
 1- Vis
 2- Fe
 se adhe
 3- Co
 4- Po
 Porque se
 É uma m
 Paratca de
 Transporta

COMPETÊNCIAS DE
 UM EMPREENDEDOR:

- > autoconfiança
- > iniciativa
- > resiliência
- > planejamento / organização
- > criatividade / inovação
- > interpessoal / comunicação

O QUE QU
 · COMO
 · COMO

10-11-14

PROFISSÕES

ATIVIDADES ECONOMICAS NACIONAIS

As atividades econômicas de um país são as atividades que produzem bens e serviços para o consumo interno e externo.

A riqueza de um país depende do trabalho desenvolvido e das profissões exercidas pelos habitantes do país, em geral, e das atividades econômicas exercidas em cada região.

Os setores: indústria, comércio, serviços, agricultura, pecuária, etc.

As atividades econômicas são agrupadas em 3 setores:

- 1º setor - setor primário - aquele que atua com trabalho rural, produzindo produtos de origem agrícola, pecuária, extrativa vegetal, minerária e de pesca.
- 2º setor - setor secundário - aquele que atua com trabalho fabril, produzindo bens manufaturados.
- 3º setor - setor terciário - aquele que atua com trabalho de serviços, produzindo bens de natureza não material.

PROFISSÃO o que é?

PERGUNT
 PESS

- 1- QUE
- 2- COM
- 3- PARA

PARTICIPA NO COMÉRCIO?

1ª - FABRICA
 2ª - DISTRIBUIDOR

2ª COMERCIANTE
 QUEM COMPRA OS PRODUTOS
 DOS PRODUTORES PARA
 DEPOIS VENDER

3ª CONSUMIDOR
 AQUELE QUE COMPRA
 E UTILIZA O PRODUTO

PERGUNT
 OU OBJE

- 1- O QU
- 2- PARA G
- 3- COMO S

COMERCIANTE

CONSUMIDOR

- TEMA**
- TEMA 1
 - TEMA 2
 - TEMA 3
 - TEMA 4
 - TEMA 5
 - TEMA 6
 - TEMA 7
 - TEMA 8
 - TEMA 9
 - TEMA 10
 - TEMA 11
 - TEMA 12
 - TEMA 13
 - TEMA 14
 - TEMA 15
 - TEMA 16
 - TEMA 17
 - TEMA 18
 - TEMA 19
 - TEMA 20
 - TEMA 21
 - TEMA 22
 - TEMA 23
 - TEMA 24
 - TEMA 25
 - TEMA 26
 - TEMA 27
 - TEMA 28
 - TEMA 29
 - TEMA 30
 - TEMA 31
 - TEMA 32
 - TEMA 33
 - TEMA 34
 - TEMA 35
 - TEMA 36
 - TEMA 37
 - TEMA 38
 - TEMA 39
 - TEMA 40
 - TEMA 41
 - TEMA 42
 - TEMA 43
 - TEMA 44
 - TEMA 45
 - TEMA 46
 - TEMA 47
 - TEMA 48
 - TEMA 49
 - TEMA 50

ESCOLHA DE IDEIAS PARA A EMPRESA

ASPECTO	IDEIAS	ASPECTOS
II	EMPRESA AGRÍCOLA	II
TERMO EMPRESA	EMPRESA CODICULTURA	ASPECTO QUE NÃO PODEMOS AVALIAR
ASPECTOS	BIBLIOTECA	PLANOS VÉRIOS
ASPECTOS	EMPRESA AEROLÁUTICA	PROJETO QUE NÃO PODEMOS AVALIAR
ASPECTOS	FRUTEIROS	PROJETO QUE NÃO PODEMOS AVALIAR
ASPECTOS	BOVINICULTURA	PROJETO QUE NÃO PODEMOS AVALIAR
ASPECTOS	MUSEU	PROJETO QUE NÃO PODEMOS AVALIAR
ASPECTOS	PINTURA	PROJETO QUE NÃO PODEMOS AVALIAR
ASPECTOS	EMPRESA DE FABRICAÇÃO DE AGRICULTURA	PROJETO QUE NÃO PODEMOS AVALIAR

EMPRESA → TAREFA DE DIFÍCIL EXECUÇÃO / ORGANIZADA SÃO ECONÔMICA QUE FORNECE BENS OU SERVIÇOS

EMPREENDER → PROPOR UMA TAREFA DIFÍCIL / TENTAR REALIZAR

EMPREENDEDOR → PESSOA COM A INICIATIVA E VONTADE PARA INICIAR PROJETOS NOVOS MESMO QUANDO SÃO ARRISCADOS

↓

- TEM IDEIAS DIFERENTES
- AVALIA O POTENCIAL DAS IDEIAS

PROJETO

2014 /

EMPRESA → TAREFA DE
DÍFICIL EXECUÇÃO / ORGANI-
ZAÇÃO ECONÓMICA QUE FOR-
NECE BENS OU SERVIÇOS

EMPREENDER → PROPOR UMA
TAREFA DÍFICIL / TENTAR /
REALIZAR

EMPREENDEDOR → PESSOA
COM A INICIATIVA E VONTADE
PARA INICIAR PROJETOS NOVOS
MESMO QUANDO SÃO ARRIS-
CADOS



- TEM IDEIAS DIFERENTES
- AVALIA O POTENCIAL
DAS IDEIAS

PROJETO E.L.F.

2014 / 2015

ESCOLHA DE IDEIAS PARA A EMPRESA

ASPETOS (+)	IDEIAS	ASPETOS (-)
<p>TEMOS ESPAÇO CONSEGUIMOS FLORES CONSEGUIMOS VASOS OFERTA DA ÁGUA VENDA BARATA TEMOS ALGUNS LIVROS</p>	<p>EMPRESA AGRÍCOLA</p> <p>EMPRESA FLORICULTURA</p> <p>BIBLIOTECA</p> <p>EMPRESA AERONÁUTICA</p>	<p>EXCETO QUE OS BENS FAZEM FALTA A TODA A GENTE</p> <p>PLANTAR VÁRIAS VEZES COMPRAR SEMEAS NÃO É UM BEM INDISPENSÁVEL</p> <p>POUCOS LIVROS NOVOS ⇓ NÃO HÁ CLIENTES</p> <p>PRECISAMOS DE ESPAÇO NÃO TEMOS AVIÕES VIVEMOS NUMA ALDEIA</p>
<p>CONSEGUIMOS ARRANJAR ÁRVORES</p>	<p>FRUTEIROS</p> <p>BOVINICULTURA</p> <p>MUSEU</p> <p>PINTURA</p> <p>EMPRESA DE FLORICULTURA E AGRICULTURA</p>	<p>LEVA MUITO TEMPO A PRODUZIR</p> <p>E O ESTRUME? NÃO HÁ ESPAÇO O DINHEIRO NÃO CHEGA PARA AS VACAS AS VACAS COMEM MUITO FALTA MATERIAL NÃO TEMOS ESPÓLIO</p> <p>COMPRAR MATERIAL ⇓ GASTOS DIFÍCIL VENDER MUITOS QUORROS</p>

○ QUE NOS DÃO?
(NÃO PAGAMOS)

- ÁGUA
- VASOS
- MATERIAL RECICLÁVEL
- PLANTAS PARA TRANSPÔR
- SEMENTES
- MADEIRA, PLÁSTICO, AREIA, BRITA, CIMENTO PARA A ESTUFA
- MONTAGEM

○ QUE PRECISAMOS DE COMPRAR?
(PAGAMOS)

- SEMENTES
- PLANTAS PARA TRANSPÔR

○ QUE TEMOS?

- MORANGUEIROS
- BOLBOS
- CHU-CHU
- PEREIRA-MELOA
- TURFA
- COVETES
- HORTA/TERRAS
- ERVAS AROMÁTICAS
- PNEUS
- FERRAMENTAS

○ QUE QUEREMOS PRODUZIR

- LEGUMES
- FRUTOS
- VEGETAIS
- FLORES
- PRODUTOS COZINHADOS

} PRODUÇÃO

↓
TRANSFORMAÇÃO

QUEM NOS PODE AJUDAR?

- CÂMARA MUNICIPAL
- CAMPOESTE
- HORTORRES
- ESCOLA DE RUNA
- JUNTA DE FREGUESIA
- FAMÍLIA E AMIGOS
- CÉSAR LOURENÇO
- JOSÉ MARTINS
- MÁRIO DOMINGOS

RECURSOS E IDEIAS

ONDE VAMOS VENDER

- NA ESCOLA
- NA FESTA DE FINAL DE ANO

VENDA/COMÉRCIO

OBSTÁCULOS A ULTRAPASSAR

- LESMAS
 - CARACÓIS
- FAZER UM FOSSO
SAL
VIVEIRO
- GALINHA?

- LAGARTAS VERDES

- REGA DA ESTUFA

UNIR MANGUEIRAS
RECOLHER CHUVA
REGA POR ASPERSÃO

PRODUZIR PARA
COZINHAR E VENDER

PARA
ESTUDAR!

CADEIAS ALIMENTARES

NOVEMBRO

EMPREENDEDORISMO

- APRESENTAÇÃO ✓
- SESSÃO SOBRE LITERÁRIA ✓
- PLANO DE NEGÓCIOS
- VISITA ✓
- MEALHEIROS
- EQUIPAS ✓

PORTUGUÊS

- TEXTO POÉTICO
- PROVÉRBIOS
- ~~O PEQUENO INVENTOR~~ OS HERÓIS DA HORTA

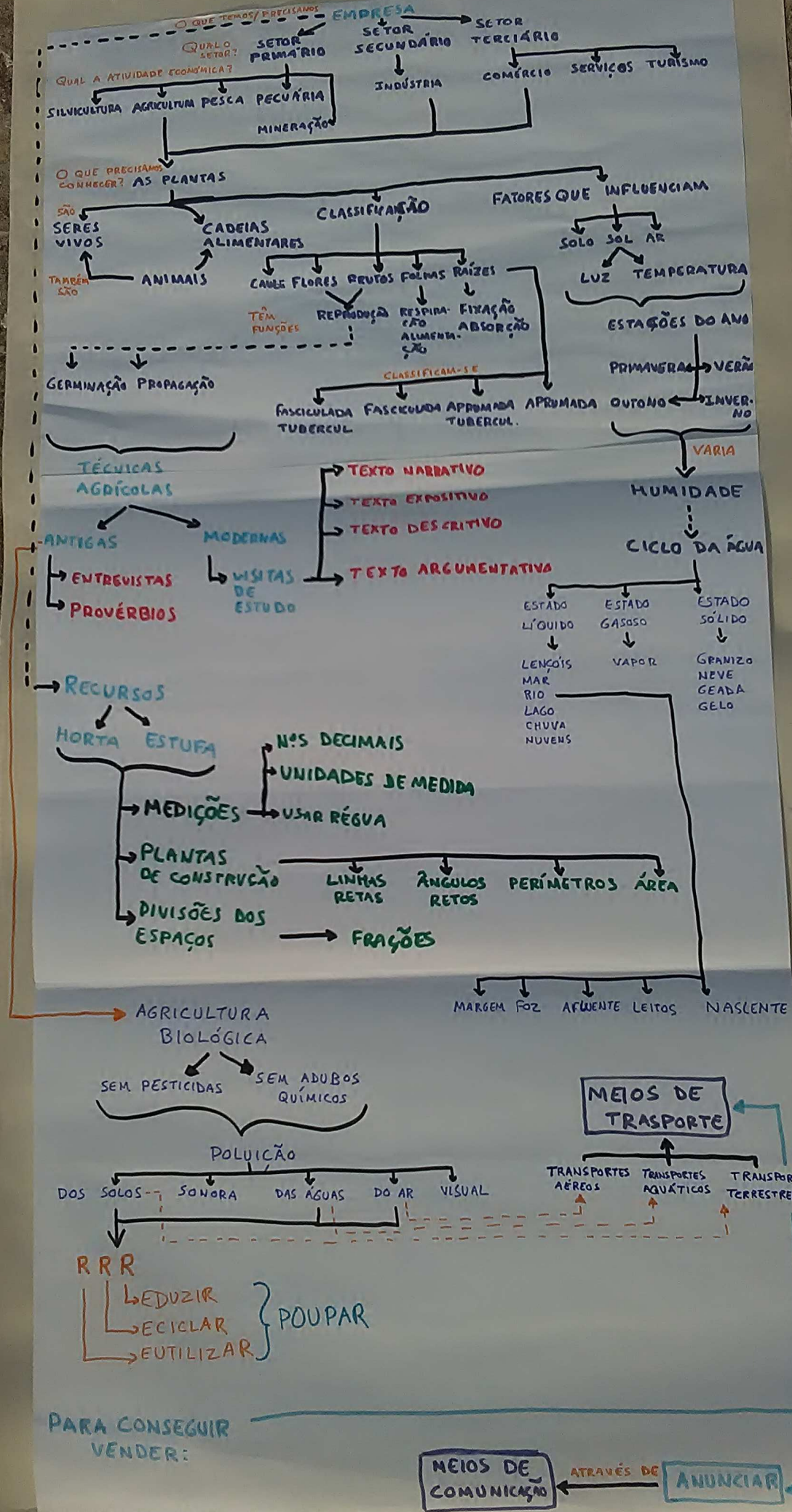
MATEMÁTICA

- OS NÚMEROS DECIMAIS
- DINHEIRO
- UNIDADES DE MEDIDA
- FIGURAS
- FRAÇÕES ✓

ESTUDO DO MEIO

- PROFISSÕES/ATIVIDADES ECONÓMICAS
- AS PLANTAS

MAPA DE CONCEITOS



PLANO DE NEGÓCIOS

NOME: HORTA DOS PEQUENOS AGRICULTORES

SETOR: 1º/2º/3º
ÁREA: AGRICULTURA
INDUSTRIA
COMERCIO

MISSÃO: PRODUIR LEGUMES E VEGETAIS
PRODUIR FLORES
TRANSFORMAR PARTE DA PRODUÇÃO EM ALIMENTOS
VENDER

PRODUÇÃO:	MERCADO:	RAZÕES DE PRODUÇÃO:	FATORES DE SUCESSO
<ul style="list-style-type: none"> - MORANGOS - ALFACES - ERVILHAS - FAVAS - BATATAS - CUVES - BRÓCOLIS - FEIJÃO - TOMATE - PERA-MELOÁ - CEBOLA - LÍRIOS - MANJERICOS - CHUCHUS - ABÓBORAS 	<ul style="list-style-type: none"> - MORADORES DE PERO NEGRO E ARREDORES - MORADORES DO CONCELHO DE SOBRAL MONTE AGRICO - FAMÍLIAS 	<ul style="list-style-type: none"> - CULTIVO POR PEQUENOS AGRICULTORES - USAMOS TÉCNICAS TRADICIONAIS - VENDA A BAIXO PREÇO - ESTÁ PERTO (POU-PA-SE COMBUSTÍVEL) - AJUDA A ESCOLA - NÃO USAMOS PRODUTOS QUÍMICOS 	<ul style="list-style-type: none"> - APRENDAMOS COMO FUNCIONAM EMPRESAS - APRENDAMOS SOBRE AGRICULTURA - JUNTAMOS DINHEIRO PARA O QUE PRECISAMOS

RECURSOS HUMANOS:

- OS ALUNOS
- OS PROFESSORES
- AS FAMÍLIAS
- ASS PAIS
- CÂMARA MUNICIPAL
- ESCOLA PROFISSIONAL AGRICOLA FERNANDO BARROS LEAL
- HORTADORES
- CAMOESTE
- JOSÉ MARTINS
- DEOLINDA TEIXEIRA
- JUNTA DE RECURSOS
- MÁRIO DOALMEIDA
- CÉSAR LOUREIRO

DOAÇÕES:

- ÁGUA
- SEMENTES
- PLANTAS
- LUZ
- VASOS
- MANGA PLÁSTICA
- TRANSPORTE
- MADEIRA
- REDE
- AREIA
- CIMENTO
- CASCALHO
- PREGOS
- BARRAS
- CARRIÓLIS

RECURSOS MATERIAIS:

- PLANTAS
- SEMENTES
- FERTILIZANTE
- EXPERIÊNCIAS
- MANEIRA
- ENTREVISTAS RÁPIDAS
- ET

PRAZOS DE VENDA ALEATÓRIOS:

- NA ESCOLA, SEMPRE QUE HAJAM PESSOAS PARA VENDER

PRAZOS DE VENDA PROGRAMADOS:

- NA FEIRA DE FINAL DE AÑO
- DIA DE SÃO MARTINHO

PONTOS FORTES:

- NÃO PERDEMOS ALCUNS RECURSOS
- UTILIZAMOS TÉCNICAS TRADICIONAIS
- NÃO UTILIZAMOS PRODUTOS QUÍMICOS
- A NOSSA AGRICULTURA É BIOLÓGICA
- USAMOS MATERIAL REUTILIZADO
- VENDAMOS NO LOCAL (NÃO É PRECISO GASTAR COM COMBUSTÍVEL)

PONTOS FRACOS:

- ATRAQUES DE PRAGA
- ATACQUES DE TOURELOS

EXPERIÊNCIAS:

- APRENDAMOS A CUIDAR DE PLANTAS
- APRENDAMOS COMO FUNCIONAM AS EMPRESAS
- APRENDAMOS O CONHECIMENTO DE OUTROS ANOS

DIFICULDADES E SOLUÇÕES:

- LERNAS E LAGARTAS
↓
ELIMINAMOS
- CARACIS
↓
APANHAMOS PARA CRIAR DO VIVERO E VENDER NA FEIRA DE AÑO
- O SOLO ESTÁ A FICAR ESTERIL
↓
FAZEMOS COMPOSTO
- PRAGA DE AFIDEOS (MORILHÃO) NAS FAEIRAS
↓
FAZEMOS UMA INFUSÃO DE URTIGAS

- O CULTIVO É FEITO POR PEQUENOS AGRICULTORES
- PRODUZIMOS A BAIXO CUSTO

COMO ENCONTRAR LENÇÓIS DE ÁGUA (VEDAR):

- MATERIAL: UMA VARA (DE OLIVEIRA, POR EXEMPLO), FINA E VERDE;
- COM A PALMA DAS MÃOS PARA CIMA, PEGAM-SE NAS PONTAS DA VARA;
- ENCOSTAMOS OS COTOVELOS AO NOSSO TRONCO E ARQUEIA-SE A VARA PARA CIMA;
- SEGURA-SE A VARA COM FORÇA E ANDA-SE LENTAMENTE ATÉ A VARA SE MEXER.
- NÓS APRENDEMOS A LOCALIZAR LENÇÓIS DE ÁGUA SUBTERRÂNEA E ISSO É ÚTIL QUANDO QUEREMOS FAZER UM POÇO OU UM FURO.



COMO ENXERTAR (TRANSFORMAR UMA ÁRVORE BRAVIA NUMA ÁRVORE DE FRUTO):

- MATERIAL: UMA ÁRVORE BRAVIA, UM GARFO (UM RAMO FINO DA ÁRVORE QUE QUEREMOS CRIAR), NAVALHA, BARRO, CORDÃO, PLÁSTICO E TESOURA DE PODA.
- A CERCA DE 25 OU 30 cm DO SOLO, CORTA-SE O CAULE DA PLANTA BRAVIA;
- COM A NAVALHA, AFIA-SE O GARFO EM FORMA DE V E CORTA-SE NO CAULE DA PLANTA BRAVIA (CAVALO) UMA FENDA COM A MESMA FORMA;
- ENCAIXA-SE O GARFO NO CAVALO E ATA-SE BEM, DANDO VÁRIAS VOLTAS COM O CORDÃO. DÁ-SE UMA PANCADA NO GARFO;
- AMASSA-SE O BARRO E FAZ-SE UMA ESFERA COM ELE À VOLTA DA UNIÃO;
- FURA-SE UM PLÁSTICO, ENFIANDO-SE NO GARFO, COBRE-SE O BARRO E ATA-SE AO CAVALO;
- ASSIM, QUEREMOS QUE O GARFO SE UNA AO CAVALO E CRESCA. NÃO PODEMOS MEXER NO ENXERTO E TEMOS DE MANTER A TERRA HÚMIDA.



COMO PODAR (CORTAR RAMOS SECAOS E REBENTOS):

- MATERIAL: TESOURA DE PODA.
- PODEM-SE PODAR AS PLANTAS QUE TÊM CAULE LENHOSO;
- PRIMEIRO COMEÇAM-SE A CORTAR TODOS OS REBENTOS JUNTO À TERRA;
- DEPOIS CORTAM-SE OS RAMOS QUE ESTÃO SECOS, ENTRE 15 A 20 cm DA TERRA.



ABRIL

EMPREENDEDORISMO

- SEMEAR, MILHO, FEIÇÃO, CENOURA
- SEMEAR MALMEQUERES, GIRASSOIS, DÁLIAS
- VISITA AO MUSEU

PORTUGUÊS

- PROVÉRBIOS
- FAMÍLIA
- CAMPO LEXICAL

MATEMÁTICA

- PERÍMETRO
- ÁREA
- VOLUME
- CAPACIDADE

ESTUDO DO MEIO

- FILME
- POPUIÇÃO
- TRANSPORTES
- MEIOS DE COMUNICAÇÃO

EXPRESSIONES

- PEÇA
- CARTAZ

CONTABILIDADE €

DOCES → 17€
FLORES → 3,10€
 ↳ 1,50€ } GANHOS

TOTAL → 21,60

TUBO → -7,99
MICRODIFUSOR → -5,98
FILTRO → -4,49
LIGAÇÕES → -2,98 } DESPESAS

TOTAL (SALDO) → 0,16€
ALFACES → 1,80
ALFACES + FAVAS + MORANGOS → 1,4€
 ↳ 3€
 ↳ 3€

ALFACES/MELANCIA → -2,91€
TOTAL (SALDO) → 19,05€

MORANGOS + FAVAS + ALFACE + FLOR → 2€
 ↳ 5€
 ↳ 3€
 ↳ 2€
 ↳ 1€

TOTAL → 32,05€
ALFACES + MORANGOS → 0,50€
 0,50€
 1,40€
 1€
 0,20€
 0,60€
 2€

TOTAL → 38,25€
ALFACES + MORANGOS → 0,60€
 1€
 0,35€
 1€
 0,50€
 0,50€

TOTAL → 42,20€
MORANGOS + FAVAS + ERVILHAS + ALFACES → 1€
 1,70€
 1,30€
 1€
 1€

TOTAL → 48,40€
ALFACE + MORANGOS + ERVILHAS + TOMATES + PEPINO → 1€
 0,50€
 1€
 1€
 0,90€
 1,50€
 1€
 1,20€
 2€
 1,10€
 1€
 0,37€
 2€

TOTAL → 62,97€
MORANGOS + COUVE + ALFACE + TOMATE + COURGETES → 0,35€
 0,65€
 1€
 1€
 2€
 1€
 1€
 1€
 1€
 1€
 1€
 1€

TOTAL → 74,97€
ALFACES → -1,20€
SALDO → 73,77€

ALFACE + MORANGOS + PEPINO + COUVE → 1€
 2€
 0,50€
 0,22€
 0,50€
 1

SALDO → 78,97€
OUTROS → 10,80€
 ↳ 20,00€

SALDO FINAL → 109,77€

ANEXO 11 - Cadernos de Registo Individuais



Poeta E.L.F.
Es un poeta que
L.P. [unclear]

Poeta E.L.F.
Es un poeta que
L.P. [unclear]

Poeta E.L.F.
Es un poeta que
L.P. [unclear]

Poeta E.L.F.
Es un poeta que
L.P. [unclear]

Poeta E.L.F.
Es un poeta que
L.P. [unclear]

POETA
E.L.F.
Akpela

E.L.F.
Poeta
NADIA

Poeta E.L.F.
Es un poeta que
L.P. [unclear]

fimo

fimo

fimo

fimo

fimo

fimo

Projeto E.L.F

significa:

E - empreendedorismo

L - literacia

F - financeira



NOME: XXXXXXXXXX

linha do tempo história do dinheiro

5/11/2014

Pré história

(Trabalho
recolher /
caçador)

Agricultura
Pastorícia
(trocar-se
produtos)

Cidades
(trocas
faziam-se
em sal
surgiu a
palavra
salário)

Impérios
moldas em
ouro

Império
Romano
(moldas
cunhadas
com a
cabeça -
do imperador)

Notas de
crédito
com os
Templários

1ª Bancas
que e-
mpres
tiram
dinheiro
(Bédier)

leque

notas

cartão
multi-
banco

cartão
de
crédito

E.L.F.

Busca no dicionário

- autoconfiança → confiança em si mesmo
 - iniciativa - imaginar e fazer coisas
 - resiliência
 - planejamento / organização
 - criatividade
 - intercessão
- empreendedor: que ou aquele que emprende

empreendedor é aquele que
começa novos projetos para se melhorar
a si e aos outros.



E.L.F

10-11-2014

Profissões e sectores de produtividade
profissões → ato ou efeito de professor,
declaração pública, ofício emprego;
ocupação. Existem várias profissões
numa sociedade. exemplos:

Tempo que fazemos compras temos
de os pagar. Para o fazer podemos
usar dinheiro, cheque ou cartões
bancários. A este processo de troca
de produtos por dinheiro ou outros
produtos chamamos de comércio.

• bombeiro, • padreiro, • carpinteiro

Quem participa no comércio?

- 1º produtor → é quem fabrica os produtos.
- 2º comerciante → quem compra os produtos
aos produtores ou distribuidores para
depois vender.
- 3º consumidor - aquele que compra e utiliza o

produto

Principais actividades económicas nacionais
As actividades económicas dividem-se em
3 sectores

- 1º sector primário → actividades extractivas.
- 2º sector secundário → actividades transformadoras
- 3º sector terciário → serviços

E.L.F

12/11/2014

Em Portugal existem diversas actividades
económicas, de acordo com as características
de cada região:

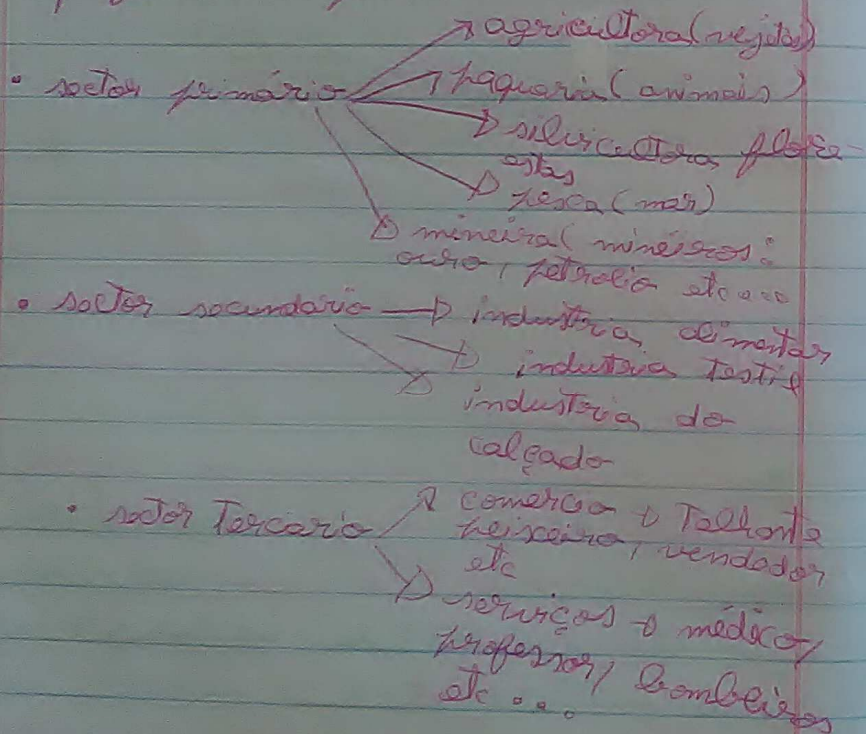
- Actividades que extraem ou exploram
produtos naturais - agricultura, pesca,
pecuária (criação de gado), exploração
florestal, silvicultura, exploração mineral,
salinocultura, etc
- Actividades que transformam a matéria-
prima, noutras produtos - indústria,

construção civil, etc.

- Atividades comerciais de prestação de serviços - turismo, etc.

E.L.F

• As atividades econômicas geram a riqueza de um país.



Medidas agroambientais

A agricultura constitui uma atividade com forte impacto sobre o ambiente e a saúde pública. Nas últimas décadas o recurso a agroquímicos de forma indiscriminada gerou problemas ambientais e de saúde pública. As medidas agroambientais fomentam uma agricultura amiga do ambiente, apelando aos agricultores para uma mudança de atitude na gestão dos agroquímicos.

É importante ter em conta a sustentabilidade da natureza, isto é, atuar sobre ela respeitando os recursos e evitando que se esgotem.

E.L.F

De longo do tempo, a ser humana desenvolveu novas tecnologias, o que lhe proporcionou uma melhor qualidade de vida. Mas, muitas

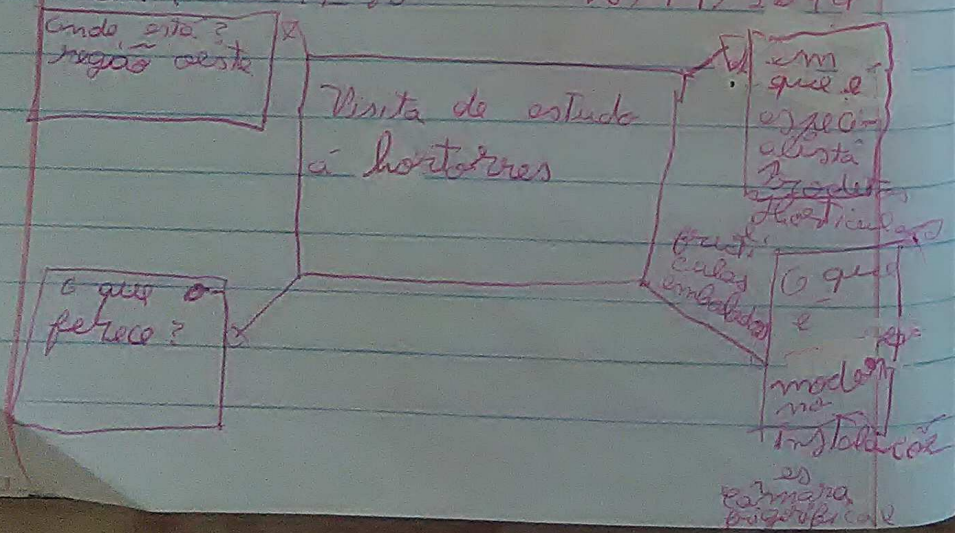
vezes, esse desmembramento de respeito à natureza, contribuindo para a degradação do meio ambiente e a escassez dos recursos naturais.

Permacultura

trabalhar com e não contra a natureza deve ter ciclos de produção e consumo em torno da pessoa, no âmbito de uma família e de uma comunidade. A permacultura é o estudo e aplicação dos desenhos encontrados na natureza.

E. L. F. VISITA À HORTORRES

(CAMPOESTE.) 18/11/2014



método

de embalagem
Camiões frigoríficos

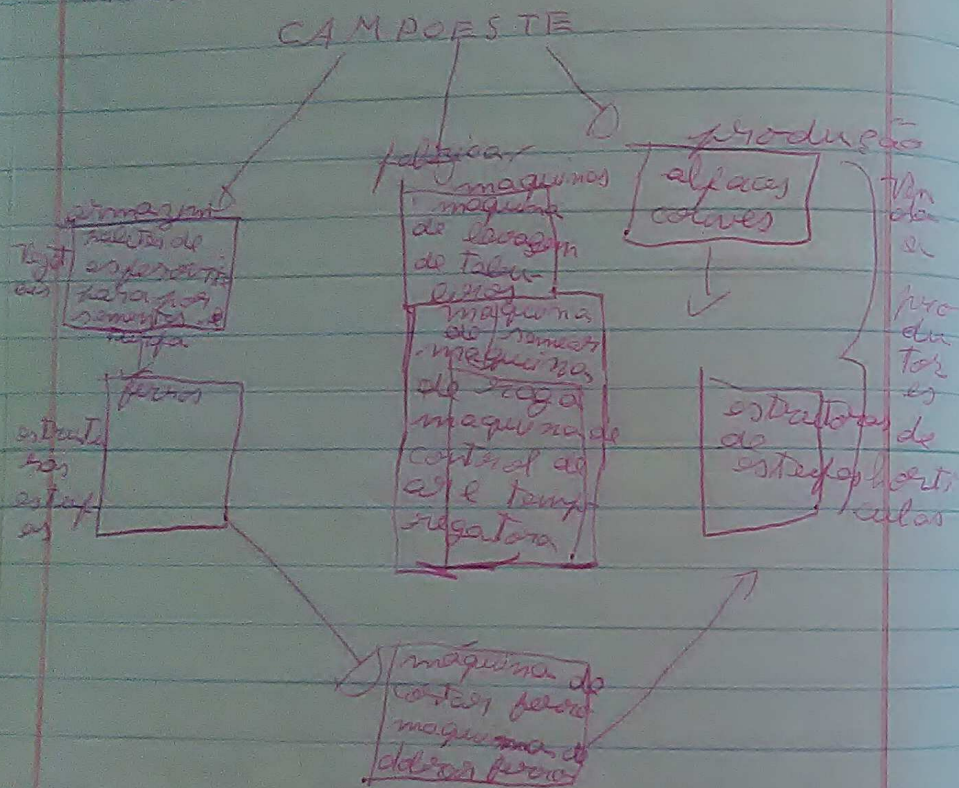
1- Em que sector produtivo nacional trabalha a Hortorres? Trabalha no sector terciário.

1-2- Quem produz os produtos que a Hortorres comercializa - É o produtor

1-3 Indica algumas características que diferenciam a Hortorres da sua concorrência - É oferece produtos bons durante todo ano e câmaras frigoríficas instaladas, embalagem, camiões frigoríficos, pessoas especializadas.

ESQUEMA PLANO DE Negócios -

PARTE I



linha de acontecimentos

9:05	9:15	10:00
Tempo	Tempo	
acontecimentos	legumes	visitas
(Partimos no autocarro)	a hortas e o guia	armazém
	levei-me	
	ao campoeste	
10:45	10:30	10:45
visita as estufas	máquina de sementes	máquina de sementes
11:00	11:20	11:30
armazém de ferro e ferramentas	máquinas de cortar e debitar ferro para estufas	chegada a hortas e lanchas

11:45

Ver como
funcionavam
os leilões

11:50

áreas
refrigeradas
com temperatura
entre -10-8

11:55

Ver
embalagem

de: tomates - alabaras - pimentos
alfaces - curgetes - batata doce
brinçola - pepinos - couves

12:00

linha de
lavagem de
pimento

12:15

máquina
de
embalar
caixas

12:20

Ver
os estufas
ver tomates
em planta
curgetes e
alabaras

12:45

almoxá
na sala
dos
leilões

13:45

máquina de
separação
por cor peso
calibres

15:00

Retorno
à
escala

Visita da Sr. Maria à escola

1- O que veio fazer?

Veio explicar como se juntam
albas (restias) / ramos de albas
lebulas e quando se ~~planta~~

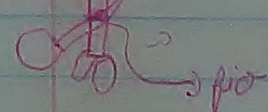
2- Veio dizer quando se planta e quando
se colhe

3- Como se fez a sementeira

4- Por que surgiram as restias

Como se fazem restias

máquina



juntam-se 3 albas e
amarram-se



acrescenta-se uma a uma e
enrola-se como fio de no

No final dá-se um novo nó.

Porque vamos fazer rústias?

Porque é uma maneira simples, prática
e barata de conservar, transportar e
armazenar o produto.

○ Qual precisamos de saber mais?

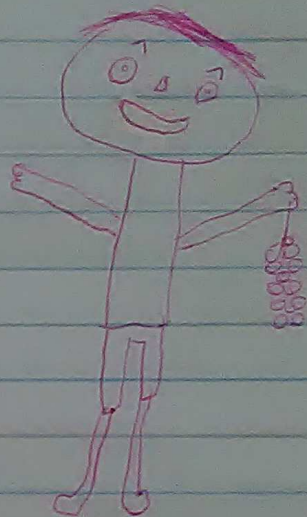
→ plantamos em dezembro

→ colhemos → Maio ou Agosto

e setembro

→ Como se reproduzem as
plantas?

→ Descobrimos que há 8
famílias na turma
que fazem rústias,



No dia 23 de fevereiro vai à escola de B1,
vão trabalhar falar sobre energia.

Como se produz a energia?

- Sol - energia solar
- Vento - energia eólica
- Plantas - energia biomassa
- água - energia hídrica

energias renováveis

- Como se recolhe
- vento → painéis fotovoltaicos
- vento → moinhos de vento
- hidroenergia → queima dos resíduos da floresta
- hidroenergia → barragens

Energias não renováveis e fósseis

- petróleo
- gas
- carvão

Vamos discutir os "ideias acas"

Significa que a única coisa deve estar sempre acas, a gastar energia, são as ideias.

Sempre que vamos de um lado devemos apagar o luz, antes de avançarmos devemos desligar as luzes e apagar a televisão

É importante deixar a porta do frigorífico

pelada.

Projeto E.L.F

Dia 7 de fevereiro visita do Sr. H. L. M.

o que operações?

- 1 - Como montar uma
 - 2 - Como se deve obter os átomos para as
 - 3 - Como transformar uma planta de água
- uma planta que dá fruta que é uma planta com?

Como encontrar água?

Natural

- 1 - um pau flexível que dá para dobrar sem quebrar

Recomenda-se

um pau de madeira

preservado

- 1 - dobrar o pau com os

variáveis para o teste



2 - estudar pela Tercera a quarta que a variável tem a ser



FASE 1



FASE 2

Quando a variável teste significa que sequele local da água

- O que gostamos de investigar?
- 1 - Como se tira a água?
 - 2 - Como se tira a água que está dentro do vaso ou folhas?
 - 3 - Qual são as explicações científicas para a água com o seu peso?

Como se deve cortar as árvores para ajudar a crescer?

procedimento:

Material

- 1 - Terra de pó mais fina que a normal
- 2 - objeto de madeira para a planta para a planta ficar mais bonita

podar - limpar a terra ser cortada com uma cortar as ramas arredondada e

seres e manter a corte das ramas mais das arvores seguintes deve ser feito a mais perto possível do principal

Investigar

1- Porque não falamos sobre as unidades
atuais no mapa?

2- Porque mudou a cor das folhas das
árvores?

3- Para que o corte do terreno
seja dividido os rios de
segundo?

4- O que faz com que a cor das
árvores mude quando estão secando?

5- Porque se faziam os mapas das árvores?

6- Porque é que as folhas dizem com a
idade?

7- Como é que os mapas mostram a origem?

8- (Quanto) quanto tempo demoram as plantas
a crescer?

9- O que faz crescer as árvores?

10- Como é que os rios se formam
naturalmente da Terra?

11- Qual é a árvore que vive mais
anos?

12- Quantas espécies diferentes de plantas

existem no mundo?

MATEMÁTICA

Discutir água e localizar no mapa

Material	Temas
1- Tareixa	• localização espacial
2- fio de lá	• construção de mapa
3- folha de papel milimétrico	• medidas precisas e por
4- lapis	• aproximação
5- borracha	• medidas de comprimento/área
6- rolo de linha	• somas
7- régua	• subtração
	• multiplicação
	• divisão
	• frações

Procedimento para construção do mapa

Verificar o comprimento

da régua

2- Marcar no fio 100 cm ou metros

50 cm

$$50 + 50 = 100 \text{ cm}$$

40 cm

$$40 + \underline{\quad} = 100 \text{ cm}$$

Material

pa

esquadro

tesoura

lápis

alfiler

medida de metro = m

$$1 \text{ m} = 100 \text{ cm}$$

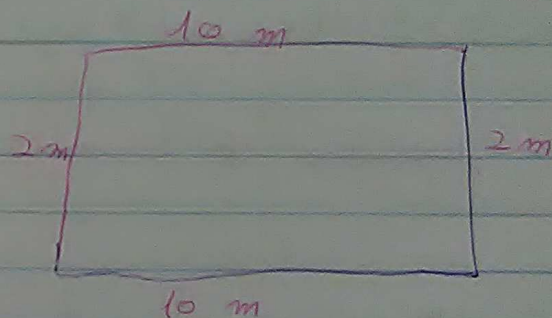
MATEMÁTICA

Construção de mapa e orientação espacial

Compassos	projetor
medidas de comprimento	perímetro
linhas e	
sublinhas	

Para medir a área de uma figura retangular como por exemplo o terreno da nossa escola devemos somar o comprimento de todos os lados da figura.

Se somarmos todos os lados descobriremos qual é o perímetro da figura retangular.



perímetro =

$$10 + 10 + 2 + 2 = 24 \text{ m}$$

MATERIAL

régua

pa com 1 m

lápis

~~alfiler~~ bolacha

papel

um copo ou jarra

folha de papel

milimétrico

Procedimentos

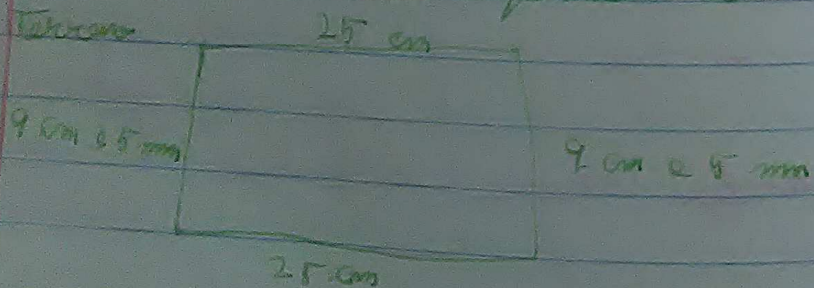
Medir as medidas pelas fontes de referência

	2:	3:	4:
1	25 e 24 cm	25 e 5 cm	27 m e 12 m
2	9 m e 50	9 m e 21 m	10 m
3	19 m e 24 m	14 e 11	14 m
4	13 m e 130 m	11 e 49	14 m 00 cm

desenho e perímetro do terreno

procedimento para a construção de mapa em papel milimétrico

- 1- Fazer quadrado de 1 cm papel milimétrico a 1 cm cada
- 2- desenhar a escala o perímetro do terreno



20/2/2015 | Mapa | escala | perímetro | área
depois de medir o terreno fazer um mapa em papel milimétrico e fazer as medidas

Escala

A escala será feita para facilitar a leitura do papel serão feitas muitas e muitas pequenas para facilitar a leitura e a escala utilizada por um lado será o mesmo igual a um centímetro no mapa 1 m = 1 cm = escala

Perímetro

Para desenhar o perímetro é necessário saber o lado do caso do terreno medido que é 25 m + 24 + 10 + 10 = 70 m

Se o terreno tem 25 m de comprimento e 10 m de largura para calcular a área tem de multiplicar $(25 \times 10) = 250 \text{ m}^2$

~~para~~
para ~~o~~ grupo de Trabalho 5 de
Trabalho

~~Trabalho~~
Trabalho esta tarefa para
assessoria a melhor local em termos
de agua para construir a cidade

para Trabalhadores no projeto E.L.F
prezamos de saber investigar questões
informais, sobre muitas assuntos
importantes

E também na internet que dizalguns
aquilo que fazemos e aprendemos
Hoje dia 23 de fevereiro fomos
reunidos

na sala sobre internet segura

Linha de acontecimentos

	Belém
para que servir a internet?	Não responder a desconhecidos
• Comentar jogar criar navegar desenhar aprender pesquisar	• Não dar o número e dados pessoais a desconhecidos não aderir a demandas de e-mails acasentado não deixar o Bluetooth ligado

Filme
"Jogada digital"
"Omycaendemi que qualquer
pessoa pode ver aquilo que não publicamos
é que "Uma vez na internet fica
para sempre na internet"

Filme
"Foto me
cater" ^{de}
Devemos
pensar bem
antes de
publicar nos
fotos
filmes
pensamentos

Dependência
→ deixar de
estar com a
família, os amigos
→ Isolamento e
perda de laços
sociais e
amizades
→ As notas
da escola
ficam negativas
→ Teófica a vida

Alberto Culling
"Quando temos
um problema
não devemos ter
medo e devemos falar com os pais
ou adultos de (confiança) confiança
Se necessário devemos ir a psicóloga

direitos do
autor
→ Não
devemos
copiar os
trabalhos
da internet

Filme "Lineas"
→
Fotos
↓
Regras para
viver no
ciber
espaço

Aléxias → minimizar limites
de dia 25 de fevereiro a ser usado
na experiência qual é a importância
dos aléxias para a qualidade, para
a nova qualidade de vida e para
os novos trabalhos um tempo.

A casa dos aléxias deve ser usada.

Existem ~~trabalhos~~ trabalhos de aléxias.

manten el nivel de calor en el
papel y organizar trabajo e por
una hora puede ser 1200 ovas.
También se toma una muestra que se
filtra en agua de jabón, después
se lava a ~~agua~~ agua y se
lava la parte del ~~agua~~ agua
colocando al observador sistema y se gana

observación → se en Trichalobites de
colonia a sea Trichalobites a 3

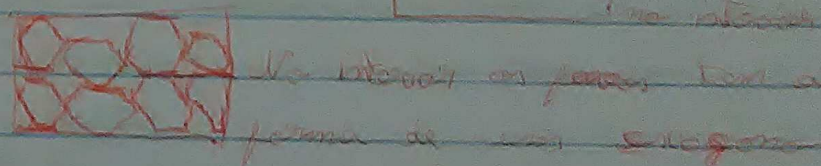
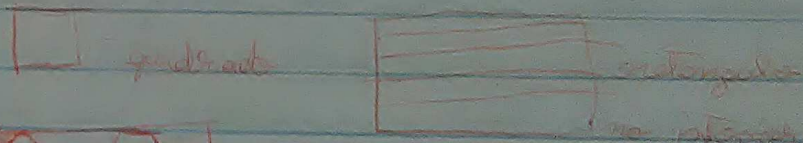
Los animales pueden
estar en dos grupos
• agua y miel

• otros que viven
• cuidar de la comida
de la colonia
(partes de agua)
dependen a
colonia

6 lomas que trata de las colonias
Donde se aplican

La diabetes es importante para
hacer porque a miel o un poco de azúcar,
a una que producen el tipo de azúcar
para producir de la vida de azúcar
de diabetes (~~diabetes~~) También ayudan
a ~~diabetes~~ (diabetes) ~~diabetes~~ ~~diabetes~~ ~~diabetes~~
plantas presentes que están también en
partes.

La matemática de células
de colonia son representada en figuras
geométricas de cuadrado, rectángulo y triángulo



Problema:

La célula madre produce de una tipo de
células nuevas por una ~~división~~ división

precisa de fazer para dar origem
a uma célula mestra?

Matemática das células

Quantos ovos precisa fazer a
célula mestra para gerar outra
célula mestra?

dados:

1 célula mestra

faz 1200 ovos por
dia

3 ovos por célula

três células mestras

o que temos de desenvolver?

1- Quantos ovos vamos fazer com?

3 células os dias de ovo e multiplicar

pela número de ovos $(1200 \times 3^5) =$

$1200 \times 300 + 1200 \times 85 =$

→ desenvolver quanto ovos vamos fazer

com $1200 \times 300 + 1200 \times 85 \times 12 =$

$$\begin{array}{r} 1200 \\ \times 300 \\ \hline 0000 \\ 36000 \\ \hline 36000 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 31200 \quad (1) \\ \times 55 \\ \hline 156000 \\ 156000 \\ \hline 173200 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 36000 \\ + 13011 \\ \hline 49011 \end{array}$$

projeto EL.F

5/3/2015

plano de negócios (Startup plan)

O que é um plano de negócios? É um plano feito em equipe que permite pensar futuro e objetivos das nossas ideias e projetos. Para que serve o plano de negócios?

Para construirmos um caminho para o sucesso

Como se aplica um plano de negócios?

Da - nos as tarefas que são importantes fazer e quando é que as devemos fazer

Todos os planos devem ter as seguintes informações:

1. nome da empresa
2. qual o setor/área em que trabalha
3. Missão - O que queremos fazer
4. âmbito de negócios / qual negócio vai ser
 - Produto - O que vamos fazer
 - Mercado - A quem vamos vender / dar
 - Lugar de produção - Ter que é que fazemos melhor
 - Tipos de recursos

ganhos pessoais materiais e familiares

5. Recursos (O que precisamos para trabalhar)

• Quem trabalha ou ajuda

• Dúvidas ->

• O que vamos precisar de comprar

Hoje dia 9 de março começamos a produção de nossa mini empresa chamada curio aquilona.

Fizemos sementinhas com caixas de ovos onde sementes de o salmista, lomboado com flor. Algumas regos na lanta a sementes pepino e tomate. Depois regamos todo muito bem.

Seguidamente fomos para a estufa e lá plantamos uns pes de tomate e uns pes de pepino.

No dia 10/4/2019 o sr. Manuel veio à escola para trabalharmos a peça de teatro a "Cigarras e a formiga."

O que vamos aprender com esta atividade?

- Identificar o futuro
- harmonia
- amizade

- estar juntos
- empenho
- aprender coisas novas

Adaptar

- mimos
- amor
- carinho
- liberdade

S.P.

- Texto dramático
- temas musicais
- leitura com entonação
- memorização
- expressão intencional
- argumentar

E.M. - Juvinais

Estações do

ano

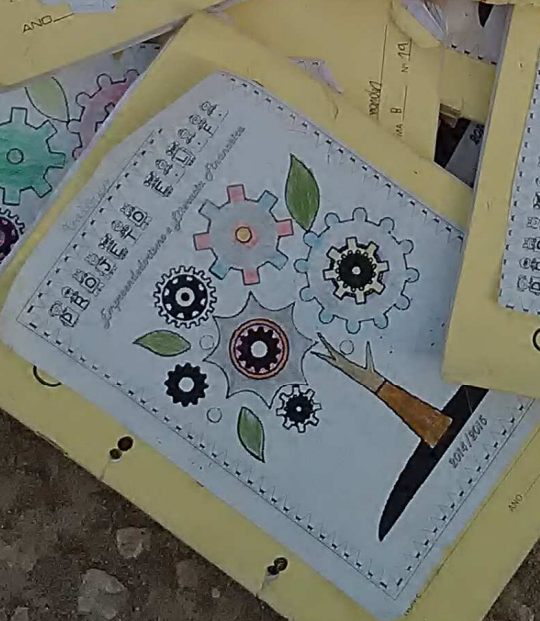
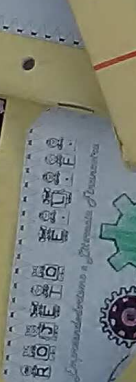
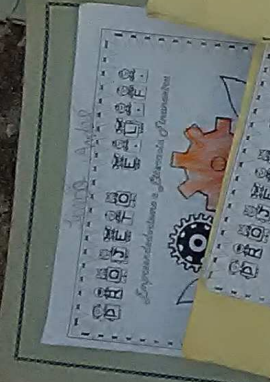
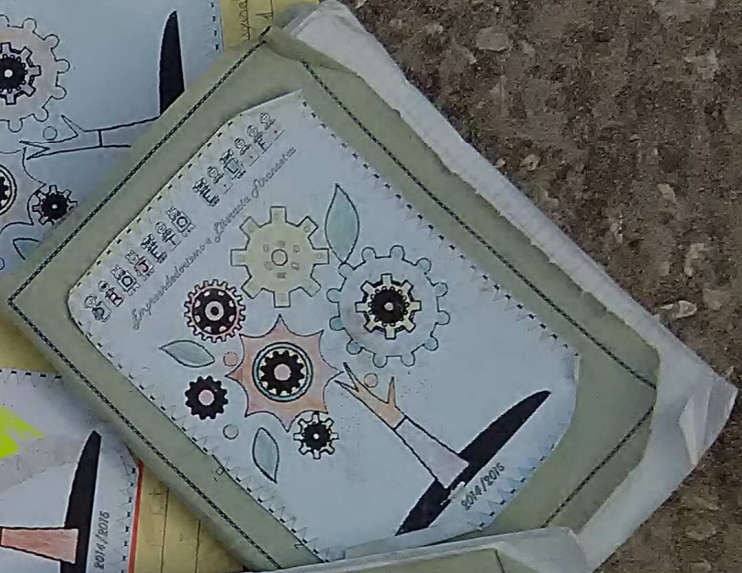
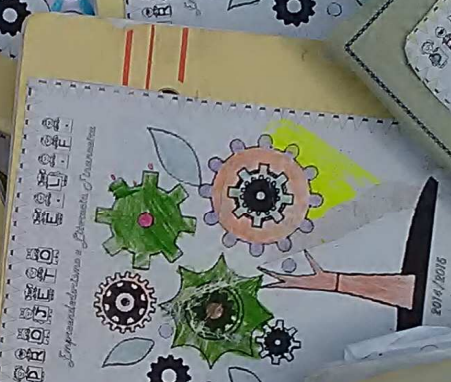
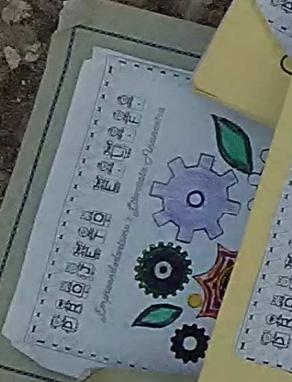
Exp - pinturas, recortes, colagem musical

Valores da família F.L.S

cidadania → fazer valer os direitos
 comunidade → quem fazilha a norma
 escola vida escolar

Objetivos comuns → Valores:

- mediana
- liberdade
- carinho
- amor família
- amizade
- cidadania
- cumprimento do dever



Projeto E.L.F.

Empreendedorismo e Literacia Financeira

X

Nome: ~~XXXXXX~~ ~~XXXXXX~~ ~~XXXXXX~~

X

X

X

Empresa → tarefa de difícil execução / organização económica que fornece bens ou serviços.

Empreender → propor uma tarefa difícil / tentar / realizar

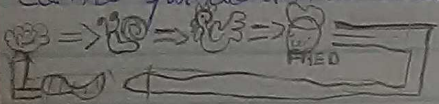
Empreendedor → pessoa com a iniciativa e vontade para iniciar projetos novos, mesmo quando são ariscados



— tem ideias diferentes.
Avalia o potencial das ideias.

28/11/2014

Como funcionam as cadeias alimentares



O que é ser empreendedor?

- Ter coragem de avaliar a potencial das ideias;
- Tomar a iniciativa e não desistir (resiliência);
- Ter

Salários semanais - 16/11/15

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
16,80	16,80	16,80	16,80	16,80
x 4	x 3	x 3	x 4	x 4
67,20	50,40	50,40	67,20	67,20

Total:

67,20
50,40
50,40
67,20
67,20
+ 302,40 ✓



Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de januário

Provérbio	Significado/Aprendizagem
De janeiro em diante, uma vara crescente.	A partir do início de janeiro já há mais uma hora de sol por dia.
Vara flocada em novembro, feita somente em janeiro.	Em novembro semeia-se a terra para estar pronta a sermos em janeiro.
Boas dias em janeiro, ingemas a harmonia em fevereiro.	Se em janeiro não chover, a terra para em fevereiro.
Se quiser ser bom alveia, planta abelha em janeiro.	Para ter bons abelhas, há que plantá-las em janeiro.
Em janeiro a boa batida dizem que a onça dorme e não a pega.	Em janeiro as batidas dormem nas saídas e não dormem nas segadas.

Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de januário

Provérbio	Significado/Aprendizagem
Travada em janeiro, com bom prado, com palheira.	Tempestades em janeiro estragam a comida dos animais nos meses seguintes.
A chusca de janeiro, oco a celina.	Se chover bastante cheira em janeiro, há muita cereia no mês inteiro.
Leum em janeiro, bacia, tem + país para a juba.	Leum celina em janeiro, terá muita cereia no mês inteiro.
A água de janeiro traz agite ao animal, ao lugar e palha ao palheira.	A chusca de janeiro faz dar agite para produzir agite e crescer a batida para fazer brotar de palha.
Se quiser ser bom varilheira, semeia no crescente de janeiro.	Para ter boas varilhas, há que semeá-las em janeiro, no quarto crescente.

Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de janreira

Provérbio

Significado/Aprendizagem

Tronçada em janreira, nem
boam preda, nem palheira.

Tempestades em
janreira estragam a comida
dos animais nos meses
requintados.

A chusca de janreira, encha
a celeira.

Se chover bastante
chusca em janreira, haverá
muitos cereais na ana
inteira.

Quem em janreira lavras,
tem 7 pães para o jantar.

Quem cultiva em
janreira, terá muita comida
na ana inteira.

A água de janreira
traz agreste ao celeiral,
ao lugar e palha ao
palheiro.

A chusca de janreira
faz dar agrestes,
para produzir agreste e
crescer as plantas nos
barridos de palha.

Se queres ser boam
esvilheira, semeia no
crescente de janreira.

Para ter boas esvilhas,
há que semeá-las em
janreira, no quarto
crescente.

Salários semanais - 23/1/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
16,80 4	16,80 3	16,80 3	16,80 4	16,80 4
<u>67,20</u>	<u>50,40</u>	<u>50,40</u>	<u>67,20</u>	<u>67,20</u>

Total:
 67,20
 50,40
 50,40
 67,20
 67,20
302,40 €

Salários semanais - 20/1/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
16,80 4			16,80 4	16,80 4
<u>67,20</u>	50,40	42,00	<u>67,20</u>	<u>67,20</u>

Total:
 67,20
 50,40
 42,00
 67,20
 67,20
294,00

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 26/1/15 a 30/1/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	50,40	42,00	67,20	67,20	294,00

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 2/2/15 a 6/2/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80 4	50,40	16,80 4	16,80 4	16,80 4	67,20
<u>67,20</u>		<u>67,20</u>	<u>67,20</u>	<u>67,20</u>	67,20

67,20
 50,40
 67,20
 67,20
 67,20
339,20

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 9/2/15 a 13/2/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80 4	42,00	16,80 4	67,20	67,20	67,20
<u>67,20</u>		<u>67,20</u>			67,20

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 20/2/15 a 24/2/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
			16,80 4	16,80 4	
			<u>67,20</u>	<u>67,20</u>	

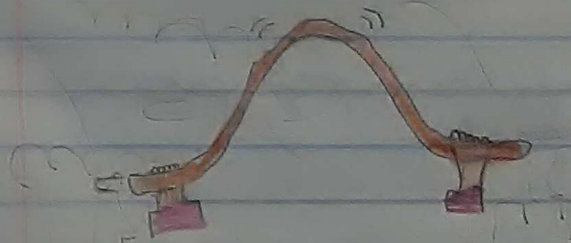
Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de fevereiro

Provérbio	Significado/Aprendizagem
Quando não chove em fevereiro, nem as terras da centeira	Se não chover em fevereiro as terras não produzem nada nem milho.
A moeda de fevereiro, enche a celeira;	A moeda moída em fevereiro cresce bastante e produz muito rendimento.
Em fevereiro, aquece a centeira, a moeda enche a celeira e a palha foge da palmeira.	O centeiro e a moeda crescem da sala e as espelugas saem das ramos para chamar as formigas.
Em fevereiro chove, um agosto seca.	Se chover, traze as uma mais cedo.
Calhetas de moa bisneta, cabem todas num cesto.	Nos meses bissextos, as calhetas são poucas.

Como encontrar lençóis de água (redes):

- Material: uma vara (de abacaxi, por exemplo), fina e verde;
- Com a palma das mãos para cima, pegam-se nas pontas da vara;
- Encostamos as catavelas no novo tronco e arqueiam a vara para cima;
- Segura-se a vara com força e ordamas lentamente até a vara se encher.
- Após aprendermos a localizar lençóis de água subterrâneos e isso é útil quando queremos fazer um poço ou um furo.



Como encaixar e transformar uma árvore de frutas:

x

- Material: uma árvore branca, um garfo (um ramo fino da árvore que queremos criar), navalha, barra, cordão plástico e tesoura de poda.
- A cerca de 25 ou 30 cm da sala, corta-se o caule da planta branca;
- Com a navalha, afia-se o garfo em forma de V e corta-se no caule da planta (cavalo) uma fenda com a mesma forma;
- Encaixa-se o garfo no cavalo e ata-se bem, dando várias voltas com a cordão. Dá-se uma pincada no garfo.
- Amassa-se a barra e faz uma esfera com ele a volta da união.
- Lava-se um plástico, enfia-se no garfo, cobre-se a barra e ata-se ao cavalo.
- Assim, queremos que o garfo se una ao cavalo e cresça. Não podemos esquecer no encaixe e temos de manter a terra húmida.



Como fazer caixas (ramos secos e verdes):

* Material: tesoura de poda.

* Podem-se fazer as plantas que têm caule lenhoso;

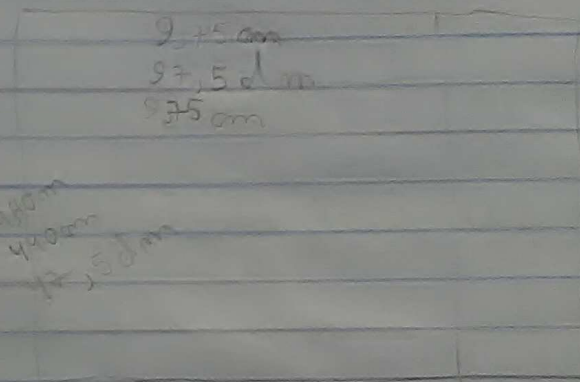
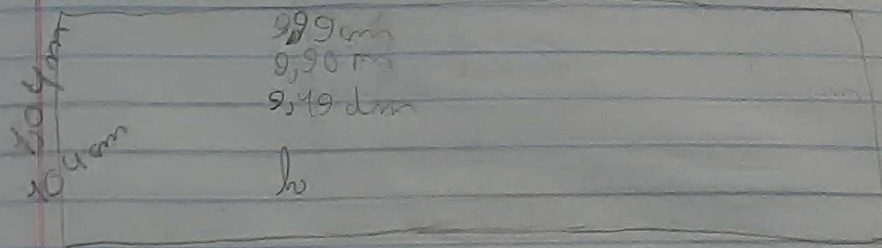
- Primeiro, começam-se a cortar todos os rebentos junto a terra;

- depois cortam-se os ramos que estão secos de 15 a 20 cm da terra;

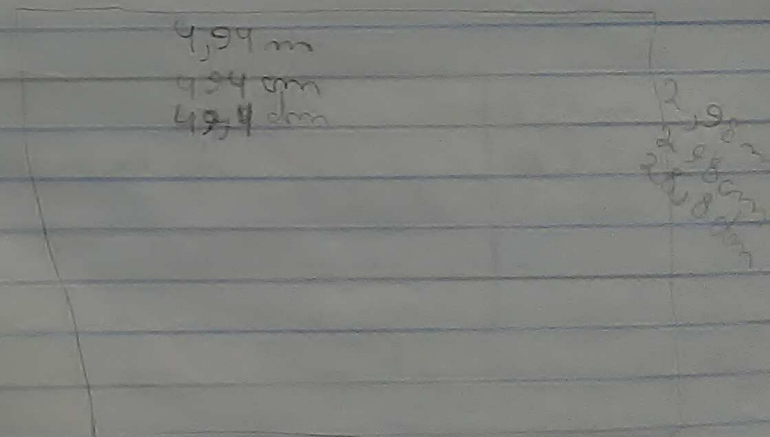


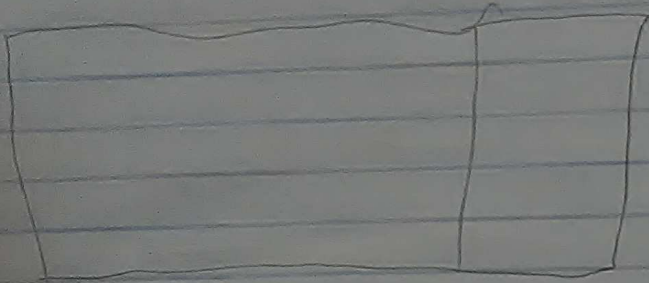
Medidas da haste

20/2/15



440cm
97,5cm





Corais 1,7 m
 faixas 4,48 m
 arruillares 3,24 m
 abala 2,25 m

Collecção das medições

harta cabrita

10,4 m
 ou
 10,4 dm
 ou
 104 cm

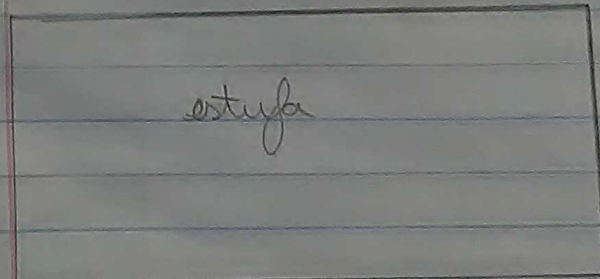
9,99 m ou 99,9 dm 999 cm

X
X

374 cm	448 cm	107 cm	440 m
		caixas	44,0 dm
arruillares	harta	faixas	22,5 cm
	440 cm		107 cm
440 cm		abalas	
			215 cm

9,75 m ou 97,5 dm ou 975 cm

X



2,88 m
 ou
 28,8 dm
 ou
 288 cm

4,94 m ou 49,4 dm ou 494 cm

Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de Dezembro

Provérbio	Significado/Aprendizagem
Dezembro é festa, guarda no barba.	do chegar o mês de dezembro, começa a aparecer o gado.
Dezembro é frio, calar no estio.	de haver frio em dezembro a roupa seria quente.
em dezembro chove em agosto.	de chover em dezembro, em agosto há seca.

Texto argumentativa

Agricultura biológica ou uso de produtos químicos.

- pragas

- caracóis
- lagartas
- lagartas verdes
- cigarras

- Se não chover no
plano tempo
- mais tempo de
seca.

- Se não houver
estrução ou chuva
a terra fica
estéril.

a quantidade de
plantas para
cuidar é menor
faz-se menos
menos dinheiro.

Agricultura biológica ou agricultura com recurso a produtos químicos.

x
Atualmente a agricultura desenvolve-se de duas formas: a agricultura biológica e a agricultura industrial com recurso a produtos químicos. Há pessoas que defendem a primeira por não prejudicar a saúde e outras que defendem a segunda por ser mais eficiente.

Neste último caso, são reconhecidas como aspetos positivos a facilidade que há em controlar pragas com pesticidas ou em adubar os solos. Assim, as plantas crescem mais rapidamente, aumentando a produção e a renda.

Por outro lado, a use de produtos químicos, faz com que estes se infiltram no solo, chegam aos lençóis de água e entram no ciclo da água da qual dependemos para viver.

Além disso, as plantas absorvem-nos e entram na cadeia das plantas, como os animais herbívoros comem as plantas e os carnívoros comem estes últimos, os químicos vão passando de ser vivo em ser vivo ao longo da cadeia alimentar aumentando-a. Da mesma forma, as plantas não se desenvolvem demasiado depressa e por isso amadurecem demasiado depressa e não gostam de saber.

Problemas:

1- caracóis

- limpar a terra de folhagens e de objetos;
- fazer barreiras de cinza;
- usar vasos como escaninhos para procurar;

x

x

2- terra estéril

- usar composto misturado;
- misturar plantas, restos de fruta, cinza e terra da café na compostagem.

x

A agricultura biológica é muito ligada à natureza e utilizando técnicas tradicionais. Por isso, as plantas crescem sem se utilizarem produtos químicos e em equilíbrio com a natureza.

Assim não afeta a nossa saúde e os alimentos são mais saborosos. Por outro lado, também é uma forma de agricultura com mais tendência para ser atacada por pragas de caracóis, leiras, lagartas, cigarras, ... As plantas resistem menos ao mau tempo para se desenvolverem. Além disso, se não houver estirpe ou composto, a terra fica rapidamente

estétil (sem nutrientes). Como os terrenos não são sobreaproveitados, a produção é mais baixa e para a aumentar é necessária ocupar mais terrenos.

Resumindo, a agricultora que usa produtos químicos, tem uma maior produção mas prejudica a nossa saúde. A agricultora biológica tem menos produção mas é mais natural.

Em nossa opinião, deve-se desenvolver mais a agricultura biológica pois parece-nos mais importante pela natureza e pela saúde.

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
16,80 x 3 ----- 50,40	16,80 x 4 ----- 67,20 €			

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 07/4/15 a 10/4/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80 x 3 -----	16,80 x 4 -----	16,80 x 4 -----	16,80 x 4 -----	16,80 x 4 -----	
67,20 €					67,20 €

16,80
67,20 €
67,20 €
67,20 €
67,20 €

268,80

Projeto E.L.F. - Aprender com os provérbios

Mês de <u>Março</u>	
Provérbio	Significado/Aprendizagem
Quem pade com março, vindima na regaço.	Março é um bom mês para fazer, se quisermos ter a regaço cheia de uma vida inteira dar
Em março a vella sai e volta ao caril.	Tem o tempo a melhorar, os ventos saem mais de casa, mas ao fim de da, esta
	esta fria e volta para o abrigo da lar.
Março, marçago, de namba imersa, de tarde surra.	Em março há momentos de bom tempo e de mau tempo.

Ideias para uma produção mais limpa e sustentável:

- explorar menos os recursos naturais aproveitando a reciclagem;
- fazer uma produção mais limpa, sem produtos químicos que prejudicam a saúde de pessoas e o ambiente;
- comprar só a que precisamos e escolher os produtos que geram menos lixo.

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 13/4/15 a 17/4/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80	16,80	50,40	16,80	88,60
33,60	33,60	33,60	50,40	16,80	67,20
✓	✓	✓	✓	✓	✓
	67,20	50,40		67,20	58,80
		8,40			277,20
		58,80			

7,99
 5,99
 4,49
 2,98
 21,45
 - 21,44
 00,16
 21,45

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 20/4/15 a 24/4/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
33,60	67,20	90,40	16,80	50,40	308,80
			46,80		67,20
			3		

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 27/4/15 a 30/4/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	30,90	50,90	16,80		218,40
			3		50,40

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 4/5/15 a 8/5/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
33,60	58,80	46,80	33,60	67,20	260,20
✓	✓	✓	✓	✓	✓
		67,20			

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 11/5/15 a 15/5/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
32,00	16,80	50,40		67,20	32,00
	3				50,40
	50,40				50,40
					67,20
					200,00

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 18/5/15 a 23/5/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	50,40	50,40	16,80 <u>50,40</u>	25,20	243,60

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 26/5/15 a 29/5/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
58,80	33,60 <u>3</u>	33,60	33,60	67,20	252,00

58,80
3
58,80

30
58,80
58,80
33,60
33,60
67,20
252,00

Tabela de Registo de Salários Semanais - Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 1/6/15 a 5/6/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	67,20	67,20	67,20	67,20	

Saldo da empresa - 4/6/15

2€ + 5€ + 3€ + 2€ + 1€ + 3€

19,05€

2€
5€
3€
2€
1€
19,05€
0,50€
0,50€
1,40€
0,20€
0,60€

19,05€
0,25€

0,60€

1€

0,35€

1€

0,50€

19,20€

1€

1,70€

1,50€

1€

19,40€

1€

0,50€

1€

1€

1,50€

1,20€

2

1,10€

0,32€

2

62,97

901

62,97

0,55

0,35

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 28/9/15 a 3/10/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	67,20	67,20	67,20	67,20	201,60

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 6/10/15 a 9/10/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
50,40	67,20	67,20	67,20	67,20	319,20

67,20
+ 67,20
319,20

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 14/10/15 a 17/10/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	50,40	23,60	33,60	67,20	154,80

67,20

50,40
+ 5,40
55,80
+ 23,60
58,80 ✓

Projeto

Ano Letivo 2015/16

Lucro de 2014/15: 107€

Venda das docas e tomates: ~~107~~ 107
+ 16
123€ Total

o que precisamos?

- Alfaces
- Encaixes
- Sementes
- Enxadas/ferramentas

o que gostamos de comprar?

- Cesta de barqueteal
- Aquário.
- Flores

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 20/01/15 a 24/01/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
58,80	67,20	58,80	78,30	33,60	252,70

3350

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 29/01/15 a 30/01/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
70,80	67,20	50,40	67,20	33,60	278,20

50,40

50,40

+ 240

58,80

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 2/02/15 a 6/02/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
70,80	58,80	33,60	33,60	67,20	270,40

670,00

Receita caseira para acabar com os caracóis e lesmas |

T.P.C.

2 0 FEV. 2015



COMO CONSEGUIR EMPREGO EM 30 DIAS
INSCRIÇÕES ESOTODAS!



Workshop com Pedro Silva-Santos
AUMENTO DE OCASIÕES DE TRABALHO
13 FEVEREIRO - TERÇA

TODOS MAIS VISTOS CURIOSIDADES UAU! IDEIAS BRILHANTES COMO FAZER COMO VENCER PARCEIROS NOCTULER

ENTRADA | O QUE É O NOCTULA CHANNEL? | COLABORA CONNOSCO



Receita caseira para acabar com os caracóis

COMO FAZER, CURIOSIDADES, OS MAIS VISTOS, TODOS - COMMENTS (1) - 37921

No âmbito do Ano Internacional da Agricultura Familiar aqui fica mais uma dica para melhorar as hortas familiares e não só!

A nossa casa e o nosso jardim estão constantemente a ser atacados por infestações, quer seja de formigas, lesmas ou caracóis.

Armadilhas para acabar com caracóis e lesmas:

- 1 - Cerveja**
Uma das soluções mais populares é a aplicação de pratos com cerveja nas zonas mais afetadas. Coloca os pratos ao mesmo nível da terra do jardim e espera que as lesmas e os caracóis caiam lá dentro e se afoguem.
Verifica com regularidade as armadilhas e vai retirando a bicharada!
- 2 - Cinza, cascas de ovos e cascas de carvalho**
As cinzas da lareira, cascas de ovos e de carvalho colocadas à volta das plantas repelem os caracóis e as lesmas pois provocam irritação e desidratação dos mesmos.
- 3 - Vasos de cerâmica de pernas para o ar**
Uma das técnicas mais utilizadas, é colocar vasos de cerâmica ao contrário, contra os raios solares e ligeiramente levantados do chão.
Esta técnica resulta muito bem, porque as lesmas e os caracóis estão sempre à procura de um local com sombra para descansarem e, desta forma, os vasos acabam por ser a armadilha perfeita. Inspecciona todos os dias e retira os animais viscosos que estiverem no seu interior até que a infestação termine.

RECENTES

Jardim móvel que substitui os carros - Parklet

O que fazer quando se parte uma lâmpada?

7 truques para vender ideias à Steve Jobs

10 fotografias que mostram quão má é a poluição na China

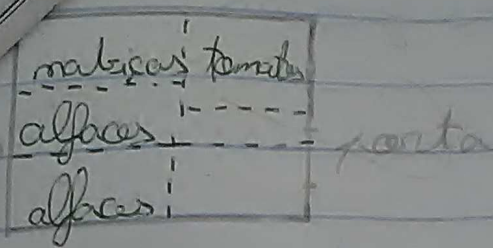
Bomba de sementes rebenta com zonas urbanas e jardins.

ULTIMOS VIDEOS

COMO VENCER

...la.
 ...aneas indesejáveis: - aviso aos
 ...res: não existem ervas daninhas
 ...EZA ABOMINA O VAZIO, onde haja
 ...e condições para criar vai nascer
 ...flores e plantas em geral.
 ...ras, que estejam velhas ou
 ...não.
 ...carvão - o de
 ...o aconselháveis pois
 ...al deixados pelo

... com as seguintes medidas



600 cm

1- Quantas m. de comprimento e de largura tem a estufa?

$0,39 \text{ dam} = 3,9 \text{ m}$ ✓

$600 \text{ cm} = 6 \text{ m}$ ✓

De comprimento é 3,9m e de largura é 6m

2- Que fração da estufa ocupam as tomateiras
 $\frac{1}{6}$

Por a fração é $\frac{1}{6}$ ✓

3- É as malucas?

$$\frac{1}{6}$$

R: A fração é $\frac{1}{6}$.

É as duas culturas juntas?

$$\frac{1}{6} + \frac{1}{6} = \frac{2}{6}$$

5- Que parte da estufa se destina às alfaces?

$$\frac{2}{6}$$

6- Que parte ficará por semear?

$$\frac{2}{6}$$

7- Escreva outra fração equivalente à parte semeada da estufa.

$$\frac{1}{3}$$



$$\frac{1}{3} = \frac{2}{6}$$



8- Qual o perímetro da estufa?

$$3,9 \text{ m}$$

$$3,9 \text{ m}$$

$$6 \text{ m}$$

$$+ 6 \text{ m}$$

$$19,8 \text{ m}$$

9- Preencha essa medida em cm.

0

$$390 \text{ cm}$$

$$3900 \text{ cm}$$

$$600 \text{ cm}$$

$$6000 \text{ cm}$$

$$1980 \text{ cm}$$

10- Quando plantares as alfaces, que fração da estufa estará ocupada?

$$\frac{1}{6} + \frac{1}{6} + \frac{1}{6} + \frac{1}{6} = \frac{4}{6}$$

11- Escreva outra fração equivalente.

$$\frac{2}{3}$$

12- Indica em m a área:

a/ das tomateiras $3,9 \text{ m}^2$

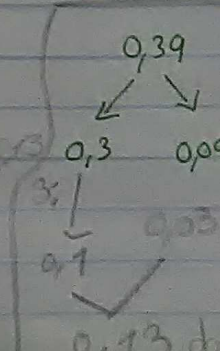
b/ das malucas $3,9 \text{ m}^2$

c/ das alfaces $7,8 \text{ m}^2$

d/ semeada $7,8 \text{ m}^2$

$$a \quad \frac{1}{2} \times 600 = 300$$

$$\frac{1}{3} \times 0,39 = 0,13$$



$30,0 \text{ cm} = 3 \text{ m}$
 $0,13 \text{ dm} = 1,3 \text{ m}$
 $3,9 \text{ m}^2$
 $\times 2$
 $7,8 \text{ m}^2$

$1,3$
 $\times 1,3$
 $3,9 \text{ m}^2$

$3,9 \text{ m}^2$
 $+ 3,9 \text{ m}^2$
 $7,8 \text{ m}^2$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 9/11/15 a 13/11/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	84,00	84,00	84,00	67,20	84,00
					84,00
					+67,20
					403,20

5
 $84,00$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 19/11/15 a 20/11/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	84,00	84,00	84,00	67,20	67,20
					+8,40
					84,00
					+75,60
					394,80€

$75,60$
 $84,00€$
 $+75,60€$
 $394,80€$

$84,00€$
 $84,00€$
 $25,60€$
 $84,00€$
 $84,00€$
 $471,60€$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 23/11/15 a 27/11/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
84,00	84,00	25,60	84,00	84,00	471,60

$395,80€$
 $+471,60€$
 $806,40€$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 7/12/15 a 11/12/15

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20	X	84,00	67,20		

segunda	quarta	quinta	sexta
16,80	16,80	16,80	16,80
$\times 4$	$\times 2$		
67,20	33,60	84,00	84,00
+8,40	+16,80	81,40	81,40
75,60	59,40	81,40	81,40
		+58,80	

TOTAL
 $75,60$
 $59,40$
 $58,80$
 $+67,20$
 $269,00$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 14/12/15 a / /

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
84,00	X			75,60€	370,80€

$$\begin{array}{r} 157,20 \\ 16,80 \\ \times \\ \hline 157,20€ \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 16,80€ \\ \times 4 \\ \hline 67,20€ \\ + 8,40€ \\ \hline 75,60€ \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 4/1/16 a 8/1/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
50,40	50,40	50,40€	50,40€	50,40€	50,40

$$\begin{array}{r} 50,40 \\ 50,40 \\ 50,40 \\ 50,40 \\ + 50,40 \\ \hline 252,00 \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 3

Semana de 14/1/16 a 15/1/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80				

$$\begin{array}{r} 16,80 \\ \times 3 \\ \hline 67,20€ \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 50,40 \\ 67,20 \\ 67,20 \\ + 67,20 \\ \hline 319,20 \end{array}$$

8/1/16

Contabilidade de empresa

sacos emmeada saca
 ① de maço 12
 4,90 € ① $\times 3$
 $\times 2$ 4,60 € $\hline 36 €$
 9,80 € $\times 2$
 9,20 €

sacos 9,80 €
 emmeadas 9,20 €
 saca 36 €

$$\begin{array}{r} 36 \\ 9,80€ \\ 9,20€ \\ + \\ \hline 55,00€ \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 123 \\ - 55,00 \\ \hline 068,00 \end{array}$$

Sugestões

- Exarrega as roldanas;
- Uma balança
- Barras de ferro
- trampolim
- Um espelho
- Balança
- Uma tartaruga brebre
- Balança

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 2

Semana de 18/1/16 a 22/1/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80	67,20	16,80	58,80	67,20

$$\begin{array}{r} 67,20 \times 4 \\ \hline 268,80 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 33,60 \times 3 \\ \hline 100,80 \\ + 8,40 \\ \hline 109,20 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 109,20 \\ + 268,80 \\ \hline 378,00 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 50,40 \times 3 \\ \hline 151,20 \\ + 8,40 \\ \hline 159,60 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 159,60 \\ + 294,00 \\ \hline 453,60 \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 2

Semana de 25/1/16 a 29/1/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80	16,80	16,80	16,80	67,20

$$\begin{array}{r} 67,20 \times 4 \\ \hline 268,80 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 33,60 \times 3 \\ \hline 100,80 \\ + 8,40 \\ \hline 109,20 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 109,20 \\ + 268,80 \\ \hline 378,00 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 50,40 \times 3 \\ \hline 151,20 \\ + 8,40 \\ \hline 159,60 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 159,60 \\ + 268,80 \\ \hline 428,40 \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 2

Semana de 1/2/16 a 5/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
16,80	16,80	58,80	75,60	84,00	84,00

$$\begin{array}{r} 84,00 \times 5 \\ \hline 420,00 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 50,40 \times 3 \\ \hline 151,20 \\ + 8,40 \\ \hline 159,60 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 159,60 \\ + 420,00 \\ \hline 579,60 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 58,80 \\ + 75,60 \\ + 84,00 \\ \hline 218,40 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 218,40 \\ + 579,60 \\ \hline 798,00 \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 1/2/16 a 2/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
84,00	67,20	16,80	16,80	84,00	369,60

$$\begin{array}{r} 35,60 \\ + 8,40 \\ + 8,40 \\ \hline 52,40 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 52,40 \\ + 369,60 \\ \hline 422,00 \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 11/2/16 a 12/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
X	X	X	75,60	84,00	369,60

$$\begin{array}{r} 75,60 \\ + 84,00 \\ \hline 159,60 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 159,60 \\ + 369,60 \\ \hline 529,20 \end{array}$$

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 4

Semana de 15/2/16 a 19/2/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
84,00	84,00	84,00	58,80	84,00	394,80

$$\begin{array}{r} 58,80 \\ + 75,60 \\ + 84,00 \\ \hline 218,40 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 218,40 \\ + 394,80 \\ \hline 613,20 \end{array}$$

5/4/2016

Contabilização do saldo da empresa:

1 292,90 €	
- 3 €	
1 19,90 €	
- 1,72 €	
1 18,18 €	
1 0,42 €	Caures - de - Bruxelas, braxulas, salsa e Caures Caração de Bai
1 €	
1 €	
1 €	
+ 1 €	
1 226 0	→ Saldo

Trabalha de pesquisa sobre atividades económicas.

1- Que setores económicos existem?

Existem 3 tipos de setores são, o setor primário, o setor secundário e o setor terciário.

2- Que atividades económicas pertencem a cada setor?

No setor primário pertencem, a agricultura, pecuária, pesca, silvicultura, exploração mineira e salinicultura. No setor secundário pertencem as indústrias. E no setor terciário pertencem, a comércio, saúde, educação, turismo, transportes e carreiras.

3- Que tipo de profissões encontramos dentro de cada atividade?

Agricultura → Agricultor ✓
Pecuária → Crianculter ✓
Pesca → Pescador ✓
Silvicultura → Silvicultor ✓
Exploração mineira → Mineirista ✓
Salinicultura → Salinicultor ✓

Indústria de calçado → Sapateiro ✓

Comércio → Comerciante de moedas ✓

Saúde → Médica ✓

Educação → professor ✓

Turismo → agente de viagens ✓

Transportes → Motorista ✓

Carreiras → Carteira ✓

4- Que matérias-primas ou materiais são necessários para cada atividade?

Indústria alimentar → leite ✓

Indústria metalúrgica → ferro ✓

Comércio → variedade de alimentos ✓

Saúde → medicamentos ✓

Educação → cadernos ✓

turismo → transportes ✓
 Carreiros → transportes ✓
 transportes → combustíveis ✓

5- Que produtos resultam de cada atividade?

Agricultura → plantas ✓
 Pecuária → carne ✓
 Pesca → peixes ✓
 Silvicultura → madeira ✓
 Exploração mineira → cimento ✓
 Salinicultura → sal ✓
 Indústria alimentar → queijo ✓
 Indústria metalúrgica → chapas de ferro ✓

6- Que poluição é gerada em cada atividade e como a podemos reduzir?

Agricultura → poluição do ar, sonora, da sala e a da água.
 Pecuária → poluição da sala, e da água.
 Pesca → poluição da água
 Exploração mineira → poluição do ar e da sala
 Salinicultura → poluição da sala

Indústrias → poluição da sala e do ar.
 Comércio → poluição visual e da sala
 Saúde → poluição do ar
 Turismo → poluição do ar
 Transportes → poluição do ar
 Carreiros → poluição do ar

Tabela de Registo de Salários Semanais – Equipa de Trabalho n.º 1

Semana de ^{21/8} 21/4/16 a 22/4/16

2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira	TOTAL
67,20€	67,20€	16,30€	0€	16,30€	154,40€
					50,40€
					3360€

+ 50,40
 134,40€ **Português** 3360€
 2 10,40€

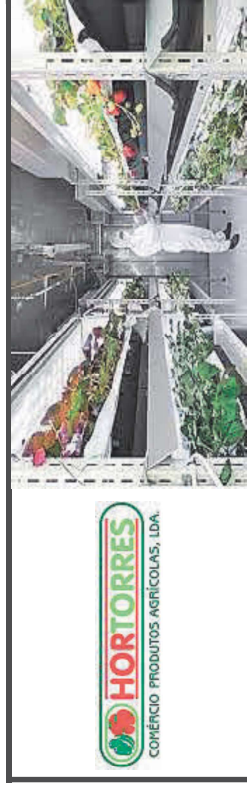
Texto sobre a visita de estudo

No dia 18, a turma B foi a Alqueva. Partimos às 9:15 e fomos visitar o Centro de Satélites. Chegámos às 9:50 e o que nos saltou à ^{visita} visita foi as antenas de satélite.

Depois fomos embora às 9:55. Quando entramos no centro, vimos uma apresentação sobre as antenas de satélite. Da antena maior, o diâmetro era 32m e o ^{raio} raio era 16m. Os satélites estão a ^{aproximadamente} 36.000 km da Terra.

ANEXO 12 – Guião de Visita à Hortorres

Visita de Estudo



CONHEÇA A NOSSA EMPRESA

A NOSSA HISTÓRIA. A NOSSA EQUIPA. O INÍCIO DO POSICIONAMENTO COMERCIAL

A Hortorres comércio de produtos agrícolas, Lda. está implementada na região Oeste desde de 1987, a empresa assume-se como especialista na área de comercialização de produtos hortícolas e frutícolas, pois marcamos a diferença através do elevado profissionalismo da nossa equipa e de uma dedicada personalização na relação que criamos com os nossos clientes.

Devido a uma equipa especializada no sector e produtores de qualidade, a Hortorres oferece aos seus clientes uma ampla variedade de produtos durante todo o ano.

Atualmente a Hortorres tem uma área coberta de aproximadamente 7.000 m2 onde existem umas modernas instalações de frio e embalagem, que aliada a uma frota de camiões frigoríficos e a uma equipa humana proporciona aos seus clientes uma gama de produtos embalados conservando toda a sua frescura e qualidade, correspondendo as necessidades e exigências dos consumidores

In Hortorres [Em linha]. Hortorres Web site. Acedido novembro 14, 2014, em <http://www.hortorres.pt>

1.1 - Em que sector produtivo nacional trabalha a Hortorres?

1.2 - Quem produz os produtos que a Hortorres comercializa?

1.3 - Indica algumas características que diferenciam a Hortorres dos seus concorrentes?

CERTIFICAÇÃO E QUALIDADE

A Hortorres dispõe de uma equipa competente, conhecedora das exigências impostas quer ao nível do mercado nacional quer do mercado internacional. Possui infraestruturas com excelentes condições, entre as quais se encontram modernas instalações frigoríficas e sistema de calibragem.

A Hortorres tem uma equipa de embalagem experiente e especializada, evitando que os produtos se danifiquem demonstrando assim a preocupação em cumprir a exigência dos mercados, como também das grandes superfícies.

Neste momento a Hortorres caminha para a implementação do sistema HACCP com o objetivo de garantir aos consumidores um produto de óptima qualidade promovendo assim as boas práticas agrícolas, de higiene e de segurança alimentar ao consumidor final.

In Hortorres [Em linha]. Hortorres Web site. Acedido novembro 14, 2014, em <http://www.hortorres.pt>

2.1 - Que infraestruturas são necessárias para as exigências dos mercados?

2.2 - O que garantem os trabalhadores da Hortorres aos consumidores?

Os nossos produtos, tendo origens tão distintas como Marrocos, Espanha, França, Brasil, Argentina, Chile ou Portugal, primam pela apresentação cuidada e têm como objetivo satisfazer totalmente as necessidades dos nossos clientes, aliando a excelente qualidade dos nossos produtos à marca Hortorres.

A nossa empresa comercializa cerca de 16.000 toneladas de produtos hortícolas e frutícolas por ano, das quais cerca de 40% da produção são dos nossos agricultores, tendo maior incidência os seguintes produtos: tomate, alface e morango.

In Hortorres [Em linha]. Hortorres Web site. Acedido novembro 14, 2014, em <http://www.hortorres.pt>

3.1 - Por que razão os produtos desta empresa provêm de tantas partes do mundo?

3.2 - Na escola, localiza no planisfério os países acima referidos e liga-os a Portugal.

LEILÕES DO OESTE

DIRECTAMENTE DO PRODUTOR PARA O DISTRIBUIDOR

Os leilões do Oeste têm por objetivo, facilitar a ligação entre produtores e distribuidores, de modo a solucionar de forma simples e rápida a venda de produtos hortícolas e frutícolas.

É de referir que os produtos leiloados nos chegam através dos produtores agregados à empresa e têm origem, única e exclusivamente na região Oeste, de modo a garantir a satisfação máxima do consumidor, tendo sempre em atenção a qualidade dos nossos produtos.

In Hortorres [Em linha]. Hortorres Web site. Acedido novembro 14, 2014, em <http://www.hortorres.pt>

4.1 - Na tua opinião porque é importante para os produtores locais este tipo de leilões?



5.1 - Como são embalados os produtos que vão a leilão?

5.2 - Que produtos estavam hoje em

Leilão?

5.3 - Quais os que não foram vendidos?

5.4 - A embalagem de um produto acrescenta-lhe valor?

Sim Não

5.5 - Indica duas razões que possam existir para não se embalar de convenientemente um produto.



6.1 - Por que é importante usar máquinas na calibração por cores e tamanhos?

6.2 - Quais as vantagens em poder refrigerar um produto hortícola?

6.3 - Qual o peso médio de uma caixa com vegetais?

6.6 - Calcula a amplitude de temperatura para conservação destes produtos.

6.4 - Qual a temperatura mínima da refrigeração de um produto hortícola?

6.5 - E a máxima?

ANEXO 13 – A visita à Campoeste e à Hortorres

A visita à Campoeste e à Hortorres

Nós tínhamos dúvidas sobre como se semeiam plantas numa empresa agrícola moderna e como se comercializam os produtos destas plantas.

As turmas A da EB de Almargem e B da EB de Pero Negro foram, na segunda-feira, 17 de Novembro de 2014, ao Sobreiro curvo visitar as empresas Campoeste e Hortorres para tentar achar respostas para estas dúvidas.

Começamos por visitar as estufas da Campoeste. São estufas enormes feitas com placas de plástico e armação de ferro. O chão estava coberto de lonas e caminhos de cimento (não se viu terra).Essas passagens de cimento serviam para as máquinas andarem na estufa (por exemplo, as empilhadoras).

Nessas estufas, havia pessoas que pegavam em cassetes semeadas e colocavam-nas zonas das lonas, assentes em vasos para que as raízes das plantas em germinação não saíssem pelos buracos das cassetes e assim não fossem arrancadas ao mudar as plantas para a terra.

As cassetes estão cobertas com matérias para a água da turfa não evaporar. A rega era feita por um sistema de tubos com chuveiros que são controlados por computadores. Esses computadores também controlam a abertura das janelas por causa da temperatura e da humidade. As cassetes semeadas, quando estavam em germinação, eram colocadas em cima de vasos para o ar circular e secar as raízes que saem para fora das cassetes.

Seguidamente fomos ver a preparação das cassetes pelas máquinas.

A primeira máquina faz a lavagem e armazenamento das cassetes. A segunda máquina semeava-as. Ela pegava nas cassetes, enchi-as com turfa, fazia covas para as sementes e semeava-as. Depois, uma funcionária retirava sementes que estavam a mais. Eram cobertas por material para manter a humidade e eram regadas e armazenadas em câmaras frigoríficas para germinarem.

Mais tarde visitámos as oficinas onde a Campoeste fabrica as estruturas para montar estufas. Dali a pouco, fomos visitar outra empresa, a Hortorres.

Lá começamos por visitar a sala dos leilões, onde se viam fotografias dos produtos e se compravam os que interessavam. Fomos ver a zona de armazenamento dos produtos para o leilão e para a Hortorres embalar. Havia muitas empilhadoras e câmaras frigoríficas para guardar os produtos embalados. Depois fomos visitar outras estufas ali perto, pelo que fomos a pé.

Esta estufa era diferente da anterior porque tinha janelas com rede e por isso estava fechada aos insetos e às pragas. Além disso o chão era de terra pois era uma estufa de cultivo. Nesta altura tinha plantações de pepino, tomate e curgetes. Havia lá dentro uma colmeia de cartão com abelhões. Os abelhões serviam para fazer a polinização das flores, para virem a dar frutos, porque como a estufa é fechada, não podem entrar insetos para a fazer

Esta ideia, por um lado é boa porque os agricultores aumentam a produção. Por outro lado, é uma má ideia porque os agricultores sabem que ao comprar as colmeias, os abelhões irão morrer ao fim de um certo tempo.

Mais tarde, voltámos à Hortorres e almoçamos na sala do leilão. Após a refeição fomos ver como se escolhiam tomates para embalar.

Um operário colocava caixas com vários tomates na máquina de calibragem. A máquina despejava os tomates numa passadeira, que os lavava à lavagem. Depois ela secava-os e polia-os e então escolhia-os pelas cores (vermelhos ou verdes) e pelo tamanho (pequenos ou grandes). Se os tomates não fossem das cores ou dos tamanhos pretendidos, a máquina separava-os para serem retirados. Para conseguir fazer isto, ela era enorme e controlada por computadores.

No final, as funcionárias pagavam nos tomates e arrumavam-nos em, caixas, que eram embaladas em plástico por outra máquina e levados para as câmaras frigoríficas.

Adorámos a visita e antes de voltarmos para os autocarros da Câmara Municipal, deram-nos embalagens de tomates para levarmos.

ANEXO 14 - Modelo do Plano de Negócios - Startup Plan

ANEXO 15 - Planos de Negócios



PROJETO E.L.F.

Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira

ANÁLISE DA EQUIPA

PLANO DE NEGÓCIOS – *Startup plan*

Nome da empresa:		Setor/Área:	
MISSÃO – <i>O que nos propomos fazer:</i>			
ÂMBITO DO NEGÓCIO			
PRODUÇÃO - <i>O que produzimos:</i>		Mercado – <i>A quem se destina:</i>	
RAZÕES DE PRODUÇÃO – <i>O que distingue os nossos produtos:</i>		FATORES DE SUCESSO – <i>Aspetos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares):</i>	
RECURSOS – Com o que temos de contar			
Quem trabalha/ajuda:	Doações:	Compras/Necessidades de gasto:	



PRAZOS PREVISTOS – Calendarização

Aleatórios:

Programados:

BALANÇO DA DO FUNCIONAMENTO DA EMPRESA E DA QUALIDADE DOS PRODUTOS

Pontos fortes:

Pontos fracos:

Experiências vividas:

Dificuldades e soluções encontradas:

ANEXO 15 - Planos de Negócios

PLANO DE NEGÓCIOS - Startup plan

Nome da empresa: *Arrogância Cultural* Setor/Área: *Produção agrícola*

MISSÃO - O que nos propomos fazer: *termos plantas e colheitas e pegar e embalar e vender.*

ÂMBITO DO NEGÓCIO

PRODUÇÃO - O que produzimos: *Tomates, alface, alho - fresco, alho, cebola, brócolos etc...*

Mercado - A quem se destina: *do grupo do 3º ano, Rui A, Rodrigo, Vanessa, Rui F, Pedro*

RAZÕES DE PRODUÇÃO - O que distingue os nossos produtos: *é mais fresco, é maduro, as massas, frutas saudáveis, e pão feitos com muito amor e carinho e amor*

FATORES DE SUCESSO - Aspectos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares): *Dinheiro, legumes, ter alegria a fazer o projeto E.L.F.*

RECURSOS - Com o que temos de contar

Quem trabalha/ajuda: *Sr. Mário, Sr. José Martins, Sr. Secar, Sr. Daniel Professor, grupo do 3º ANO.*

Doações: *Cimento, pau, estufa, plástico, terra, ajuda da escola de humar, ajudamos a pagar, pagar o*

Compras/Necessidades de gasto: *fruta, enchido, Regador, betão, legumes.*

Nome da empresa:

Hortimilva

Setor/Área:

Setor primário/agricultura

MISSÃO - O que nos propomos fazer:

• fazer uma horta

• 5 - rabo de

colher

• 1 - Tomateiros

• 6 - morangos e embidos

• 2 - alfaces

• 7 - alho

• 3 - batata

• 8 - PERINOS

• 4 - alho francês

Manter a horta vendendo

boa

ÂMBITO DO NEGÓCIO

PRODUÇÃO - O que produzimos:

dos produtores legumes e vegetais

Mercado - A quem se destina:

VENDE - 56 AOS

AMIGOS E PÁSE A

FAMILIA.

RAZÕES DE PRODUÇÃO - O que distingue os nossos produtos:

- produtos sem veneno
- produtos biológicos
- produtos criados com amor
- Grãos
- produtos mais saudáveis

FATORES DE SUCESSO - Aspectos que garantem ganhos (pessoais, materiais ou familiares):

em
agendas
com
• trabalho de grupo

Materiais	Família
DINHEIRO	psicologia

RECURSOS - Com o que temos de contar

Quem trabalha/ajuda:

ajuda: Rafael, José, Diana

trabalha: mãe, pai, avós, avó, avô

Doações: água, fardos,imento, plástico, para, etc

Compras/Necessidades de gasto:

água, etc

PLANO DE NEGÓCIOS

NOME: HORTA DOS PEQUENOS AGRICULTORES

SETOR: 1º/2º/3º
ÁREA: AGRICULTURA
INDÚSTRIA
COMÉRCIO

MISSÃO: PRODUIR LEGUMES E VEGETAIS
PRODUIR FLORES
TRANSFORMAR PARTE DA PRODUÇÃO EM ALIMENTOS
VENDER

PRODUÇÃO:	MERCADO:	RAZÕES DE PRODUÇÃO:	FATORES DE SUCESSO
<ul style="list-style-type: none"> - MORANGOS - ALFACES - ERVILHAS - FAVAS - BATATAS - CUVES - BRÓCOLIS - FEIJOÃO - TOMATE - PERA-MELOÃO - CEBOLA - LÍRIOS - MANJERICOS - CHUCHUS - ABÓBORAS 	<ul style="list-style-type: none"> - MORADORES DE PERO NEGRO E ARREDORES - MORADORES DO CONCELHO DE SOBRAL MONTE AGRICO - FAMÍLIAS 	<ul style="list-style-type: none"> - CULTIVO POR PEQUENOS AGRICULTORES - USAMOS TÉCNICAS TRADICIONAIS - VENDA A BAIXO PREÇO - ESTÁ PERTO (POU-PA-SE COMBUSTÍVEL) - AJUDA À ESCOLA - NÃO USAMOS PRODUTOS QUÍMICOS 	<ul style="list-style-type: none"> - APRENDEMOS COMO FUNCIONAM EMPRESAS - APRENDEMOS SOBRE AGRICULTURA - JUNTAMOS DINHEIRO PARA O QUE PRECISAMOS

RECURSOS HUMANOS:

- OS ALUNOS
- OS PROFESSORES
- AS FAMÍLIAS
- ASS. PAIS
- CÂMARA MUNICIPAL
- ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA FERNANDO BARROS LEAL
- HORTADORES
- CAMOESTE
- JOSÉ MARTINS
- DEOLINDA TEIXEIRA
- JUNTA DE RECURSOS
- MÁRIO DOALMEIDA
- CÉSAR LOUREIRO

DOAÇÕES:

- ÁGUA
- SEMENTES
- PLANTAS
- LUZ
- VASOS
- MANGA PLÁSTICA
- TRANSPORTE
- MADEIRA
- REDE
- AREIA
- CIMENTO
- CASCALHO
- PREGOS
- BARRAS
- CARRAPOLIS

RECURSOS MATERIAIS:

- PLANTAS
- SEMENTES
- FICHO
- EXPERIÊNCIAS
- MANEIRA
- ENTENHO RÁPIDO
- ET

PRAZOS DE VENDA ALEATÓRIOS:

- NA ESCOLA, SEMPRE QUE HAJAM PESSOAS PARA VENDER

PRAZOS DE VENDA PROGRAMADOS:

- NA FEIRA DE FINAL DE AÑO
- DIA DE SÃO MARTINHO

PONTOS FORTES:

- NÃO PERDEMOS ALCUNS RECURSOS
- UTILIZAMOS TÉCNICAS TRADICIONAIS
- NÃO UTILIZAMOS PRODUTOS QUÍMICOS
- A NOSSA AGRICULTURA É BIOLÓGICA
- USAMOS MATERIAL REUTILIZADO
- VENDAMOS NO LOCAL (NÃO É PRECISO GASTAR COM COMBUSTÍVEL)

PONTOS FRACOS:

- ATRAQUES DE PRAGA
- ATACQUES DE TOURELOS

EXPERIÊNCIAS:

- APRENDEMOS A CUIDAR DE PLANTAS
- APRENDEMOS COMO FUNCIONAM AS EMPRESAS
- APRESENTAMOS O CONHECIMENTO DE OUTROS ANOS

DIFICULDADES E SOLUÇÕES:

- LERNAS E LAGARTAS
↓
ELIMINAMOS
- CARACIS
↓
APANHAMOS PARA CRIAR DO VIVERO E VENDER NA FEIRA DE AÑO
- O SOLO ESTÁ A FICAR ESTERIL
↓
FAZEMOS COMPOSTO
- PRAGA DE AFIDEOS (MORILHÃO) NAS FAEIRAS
↓
FAZEMOS UMA INFUSÃO DE URTIGAS

- O CULTIVO É FEITO POR PEQUENOS AGRICULTORES
- PRODUZIMOS A BAIXO CUSTO

ANEXO 16 - Logotipos

OS MORANGUINHOS DE E.B.1 DE ALMARGEM

Vara

Sóis e somos

O Grupo do 4º ano, com os a. Inês, Nêdia, Filipa, Sónia, Alexandra, Filipa e Estávamos na escola de sub. I. de Almargem. Nós!

produzimos tomates,

pepinos, cebolas e couves,

o nosso grupo produzirá

que usamos a escola

Tem produtos biológicos.

Devem comprar porque

é melhor de saúde não

é. Assim, caso de biológicos.

Quais muito está

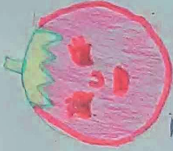
no 4º ano



PEPINO



cebola



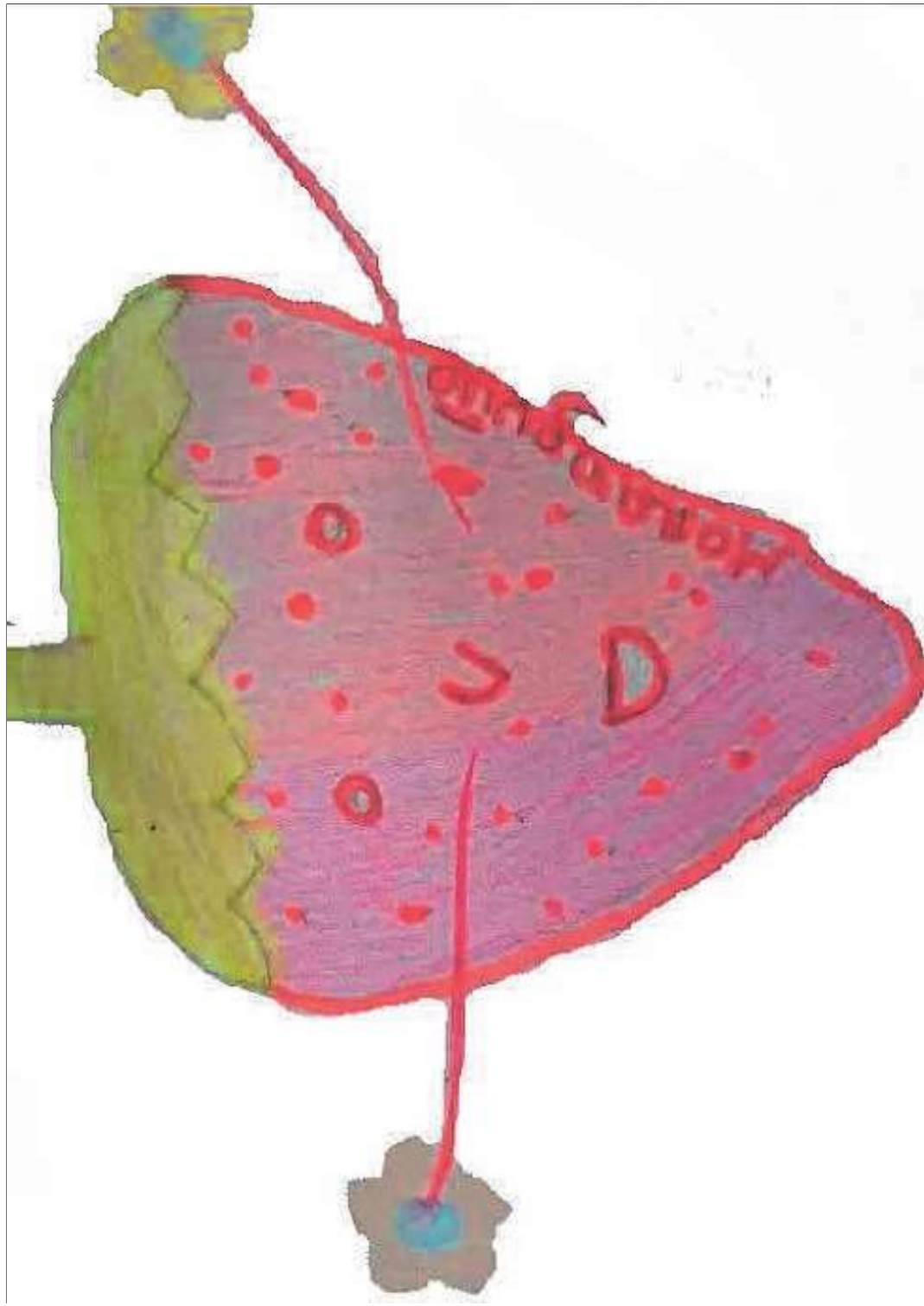
TOMATE



Em gosto de tomate



Eu gosto de morangos





ANEXO 17 - Plantas



$P = 16 \text{ m}$ $A = 7,6 \text{ m}^2$ $1,1 \text{ m}$
 $6,9 \text{ m}$

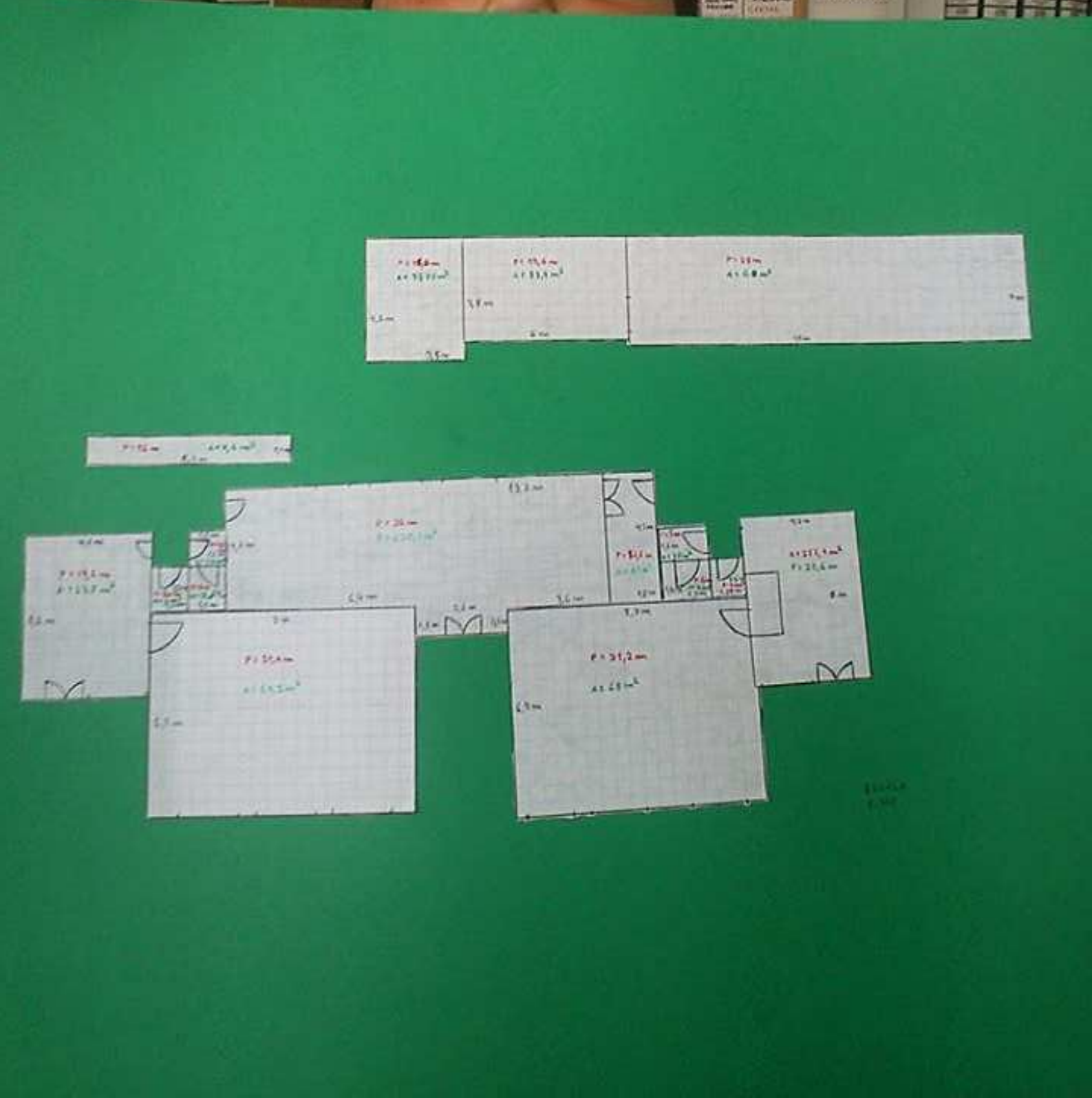
$4,2 \text{ m}$
 $P = 19,6 \text{ m}$
 $A = 23,5 \text{ m}^2$
 $5,6 \text{ m}$

$4,2 \text{ m}$
 $P = 12 \text{ m}$
 $A = 4,4 \text{ m}^2$
 $1,5 \text{ m}$ $P = 5 \text{ m}$
 $A = 2,5 \text{ m}^2$ $1,1 \text{ m}$

$13,2 \text{ m}$
 $P = 36 \text{ m}$
 $A = 630,1 \text{ m}^2$
 $4,1 \text{ m}$
 $6,4 \text{ m}$
 $3,6 \text{ m}$
 $4,5 \text{ m}$
 $P = 12,6 \text{ m}$
 $A = 3,1 \text{ m}^2$
 $1,8 \text{ m}$

9 m
 $P = 31,4 \text{ m}$
 $A = 60,3 \text{ m}^2$
 $6,7 \text{ m}$

$3,2 \text{ m}$
 $1,1 \text{ m}$ $0,9 \text{ m}$
 $8,7 \text{ m}$
 $P = 31,2 \text{ m}$
 $A = 65 \text{ m}^2$
 $6,9 \text{ m}$



$P = 16,0\text{m}$
 $A = 317,7\text{m}^2$
3,5m
3,5m

$P = 15,4\text{m}$
 $A = 313,1\text{m}^2$
3,8m
3,8m

$P = 14,8\text{m}$
 $A = 308,5\text{m}^2$
4,1m
4,1m

$P = 14,2\text{m}$
 $A = 303,9\text{m}^2$
4,4m
4,4m

$P = 13,6\text{m}$
 $A = 299,3\text{m}^2$
4,7m
4,7m

$P = 13,0\text{m}$
 $A = 294,7\text{m}^2$
5,0m
5,0m

$P = 12,4\text{m}$
 $A = 290,1\text{m}^2$
5,3m
5,3m

$P = 11,8\text{m}$
 $A = 285,5\text{m}^2$
5,6m
5,6m

2024
10/10

ANEXO 18 - A Cigarra e a Formiga

A Cigarra e a Formiga

Crianças de 6 a 9 anos

Personagens – Cigarra
3 Formigas
Fada da Sabedoria

Cenário 1 – Mata na Primavera/Verão. A um canto senta-se a **fada** numa pedra por baixo de uma árvore com um livro, enquanto na mata a **formiga** vai apanhando folhas que leva para o formigueiro e a **cigarra** vai cantarolando. Noutro Canto há um formigueiro.

Cenário 2 – Mata no Inverno. A um canto senta-se a **fada** numa pedra por baixo de uma árvore com um livro, a **cigarra** vai pedir ajuda às **formigas**. Noutro Canto há um formigueiro.

A um canto senta-se a **fada** numa pedra por baixo de uma árvore com um livro (com este livro ela vai pondo questões de estar na vida, e vai gerir o conflito que se gera entre ambas dada a sua diversidade de posturas, para induzir à importância da compreensão mútua, mesmo com “pontos de vista” diferentes e da importância da complementaridade das habilidades de cada uma, como forma de ter uma capacidade conjunta que as acabe por tornar igualmente úteis e até capazes de concretizar projectos comuns.

Adereços (a confeccionar)

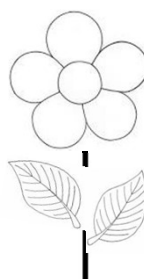
Formigueiro
Fato da fada (Um chapéu e uma varinha)
1 Árvore (de Cartão pintado ou em vaso)
Cadeira ou banco forrado onde fica a Fada
3 disfarces de formiguinha
1 disfarce de cigarra
3 Flores com as quadras finais



Painel de primavera



Estrutura do formigueiro onde caibam 3 formigas



Flores



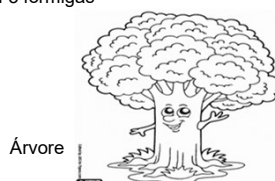
Formigas Cigarra



Cigarra



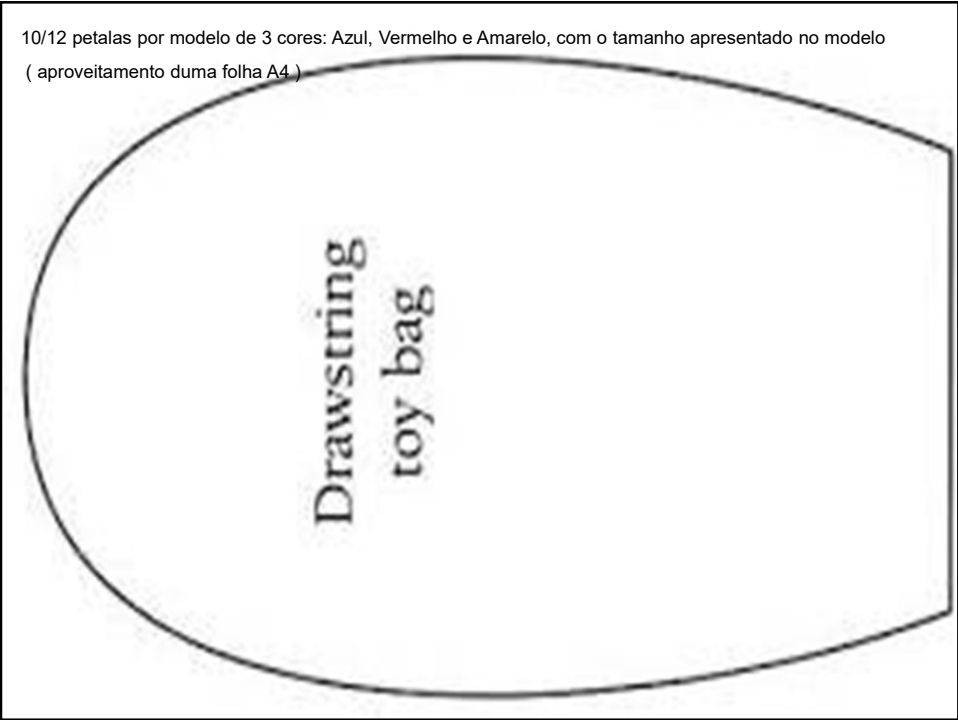
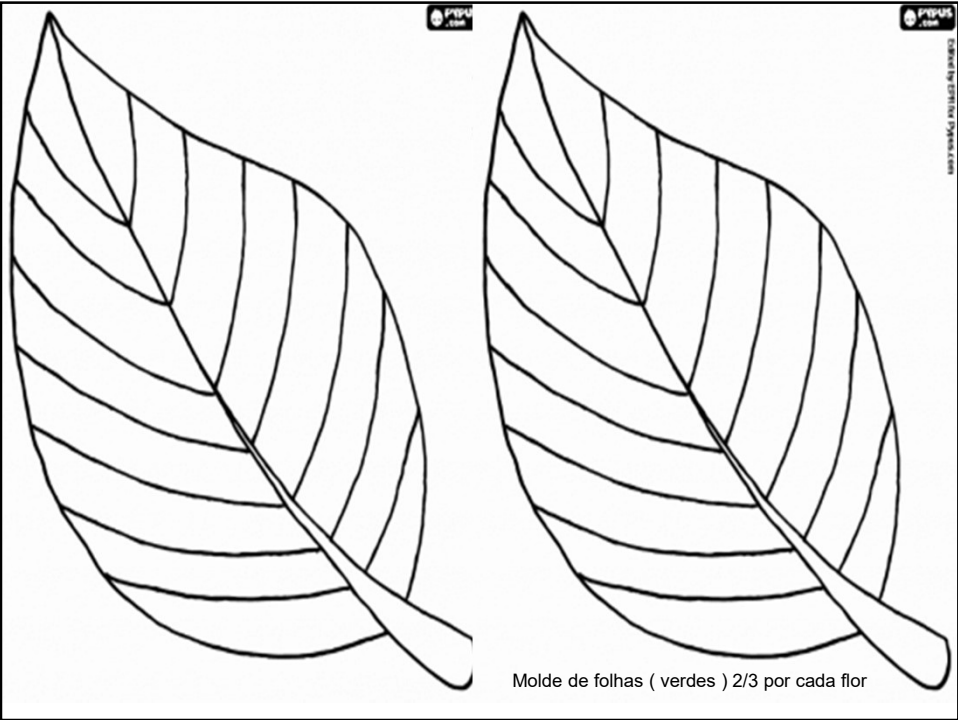
Painel de Inverno

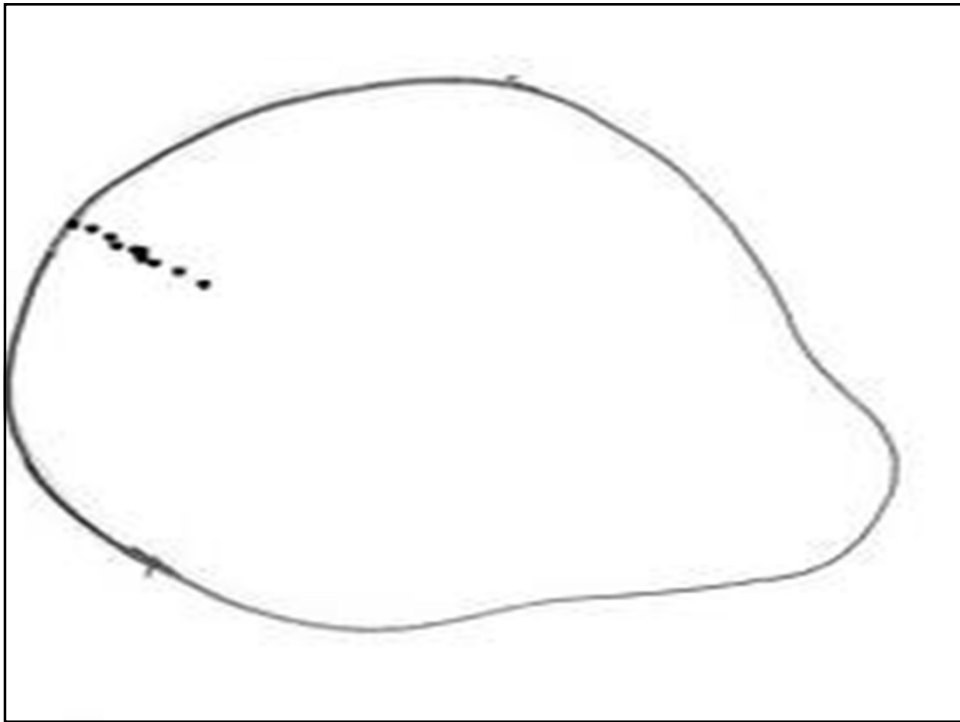
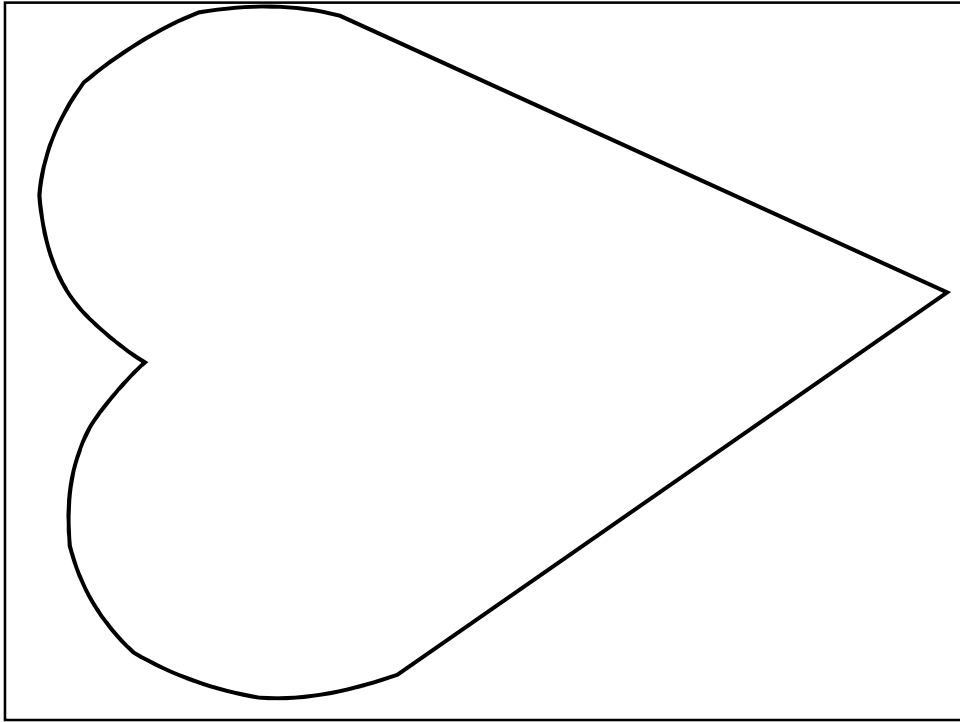


Árvore



Fada da Sabedoria





Primeiro Acto

Entram 3 formiguinhas umas atrás das outras para recolherem comida para o inverno, Dizendo uma lenga-lenga que expresse o seu cansaço com o trabalho.
Num canto está a Fada sentada com um livro no seu regaço.
Noutro canto está uma cigarra que vai cantando uma melodia alegre (*sem letra*)

Segundo Acto

As 3 formiguinhas estão no seu formigueiro
Num canto está a Fada sentada com um livro no seu regaço.
A cigarra vai bater à porta das formiguinhas para pedir comida e acolhimento (desenvolve-se um diálogo que começa por ser de confronto, mas a mediação da Fada da Sabedoria vai induzir um entendimento entre as formigas e a cigarra (pondo questões por forma a que entendam que a diversidade deve ser aceite e que até possível aproveitar essas diferenças de forma a criar mais-valias para ambas.

Terceiro Acto

Entram 3 formiguinhas umas atrás das outras para recolherem comida par o inverno, Num canto está a Fada sentada com um livro no seu regaço.
Noutro canto está uma cigarra que vai cantando uma melodia alegre (com letra)

Quarto Acto ?

Criar um evento que pudesse induzir a importância de partilhar a felicidade em comunidade (por exemplo um lanche final que fosse como que a partilha e o festejo pelo sucesso da solução encontrada no final da apresentação)

PRIMEIRO ACTO
Formigas (Cenário 1)

Trabalhar, trabalhar, trabalhar ← Todos

Sem descanso e a toda a hora
E com o corpo a doer
Às vezes eu desanimo,
Mas assim é que deve ser! } **formiga1**

Trabalhar, trabalhar, trabalhar ← Todos

Eu até penso por vezes
Se tem que ser mesmo assim
Mas sempre me dizem todos
Quem não trabalha é ruim } **Formiga 2**

Trabalhar, trabalhar, trabalhar ← Todos

Claro que eu também penso
Se isto tem que ser assim!
Até me ponho a sonhar:
Quero outra vida p'ra mim } **Formiga 3**

Trabalhar, trabalhar, trabalhar ← Todos

Esqueçam as fantasias
E já chega de falar,
Não podemos distrair-nos
Vamos mas é trabalhar } **formiga1**

Trabalhar, trabalhar, trabalhar ← Todos

Nota: Vão apanhando alguns alimentos espalhados no chão e levamos para o formigueiro.

PRIMEIRO ACTO

Cigarra (Cenário 1)

(Só a melodia sem letra)
Oh Sol e flores
Oh tempo de Verão
Eu sou alegria, eu sou alegria
Na minha canção

Tristezas não quero
Quero ser feliz
E alegrar a todos, alegrar a todos
Deste meu País

E que todos ouçam
E vivam contentes
Eu quero cantar, eu quero cantar
E alegrar as gentes

Música do Malhão, Malhão

Nota: Vai cantarolando
Só a melodia sem letra

SEGUNDO ACTO**Formigas e Cigarra** (Cenário 2)

Cigarra vai bater à porta do formigueiro (toc,toc,toc)

Formiguinhas – Quem é?

Cigarra – Amigas formiguinhas, sou a Cigarra e venho pedir-vos que me dêem alguma coisinha para comer e me deixem ficar no quentinho da vossa casa, porque estou com muita fome e com muito frio.

Formiguinha – Olha se no Verão tens trabalhado como nós fizemos, e muito nos Custou, agora não tinhas fome. Assim vais ter que passar fome e frio para aprenderes que tens que trabalhar e não seres mandriona no Verão.

Cigarra – Mas formiguinha eu no Verão cantei muito e assim tentava alegrar o ambiente e tornar mais suave o esforço de quem trabalhava.

Formiguinha – Olha que nós nem te ouvimos, de tão empenhadas que estávamos no nosso trabalho, e fica sabendo que era muito duro e cansativo. Mas como somos responsáveis, não tínhamos tempo para as tuas cantorias.

(*Nesta fase da conversa um pouco desagradável, a Fada da Sabedoria, intervem Dizendo*)

Fada da Sabedoria - Venham cá minhas amigas
Sentem-se aqui devagar
E todas com amizade
Podemos então falar

(*as formiguinhas e a Cigarra dirigem-se para junto da Fada e sentam-se viradas para ela*)

Formiguinhas e Cigarra – *Quem és tu? E que tens para nos dizer?*

Fada da Sabedoria - *Sou uma amiga mais velha
Que aqui está para ajudar
E com calma e carinho
Ajudar-vos a pensar*

Formiguinhas e Cigarra – Ah!!!!

(*Questionando as formiguinhas*)

Fada da Sabedoria - Vocês têm razão
Por quererem trabalhar
Mas será que a Cigarra
Não trabalha a cantar ?

Será que o trabalho manual
Tem que ser um sacrifício?
Ou a Cigarra cantando
Também é igualmente um ofício ?

Formiguinhas – Nunca pensámos nisso, e quando estamos a trabalhar nem prestámos atenção que ela estava a cantar.

Fada da Sabedoria - *Pois queridas formiguinhas
Trabalho não é castigo
E torna-se bem mais fácil
Ouvindo um canto amigo*

Formiguinhas – Então a Fada está a dizer-nos que enquanto trabalhamos podemos ouvir as cantorias da Cigarra e assim tornar o nosso trabalho mais agradável?

Fada da Sabedoria - Bem! O que vos quero dizer
É que podem experimentar
E depois vão decidir
Se podem colaborar

Fazendo o vosso trabalho
Ao som duma melodia
Vão sentir-se mais alegres
E ficar menos cansadas
Quando chega o fim do dia

TERCEIRO ACTO

(Cenário 1)

Formigas – Entram para trabalhar, sem falar e quando a Cigarra entra na segunda quadra, continuam a trabalhar mas vão cantando a melodia (lá,lá,lá).

Cigarra

Há Sol e flores
Há tempo de Verão
Eu sou alegria, eu sou alegria
Na minha canção

Tristezas não quero
Quero ser feliz
E alegrar a todos, alegrar a todos
Deste meu País

Nota: Vai cantarolando
Música do Malhão

E que todos ouçam
E vivam contentes
Eu quero cantar, eu quero cantar
E alegrar as gentes

(As formiguinhas e a Cigarra ,no fim da canção dirigem-se para junto da Fada e sentam-se viradas para ela ,dizendo que tiveram uma ideia para um empreendimento conjunto)

Formiguinhas e Cigarra – Boa tarde Fada

Fada da Sabedoria - Boa tarde, amiguinhas

Formiguinha 1 – Olha viemos dizer-te que tivémos um a ideia para aproveitar as nossas capacidades.

Fada da Sabedoria - Então digam lá, qual é?

Formiguinha 2 – No inverno vamos abrir um restaurante para vender aos outros animais o produto do nosso trabalho que não necessitamos para nos alimentar

Fada da Sabedoria - Ah, sim muito bem, e o que vai fazer a Cigarra?

Formiguinha 3 – Vai ser a nossa atração musical durante as refeições que vamos servir, para assim tornar o ambiente mais alegre, pois para além do trabalho, também devemos ter os nossos momentos de diversão.

Fada da Sabedoria – Sabem fico muito feliz por ver que vos pude ajudar a pensar que todos têm o seu lugar na vida e que as diferenças não são problemas, mas sim uma mais-valia para a vida ser melhor para todos. Muitos parabéns pois mostraram, com a vossa decisão, que o Mundo será cada vez mais um espaço de entendimento e progresso.

Cigarra – E agora para festejar esta nosso empreendimento quero convidar todos os que aqui estão para um lanche que vamos oferecer como prova de que queremos partilhar os nossos êxitos com toda a nossa comunidade.

FECHO

(Cenário 1)

Formigas + Cigarra + Fada – Cantam as seguintes quadras, que vão estar escritas num cartaz de molde a que o público possa também participar, cantando e/ou batendo palmas

Amigos, amigos
Vamos festejar
Alegres, unidos
Nós vamos cantar

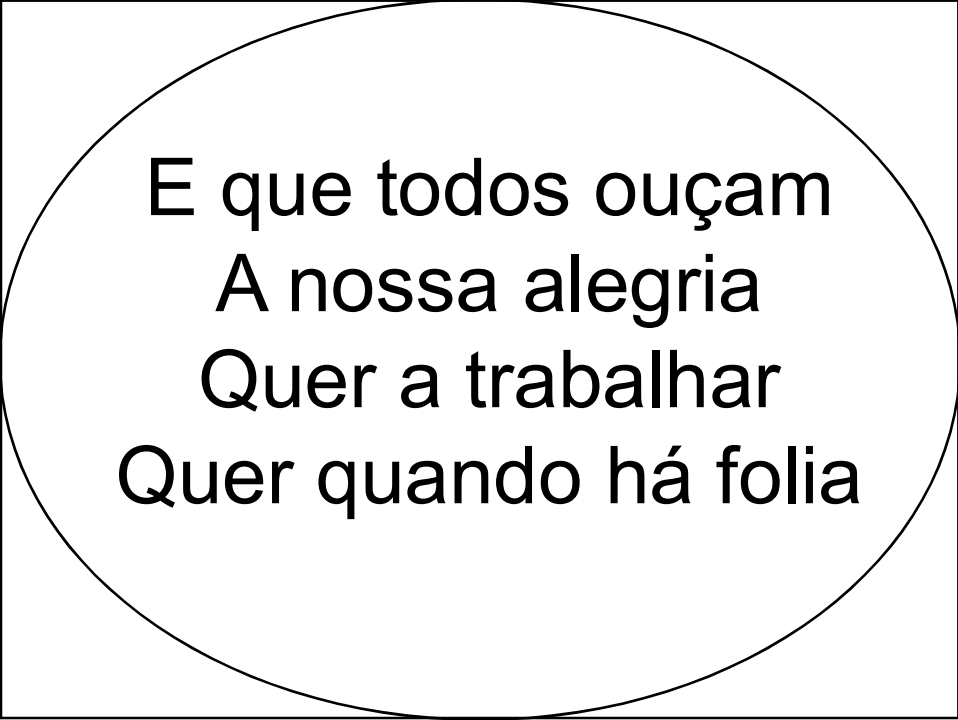
Tristezas não queremos
Queremos ser felizes
E com todos juntos
Velhos e petizes

E que todos ouçam
A nossa alegria
Quer a trabalhar
Quer quando há folia

Música do Papagaio Louro

Amigos, amigos
Vamos festejar
Alegres, unidos
Nós vamos cantar

Tristezas não queremos
Queremos ser felizes
E com todos juntos
Velhos e petizes



E que todos ouçam
A nossa alegria
Quer a trabalhar
Quer quando há folia

ANEXO 19 - Slogan

DIA DE FEIRA
venha! na escola!
escolha!

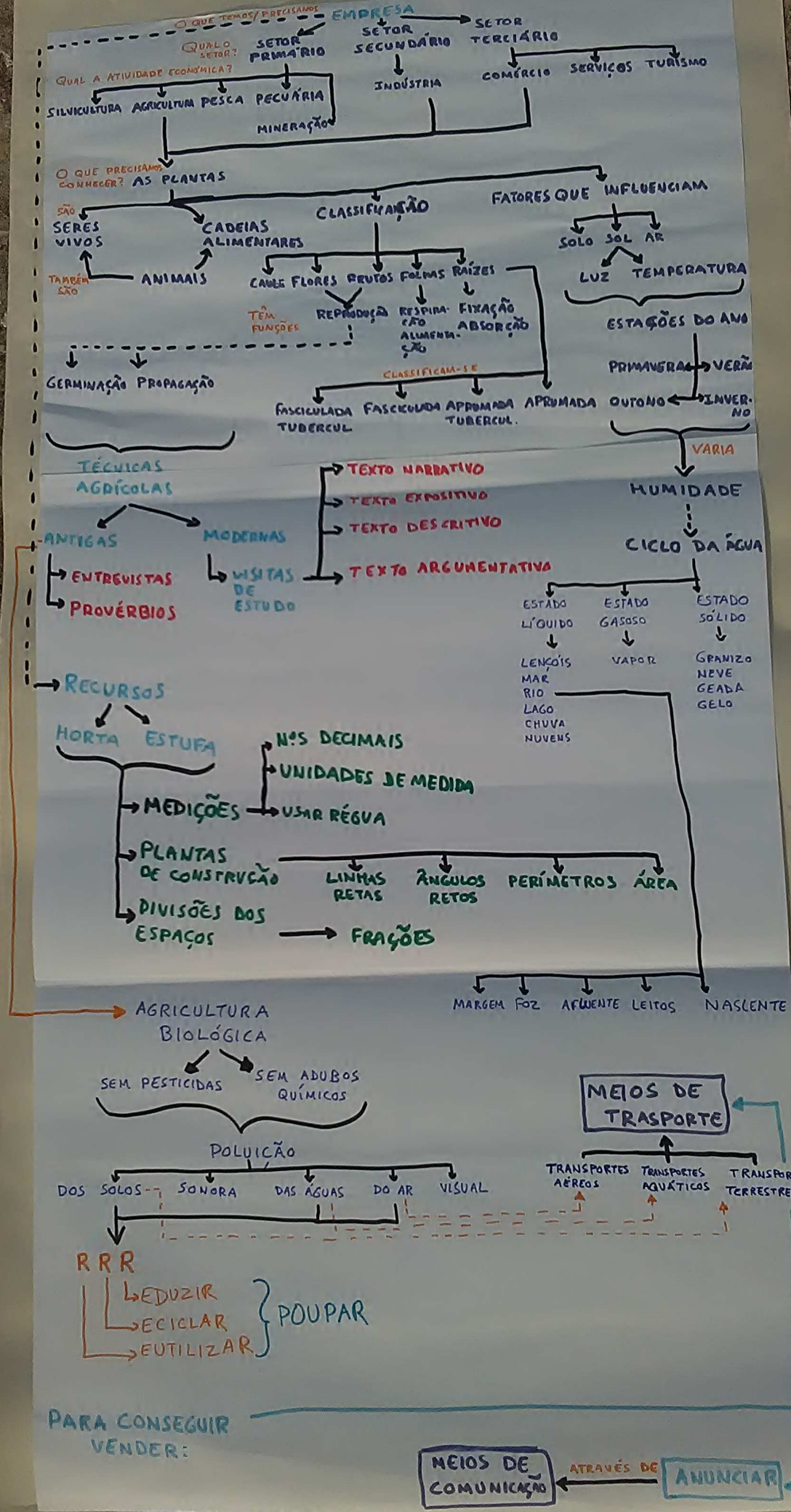
DÊ O QUE QUISER,
SE PUDER!

€ € €



ANEXO 20 - Mapa de Conceitos

MAPA DE CONCEITOS



**ANEXO 21 - Diário de Aula - 14-11-7 - Divulgação do projeto aos
EE**

Diário de Bordo

Data:

Hora:

Redator:

Envolvidos:

Aula:

Contato com EE:

Parceria:

Atividade:

Observação:

Relato:

A apresentação do projeto decorreu na reunião intercalar. Faltaram vários pais por sobreposição de compromissos ou por trabalho, sendo que outros não apresentaram justificação. Os Encarregados de Educação presentes revelaram interesse pela temática na divulgação do projeto. Foram apresentadas as razões do seu surgimento e feita a contextualização da forma de abordagem dos conteúdos.

Relato (continuação):

Aspetos em destaque:

A aparente valorização dos objetivos e preocupações que se encontram espelhados no projeto. O assegurar de conteúdos parecem ter “descansado” os presentes. Alguns elementos demonstraram motivação e ansiedade pelo começo do projeto, após perceberem a dimensão que o mesmo tinha e os ganhos decorrentes para os seus filhos com toda esta dinâmica.

Aprendizagens de grupo:

Aprendizagens individuais:

**ANEXO 22 - Diário de Aula - 14-11-14 - Análise do potencial e
risco de ideias para estabelecimento da empresa**

Diário de Bordo

Data: 14/11/2014

Hora: ?

Redator: Rui Ferreira

Envolvidos: Turma B da EB de Pero Negro

Aula:

Contato com EE:

Parceria:

Atividade:

Observação:

Relato:

Os alunos fizeram a apreciação das ideias por eles lançadas como sendo originais, para serem usadas na constituição da empresa em torno de uma delas.
Foram identificados potenciais (aspetos positivos) e riscos exagerados ou inadequações (aspetos negativos)
Fez-se a ordenação das ideias de acordo com o potencial de concretização das mesmas, analisando e distinguindo quais as ideias empreendedoras/inovadoras das que eram diferentes, mas de realização impossível ou de pouca rentabilidade.

Relato (continuação):

Aspetos em destaque:

A comparação entre prós e contras para ordenar as ideias segundo a sua probabilidade de sucesso de implementação. A aluna 13 propôs a aglutinação das ideias mais vantajosas gerando uma nova ideia com maior probabilidade de sucesso pelo seu valor.

Aprendizagens de grupo:

Aprenderam a avaliar o valor de uma ideia não só pela sua originalidade mas com base no seu potencial e risco de implementação.

Aprendizagens individuais:

O lidar com a frustração de ter tido ideias diferentes (sem no entanto ponderar potenciais e riscos) e de as ver serem consideradas como "surreais" no momento das suas avaliações.

ANEXO 23 - Diário de Aula - 14-11-21 - Estabelecimentos de conexões pela significância do projeto

Diário de Bordo

Data: 21/11/2014

Hora: 9 h: 30 min

Redator: Rui Ferreira

Envolvidos: Turma B da EB de Pero Negro

Aula: Contato com EE: Parceria:

Atividade: Observação:

Relato:

Num breve momento de reorganização e síntese de informações para retomada de uma tarefa sobre a classificação e características do círculo, para ambos os anos de escolaridade, comecei a abordar a noção de raio e diâmetro, com vista ao 3.º ano apenas, julgando que o 2.º ano não teria nenhum conceito retido relativamente ao assunto, mas surpreendentemente essas noções estavam presentes em muitos deles.

Relato (continuação):

Aspetos em destaque:

O aluno 8 (e posteriormente outros confirmaram a mesma ideia) demonstrou identificar os conceitos de raio e diâmetro e a sua relação, correlacionando-os com as aprendizagens que tiveram de realizar e aplicar na tarefa de exploração da obra "O pequeno inventor", desenvolvida no ano anterior, no âmbito do Projeto ELF.

Aprendizagens de grupo:

A aplicação prática de aprendizagens previstas no currículo parecem estabelecer nos alunos um vínculo mais duradouro através da aplicação em situações concretas dos conhecimentos vivenciadas pelos mesmos.

Aprendizagens individuais:

**ANEXO 24 - Diário de Aula - 15-01-16 - Primeiros ajustes nas
equipas**

Diário de Bordo

Data: 16/01/2015

Hora: 14 h: 00 min

Redator: Rui Ferreira

Envolvidos: Turma B da EB de Pero Negro

Aula:

Contato com EE:

Parceria:

Atividade:

Observação:

Relato:

Após um período a funcionar em equipas, surgiu a necessidade de aferir o funcionamento e se necessário mudanças nos grupos (chefes ou elementos que os compunham). Foram discutidas em grupos atitudes mais positivas e atitudes prejudiciais de cada elemento, enquanto chefe e enquanto membros das equipas, de acordo com o seu desempenho e comportamento. Num dos grupos, liderados pela aluna 13 durante este período, salientou-se a postura da aluna (habitualmente tímida e que muito contra vontade assumiu e conduziu a sua equipa de trabalho), instalou-se a discussão com o aluno 8 que a acusava de excesso de zelo no cumprimento das regras. Nesse momento, a aluna assumiu uma postura crítica, justificando as

Relato (continuação):

suas decisões com as atitudes do aluno que a desgastaram e prejudicaram toda a equipa e ele próprio e fê-lo já exaltada perante a sua indiferença, com uma tal convicção que o aluno concordou e acabou por acatar as ordens e não perturbando mais durante o resto da aula.

Aspetos em destaque:

A postura contranatura de assumir a liderança, por parte da aluna 13, justificada pela defesa das avaliações da equipa e individual, face ao prejuízo constante provocado pela atitude do aluno 8.

Aprendizagens de grupo:

Aprendizagens individuais:

O desenvolvimento da capacidade de assumir uma postura de liderança aquando do desempenho do cargo de chefia, onde se exige responsabilidade aliada à disciplina.

ANEXO 25 - Levantamento de dados do Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras Inicial



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Teste de Empreendedorismo - Levantamento de dados

Independência		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Aborreo-me quando tentam mandar em mim	8	17	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Por vezes chamam-me teimoso	14	15	4
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Gosto de tomar a iniciativa	6	14	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Gosto de estar só	10	14	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Gosto de responsabilidades	8	6	20
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	3	18	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Criatividade		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	4	24	8
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	3	15	15
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	9	15	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Sou curioso	5	9	23
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	13	8	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	9	16	7
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Capacidade de risco		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	2	9	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	6	12	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tento aproveitar todas as oportunidades	3	11	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	9	12	11
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	3	10	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	4	18	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Autodisciplina		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Termino o que começo, mesmo que seja complicado	5	17	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Pensar num projeto aborreo-me	11	8	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tenho uma boa capacidade de concentração	5	13	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	4	14	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Quando erro, penso nisso para poder melhorar	6	8	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Sou motivado e quero ser bem sucedido	6	7	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

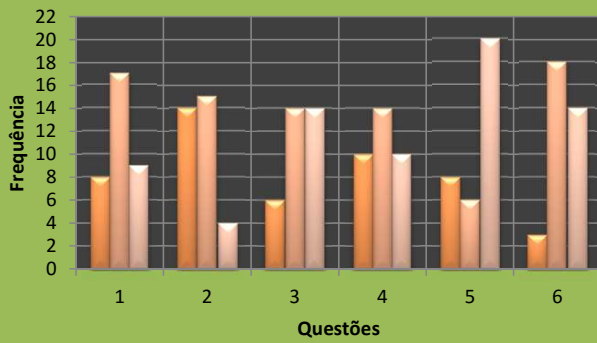
Motivações		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	8	14	8
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	4	17	8
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Sou corajoso	2	7	22
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Sou empenhado	6	12	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Sou otimista	3	14	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Sou responsável	3	8	21
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Autoconfiança		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de mim próprio	2	9	24
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Tenho confiança naquilo que faço	2	15	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Sou capaz de enfrentar qualquer situação		15	17
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Luto por aquilo que quero	2	10	17
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Aceito, de boa vontade, um elogio	3	7	22
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Aceito desafios	2	10	20
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Teste de Empreendedorismo - Registo Gráfico de dados

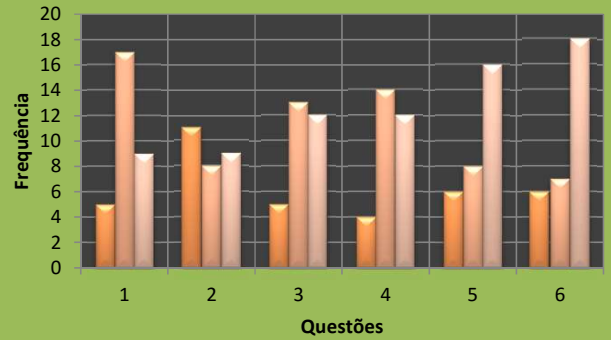
Independência

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



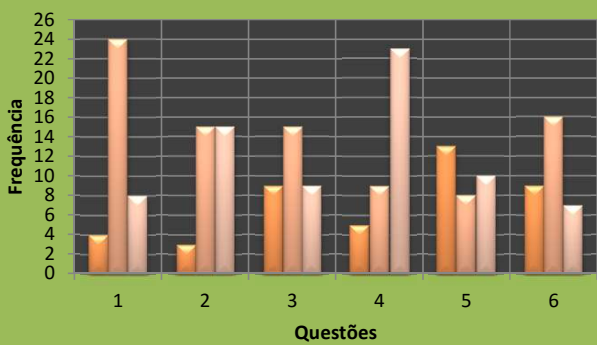
Autodisciplina

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



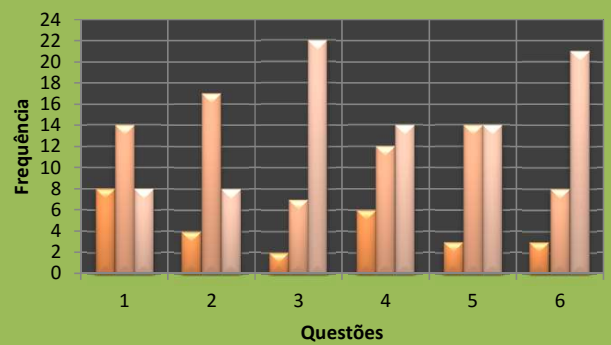
Criatividade

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



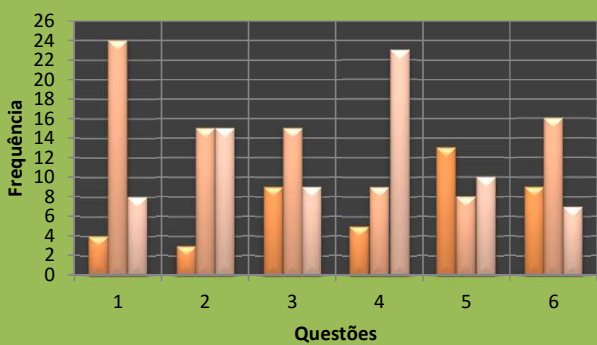
Motivações

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



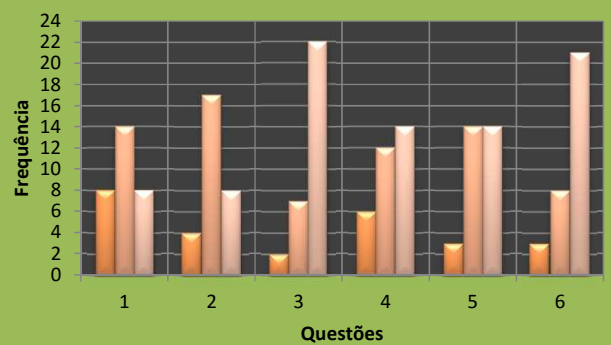
Capacidade de risco

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



Autoconfiança

■ Quase nunca ■ Às vezes ■ Quase sempre



Teste de Empreendedorismo - Tratamento de dados

Criatividade	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	8,17	14,00	11,83
Desvio Padrão	3,39	3,87	4,98
Distorção	0,33	-1,65	0,10

Motivações	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	6,17	11,17	12,67
Desvio Padrão	2,27	3,72	3,35
Envieçamento	1,95	0,41	0,54

Capacidade de risco	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	7,17	14,50	12,00
Desvio Padrão	3,48	5,25	5,54
Envieçamento	0,52	0,66	1,52

Autoconfiança	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,33	12,00	14,50
Desvio Padrão	2,05	3,51	5,53
Envieçamento	0,96	-0,25	0,20

Capacidade de risco	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,50	12,00	14,67
Desvio Padrão	2,36	2,89	3,35
Envieçamento	1,25	1,71	-0,18

Autoconfiança	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	2,20	11,00	19,33
Desvio Padrão	0,40	3,00	2,92
Envieçamento	2,24	0,46	0,53

**ANEXO 26 - Levantamento de dados do Questionário de
Determinação das Capacidades Empreendedoras Final**



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Teste de Empreendedorismo - Levantamento de dados

Independência		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Aborreço-me quando tentam mandar em mim	7	19	9
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Por vezes chamam-me teimoso	15	14	7
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Gosto de tomar a iniciativa	3	13	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Gosto de estar só	19	8	6
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Gosto de responsabilidades	4	12	20
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	3	15	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Autodisciplina		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Termino o que começo, mesmo que seja complicado	4	16	15
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Pensar num projeto aborreço-me	20	7	5
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tenho uma boa capacidade de concentração	6	17	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	11	13	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Quando erro, penso nisso para poder melhorar	6	10	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Sou motivado e quero ser bem sucedido	1	8	25
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Criatividade		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	4	16	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	5	12	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	4	16	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Sou curioso	2	8	25
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	7	16	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	4	14	17
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

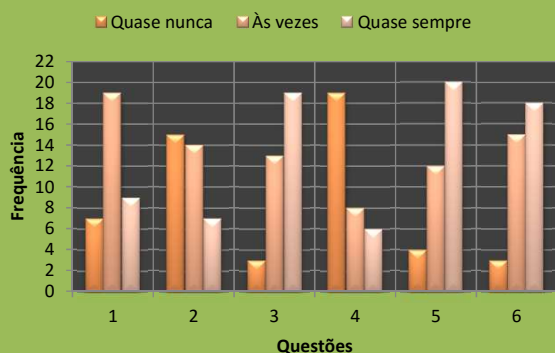
Motivações		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	5	13	16
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	6	13	15
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Sou corajoso	3	13	18
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Sou empenhado	2	20	12
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Sou otimista	5	15	13
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Sou responsável	5	10	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Capacidade de risco		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	1	11	24
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	1	11	24
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Tento aproveitar todas as oportunidades	1	11	24
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	12	12	11
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	4	9	23
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	6	16	14
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

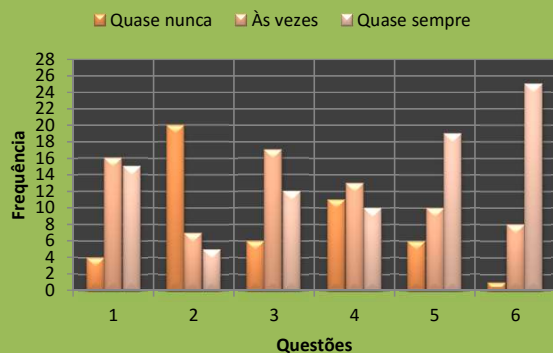
Autoconfiança		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de mim próprio	2	8	25
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
2	Tenho confiança naquilo que faço		16	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
3	Sou capaz de enfrentar qualquer situação	1	23	10
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
4	Luto por aquilo que quero	2	8	25
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
5	Aceito, de boa vontade, um elogio	1	13	21
		Adicionar	Adicionar	Adicionar
6	Aceito desafios	3	13	19
		Adicionar	Adicionar	Adicionar

Teste de Empreendedorismo - Registo Gráfico de dados

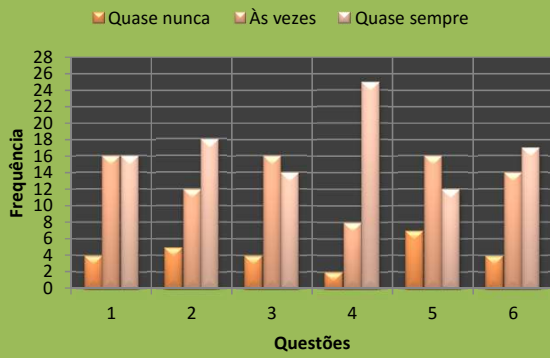
Independência



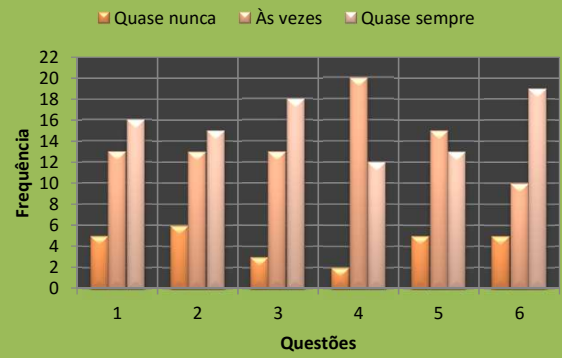
Autodisciplina



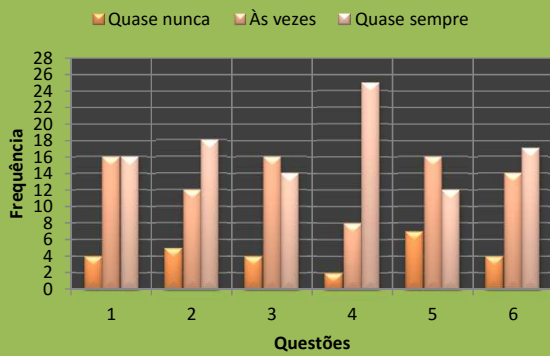
Criatividade



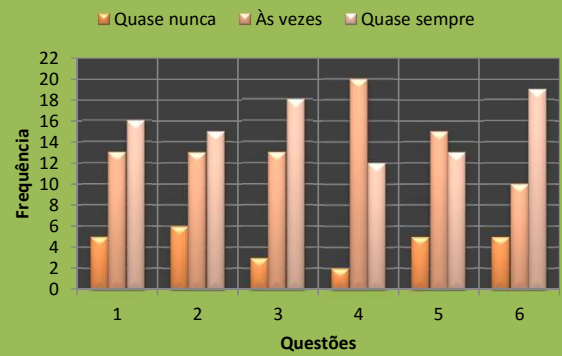
Motivações



Capacidade de risco



Autoconfiança



Teste de Empreendedorismo - Tratamento de dados

Criatividade	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	8,50	13,50	13,17
Desvio Padrão	6,26	3,30	5,93
Distorção	0,93	0,00	-0,05

Motivações	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	8,00	11,83	14,33
Desvio Padrão	6,14	3,80	6,42
Enviezamento	1,31	0,15	0,35

Capacidade de risco	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,33	13,67	17,00
Desvio Padrão	1,49	2,92	4,08
Enviezamento	0,44	-1,35	1,21

Autoconfiança	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,33	14,00	15,50
Desvio Padrão	1,37	3,06	2,50
Enviezamento	-0,84	1,20	0,00

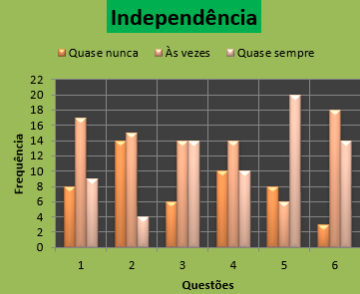
Capacidade de risco	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	4,17	11,67	20,00
Desvio Padrão	3,98	2,13	5,39
Enviezamento	1,42	1,44	-1,06

Autoconfiança	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Média	1,80	13,50	19,83
Desvio Padrão	0,75	5,12	5,05
Enviezamento	0,51	0,92	-1,20

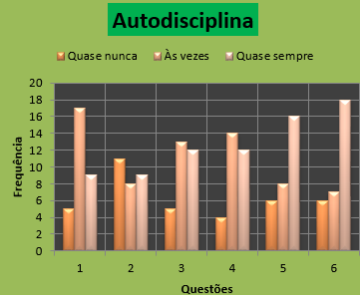
ANEXO 27 - Comparação dos Resultados dos Questionário de Determinação das Capacidades Empreendedoras

Resultados do 1.º Teste

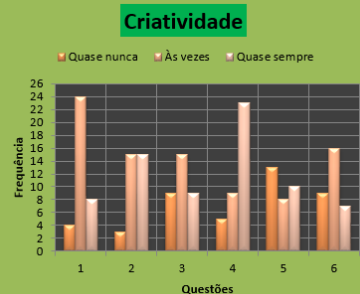
Independência		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Aborrego-me quando tentam mandar em mim	8	17	9
2	Por vezes chamam-me teimoso	14	15	4
3	Gosto de tomar a iniciativa	6	14	14
4	Gosto de estar só	10	14	10
5	Gosto de responsabilidades	8	6	20
6	Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	3	18	14



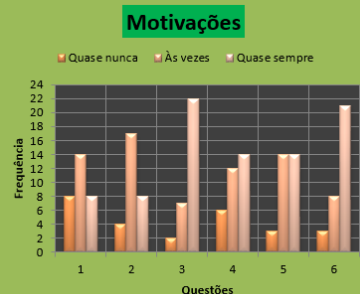
Autodisciplina		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Termino o que começo, mesmo que seja complicado	5	17	9
2	Pensar num projeto aborrece-me	11	8	9
3	Tenho uma boa capacidade de concentração	5	13	12
4	Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	4	14	12
5	Quando erro, penso nisso para poder melhorar	6	8	16
6	Sou motivado e quero ser bem sucedido	6	7	18



Criatividade		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	4	24	8
2	Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	3	15	15
3	Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	9	15	9
4	Sou curioso	5	9	23
5	Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	13	8	10
6	Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	9	16	7

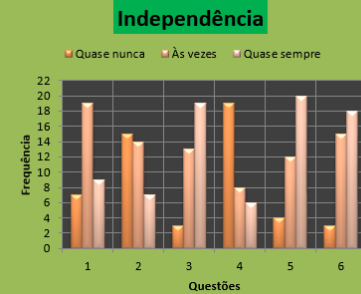


Motivações		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	8	14	8
2	Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	4	17	8
3	Sou corajoso	2	7	22
4	Sou empenhado	6	12	14
5	Sou otimista	3	14	14
6	Sou responsável	3	8	21

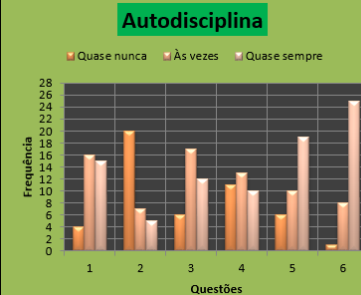


Resultados do 2.º Teste

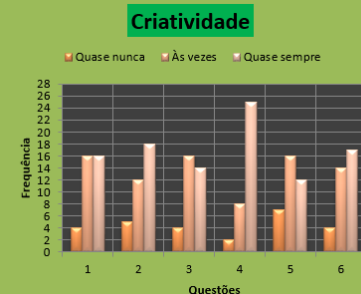
Independência		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Aborrego-me quando tentam mandar em mim	7	19	9
2	Por vezes chamam-me teimoso	15	14	7
3	Gosto de tomar a iniciativa	3	13	19
4	Gosto de estar só	19	8	6
5	Gosto de responsabilidades	4	12	20
6	Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho	3	15	18



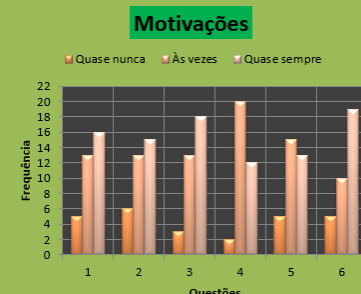
Autodisciplina		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Termino o que começo, mesmo que seja complicado	4	16	15
2	Pensar num projeto aborrece-me	20	7	5
3	Tenho uma boa capacidade de concentração	6	17	12
4	Quando quero fazer qualquer coisa, penso nas consequências do que vou fazer	11	13	10
5	Quando erro, penso nisso para poder melhorar	6	10	19
6	Sou motivado e quero ser bem sucedido	1	8	25



Criatividade		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Tenho capacidade de pensar em soluções para os meus problemas	4	16	16
2	Olho para os meus problemas como obstáculos a vencer	5	12	18
3	Tenho muita imaginação e ideias diferentes das outras pessoas	4	16	14
4	Sou curioso	2	8	25
5	Utilizo, com frequência, objetos comuns de forma diferente do habitual	7	16	12
6	Experimento fazer as coisas de diversas maneiras	4	14	17



Motivações		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	5	13	16
2	Sou ambicioso e às vezes tento fazer o impossível	6	13	15
3	Sou corajoso	3	13	18
4	Sou empenhado	2	20	12
5	Sou otimista	5	15	13
6	Sou responsável	5	10	19



Comparações/Considerações

Aumento dos indicadores da **independência**, com destaque para:
 - *persistência* (teimosia);
 - *iniciativa*;
 - *resiliência* na resolução de problemas.

Manutenção do gosto pela *responsabilidade*

Diminuição no indicador relativo ao *isolamento*, provavelmente decorrente do tempo passado a trabalhar em equipa.

Aumento dos indicadores da **autodisciplina**, com destaque para:
 - *resiliência* na conclusão de tarefas;
 - *motivação* e desejo de *sucesso*;
 - *assumção de riscos* com perspectiva de aprender e melhorar;
 - *planeamento* (pensar em projetos).

Manutenção da *concentração*

Aumento dos indicadores da **criatividade**, com destaque para:
 - *resiliência* na superação de obstáculos;
 - *criatividade* (imaginação e inovação);
 - *curiosidade*.

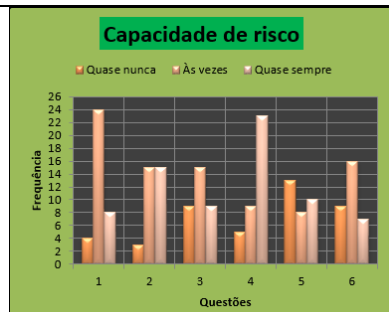
No entanto, diminuição no indicador relativo à capacidade de chegar a soluções para resolução de problemas (*criatividade*).

Aumento dos indicadores da **motivações**, com destaque para:
 - *persistência* (fixação de ideias);
 - *ambição* e *coragem*;
 - *resiliência* na resolução de problemas.

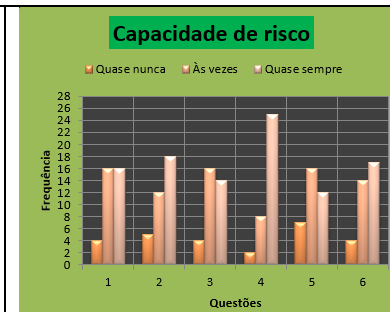
Manutenção da capacidade de ter perspetivas positivas (*otimismo*).

Diminuição nos indicadores relativos ao *empenho* e à *responsabilidade*.

Capacidade de risco		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	2	9	19
2	Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	6	12	14
3	Tento aproveitar todas as oportunidades	3	11	16
4	Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	9	12	11
5	Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	3	10	18
6	Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	4	18	10



Capacidade de risco		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de descobrir coisas novas e diferentes para fazer e para poder aprender com isso	1	11	24
2	Adoro a aventura e gosto de viver com intensidade	1	11	24
3	Tento aproveitar todas as oportunidades	1	11	24
4	Acho que quem corre riscos consegue ter mais sucesso	12	12	11
5	Estou pronto a enfrentar obstáculos para conseguir algo em que acredito	4	9	23
6	Para aprender coisas novas, muitas vezes, estudo assuntos que não conheço	6	16	14

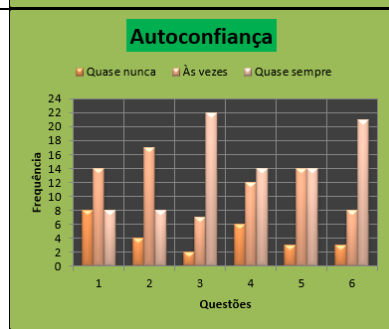


Aumento dos indicadores da **capacidade de risco**, com destaque para:

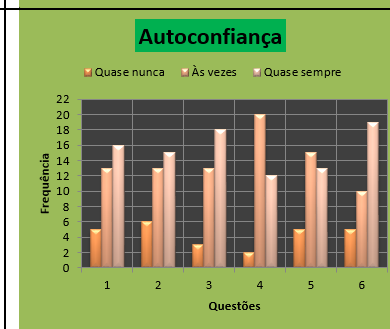
- *descoberta* (para realização de aprendizagens novas, trilhar outros percursos,...);
- *oportunismo*;
- *resiliência* perante obstáculos.

Manutenção no reconhecimento da ligação entre a *assumpção de riscos* e o *sucesso*.

Autoconfiança		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de mim próprio	2	9	24
2	Tenho confiança naquilo que faço	2	15	16
3	Sou capaz de enfrentar qualquer situação	1	15	17
4	Luto por aquilo que quero	2	10	17
5	Aceito, de boa vontade, um elogio	3	7	22
6	Aceito desafios	2	10	20



Autoconfiança		Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
1	Gosto de mim próprio	2	8	25
2	Tenho confiança naquilo que faço	1	16	19
3	Sou capaz de enfrentar qualquer situação	1	23	10
4	Luto por aquilo que quero	2	8	25
5	Aceito, de boa vontade, um elogio	1	13	21
6	Aceito desafios	3	13	19



Aumento dos indicadores da **autoconfiança**, com destaque para:

- *autoestima*;
- *autoconfiança*;
- *resiliência* na para atingir os objetivos.

Manutenção da aceitação de *elogios* e *desafios*.

Diminuição no indicador relativo à *autoconfiança* num cenário de ter de enfrentar qualquer situação.

**ANEXO 28 - Questionário sobre a Aplicação do Projeto EL.F.
para professores**

No final deste *workshop*, agradecemos que preencha este breve questionário e nos dê a sua opinião.

Em que grupo escolar leciona?

Pré-Escolar 1.º Ciclo 2.º Ciclo 3.º Ciclo Secundário Outros

1 – Acha o tema do *workshop* pertinente? Sim Não

2 – Trabalhar este tema em sala de aula é uma mais valia para o futuro dos seus alunos? Sim Não

3 – Este tipo de projeto poderá contribuir para o desenvolvimento e coesão social da comunidade onde leciona?

Sim Não

4 – Gostaria de participar na implementação dum projeto deste tipo no seu agrupamento? Sim Não

5 – Acha que necessita de mais formação sobre o tema tratado? Sim Não

6 – Achou este *workshop* útil? Sim Não

7 – Qual a dimensão do projeto que achou mais interessante? (Numere de 1 a 6, sendo 1 a dimensão mais interessante)

- Articulação curricular;
- Articulação com a comunidade;
- Participação ativa das famílias;
- Desenvolvimento social dos alunos;
- Valorização do papel da escola;
- Autonomia nas dinâmicas de grupo

8 – Sugestões e comentários

Obrigado!

**ANEXO 29 - Levantamento de dados do Questionário sobre a
Aplicação do Projeto E.L.F. para professores**



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Workshop em Empreendedorismo - Levantamento de dados

Grupos/Ciclos escolares dos participantes	Frequência
Educação Pré-Escolar	5
1.º Ciclo	
2.º Ciclo	14
3.º Ciclo	16
Secundário	
Outros	2

Questão	Sim	Não
1 Acha o tema do Workshop pertinente?	31	1

Questão	Sim	Não
2 Trabalhar este tema em sala de aula é uma mais valia para o futuro dos alunos?	36	

Questão	Sim	Não
3 Este tipo de projeto poderá contribuir para o desenvolvimento e coesão social da comunidade onde leciona?	27	7

Questão	Sim	Não
4 Gostaria de participar na implementação dum projeto deste tipo no seu agrupamento?	24	8

Questão	Sim	Não
5 Acha que necessita de mais formação sobre o tema tratado?	22	10

Questão	Sim	Não
6 Achou este workshop útil?	32	2

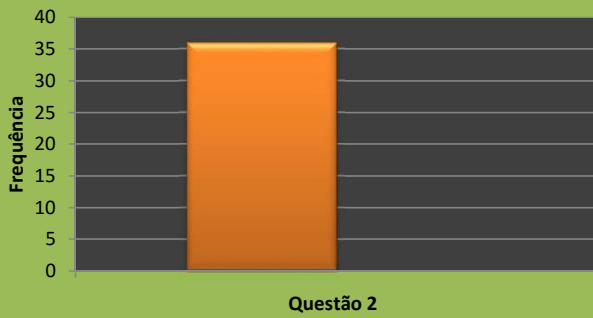
Questão	Prioridade	1 2 3 4 5 6					
		7 Qual a dimensão do projeto que achou mais interessante?	Articulação Curricular	1	5	1	9
	Articulação com a comunidade	3		4	5	7	5
	Participação ativa das famílias	1	2	3	6	5	8
	Desenvolvimento social dos alunos	10	8	4	1	2	
	Valorização do papel da escola	4	6	6	3	6	3
	Autonomia das dinâmicas de grupo	6	4	7	1	6	1

Workshop em Empreendedorismo - Registo Gráfico de dados



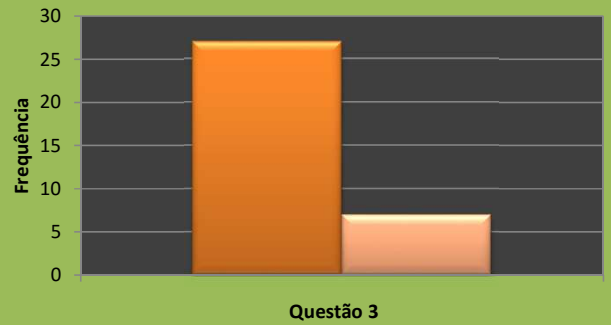
Importância

Sim Não



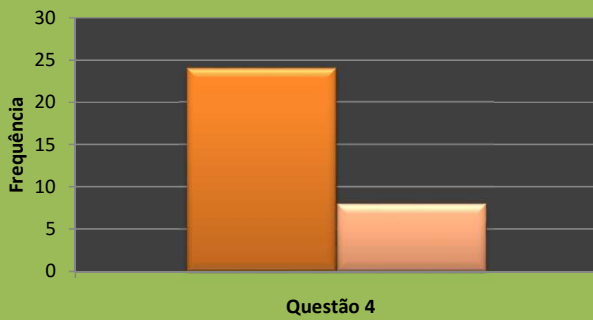
Desenvolvimento da coesão social

Sim Não



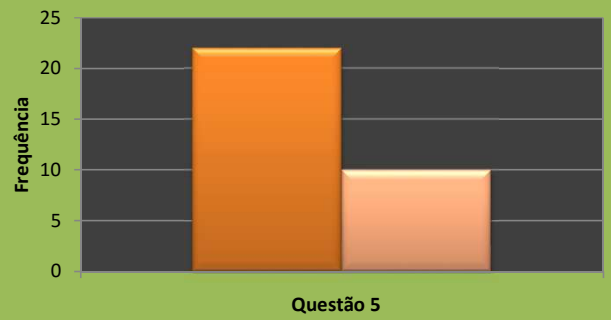
Implementação

Sim Não



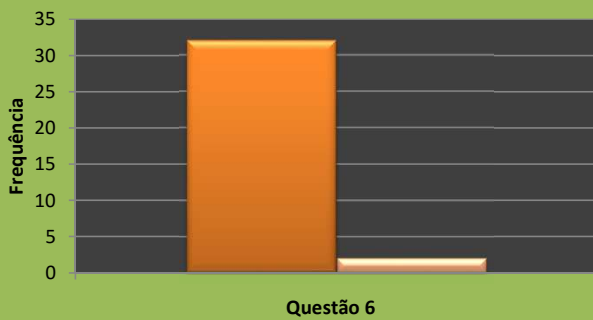
Formação

Sim Não



Utilidade

Sim Não



Formação

Articulação curricular
Participação das famílias
Valorização da escola
Articulação com a comunidade
Desenvolvimento social
Dinâmicas de grupo



**ANEXO 30 - Questionário de Avaliação do Projeto E.L.F. para
alunos**

Projecto ELF

No âmbito do projecto qual a actividade que foi para ti mais significativa?

Consideras que as actividades desenvolvidas ao longo do ano foram importantes para ti e para a tua família? Dá uma justificação para a tua resposta.

Qual a actividade que consideras que teve mais impacto na comunidade onde vives? Dá uma justificação para a tua resposta.

Para ti neste momento a escola é importante para a tua vida? Dá uma justificação para a tua resposta.

Pensas que no futuro poderias abrir uma empresa? _____

O que gostarias de fazer no futuro?

**ANEXO 31 - Levantamento de dados do Questionário de
Avaliação do Projeto E.L.F.**



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Avaliação do Projeto E.L.F. - Levantamento de dados

Perguntas/Respostas	Contabilidade	Colheitas	Atividades agrícolas	Equipas de trabalho	Visita de estudo à EPAFBL	Visita de estudo à Hortorres/Campoeste	Medições na escola	Peça de teatro	Trabalhos de grupo sobre a poluição	Conhecer técnicas antigas	Montagem da estufa
1 Atividade(s) mais relevante(s)	2	1	7	1	6	5	1	7	1	8	4

Perguntas/Respostas	São consideradas relevantes	Não são consideradas relevantes	Não responde
2.1 Relevância do projeto para os alunos e famílias	33	0	1

Perguntas/Respostas	Manutenção de estufas	Aprendizagem de técnicas agrícolas	Aplicação às empresas familiares e em casa	Aprendizagem de novos conteúdos escolares	Aquisição de produtos vantajosos à empresa	Prazer	Treino da contabilidade	Visitas de estudo	Mensagem da peça
2.2 Justificação	3	8	9	3	2	3	2	1	3

Perguntas/Respostas	Montagem/Utilização da estufa	Atividades agrícolas	Peça de teatro	Recuperação de técnicas tradicionais	A comunidade desconhece o projeto	Não responde
3.1 Atividade mais relevante para a comunidade	9	9	6	1	4	7

Perguntas/Respostas	Produção de produtos para a comunidade	Maior visibilidade	Ensinar técnicas à comunidade	Aumento do número de hortas/estufas na comunidade	Contributo para o bem-estar da comunidade	Maior divulgação
3.2 Justificação	3	6	3	2	1	2

Perguntas/Respostas	É importante	Não é importante	Não responde
4.1 Importância da escola para o aluno	34	0	2

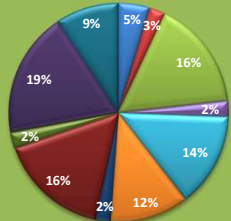
Perguntas/Respostas	Aprendizagem de novos conteúdos e técnicas	Cooperação e companheirismo	Realização	Preparação do futuro	Não apresenta justificação
4.2 Justificação	22	4	4	5	5

Perguntas/Respostas	Sim	Não	Não sabe	Não responde
5 Previsão de abertura de uma empresa no futuro	27	5	1	2

Perguntas/Respostas	Manter a empresa familiar	Criar uma empresa agrícola	Criar uma empresa na área da indústria	Criar uma empresa na área do comércio	Enveredar por uma carreira associada a artes e desportos	Enveredar por uma carreira na indústria	Enveredar por uma carreira na prestação de serviços	Enveredar por uma carreira no comércio	Enveredar por uma carreira associada à agricultura	Não sabe
6 Projeção do futuro	5	4	3	1	4	5	7	1	1	4

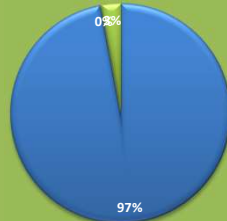
Avaliação do Projeto E.L.F. - Registo Gráfico de dados

1. Relevância das atividades para os alunos



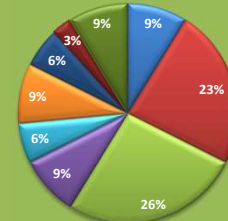
- Contabilidade
- Atividades agrícolas
- Visita de estudo à EPAFBL
- Medições na escola
- Trabalhos de grupo sobre a poluição
- Montagem da estufa
- Colheitas
- Equipas de trabalho
- Visita de estudo à Hortorres/Campoeste
- Peça de teatro
- Conhecer técnicas antigas

2. Relevância do projeto para alunos e famílias



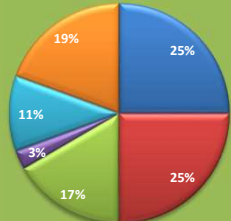
- São consideradas relevantes
- Não são consideradas relevantes
- Não responde

Motivos de relevância



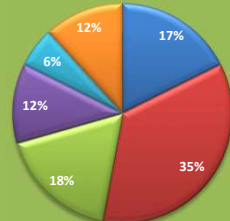
- Manutenção de estufas
- Aplicação às empresas familiares e em casa
- Aquisição de produtos vantajosos à empresa
- Treino da contabilidade
- Mensagem da peça
- Aprendizagem de técnicas agrícolas
- Aprendizagem de novos conteúdos escolares
- Prazer
- Visitas de estudo

3. Atividade mais relevante para a comunidade



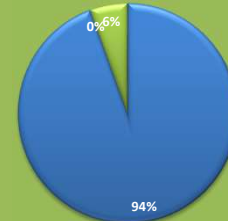
- Montagem/Utilização da estufa
- Peça de teatro
- A comunidade desconhece o projeto
- Atividades agrícolas
- Recuperação de técnicas tradicionais
- Não responde

Motivos de relevância



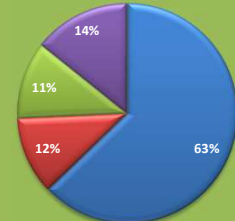
- Produção de produtos para a comunidade
- Maior visibilidade
- Ensinar técnicas à comunidade
- Aumento do número de hortas/estufas na comunidade
- Contributo para o bem-estar da comunidade
- Maior divulgação

4. Importância da escola para os alunos



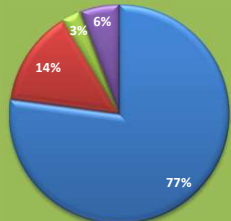
- É importante
- Não é importante
- Não responde

Razões apontadas



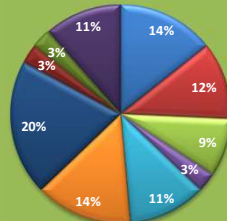
- Aprendizagem de novos conteúdos e técnicas
- Cooperação e companheirismo
- Realização
- Não apresenta justificação

5. Previsão de futuro como empresário



- Sim
- Não
- Não sabe
- Não responde

6. Projeção do futuro



- Manter a empresa familiar
- Criar uma empresa agrícola
- Criar uma empresa na área da indústria
- Criar uma empresa na área do comércio
- Enveredar por uma carreira associada a artes e desportos
- Enveredar por uma carreira na indústria
- Enveredar por uma carreira na prestação de serviços
- Enveredar por uma carreira no comércio

ANEXO 32 - Guião de Entrevista Final aos EE

Proposta de entrevista semiestruturada

Que importância podem ter projetos de empreendedorismo, numa vertente interdisciplinar integrada, na educação em Portugal?

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Etapas/Questões
Bloco A <ul style="list-style-type: none">Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">Legitimar a entrevista;Motivar o entrevistado.	<p>Relembrar o tema e o objetivo do Projeto E.L.F.;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, destacando a importância da sua colaboração na realização do estudo;</p> <p>Assegurar o caráter anónimo das informações prestadas;</p> <p>Solicitar autorização para realizar o registo vídeo e audiográfico da entrevista;</p> <p>Garantir a informação sobre o resultado da investigação.</p>
Bloco B <ul style="list-style-type: none">A educação, o currículo e o empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none">Conhecer a atitude dos inquiridos em relação ao papel da educação e do empreendedorismo.	<ul style="list-style-type: none">Consegue recordar uma atividade desenvolvida com o seu educando que considera que tenha sido marcante pela positiva? Porquê?Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou, como define empreendedorismo em poucas palavras.Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou, que traços apontaria como definidores dum empreendedor?
Bloco C <ul style="list-style-type: none">Expetativas sobre a aplicação deste projeto para os alunos	<ul style="list-style-type: none">Aferir as expetativas dos encarregados de educação relativamente à aplicação do projeto.	<ul style="list-style-type: none">Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou, acha que os alunos compreenderam melhor os conteúdos escolares?Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou, pensa que contribuiu para fazer dos alunos cidadãos responsáveis e capazes de tomar decisões informadas ao longo do seu percurso de vida?Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou considera que o mesmo correspondeu às

		<p>aprendizagens que inicialmente queria/esperava que fossem desenvolvidas?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Após ter acompanhado o desenrolar do projeto onde o seu filho participou quais são as expectativas que tem para o futuro dos vossos filhos?
<p>Bloco D</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Expetativas sobre o papel da escola/professor e a visão pela comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aferir a visão que os encarregados têm da escola/professor e o papel que devem ter na formação dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Na sua opinião, o papel que a escola tem nesta localidade mantém-se o mesmo do início do projeto ou modificou-se de alguma forma? Se sim, em que aspetos? ▪ O papel que o professor assumiu ao longo do desenvolvimento do projeto correspondeu ao que inicialmente considerava, ou alterou-se? Se sim, em que aspetos?
<p>Bloco E</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Validação da entrevista</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Validar a entrevista;</i> ▪ <i>Agradecer a disponibilidade.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Deseja acrescentar alguma coisa sobre o assunto em análise? <p><i>Indicar que a transcrição da entrevista será enviada para confirmação dos dados;</i></p> <p><i>Agradecer e confirmar a utilidade da entrevista.</i></p>

José Pina

Rui Ferreira

ESELx 2014

ANEXO 33 - Análise da Transcrição da Entrevista Inicial aos EE

Análise da entrevista aos pais

1ª fase: definição de indicadores a partir do recorte em unidades de registo

Unidades de registo	Indicadores	Freq. UR
É assim, eu, por exemplo andei 14 anos na escola... Sei lá, no 9.º ano de escola foi assim um bocadinho mais... estava a ficar um bocadinho farta daquilo.	Desistência após o 9º ano por cansaço da escolaridade	150
Depois a idade, se calhar, também foi outra... Comecei a gostar e ainda hoje é uma coisa que eu gosto de estudar... Para mim é sempre uma nova... Há sempre uma nova apresent... Pronto, é sempre tudo novo! Quero dizer, fico sempre com algumas noções de cada coisa. Por isso, para mim, a escola é das melhores coisas que pode...	Gosto pelo estudo depois de adulta	150
E foi fácil, muito fácil.		1V
Quando depois, fiz pela segunda vez o 7.º ano, passei para o 8.º e onde tive de ir trabalhar, para ajudar os meus pais	Desistência antes do 9.º ano por motivos financeiros	1V
Para mim também foi bastante importante... Tive pena de não poder estudar mais, mas infelizmente, na altura não se podia... Os meus pais não tinham possibilidades para isso. Também os meus pais não tiveram possibilidades.	Desistência após o 9º ano por motivos financeiros	2C
Tenho... Tenho pena... Lá está: é como a CARLA		1M
É, é. Tinha duas... Chumbei duas... Três! Inglês, Física e Química. Depois quando vim cá para Portugal, era para continuar a estudar, mas não havia possibilidades (dinheiro), fui trabalhar, pronto! E parou!		1E
a ponto de ser "burra" (que é mesmo assim – sou mesmo "burra"), não consigo tirar níveis de 3! É ali trêsínhos aí... pior do que o meu J.	Desistência após o 9º ano por limitações cognitivas	1L
e depois estudei à noite, lá na Arruda, antes de engravidar da M., fiz o 9.º ano.	Retoma do percurso escolar em idade adulta	1V
Só não tiras se...		150
Mas foi bastante importante. Lembro-me perfeitamente do meu professor – o professor António – que me deu os quatro anos e que foi excelente. E depois foram os dois anos que tive aqui no ciclo...	Memórias positivas da escolaridade	1C
Para mim também!		1M

Nós tínhamos que apresentar, tipo, um trabalho de mestrado, como se faz na faculdade e nós a pior professora que dava a nota. E eu assim: "Ai Meu Deus, ela vai-me chumbar!", porque eu ficava nervosa, bloqueava. E o meu trabalho consistia, nós tínhamos de escolher o tema que nós quiséssemos. Toda a gente falava do petróleo, da contaminação e eu disse... O que é que nós nos lembrámos: das cobras! Fantástico! Tocou-me a mim pegar na cobra e mostrar à professora por onde é que saía o veneno.		2E
Mas pronto... "Oh E, chega essa cobra para lá!" Mas foi engraçado... Depois deu-nos 20.		
Tenho pena de não ter feito o 12.º - faz muita falta..... neste momento.	Desgosto por não ter feito o 12º ano	2M
Mas tenho pena... De não ter feito 12.º		2L
E gostava de ir para o 12.º		
mas gostava de tirar o 12.º!		
Só tenho o 9.º. Aproveitei bem. Digamos que até fui uma alunazinha exemplar!	Orgulho em ter sido boa aluna	2M
Nunca fui ao Conselho Diretivo! Não levava faltas, não...		
Eu também não!		1L
Aproveitei! Foi uma peça fundamental para o meu percurso	Relevância para a vida adulta da conclusão do 9º ano	1M
Também tenho o 9.º, mesmo...		1L
Estava no 9.º, queria objetivos... Via algumas colegas minhas com uns ténisinhos de marca...		
Eu também queria! E como não tinha aquele objetivo (os meus pais não podiam dar), parti e fui trabalhar.	Desistência após o 9º ano pela vontade de ganhar dinheiro	1C
Para mim foi muito bom. Eu consegui os meus estudos na altura quando eu queria e queria... Foi bom em dois aspetos, porque os meus professores na altura... Felizmente, sempre tive possibilidades de continuar os meus estudos.	Possibilidade de prosseguimento de estudos	15A
Porque agora não posso.		
Agora o trabalho não deixa.		
E as crianças também não.	Impossibilidade de prosseguimento de estudos em adulto	3L
Gostava...		
Um dia ainda posso.	Desejo de poder prosseguir de estudos	2L
Na altura – como eu sou lá de cima – queria ir para o Porto, concorri para enfermagem, mas como na altura a média era de... Na minha época, já tenho 41, já são alguns aninhos... Na altura, parece que a enfermagem era uma das profissões que estava em êxtase e então na	Impossibilidade de entrar no curso desejado devido ao <i>numerus clausus</i>	15A

altura era média de 18. Eu também não era muito má aluna, mas também não era muito boa! Estava ali na média de 15/16, não entrei.	Encaminhamento pós-secundário pelos professores	25A
Tive professores que na altura era trabalhos e artes – diziam muita vez porque é que eu não ia... Não continuava isso porque tinha bastante jeito... Gostava, mas não me sentia... Mas tive professores, já na altura... Pronto, ainda sou daquela época em que tive professores... Tive a sorte de ter esses professores que puderam já encaminhar-me.		1V
Agora já há outro tipo de encaminhamento a nível de escolhas, não é? Mas... Eles dizem-me sempre por que é que eu não ia? Como não entrei na enfermagem porque a média era muito alta, concorri para Lisboa, para uma academia cá – que só havia em Lisboa, na altura. Foi um ano de 3 anos, em que tirei o curso que tenho: vitrinista. E fiz toda a minha vida e sou vitrinista já há muitos anos. E pronto. Mas foi uma fase muito boa também. E aprendi bastante		
Onde o professor insistiu comigo para eu tirar também um curso, só que eu não quis tirar e onde eu agora me bloqueei completamente esta parte da pintura e dos desenhos – não sei porquê.	Identificação de um ano de escolaridade como sendo de maior relevância para o futuro	25A
Para mim foi o 8.º		2L
Para mim foi o 8.º.		150
O 7.º.		2E
O 7.º.		
10.º		1M
Eu era o do 12.º. Mas lá na minha terra, na Venezuela, não há o 12.º. É só até ao 11.º. Faz de conta que é o 12.º.		1C
Eu fui no 12.º		1V
Eu fui entre o 7.º e o 9.º. Foi aquelas... Aqueles anos assim mais difíceis, mas sempre na expectativa de passar para o próximo.		1L
Eu fui o 5.º ano.		1V
A mim foi o 7.º ano.		
Acho que é o ano mais difícil.	Reconhecimento do 7.º ano de escolaridade como o ano de maior dificuldade no percurso académico	1V
Foi difícil,		
Foi onde eu fiquei 3 anos.	Retenções num mesmo ano de escolaridade	1L

A mim, por acaso, foi o meu segundo		250
Porque... Para já, já tinha chumbado 2 anos, pronto.		1V
Foi onde chumbei.	Identificação de mudanças bruscas no percurso académico	150
E depois foi uma mudança muito radical.		1C
Eu vir para aqui (escola c+s) foi uma mudança muito radical. Porque ter a escola ao pé de casa e o ter de, depois, apanhar o transporte...	Identificação de uma área vocacional durante o percurso académico	150
É assim, eu fui para a minha área de conforto que é a Produção Animal		15A
Educação Física? Eu é mesmo no... Pertencia ao grupo lá da ginástica... Um grupo de ginástica eu pertencia a ele – de ginástica rítmica – e marcou-me bastante.		1V
A parte que eu gostei mais foi da parte da Educação Visual, foi onde eu descobri que tinha imenso jeito para desenhar qualquer coisa que fosse.		
mas já vinha um bocadinho saturada, se calhar, da escola	Saturação da frequência da escolaridade através da via de ensino regular	150
e onde foi abrir...	Identificação da via de ensino técnico-profissional como uma alternativa de interesse relacional na escola profissional	1 50
Como é que eu de dizer? Entrei para uma escola que não era uma escola, era mais uma família – uma escola agrícola – e então aquilo...	Reconhecimento de maior proximidade relacional na escola profissional	3 50
Nós conhecíamos-nos todos, os professores entravam nos nossos problemas, nós entrávamos nos problemas dos professores e aquilo funcionava tudo!		
Exatamente!		
Eu vir para aqui (escola c+s) foi uma mudança muito radical. Porque ter a escola ao pé de casa e o ter de, depois, apanhar o transporte...	Necessidade de dar autonomia aos filhos	2C
Nós vamos lá deixá-los, não é? E depois, eles vão ter de se desenrascar e eu vejo um bocadão... Eu tive de me desenrascar e foi um ano, ali, complicado, para quem estava habituado a estar ali debaixo da saia da mãe.		
Está bloqueado, não faço porque não quero, porque se eu for fazer não vai sair como deve de ser, mas eu gostei muito dessa parte da Educação Visual, onde eu desenvolvi tudo isto que eu sei, que eu sei que sei fazer só que está fechado.	Falta de confiança nas suas próprias capacidades	1V
Tudo o que tem de prós e contras, o que se pode fazer...		1V

...E ismo vem de investir, sei lá.	Identificação de autoconfiança/assunção de riscos como competência do empreendedorismo	1SA
Ser empreendedor....	Identificação de iniciativa/avaliação/energia como competência do empreendedorismo	1C 2V 2SA
Conseguir... Ganhar....		
Deve ser o começo de uma empresa talvez, não?		
Criar uma empresa?		
o levar a empresa para a frente...	Identificação de resiliência como competência do empreendedorismo	1SA
Conseguir geri-la.	Identificação de planejamento/organização como competência do empreendedorismo	4E
Como a estruturar.		
Primeiro vai fazer x, o que é que podemos fazer... Fazer o plano daquilo que vai acontecer...		1V 2SA
Ou uma maquete...		
Em construir, construção...		
Inovador.	Identificação de criatividade/Inovação como competência do empreendedorismo	1SO 1SA
O criar uma empresa	Identificação de relacionamento interpessoal/comunicação como competência do empreendedorismo	1SO
Há uma professora da M, de Economia, que diz que, na opinião dela, os miúdos deviam começar a ter Economia na primária.		
Definir o quê?!	Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo	10SA
Empreendedorismo?		
Temos aí um dicionário?		
Onde é que temos um dicionário aqui?		
Desculpe lá, tem de dar umas noções de formação. Depois a gente... Eu tenho de saber a 100% o que é... para lhe ir dar uma imagem!		
Hã?		
Faz lembrar uma empresa.		

O que faz lembrar são empresas!		
Empren... Emprendo.... Só mais uma vez: em-pren-do...		
Empreender vem de empresa, ismo...		
Não sei...		
Temos de estudar um bocadinho sobre o projeto...	Reconhecimento de necessidades de formação sobre empreendedorismo	1L
Existiram situações que são importantes e foram importantes...	Reconhecimento da importância da educação transversal para a vida	3C
Cada uma no seu sentido, pelo meio, porque ao começar a trabalhar aprendi muita coisa, mas na escola também aprendi – foi a base de portanto... Depende.		
Eu faço da minhas palavras as da C.		1M
Sim.	Reconhecimento de exclusão de alunos por parte de professores durante o percurso académico	1SO 2C
Sim.		
É verdade!		4V
Sim.		
Havia muito, mas muito mesmo.		
Muita diferença.		
Muita diferença.		
Sim.		3M
Sim, também havia.		
Ah, isso havia muito aqui no Sobral. mas a nível de colegas sim.		2SA
a nível de colegas sim.		
Os meus colegas também.		2L
Havia, havia.		
Eu vou ser sincera, assim a nível de professores nunca senti isso	Negação de constatação de formas de exclusão em meio escolar	2SA
A nível de professores não...		
Eu nunca achei isso.		3SO
Eu nunca achei.		
Eu nunca achei isso.		

<p>E também havia... Na parte da primária, também havia diferenças entre aqueles que tinham mais um bocadinho e os que não tinham nada.</p> <p>Dos que tinham, para os que não tinham.</p> <p>Quem levasse é que levava a nota!</p> <p>Eu falo por mim que senti isso.</p> <p>Eu senti muito.</p> <p>tinha sempre boas notas.</p> <p>Eu vou-lhe contar uma situação: eu tenho uma professora que chamou a minha mãe à escola. Chamou a minha mãe à escola e a minha mãe foi à escola: "Olhe, a sua filha anda a roubar pacotes de leite". "A minha filha? Mas ela não aparece com eles em casa". "Mas ela é que rouba!". E afinal não era eu.</p> <p>Depois eu é que roubava os pacotes. Mas eu nunca os comia.</p> <p>Pois, bebi tanto leite! Como eu gostava do leite da escola, dizia que era o único leite que gostava, ela pensava que era eu que andava a roubar os pacotes e eu nunca roubei nada, por isso...</p> <p>Naquela altura usava-se muito (hoje em dia também, mas não tanto), os pais levarem sempre uma lembrança: um cestinho de batatas, de cebolas, o coelhinho, a galinha... Pronto.</p> <p>E quem levava...</p> <p>Aliás, eu na minha aula tinha 3 filias: era a dos bons, dos menos bons e a dos "burros".</p> <p>Sim, na minha época havia mesmo professores que punham certos alunos de parte.</p> <p>Bem, eu no 9.º, só 3 é que trabalhavam em Matemática e o resto era tudo "batalhar na bola" e "ponto cruz" e outras áreas... Só 3 ao pé do professor. O professor só dava matéria a 3.</p> <p>Ele pós-nos de parte. Não se entendia connosco e pós-nos de parte.</p> <p>Por isso é que ficaste pequena!</p> <p>A mim também me puseram de parte, por eu ser pequenina — é mesmo assim.</p> <p>Chumbaram-me por eu ser pequenina porque ia para o Sobral e ia sofrer por ser pequenina.</p> <p>Não era porque tinha más notas...</p> <p>Sim, mas atenção, colocados de parte através de...</p> <p>Não é de professores, é de...?</p>	<p>Exclusão por fatores económicos</p> <p>2V</p> <p>150</p> <p>5L</p> <p>2C</p> <p>Exclusão por fatores cognitivos</p> <p>1V</p> <p>150</p> <p>2M</p> <p>Exclusão por fatores físicos</p> <p>150</p> <p>3L</p> <p>65A</p>
---	---

<p>Estamos a falar de uma maneira geral, é que é assim, temos aqui pontos que temos de esclarecer!...</p> <p>É de uma maneira geral?</p> <p>É de professores?</p> <p>É da escola?</p> <p>Mas no final do ano deu 3 a todos!</p> <p>Já não foi mau!</p> <p>Mas deu...</p> <p>Essa professora desapareceu – nunca mais a vi – mas também só lá esteve 3 meses na escola...</p> <p>Se fosse um professor que não nos dissesse nada...</p> <p>Se não fosse, nós não estávamos aqui!</p> <p>Outra pessoa qualquer...</p> <p>Eu falo por mim, mas acho.</p> <p>É verdade.</p> <p>Sim.</p> <p>E ele: "Ah sim, tens de estudar isso tudo!</p> <p>Depois vens cá ajudar a mãe!</p> <p>A minha disse que não ia conseguir ganhar 14€ e qualquer coisa x 4...</p> <p>Sim, sim, sim.</p> <p>O meu hoje só me falou de quanto é que "ganhou" hoje.</p> <p>Quanto é que "ganhou" ...</p> <p>A minha também.</p> <p>O meu não me falou hoje...</p> <p>A minha gosta muito de ir para lá para a horta, de ir lá, de mexer na terra, de...</p> <p>Aquilo quase que é por uma dedicação/obrigação, mas que eles fazem da melhor vontade.</p> <p>A minha já falou com um chefe nosso que diz que tem lá alfaces para vender, que ele tinha de comprar...</p> <p>E que iam abrir uma empresa, que era muito importante!</p>	<p>Dúvidas relativas à origem de casos de exclusão de alunos identificados durante o percurso académico</p> <p>Identificação de formas de amenizar a exclusão de alunos</p> <p>3M</p> <p>Exclusão por falta de ligação com a comunidade</p> <p>1L</p> <p>1C</p> <p>25A</p> <p>1V</p> <p>1M</p> <p>150</p> <p>2E</p> <p>Reconhecimento da compreensão dos conteúdos curriculares abordados no âmbito do Projeto ELF</p> <p>15A</p> <p>1C</p> <p>Valorização em termos individuais</p> <p>2M</p> <p>15A</p> <p>1L</p> <p>1C</p> <p>150</p> <p>2E</p>
---	--

A minha sabia o dela e o dos outros todos! Aquilo ficou lá hoje: quanto é que ganhou este, aquele...	Valorização em termos coletivos	2SA
Os meninos só falam de ir para a horta, na horta...		1L
Sim, eu acho que sim, porque eles já vão começar a...	Reconhecimento da importância do Projeto ELF para o desenvolvimento de hábitos de tomada de decisão informada	3SO
Sim, mesmo a nível de... Como é que eu hei-de explicar? Mesmo a nível deles, de ter de ir para a horta trabalhar, eles sabem que têm de ter outras atividades.		
Por exemplo, eu falo do R, não é? Ele, como gosta muito da terra e daquilo tudo, para ele é ótimo porque o obriga a estar mais concentrado na aula porque sabe que a seguir tem de ir fazer aquela atividade. Se não o fizer, não...		
... A ter noção das coisas. Porque é difícil ganhar ordenado, como diz a minha filha. Tudo em si, é a forma de trabalhar para...		1E
Como gerir o dinheiro.	Saber gerir o dinheiro	1C
Saber aplicá-lo.		1E
Quanto melhor gerirem, maior é o lucro.		1SO
...Ter os seus lucros.	Saber como conseguir lucros	1SA
...Ter isto e aquilo.		1E
Como poupar.	Saber como poupar	1E
Fazer a poupança.		1L
Eu acho que Pero Negro sem a escola, não é o mesmo Pero Negro.	Valorização pela inserção na comunidade	1SO
Nem Almagem, nem Almagem.		2V
Nem a do Almagem deve fechar.		1C
Acho que sim! Aquela escola não devia de fechar! Isto é a minha opinião, mas pronto...		2M
É tudo um complemento.		2SA
É diferente...		
É concentradinha.		
É concentradinha!		
Tive, tinha e tenho a possibilidade de ter a minha filha noutras escolas, aliás moro na P que não tem nada a ver e podia-a ter noutro lado e escolhi Pero Negro porque...	Valorização por serviços diferenciados	3C
Por vários motivos, mas também por ser uma escola só para aqueles meninos, só o professor para aqueles meninos, só a sala para eles, só... Acho...		

É tudo um complemento.		1E
Até para as crianças, também é tudo...		1M
E depois a escola é aquele...		1SA
Eu às vezes comento com mães de Lisboa que têm [filhos a estudar] e por acaso já tive oportunidade de falar com 3 ou 4 mães que têm os filhos em Lisboa – apesar de eu não ser de cá, não posso falar... por exemplo não conheço a escola de Almagem, mas... - é assim, elas...		
Tem qualidade...	Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores	5SA
E profissionalismo.		
Eu falei sobre este projeto que eles estão agora a iniciar e elas ficam a olhar para mim: “Ah, mas isso é muito bom! Isso é muito bom porque acho que é muito bem a criança, desde pequenina, começar logo a saber gerir, poupar, organizar, ...		
Aí a minha escola não é assim!” – é o comentário logo que eu ouço		
“Na escola da minha filha não há isso” ou “Na escola do meu filho não há isso”.		4E
E a explicação do professor também tem a ver porque eu tenho uma colega que também tem um menino que está na mesma idade da B, tem 8 anos e está a explicar...		
Na Matemática e eu expliquei como é que o professor Rui trabalha e ela disse assim: “Mas o meu não trabalha assim!”.		
Pois. “Eu assim percebia melhor a Matemática!”		
Então tens de trocar!		
Serem bons alunos também depende dos professores!	Valorização do papel do professor por ligação com a comunidade	2E
Um aluno não é só bom porque é um bom aluno, também tem de ter um bom professor, que o incentive.		1V
Mas o professor para ser um bom professor também tem de ter muito apoio, de tudo para que as coisas funcionem, apesar do esforço ser muito, não é?		2C
Então, é por isso que nós estamos aqui!		
Então não é?		
Também não tenho razão de queixa do professor, quando preciso também...		1M
Não tenho palavras para descrever o professor, por aquilo que o meu filho...		1L

2ª fase: construção das categorias e subcategorias

Tema	Categoria	Subcategoria	Indicadores	Freq. UR	
A educação, o currículo e o empreendedorismo	Perceção de fatores que influenciaram o percurso escolar	Perceção positiva da vivência escolar	Gosto pelo estudo depois de adulta	150 1V	
			Memórias positivas da escolaridade	1C 1M 2E	
		Representação positiva das consequências da escolaridade	Orgulho em ter sido boa aluna	2M 1L	
			Desejo de poder prosseguir de estudos	2L	
			Possibilidade de prosseguimento de estudos	15A	
		Importância da escola no percurso académico	Relevância para a vida adulta da conclusão do 9º ano	1M 1L	
			Encaminhamento pós-secundário pelos professores	25A 1V	
		Importância da escola na vida adulta	Identificação de uma área vocacional durante o percurso académico	Identificação de uma área vocacional durante o percurso académico	150 15A 1V
				Retoma do percurso escolar em idade adulta	1V 150
			Identificação de um ano de escolaridade como sendo de maior relevância para o futuro	Identificação de um ano de escolaridade como sendo de maior relevância para o futuro	25A 2L 150 2E 1M 1C 1V
	1V				

	Reconhecimento de dificuldades que condicionaram o percurso escolar	Reconhecimento de fatores emocionais na tomada de decisões	Reconhecimento do 7.º ano de escolaridade como o ano de maior dificuldade no percurso académico	1L 1V
			Desistência antes do 9.º ano por motivos financeiros	1V
			Desistência após o 9.º ano por motivos financeiros	2C 1M 1E
			Desistência após o 9.º ano por cansaço da escolaridade	150
			Desistência após o 9.º ano por limitações cognitivas	1L
			Desistência após o 9.º ano pela vontade de ganhar dinheiro	1C
			Saturação da frequência da escolaridade através da via de ensino regular	150
			Retenções num mesmo ano de escolaridade	1L 250 1V
			Identificação de mudanças bruscas no percurso académico	150 1C
			Impossibilidade de entrar no curso desejado devido ao <i>numerus clausus</i>	15A
			Impossibilidade de prosseguimento de estudos em adulto	3L
			Desgosto por não ter feito o 12º ano	2M 2L
			Falta de confiança nas suas próprias capacidades	1V
			Identificação da via de ensino técnico-profissional como uma alternativa de interesse	1 SO
			Reconhecimento de maior proximidade relacional na escola profissional	3 SO
			Necessidade de dar autonomia aos filhos	2C

	Conceitos básicos ligados ao empreendedorismo	Identificação de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo	Identificação de autoconfiança/assunção de riscos como competência do empreendedorismo Identificação de iniciativa/avaliação/energia como competência do empreendedorismo Identificação de resiliência como competência do empreendedorismo Identificação de planejamento/organização como competência do empreendedorismo Identificação de criatividade/ inovação como competência do empreendedorismo Identificação de relacionamento interpessoal/comunicação como competência do empreendedorismo	1V 15A 1C 2V 2SA 15A 4E 1V 2SA 15O 15A 15O
		Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo e consequentes necessidades de formação para a vida	Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo Reconhecimento de necessidades de formação sobre empreendedorismo Reconhecimento da importância da educação transversal para a vida	10SA 1L 3C 1M
	Exclusão durante o percurso académico	Negação da existência Dúvidas sobre a existência Reconhecimento da existência	Negação de constatação de formas de exclusão em meio escolar Dúvidas relativas à origem de casos de exclusão de alunos identificados durante o percurso académico Reconhecimento de exclusão de alunos por parte de professores durante o percurso académico	2SA 35O 6SA 15O 2C 4V 3M 2SA 2L

		Formas de exclusão por parte dos professores	Exclusão por fatores económicos Exclusão por fatores cognitivos Exclusão por fatores físicos Exclusão por falta de ligação com a comunidade	2V 15O 5L 2C 1V 15O 2M 15O 1L 1C 2SA 1V 1M 3M
		Formas de amenização da exclusão	Identificação de formas de amenizar a exclusão de alunos Reconhecimento da compreensão dos conteúdos curriculares abordados no âmbito do Projeto ELF Reconhecimento da existência de ligações entre os conteúdos curriculares abordados e a vertente prática do Projeto ELF Valorização em termos individuais	15O 2E 15A 1C 2M 15A 1L 1C 15O 2E 1L
Expetativas sobre a aplicação do Projeto E.L.F. para os alunos	Promoção da inclusão através da aplicação do Projeto E.L.F.	Valorização da vertente prática do Projeto E.L.F.	Valorização em termos coletivos	2SA 1L

<p>Expetativas sobre o papel da escola/professor e a visão pela comunidade</p>	<p>Promoção da ligação escola-comunidade</p>	<p>Definição de expetativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.</p>	<p>Reconhecimento da importância do Projeto ELF para o desenvolvimento de hábitos de tomada de decisão informada</p> <p>Saber gerir o dinheiro</p> <p>Saber como conseguir lucros</p> <p>Saber como poupar</p> <p>Valorização pela inserção na comunidade</p> <p>Valorização por serviços diferenciados</p> <p>Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores</p> <p>Valorização do papel do professor por ligação com a comunidade</p>	<p>3SO 1E 1C 1E 1SO 1SA 1E 1SA 1E 1L 1SO 2V 1C 2M 2SA 3C 1E 1M 1SA 5SA 4E 2E 1V 2C 1M 1L</p>

ANEXO 34 - Análise da Transcrição da Entrevista Final aos EE

Análise da entrevista aos pais

1ª fase: definição de indicadores a partir do recorte em unidades de registo

Unidades de registo	Indicadores	Freq. UR
A coisa não se deu muito bem...	Desenvolvimento da capacidade de liderança no seu educando (autoconfiança/assunção de riscos)	150
E de ser o chefe – havia sempre um chefe diferente, não era –, isso também...		4V
Olhe, eu acho que a minha filha, para mandar, ficou excelente.		
Pronto e não estou a mentir, pronto, acho que mais valia ela gostar de ser só “empregada”, mandar nada! Acho que por aí...		
Não. É que ela gosta muito de dar ordens, mas pronto. Então...		2C
Sim...		
A minha também. O “mandar” não era o forte dela e ela alterou ali um bocadinho... Percebeu que às vezes é preciso se impor para e isso, para mim, foi uma mais-valia também.		
A E ficou igual... Ficou mais curiosa!		3F
Pronto, no aspeto dela, ficou mais curiosa.		
Qualquer coisa, está sempre a perguntar.		
O chefe, às vezes dava um bocadinho de chatices, mas isso...	Desenvolvimento da capacidade de resiliência no seu educando (resiliência)	150
A minha ficou um bocadinho mais teimosa... Em casa, mas...		1F
Porque ela tinha medo que, ao dizer não, os colegas ficassem chateados com ela ou que a colocassem de parte e ela percebeu, pelo menos até agora, que, às vezes, é preciso dizer não e é preciso levar os tais cartõesinhos vermelhos e o chamar a atenção... Quando se tem aquela posição tem de se assumir aquela posição!	1C	
Exato, cada um tem a sua tarefa, mas todos juntos...	Desenvolvimento de capacidades de planeamento e organização no seu educando (planeamento/organização)	3F
Sim.		
Sim, nesse aspeto sim.		
Eu acho que o sentido também da responsabilidade também foi mais sentido.		4SA
A responsabilidade foi uma coisa muito...		
Porque é assim, infelizmente isto hoje também não está fácil, não é?		

E parece que não, se recorrermos a certas coisas mais antigas, a gente pode fazer e que consegue!		2C	
Sim.	Desenvolvimento de capacidades criativas e de inovação no seu educando (criatividade/Inovação)	1C	
Sim, sim, noto que a C ficou mais responsável, mais...		15A	
Exatamente, exatamente!			
Há outras coisas.			
Pelo menos ela fala disso,		2V	
Pois.		150	
ajudou muito esta situação porque eles se calhar aprenderam que têm de ser capazes de lidar com vários feitos, uns mais trabalhadores, outros menos trabalhadores, foi muito bom para a integração do grupo.		Desenvolvimento de capacidades de relacionamento interpessoal/comunicação no seu educando (relacionamento interpessoal/comunicação)	1C
O terem de trabalhar todos para receberem o ordenado no final da semana. O terem de ser todos, isso...			1F
Mas eles perceberam que cada um tem a sua tarefa mas todos juntos conseguem chegar melhor ao objetivo.			4SA
Olhem, eu vou falar de uma situação curiosa: a B como não para de falar, e ela é toda: “hoje fiz isto e aquilo” e depois quando está com os irmãos, eles por curiosidade falam no que é que consiste (pronto, eles já andam no 10.º ano – vão agora para o 11.º) e eles estudam isto em Lisboa, perto de Odivelas, numa escola (não sei o nome) ... Eles próprios, agora, com a idade deles, eles viraram-se para a B e ela a explicar tudo: o objetivo em que consiste este projeto.			Desconhecimento sobre o desenvolvimento de competências do empreendedorismo no seu educando
Ela explicou tudo melhor do que eu e os irmãos viraram-se para ela: “O que é isso? Mas como ela é mais calada... É difícil de... Ou puxa-se... Mesmo assim, não se percebe nada. É que a E não fala muito...”	3V		
Ah, a M não admite isso. Nem ia-me dizer nada disso.			
A atitude que mudou da M era quando... Aquele coiso do “mandar”, não. Ela... É para esquecer, professor!			
Eu acho que aquilo que eles fizeram chegar foi que o que eles trabalham para cultivar, conseguem obter os resultados de tirar, para utilizar, para comer.			

De outro empreendimen... Eu não consigo! Já no início não dizia, eu não consigo dizer essa palavra não sei porquê!	15A
Acho que... Como é que isso se explica professor? Ajude-me, ajude-me.	Reconhecimento de necessidades de formação dos pais sobre empreendedorismo
Pronto, acho que... Não consigo explicar melhor.	
De pôr a mão em tudo, mas pronto, ao pensarem sobre o assunto, nem que você os dois deem formação a outros para poderem dar continuidade a esta história.	2V
Eu sei que a partida havia mães que achavam muita graça, mas outras não achavam graça nenhuma e se calhar o projeto acaba por ter um peso e outra medida ou...	15A
Sim, porque há mães que...	250
...Reagem, reagem.	15A
Qual é a criança que acha que... Não sei... Eu não...	2C
Acredito que hajam alguns que não achem muita piada a que andem lá no meio da terra e que...	Divergência de opiniões em relação à escolha da atividade económica à qual se aplicou o Projeto ELF
Acho que faz sentido.	
Porque os pais até podem não gostar e os miúdos gostarem, por exemplo.	1V
Sim... Exato, porque eles, hoje em dia, eles não sabem... Não têm o mesmo...	3F
Nós quando éramos pequenos era de uma maneira, eles agora: "Ah, eu quero um telemóvel!" – têm um telemóvel – "Quero um tablet!" – têm um tablet.	Reconhecimento da importância da educação transversal para a vida
Eu brincava na terra, eu andava de bicicleta, eu... Estava sempre ali, nas flores... E hoje em dia não.	
Não têm a noção do, do...	2V
E para ter...	15A
Está tudo muito facilitado.	150
Sim, mas lá está, depois a situação da saúde...	1C
Sim, foi uma mais-valia!	1V
Eu acho que no caso ajudou um bocadinho. Acho eu. Acho.	1F
Sim, eu acho que ficaram mais motivados.	15A
Mas em que é que consiste isso?" – e ela a explicar – "isto é assim, todos trabalhamos em equipa, depois temos de atingir os lucros, depois nós vendemos aos pais e às pessoas que lá	

vão uma alface, tudo, pronto, com o objetivo da responsabilidade, de angariar o dinheiro para ajuda da minha escola!"	15A
Preparados.	4V
A minha até as caixas dos ovos, que é papelão, ainda por cima, mas pronto...	Reconhecimento da existência de ligações entre os conteúdos curriculares abordados e a vertente prática do Projeto ELF
Ela diz que aquilo dá resultado, pronto, está bem!	
Não, não, eu acho que sim.	2F
Ter a noção de...	350
Gosta de todos os dias lá ir que é para ver o tamanho dos morangos...	
"Já está maior". Já está...	Concretização de expectativas referentes ao Projeto ELF
Acho, acho que... Como é que eu hei-de dizer? Eu sou muito apologista do estudo profissional e então acho que consegue-se conciliar o... Porque não...	
O aluno estar sempre focado no mesmo sítio, às vezes não tem grandes valias e se conseguir-se "expandir" para a rua eles extraem e abstraem e depois quando entram, a cabeça está mais livre para "entrar" com o assunto.	250
É porque eles ficam a saber o que realmente custa! Ver plantar uma alface assim, depois tem de se regar, de... É a grande diferença entre ir ao supermercado, chegar lá e estar dentro do saco e...	2V
Sim.	2C
Eu acho que sim!	25A
Correspondeu.	1F
Sim.	5V
Sim, sim. Sem dúvida.	Valorização em termos individuais decorrente do Projeto ELF
Sim.	
Ai, eu acho que são boas! É gratificante...	
Correspondeu!	
ela é toda campónia. Portanto...	
Horta, animais...	
...Ela está nas sete quintas!	
e acho que foi positivo para eles.	

Porque é assim, porque se... Tudo bem que se isto tudo continuar, tem de haver força de vontade de outros professores, porque vocês os dois não são capazes de dar....	
Mas se continuarem, como estamos a falar numa classe etária já... [experimentada] Podiam agora pensar noutra, para explorarem até... 5.º, 6.º, 7.º... 8.º, não é?	
Até ao 9.º... Não, até ao 9.º!	
Não! Se estamos a falar de 4, então vamos pôr mais 4!	
Mas com outro projeto! Não é?	
Do tema!	
E então, eu acho que sim porque eles também já estão mais crescidos...	
Podem já ver outro tema com mais... Com outra diferença, mas sempre com o mesmo objetivo.	
mas são os professores que estão a usar. Eles não vão para o 5.º ano!	750
Eles são as cobaias.	
E não é tão...	
Não! O professor pode achar que...	
E a continuação!	
Sim, ajuda para a continuação.	
Até ao 6.º! Vai pedindo pouquinho!	
Pois, continuam a ser difíceis.	
Mas a ideia é levar isto mais à frente, não é...	
Isso aí num ciclo, aqui [2.º ciclo] já seria complicado desenvolver...	
Não, mas aí teria de haver professores de outros anos interessados em...	8C
Exatamente.	
É porque depois eles lá já têm...	
Tínhamos de conseguir enquadrar isso... Tinha de se conseguir enquadrar isso...	
...Numa disciplina que dê para isso.	
O que fazia sentido... O que fazia sentido era continuar...	
Pois... A continuação do projeto, é como eu digo – tinha de se enquadrar ou tinha de se tentar enquadrar numa disciplina – se calhar...	
Isso aí... Uma coisa é...	

Sim, hoje em dia o que está mais em voga é as novas tecnologias, não é?	Propostas de alargamento do projeto a	4C
Computadores e por aí fora, mas acho que fazia sentido, até porque... Os miúdos e as consolas e os telemóveis e os tablets... Eles vivem isso, não é?	temáticas de cariz tecnológico	
Mas acho que sim...		350
Exato.		
Eu não sei se é Educação Visual, se é a mesma coisa...		
É isso que eu estou a dizer: Trabalhos Manuais ou Educação visual – Não sei o que é agora.		
É Educação Tecnológica.		1V
Têm de ser coisas mais...		
...Mais antigas, professor!	Propostas de alargamento do projeto a	3V
É isso, é. Acho que é isso, é.	temáticas de cariz artesanal	
Era.		75A
Mais antigas.		
mais "caseiras", acho que sim!		
O latoeiro, é, não é? O latoeiro.		
Veio-me à cabeça agora o latoeiro....		
O latoeiro?		
É o das latas, trabalha com latas. Com [...] não é?		
Latoeiro. É aqueles que, sei lá, devem fazer aquelas cataplanas, os latoeiros, não é?		
Trabalhos Manuais, por exemplo.		
No caso do agrupamento do Sobral, é um agrupamento com várias histórias e como, lá está, estamos na região saloia, há aqui várias profissões que estão a ficar esquecidas!		750
E que fazem falta! O sapateiro, o costureiro, o alfaiate...		
O latoeiro...		
É o da lata.		
Por aí.		
Sim, mas é só por aí, porque padarias, a gente... Aqui no Sobral, padarias e pastelarias, estamos bem fornecidos nessa parte.		
Agora, as outras coisas em sim, acho... Quero dizer... Era um sítio que havia e está a sumir e isso faz falta!		

Esse aí...	1F
Essa, eu já não me lembrava dele...	Replicação de aprendizagens decorrentes do Projeto ELF em casa
Da minha parte, o vosso projeto, o que levou mais para minha casa, através da minha filha, é que eu tenho mais plantas em casa.	
Quer comprar sementes para fazer o que está a aprender na escola...	
Então já lá tem os vasilhos...	
Sim, isso é verdade.	
A E, está nos morangos e na salsa é...	
Agora plantou para lá umas maçãs, a semente das maçãs, pronto.	
Mas eu também tenho comido muitos assim!	
Pus 5 lá, têm dado bastante. Até no inverno deu morango!	
Eles não estão agradados! Estão no canteiro, mesmo à chuva e ao sol e em todo o lado! Só que têm dado sempre morango!	
Não sei! Sei que aquilo tem dado morango e é bastante doce e bem escurinho! Olha...	250
Pronto! E agora está carregadinho deles outra vez.	Valorização das escolas participantes no projeto pela inserção na comunidade
É conforme, se estiverem abrigados...	
Sim, mas eles têm que ter alguma proteção do vento, uma coisa qualquer...	
Sim, porque hoje em dia perdeu-se...	
As crianças perderam muito o trabalhar na terra e é só supermercado. E quando...	
Sim.	
Eu, por exemplo, – não tem nada a ver com este projeto, mas acaba por ter – tenho animais, não é? E no infatário comecei por levar uns porquinhos, uns pintainhos, uns bezerinhos, uns cabritinhos, uma burrinha, levei de tudo um pouco para os pequeninos poderem conhecer o contato.	
Também, também. Depois quando a B passou...	
Porque acho que se perdeu...	
Ou não fosse a gente da região saíam, não é?	
Porque precisamos é que eles continuem.	
Pelo menos assim...	2V
Na Seramena há. Na seramena também há.	

Eu acho que sim!	15A
E é assim, nós continuamos a precisar de tudo o que a terra dá! Nós não... Não sobrevivemos sem isso não é?	2C
Nós precisamos do que a terra dá – alguém tem de o fazer.	Valorização das escolas participantes no projeto diferenciados pela inovação pedagógica
E os próprios irmãos disseram: “Eu nunca tive isso...” Estamos a falar de uma escola de Lisboa. E os irmãos que agora vão para o 11.º disseram: “Isso é fantástico!”	
São já adolescentes, não é? E eles disseram: “Eu quando tinha a idade dela e na escola que eles frequentaram, nunca houve nada disso”.	
Não têm, não têm incutido neles.	
Porque é assim, vamos lá a ver, eu vou falar na minha escola da minha filha...	
É assim, eu falo da escola da minha filha.	
O feedback é bom para nós...	
Ficam admiradas, mas depois o feedback é com certeza positivo.	
Conheço algumas escolas – até por intermédio da Associação de Pais – e não conheço assim nenhuma que tenha um projeto idêntico, comparado...	
Acho que é excelente. É excelente.	
8C	
Sim	Valorização das atividades desenvolvidas pelos professores fora da escola
Não, sim, diferença... Falo com...	
Pronto, acho que sim.	
Até mesmo pessoas de Pero Negro.	
Portanto, acho que sim, que as pessoas começaram a ter uma noção diferente de algumas coisas.	
E mesmo as pessoas...	
Acho que é muito útil!	
Acham estranho.	
A visita de estudo.	
A visita de estudo.	
A outra.... Aquela que foi aqui...	250
Em Runa, também eles... Também vieram...	4F
É isso, eles gostaram imenso!	2V

A segunda!	250
A Hortotorres ou...	
Sim. Onde eles viram os leões e...	
E ficaram supersatisfeitos com o que vocês fizeram na escola.	
Acho que eles sabendo o trabalhar deles, nisto, sabem que vão obter frutos para conseguirem ganhar, se calhar, alguma coisa no futuro, se eles seguirem esta área	8V
Acho que eles já... Mais... Ou seja, esta parte, pronto, de eles plantarem, criarem, epá... Excelente! Saber o que é trabalhar na terra! Porque isto agora é tudo muito fácil!	
...Há muita máquina!	
É.	
Exatamente!	
Porque... O teclar! Ó professor...! Ó professor!	
Incutir a eles as coisas... do antigamente!	
..Como é que se faz? Pronto. Acho que...	350
porque o professor aí conseguiu ter alguma mão neles,	
porque os que tinham uma grande paixão pela horta, conseguia que eles trabalhassem mais na sala	
isto foi tudo uma grande "boa gerência".	
Eu já vi algumas mães que me questionaram se quem quisesse podia ir lá comprar. Se...	3C
Porque tudo o resto, eles têm! Não é?	
tudo isso eles têm!	
E a mim também já me desenrascou uma vez: eu precisava de uma alface e não tinha lá em casa...	8SA
Mas é verdade! Eu disse à B: "amanhã traz uma alface." E eu escusei ir comprar e ajudei a escola! A verdade é esta, então? São as coisas que acontecem!	
É como o Monopoly.	
É como no Monopoly!	
Eles lutam para terem as casas, não é? Vamos lá a ver...	
Porque hoje em dia...	

Eu, por exemplo, ainda me lembro de ter 18 anos e de brincar um bocadinho com as bonecas – é um exemplo, não é, isso já lá vai uns bons anos. Mas não tenho vergonha nenhuma de dizer isto.	2F
...Eu não tinha um telemóvel, nem tinha um tablet.	
Eu acho que já nascem com isso!	
O antigo...	
...Aliás, colegas de trabalho e: "Olha, a minha filha hoje trouxe uma alface." "Uma alface da escola?" "Sim.	3C
Olha, hoje trouxe um pepino, hoje trouxe..." "A sério?! Da escola?!" "Sim."	
Portanto, eles têm isso lá na escola. Acho que as pessoas...	
Mas o teu professor faz isso?!	
Por acaso estamos no campo, não é, temos muito campo e apesar de... Há um bocadinho de espaço que poderia... Fez aquilo, não é? Colocou lá a estufa, houve espaço. Agora vou comparar à dos manos. Eles, na escolinha deles – andaram em Lisboa – eu não estou a ver lá na escola em Lisboa, em Odivelas ou na Amadora...	5SA
Mas é assim: os professores são os...	
Apesar de serem vocês os primeiros, não é, a lançarem...	
Vamos lá a ver... Acho que se continuarem – não sei se estou a pensar bem – Acho que este projeto até ao 4.º ano está fantástico.	
São os mentores do projeto de literacia.	2C
Também acho que sim. Acho que o projeto...	
Vou... Continuem!	150
Continuem!	5V
Tentem batalhar para terem mais ajuda.	
"A-ju-da", percebeu aquilo que eu estou a dizer?	
Não é preciso dizer mais nada.	
Continuação!	
Valorização das atividades desenvolvidas pelos professores na escola com membros da comunidade	
Valorização do papel do professor por ligação com a comunidade	

2ª fase: construção das categorias e subcategorias

Tema	Categoria	Subcategoria	Indicadores	Freq. UR
Competências ligadas ao Projeto E.L.F.	O empreendedorismo	Identificação de competências ligadas ao empreendedorismo	Identificação de autoconfiança/assunção de riscos	1SO 4V 2C
			Identificação de iniciativa/avaliação/energia	3F 1SO
			Identificação de resiliência	1F 1C
			Identificação de planejamento/organização	3F 4SA 2C
			Identificação de criatividade/Inovação	1C 1SA
			Identificação de relacionamento interpessoal/comunicação	2V 1SO 1C 1F 4SA
		Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo e consequentes necessidades de formação para a vida	Desconhecimento sobre o desenvolvimento de competências do empreendedorismo no seu educando	2F 3V 1SA
			Reconhecimento de necessidades de formação dos pais sobre empreendedorismo	2V 2SA
			Reconhecimento da importância da educação transversal para a vida	3F 2V 1SA 1SO

Resultados da aplicação do Projeto E.L.F.	Promoção da inclusão através da aplicação do Projeto E.L.F.	Valorização do percurso curricular	Reconhecimento da compreensão dos conteúdos curriculares abordados no âmbito do Projeto ELF	1C 1V 1F 1SA
			Reconhecimento da existência de ligações entre os conteúdos curriculares abordados e a vertente prática do Projeto ELF	1SA 4V 2F 3SO
		Valorização da vertente prática do Projeto E.L.F.	Valorização em termos individuais	5V 2C 4SA 1SO
			Valorização em termos coletivos	3V 2SO
			Replicação de aprendizagens decorrentes do Projeto E.L.F. em casa	3SA 2F 4V 2SO
			Reconhecimento da importância do Projeto E.L.F. para o desenvolvimento de hábitos de tomada de decisão informada	3F 3C 2SA 2V
		Concretização de expectativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.	Divergência de opiniões em relação à escolha da atividade económica à qual se aplicou o Projeto E.L.F.	2SO 1SA 2C 1V
			Reconhecimento da necessidade de alargamento do Projeto E.L.F.	4V 25SA 7SO 8C

Resultados do projeto ELF relativamente ao papel da escola/professor e a visão pela comunidade	Promoção da ligação escola-comunidade	Valorização das escolas inseridas no Projeto E.L.F.	Propostas de alargamento do projeto a temáticas de cariz tecnológico	4C 1V 3SO
			Propostas de alargamento do projeto a temáticas de cariz artesanal	75A 75O 3V 1F
			Concretização de expectativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.	25O 2V 2C 2SA 1F
			Valorização pela inserção na comunidade	3F 45O 2V 15A 2C
			Valorização das escolas participantes no projeto diferenciados pela inovação pedagógica	7A 8C 25O
			Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores fora da escola	4F 2V 25O
			Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores na escola	8V 35O 3C 8SA 2F
			Valorização por atividades desenvolvidas pelos professores na escola com membros da comunidade	3C

			Valorização do papel do professor por ligação com a comunidade	55A 2C 15O 5V
--	--	--	--	------------------------

ANEXO 35 - Levantamento de dados das Entrevistas aos EE



Projeto E.L.F. - 2014/15

Empreendedorismo e Literacia Financeira

Entrevistas aos Encarregados de Educação - Levantamento de dados

1.ª Entrevista - Total de entrevistados: 7 - Total de UR: 207

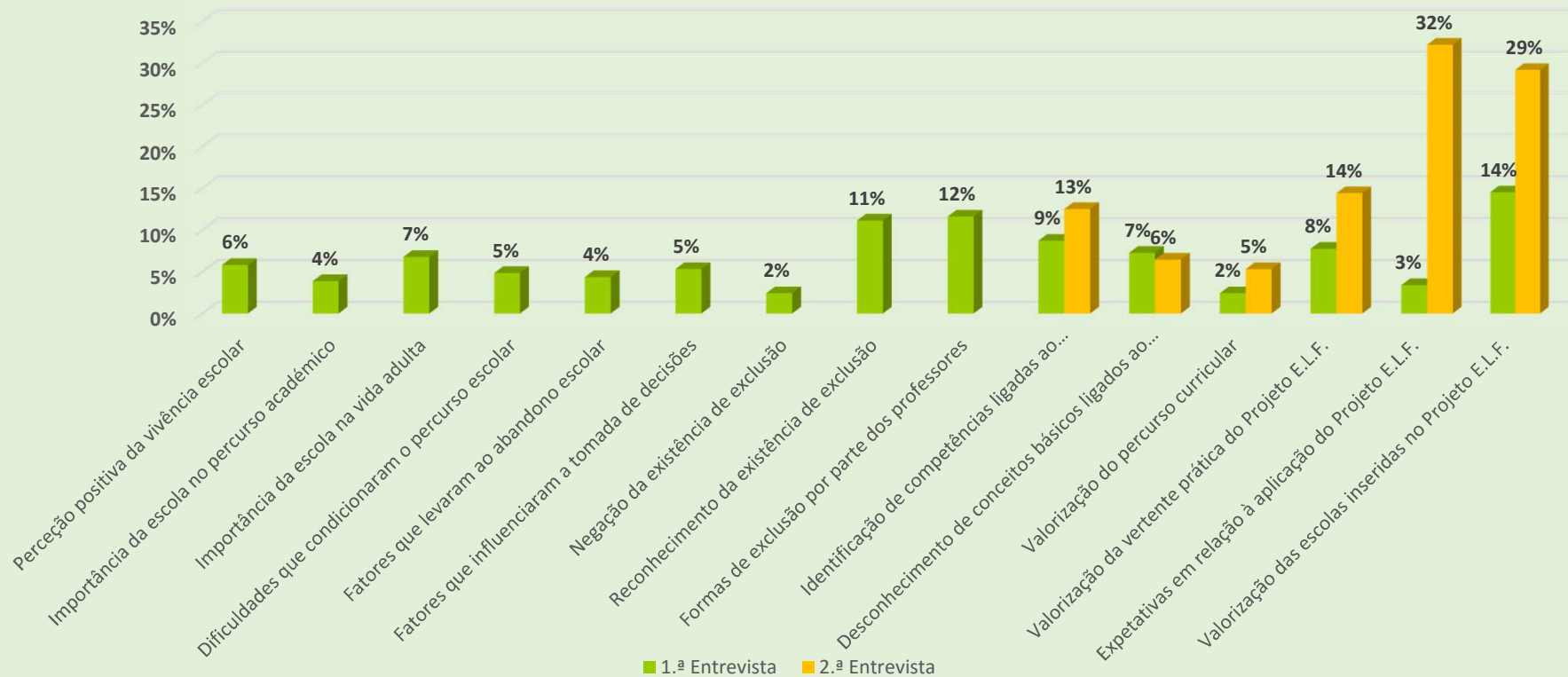
Perceção positiva da vivência escolar	Importância da escola no percurso académico	Importância da escola na vida adulta	Dificuldades que condicionaram o percurso escolar	Fatores que levaram ao abandono escolar	Fatores que influenciaram a tomada de decisões	Negação da existência de exclusão
N.º de UR: 12 FR: 6%	N.º de UR: 8 FR: 4%	N.º de UR: 14 FR: 7%	N.º de UR: 10 FR: 5%	N.º de UR: 9 FR: 4%	N.º de UR: 11 FR: 5%	N.º de UR: 5 FR: 2%
Reconhecimento da existência de exclusão	Formas de exclusão por parte dos professores	Identificação de competências ligadas ao empreendedorismo	Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo e consequentes necessidades de formação para a vida	Valorização do percurso curricular	Valorização da vertente prática do Projeto E.L.F.	Expetativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.
N.º de UR: 23 FR: 11%	N.º de UR: 24 FR: 12%	N.º de UR: 18 FR: 9%	N.º de UR: 15 FR: 7%	N.º de UR: 5 FR: 2%	N.º de UR: 16 FR: 8%	N.º de UR: 7 FR: 3%
Valorização das escolas inseridas no Projeto E.L.F.						
N.º de UR: 30 FR: 14%						

Entrevistas aos Encarregados de Educação - Levantamento de dados

2.ª Entrevista - Total de entrevistados: 5 - Total de UR: 264

Identificação de competências ligadas ao empreendedorismo	Desconhecimento de conceitos básicos ligados ao empreendedorismo e consequentes necessidades de formação para a vida	Valorização do percurso curricular	Valorização da vertente prática do Projeto E.L.F.	Concretização de expetativas em relação à aplicação do Projeto E.L.F.	Valorização das escolas inseridas no Projeto E.L.F.
N.º de UR: 33 FR: 13%	N.º de UR: 17 FR: 6%	N.º de UR: 14 FR: 5%	N.º de UR: 38 FR: 14%	N.º de UR: 85 FR: 32%	N.º de UR: 77 FR: 29%

Levantamento/Comparação de dados das entrevistas aos Encarregados de Educação



ANEXO 36 - Youtube - Estadística

Rui Ferreira >



Enxertia, veda e poda ^{LD}

Criado: 08/04/2015 • Duração: 6:47 • Definição de privacidade: Público

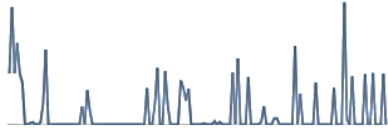
VÍDEO

08/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

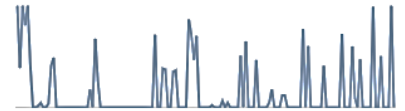
213 ▲



Duração média da visualização

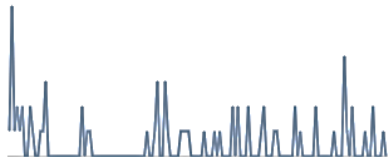
Minutos

3:05 ▲



Visualizações

69 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Brasil (60%)
Portugal (36%)
França (3,2%)
Índia (0,4%)
Estados Unidos (0,1%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Pesquisa do YouTube (49%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (14%)
● Desconhecida – reprodutor integrado (12%)
● Outro (25%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (88%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (12%)



Rui Ferreira >



Visita de Estudo à EPAFBL ^{CC}

Criado: 21/05/2015 • Duração: 3:39 • Definição de privacidade: Público

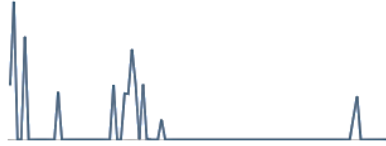
VÍDEO

21/05/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

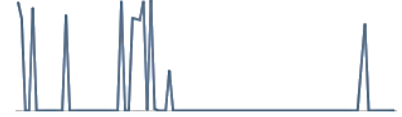
52 ▲



Duração média da visualização

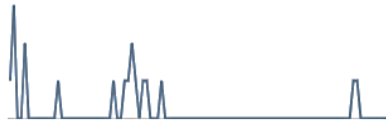
Minutos

2:52 ▲



Visualizações

18 ▲



Pessoas que gostaram

0 ●

Pessoas que não gostaram

0 ●

Comentários

1 ▲

Partilhas

1 ▲

Vídeos em listas de reprodução

0 ●

Subscritores

0 ●

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (92%)

Suíça (7,6%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Pesquisa do YouTube (27%)

● Externas (23%)

● Introduzido diretamente ou desconhecido (16%)

● Outro (33%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (84%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (16%)



Rui Ferreira >



A História das Coisas

Criado: 14/05/2015 • Duração: 8:59 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

14/05/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

19 ▲



Duração média da visualização

Minutos

3:46 ▲



Visualizações

5 ▲



Pessoas que gostaram

0 ●

Pessoas que não gostaram

0 ●

Comentários

1 ▲

Partilhas

1 ▲

Vídeos em listas de reprodução

0 ●

Subscritores

0 ●

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (90%)

Brasil (10%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Vídeos sugeridos (55%)

● Funcionalidades de navegação (19%)

● Desconhecida – reprodutor integrado (16%)

● Pesquisa do YouTube (10%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (84%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (16%)



Rui Ferreira >



Etapas de construção de estufas

Criado: 18/04/2015 • Duração: 3:18 • Definição de privacidade: Público

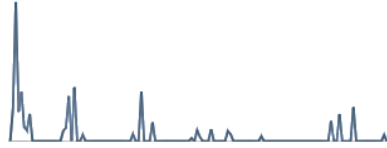
VÍDEO

18/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

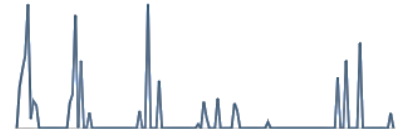
43 ▲



Duração média da visualização

Minutos

1:02 ▲



Visualizações

41 ▲



Pessoas que gostaram

1

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (60%)
Brasil (40%)
Suíça (0,0%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Desconhecida – reprodutor integrado (22%)
● Vídeos sugeridos (20%)
● Externas (18%)
● Outro (40%)



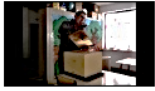
Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (69%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (31%)



Rui Ferreira >



A Apicultura e a Polinização

Criado: 16/04/2015 • Duração: 7:22 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

16/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

53 ▲



Duração média da visualização

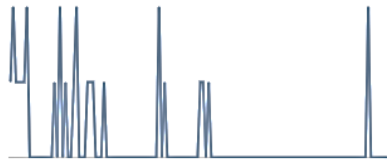
Minutos

1:54 ▲



Visualizações

28 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Brasil (49%)
Portugal (47%)
Itália (2,3%)
Roménia (1,8%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Pesquisa do YouTube (39%)
● Vídeos sugeridos (25%)
● Externas (16%)
● Outro (20%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (94%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (6,3%)



Rui Ferreira >



Vedar, enxertar e podar - Cartaz expositivo

Criado: 12/04/2015 • Duração: 1:05 • Definição de privacidade: Público

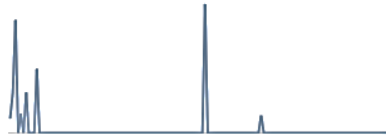
VÍDEO

12/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

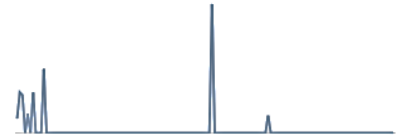
7 ▲



Duração média da visualização

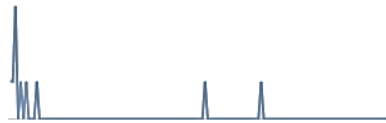
Minutos

0:43 ▲



Visualizações

10 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (81%)
Brasil (19%)



Gênero

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Outras funcionalidades do YouTube (29%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (27%)
● Desconhecida – reprodutor integrado (16%)
● Outro (27%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (84%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (16%)



Rui Ferreira >



Dia a dia do Projeto ELF ^{CC BY}

Criado: 06/04/2015 • Duração: 4:09 • Definição de privacidade: Público

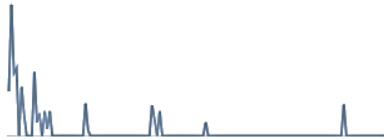
VÍDEO

06/04/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

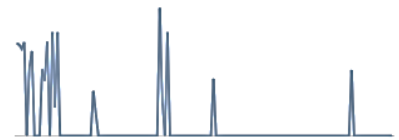
114 ▲



Duração média da visualização

Minutos

3:00 ▲



Visualizações

38 ▲



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

0

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (96%)

Brasil (3,6%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Externas (39%)

● Pesquisa do YouTube (19%)

● Desconhecida – reprodutor integrado (15%)

● Outro (27%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (82%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (18%)



Rui Ferreira >



A Importância da Energia ^{CC}

Criado: 24/02/2015 • Duração: 10:43 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

24/02/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

59 ▲



Duração média da visualização

Minutos

2:48 ▲



Visualizações

21 ▲



Pessoas que gostaram

1



Pessoas que não gostaram

0



Comentários

1



Partilhas

0



Vídeos em listas de reprodução

0



Subscritores

0



Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (81%)
Brasil (19%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Vídeos sugeridos (40%)
● Desconhecida – reprodutor integrado (39%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (13%)
● Outro (7,9%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (61%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (39%)



Rui Ferreira >



Vamos fazer doce de morango?

Criado: 08/02/2015 • Duração: 2:23 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

08/02/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

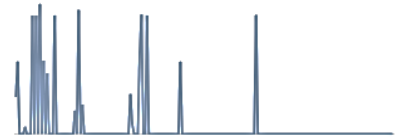
40



Duração média da visualização

Minutos

1:28



Visualizações

27



Pessoas que gostaram

0

Pessoas que não gostaram

0

Comentários

1

Partilhas

0

Vídeos em listas de reprodução

0

Subscritores

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (90%)
Brasil (9,7%)



Género

Visualizações

Masculino (n/d)
 Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

Desconhecida – reprodutor integrado (34%)
 Introduzido diretamente ou desconhecido (26%)
 Externas (18%)
 Outro (22%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

Página de visualização do YouTube (66%)
 Incorporado em Websites e aplicações externas (34%)



Rui Ferreira >



Réstias

Criado: 02/02/2015 • Duração: 3:44 • Definição de privacidade: Público

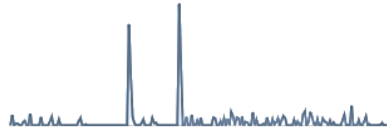
VÍDEO

02/02/2015 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

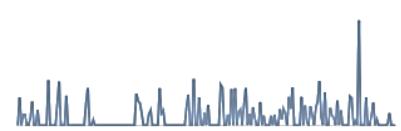
406 ▲



Duração média da visualização

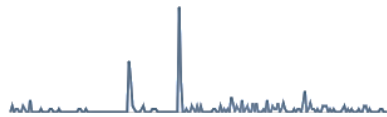
Minutos

2:04 ▲



Visualizações

196 ▲



Pessoas que gostaram

2



Pessoas que não gostaram

0



Comentários

1



Partilhas

0



Vídeos em listas de reprodução

1



Subscritores

0



Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (82%)
Brasil (12%)
França (1,4%)
Suíça (1,2%)
Chile (0,9%)



Género

Visualizações

Masculino (65%)
Feminino (36%)



Origens de tráfego

Tempo de visualização

Vídeos sugeridos (35%)
Desconhecida – reprodutor integrado (31%)
Externas (15%)
Outro (19%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

Página de visualização do YouTube (69%)
Incorporado em Websites e aplicações externas (31%)



Rui Ferreira >



Primeiras Atividades na Horta 🌱

Criado: 27/11/2014 • Duração: 2:21 • Definição de privacidade: Público

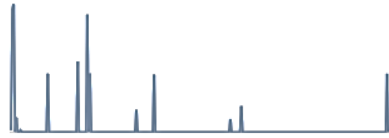
VÍDEO

27/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

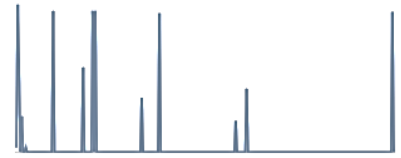
30 ▲



Duração média da visualização

Minutos

1:30 ▲



Visualizações

20 ▲



Pessoas que gostaram *

0

Pessoas que não gostaram *

0

Comentários *

1

Partilhas *

0

Vídeos em listas de reprodução *

0

Subscritores *

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (92%)
Brasil (7,7%)
Rússia (0,2%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Externas (57%)
● Aplicação externa (24%)
● Pesquisa do YouTube (11%)
● Outro (7,1%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (97%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (3,0%)



Rui Ferreira >



Visita à Hortorres

Criado: 21/11/2014 • Duração: 6:32 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

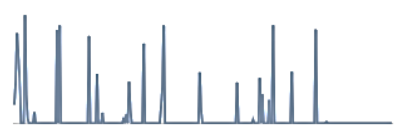
172 ▲



Duração média da visualização

Minutos

3:07 ▲



Visualizações

55 ▲



Pessoas que gostaram *

0

Pessoas que não gostaram *

1

Comentários *

1

Partilhas *

0

Vídeos em listas de reprodução *

0

Subscritores *

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (98%)
Espanha (2,3%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Desconhecida – reprodutor integrado (47%)
● Vídeos sugeridos (23%)
● Externas (10%)
● Outro (20%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (53%)
● Incorporado em Websites e aplicações externas (47%)



Rui Ferreira >



Visita de Estudo à Campoeste

Criado: 21/11/2014 • Duração: 3:33 • Definição de privacidade: Público

VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

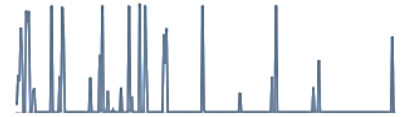
137 ▲



Duração média da visualização

Minutos

2:12 ▲



Visualizações

62 ▲



Pessoas que gostaram *

1



Pessoas que não gostaram *

0



Comentários *

1



Partilhas *

0



Vídeos em listas de reprodução *

0



Subscritores *

0



Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (99%)

França (0,6%)



Gênero

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Pesquisa do YouTube (25%)

● Vídeos sugeridos (25%)

● Desconhecida – reprodutor integrado (24%)

● Outro (25%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (76%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (24%)



Rui Ferreira >



Educação Financeira e Empreendedorismo Para os 1.ºs Ciclos de Aprendizagem

Criado: 21/11/2014 • Duração: 0:35 • Definição de privacidade: Público

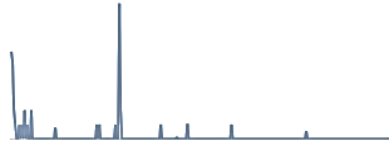
VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

23 ▲



Duração média da visualização

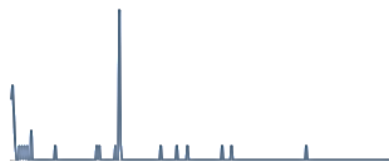
Minutos

0:34 ▲



Visualizações

40 ▲



Pessoas que gostaram *

0

Pessoas que não gostaram *

0

Comentários *

1

Partilhas *

0

Vídeos em listas de reprodução *

0

Subscritores *

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (96%)
França (2,5%)
Brasil (1,6%)



Género

Visualizações

● Masculino (n/d)
● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Desconhecida – reprodutor integrado (54%)
● Externas (25%)
● Introduzido diretamente ou desconhecido (12%)
● Outro (9,0%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Incorporado em Websites e aplicações externas (54%)
● Página de visualização do YouTube (46%)





Projeto E.L.F. - Projeto de Empreendedorismo e Literacia Financeira ^{LP}

Criado: 21/11/2014 • Duração: 1:39 • Definição de privacidade: Público

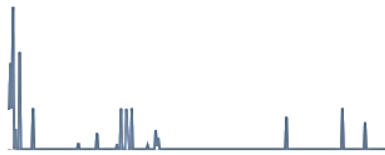
VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

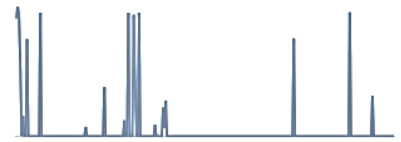
31 ▲



Duração média da visualização

Minutos

0:54 ▲



Visualizações

34 ▲



Pessoas que gostaram *

2



Pessoas que não gostaram *

0



Comentários *

1



Partilhas *

0



Videos em listas de reprodução *

0



Subscritores *

0



Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (98%)

Moçambique (2,5%)



Gênero

Visualizações

● Masculino (n/d)

● Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

● Desconhecida – reprodutor integrado (33%)

● Pesquisa do YouTube (30%)

● Externas (21%)

● Outro (16%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

● Página de visualização do YouTube (67%)

● Incorporado em Websites e aplicações externas (33%)



Rui Ferreira >



Literacia Financeira ^{CC BY}

Criado: 21/11/2014 • Duração: 22:46 • Definição de privacidade: Público

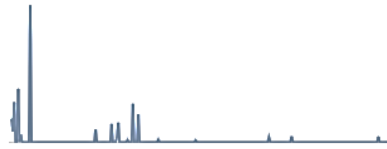
VÍDEO

21/11/2014 – 31/08/2015

Tempo de visualização

Minutos

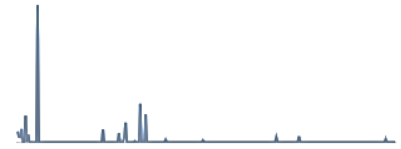
73 ▲



Duração média da visualização

Minutos

2:26 ▲



Visualizações

30 ▲



Pessoas que gostaram *

0

Pessoas que não gostaram *

0

Comentários *

1

Partilhas *

0

Vídeos em listas de reprodução *

0

Subscritores *

0

Principais áreas geográficas

Tempo de visualização

Portugal (100%)



Gênero

Visualizações

- Masculino (n/d)
- Feminino (n/d)

Origens de tráfego

Tempo de visualização

- Externas (34%)
- Vídeos sugeridos (25%)
- Desconhecida – reprodutor integrado (18%)
- Outro (23%)



Localizações de reprodução

Tempo de visualização

- Página de visualização do YouTube (82%)
- Incorporado em Websites e aplicações externas (18%)



ANEXO 37 - Youtube - Levantamento de dados

Youtube – Levantamento de dados

Priorização das temáticas por parte dos visualizadores	Designação	Temática	Data de colocação em linha	Distribuição geográfica das visualizações	N.º de visualizações
1.º	Réstias	Técnicas tradicionais	2/2/15	Portugal Brasil França Suíça Chile	196
2.º	Enxertia, veda e poda	Técnicas tradicionais	8/4/15	Brasil Portugal França Índia EUA	69
3.º	Visita de estudo à Campoeste	Técnicas modernas	21/11/14	Portugal França	62
4.º	Visita à Hortorres	Técnicas modernas	21/11/14	Portugal Espanha	55
5.º	Construção de estufas	Técnicas modernas	18/4/15	Portugal Brasil Suíça	41
6.º	Educação Financeira e Empreendedorismo para os primeiros ciclos de aprendizagem	Pedagogia	21/11/14	Portugal França Brasil	40
7.º	O Dia-a-dia do Projeto E.L.F.	Pedagogia	6/4/15	Portugal Brasil	38
8.º	Projeto E.L.F.	Pedagogia	21/11/14	Portugal Moçambique	34
9.º	Literacia Financeira	Pedagogia	21/11/14	Portugal	30
10.º	A apicultura e a polinização	Técnicas tradicionais	16/4/15	Brasil Portugal Itália Roménia	28
11.º	Vamos fazer doce de morango?	Técnicas tradicionais	5/2/15	Portugal Brasil	27
12.º	A importância da energia	Recursos naturais e ambiente	24/2/15	Portugal Brasil	21
13.º	Primeiras atividades na horta	Pedagogia	27/11/14	Portugal Brasil Rússia	20
14.º	Visita de estudo à EFPABL	Ensino profissionalizante	21/5/15	Portugal Suíça	18
15.º	A história das coisas	Recursos naturais e ambiente	14/5/15	Portugal Brasil	5
16.º	Cartaz expositivo	Pedagogia	12/4/15	Portugal Brasil	10

ANEXO 38 - Facebook - Estadística Global

Dia	Total de Gostos ao Longo do Tempo por Seguidores	Novos Gostos Diários por Seguidores	Novos Não Gostos Diários por Seguidores	Ligações e Divulgações Diárias da Página por Seguidores	Alcance Total Diário das Publicações do Projeto por Utilizadores	Número Total de Utilizadores a quem Chegou os Conteúdos do Projeto	Consultas Diárias dos Conteúdos do Projeto por Utilizadores	Visualizações Diárias das Publicações do Projeto por Seguidores	Divulgação Diária das Publicações do projeto por Utilizadores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Seguidores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Utilizadores	Feedbacks Negativos Diários	Total Diário de Seguidores a Comentar sobre o Projeto
11/14/14	0	1	0	1	15	31	0	0	0	0	0	0	1
11/15/14	30	0	0	0	9	10	0	0	0	0	0	0	0
11/16/14	30	0	0	0	4	5	0	0	0	0	0	0	0
11/17/14	30	0	0	0	5	5	1	0	0	0	0	0	0
11/18/14	30	0	0	2	3	16	7	0	0	2	2	0	0
11/19/14	30	0	0	0	2	3	0	0	0	0	0	0	0
11/20/14	30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11/21/14	30	0	0	10	52	389	29	50	324	6	51	0	9
11/22/14	41	12	0	68	457	1553	41	430	1454	46	165	0	43
11/23/14	43	2	0	35	374	795	11	346	717	25	55	0	21
11/24/14	48	5	0	56	377	903	17	349	832	47	146	0	28
11/25/14	51	3	0	49	487	870	10	457	804	40	154	0	20
11/26/14	51	0	0	7	127	243	10	113	215	5	22	0	4
11/27/14	51	0	0	9	38	154	12	31	125	8	26	0	3
11/28/14	51	0	0	12	45	195	8	41	171	8	31	0	7
11/29/14	51	0	0	2	22	76	8	17	56	2	2	0	0
11/30/14	51	0	0	1	14	45	5	10	35	1	6	0	1
12/1/14	51	0	0	2	9	33	1	3	15	1	1	0	1
12/2/14	51	0	0	1	13	50	5	4	33	1	1	0	0
12/3/14	51	0	0	1	12	28	1	2	14	1	4	0	0
12/4/14	54	3	0	3	18	39	3	2	15	3	19	0	3
12/5/14	54	0	0	2	28	44	0	2	2	1	1	0	1
12/6/14	54	0	0	1	10	73	4	1	55	0	0	0	1
12/7/14	54	0	0	0	10	29	2	1	15	0	0	0	0
12/8/14	54	0	0	1	4	8	0	0	0	0	0	0	1
12/9/14	54	0	0	0	10	24	1	1	13	0	0	0	0
12/10/14	54	0	0	0	8	10	0	0	0	0	0	0	0
12/11/14	54	0	0	0	5	5	0	0	0	0	0	0	0
12/12/14	54	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12/13/14	54	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0
12/14/14	54	0	0	0	2	5	1	1	3	0	0	0	0
12/15/14	54	0	0	0	3	16	1	1	13	0	0	0	0
12/16/14	54	0	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	0
12/17/14	54	0	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	0
12/18/14	54	0	0	0	4	19	2	2	15	0	0	0	0
12/19/14	54	0	0	1	2	15	2	1	10	1	23	0	0
12/20/14	54	0	0	0	3	8	1	1	3	0	0	0	0
12/21/14	54	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
12/22/14	54	0	0	0	5	7	0	0	0	0	0	0	0
12/23/14	54	0	0	1	1	25	2	1	23	1	3	0	0
12/24/14	54	0	0	0	1	15	1	1	14	0	0	0	0
12/25/14	55	1	0	1	7	14	0	0	0	0	0	0	1
12/26/14	55	0	0	0	6	15	1	1	8	0	0	0	0
12/27/14	55	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
12/28/14	55	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12/29/14	56	1	0	1	3	19	1	1	14	0	0	0	1
12/30/14	56	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
12/31/14	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAIS	56	28	0	267	2206	5805	188	1870	4998	199	712	0	146

NOTA: Os seguidores contabilizados durante a implementação do Projeto ELF tiveram de ser aprovados pelos administradores da página e constituíram um universo de 123 seguidores. Os utilizadores são pessoas cujo acesso à página do Projeto ELF se deveu à partilha de informação por seguidores.

Dia	Total de Gostos ao Longo do Tempo por Seguidores	Novos Gostos Diários por Seguidores	Novos Não Gostos Diários por Seguidores	Ligações e Divulgações Diárias da Página por Seguidores	Alcance Total Diário das Publicações do Projeto por Utilizadores	Número Total de Utilizadores a quem Chegou os Conteúdos do Projeto	Consultas Diárias dos Conteúdos do Projeto por Utilizadores	Visualizações Diárias das Publicações do Projeto por Seguidores	Divulgação Diária das Publicações do projeto por Utilizadores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Seguidores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Utilizadores	Feedbacks Negativos Diários	Total Diário de Seguidores a Comentar sobre o Projeto
1/1/15	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/2/15	56	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
1/3/15	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/4/15	56	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/5/15	56	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
1/6/15	57	1	0	1	5	9	0	0	0	0	0	0	1
1/7/15	57	0	0	0	1	6	0	0	0	0	0	0	0
1/8/15	58	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
1/9/15	60	2	0	2	3	10	2	1	6	0	0	0	2
1/10/15	60	0	0	1	3	34	4	2	28	1	27	0	0
1/11/15	60	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0
1/12/15	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/13/15	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/14/15	60	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1/15/15	60	0	0	10	20	158	9	19	147	9	59	0	4
1/16/15	65	5	0	33	145	653	10	130	611	27	352	0	19
1/17/15	68	3	0	19	113	249	1	93	214	17	109	0	10
1/18/15	68	0	0	2	33	66	2	20	42	2	11	0	0
1/19/15	68	0	0	0	7	13	0	5	9	0	0	0	0
1/20/15	68	0	0	0	4	6	0	3	5	0	0	0	0
1/21/15	68	0	0	1	4	5	0	2	3	1	4	1	0
1/22/15	68	0	0	19	54	212	4	52	204	15	118	0	11
1/23/15	68	0	0	2	12	43	2	12	40	2	28	0	1
1/24/15	68	0	0	4	12	32	1	8	25	3	9	0	1
1/25/15	68	0	0	1	9	20	1	9	18	1	1	0	1
1/26/15	68	0	0	3	5	6	0	2	2	2	3	0	2
1/27/15	68	0	0	3	8	28	1	6	24	3	4	0	1
1/28/15	68	0	0	4	9	41	2	7	37	3	4	0	1
1/29/15	68	0	0	0	6	7	0	4	5	0	0	0	0
1/30/15	68	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0
1/31/15	70	2	0	2	26	46	1	1	3	1	1	0	2
2/1/15	70	0	0	0	23	33	1	1	2	0	0	0	0
2/2/15	70	0	0	3	9	18	3	6	11	1	4	0	2
2/3/15	70	0	0	4	22	54	1	22	52	4	10	0	2
2/4/15	70	0	0	0	7	31	4	3	23	0	0	0	0
2/5/15	70	0	0	1	4	7	0	2	4	0	0	0	1
2/6/15	70	0	0	1	4	14	1	2	9	1	3	0	0
2/7/15	70	0	0	0	4	15	2	1	10	0	0	0	0
2/8/15	70	0	0	6	15	50	3	15	44	5	9	0	2
2/9/15	70	0	0	6	38	58	0	37	53	6	8	0	3
2/10/15	70	0	0	1	37	103	2	33	94	1	1	0	0
2/11/15	70	0	0	1	11	37	3	6	28	1	1	0	0
2/12/15	70	0	0	0	3	3	0	1	1	0	0	0	0
2/13/15	70	0	0	1	2	21	2	1	17	1	1	0	0
2/14/15	70	0	0	1	4	27	1	2	24	1	27	0	1
2/15/15	70	0	0	0	4	4	0	0	0	0	0	0	0
2/16/15	70	0	0	0	3	12	1	1	9	0	0	0	0
2/17/15	70	0	0	2	6	34	1	4	29	1	2	0	1
2/18/15	70	0	0	0	3	17	1	1	13	0	0	0	0
2/19/15	70	0	0	0	4	7	1	1	2	0	0	0	0
2/20/15	70	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
2/21/15	70	0	0	1	3	12	1	1	9	1	9	0	0

2/22/15	70	0	0	0	1	3	1	1	2	0	0	0	0
2/23/15	70	0	0	2	3	30	3	2	25	2	80	0	0
2/24/15	71	1	0	2	7	32	2	6	29	0	0	0	2
2/25/15	72	1	0	3	21	69	1	19	64	2	3	0	3
2/26/15	72	0	0	4	14	252	2	11	240	4	5	0	3
2/27/15	72	0	0	3	14	33	0	12	31	1	1	0	3
2/28/15	72	0	0	1	4	29	0	2	25	0	0	0	1
3/1/15	72	0	0	4	43	85	1	42	83	3	3	0	2
3/2/15	72	0	0	1	10	13	0	8	11	0	0	0	1
3/3/15	72	0	0	0	4	4	0	1	1	0	0	0	0
3/4/15	72	0	0	3	9	77	2	7	71	2	3	0	3
3/5/15	72	0	0	22	108	420	4	107	405	13	68	0	13
3/6/15	72	0	0	2	18	31	0	16	28	1	1	0	1
3/7/15	73	1	0	1	6	11	0	4	7	0	0	0	1
3/8/15	73	0	0	1	9	52	0	3	39	1	2	0	1
3/9/15	73	0	0	0	6	17	0	1	9	0	0	0	0
3/10/15	73	0	0	0	3	6	1	1	3	0	0	0	0
3/11/15	73	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0
3/12/15	73	0	0	1	7	55	0	3	47	0	0	0	1
3/13/15	73	0	0	2	4	96	3	3	86	1	11	0	1
3/14/15	73	0	0	4	6	126	0	6	116	2	7	0	3
3/15/15	73	0	0	2	3	19	0	2	7	1	1	0	1
3/16/15	75	2	0	3	13	122	7	7	103	2	7	0	2
3/17/15	76	1	0	2	23	79	2	3	43	1	22	0	1
3/18/15	76	0	0	0	3	11	1	1	3	0	0	0	0
3/19/15	76	0	0	4	5	57	1	4	53	1	1	0	3
3/20/15	76	0	0	0	3	46	2	3	41	0	0	0	0
3/21/15	76	0	0	0	3	10	2	1	6	0	0	0	0
3/22/15	76	0	0	1	2	29	2	2	26	1	2	0	0
3/23/15	76	0	0	1	2	18	0	1	16	1	1	0	0
3/24/15	76	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0
3/25/15	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3/26/15	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3/27/15	76	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
3/28/15	76	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3/29/15	77	1	0	1	3	20	0	1	16	1	1	0	1
3/30/15	77	0	0	0	2	4	0	0	0	0	0	0	0
TOTAIS	77	21	0	206	1055	4069	105	796	3493	150	1024	1	116

NOTA: Os seguidores contabilizados durante a implementação do Projeto ELF tiveram de ser aprovados pelos administradores da página e constituíram um universo de 123 seguidores. Os utilizadores são pessoas cujo acesso à página do Projeto ELF se deveu à partilha de informação por seguidores.

Dia	Total de Gostos ao Longo do Tempo por Seguidores	Novos Gostos Diários por Seguidores	Novos Não Gostos Diários por Seguidores	Ligações e Divulgações Diárias da Página por Seguidores	Alcance Total Diário das Publicações do Projeto por Utilizadores	Número Total de Utilizadores a quem Chegou os Conteúdos do Projeto	Consultas Diárias dos Conteúdos do Projeto por Utilizadores	Visualizações Diárias das Publicações do Projeto por Seguidores	Divulgação Diária das Publicações do projeto por Utilizadores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Seguidores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Utilizadores	Feedbacks Negativos Diários	Total Diário de Seguidores a Comentar sobre o Projeto
3/31/15	78	1	0	1	12	17	2	4	5	1	8	0	1
4/1/15	78	0	0	0	6	25	0	1	16	0	0	0	0
4/2/15	78	0	0	1	1	35	3	1	32	1	82	0	0
4/3/15	78	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0
4/4/15	78	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
4/5/15	78	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
4/6/15	78	0	0	7	29	117	4	29	113	6	11	0	5
4/7/15	78	0	0	9	73	249	1	73	248	8	13	0	6
4/8/15	78	0	0	5	19	94	1	18	86	4	4	0	2
4/9/15	78	1	0	11	108	318	2	105	307	8	8	0	6
4/10/15	78	0	0	2	21	65	4	19	57	1	1	0	1
4/11/15	78	0	0	0	4	36	0	3	33	0	0	0	0
4/12/15	78	0	0	6	20	171	8	20	161	5	23	0	3
4/13/15	78	0	0	13	87	287	1	87	286	7	40	0	11
4/14/15	78	0	0	4	55	184	3	53	179	3	4	0	2
4/15/15	78	0	0	2	11	60	0	10	56	1	1	0	1
4/16/15	78	0	0	8	43	169	7	42	160	4	5	0	6
4/17/15	79	1	0	5	54	180	5	54	175	4	4	0	2
4/18/15	80	1	0	5	27	276	12	23	253	2	8	0	5
4/19/15	82	2	0	7	40	131	5	35	108	2	2	0	7
4/20/15	85	3	0	18	127	355	7	99	298	10	39	0	15
4/21/15	86	1	0	3	48	217	8	20	158	3	17	0	1
4/22/15	86	0	0	69	289	1017	10	283	990	52	459	0	40
4/23/15	88	2	0	27	237	631	5	229	607	20	60	0	14
4/24/15	88	0	0	8	59	171	3	52	159	6	42	0	2
4/25/15	88	0	0	9	48	139	5	47	128	6	7	0	3
4/26/15	88	0	0	2	18	41	4	17	36	1	1	0	2
4/27/15	89	1	0	29	169	366	8	168	356	19	27	0	21
4/28/15	89	0	0	9	87	158	3	87	154	4	6	0	6
4/29/15	89	0	0	1	15	47	1	14	44	1	2	0	0
4/30/15	89	0	0	1	3	3	0	3	3	0	0	0	1
5/1/15	89	0	0	1	7	7	0	5	5	1	4	0	1
5/2/15	89	0	0	0	2	2	0	2	2	0	0	0	0
5/3/15	89	0	0	17	59	137	7	58	128	10	41	0	12
5/4/15	92	3	0	50	651	1437	16	643	1409	39	349	0	34
5/5/15	95	3	0	106	986	2026	26	968	1960	73	974	0	51
5/6/15	98	3	0	68	742	1560	19	711	1476	51	804	0	34
5/7/15	98	0	0	7	166	288	1	156	269	4	195	0	3
5/8/15	99	1	0	34	411	745	3	398	726	17	111	0	20
5/9/15	99	0	0	9	105	190	1	104	188	5	67	0	4
5/10/15	99	0	0	7	120	222	6	118	212	3	19	0	5
5/11/15	99	0	0	2	38	64	0	34	60	0	0	0	2
5/12/15	99	0	0	3	26	64	0	26	62	1	1	0	2
5/13/15	99	0	0	10	56	133	5	56	128	4	12	0	9
5/14/15	99	0	0	24	126	419	10	126	405	14	51	0	18
5/15/15	100	1	0	15	135	370	9	132	357	6	37	0	12
5/16/15	100	0	0	3	66	171	5	63	160	2	2	0	2
5/17/15	100	0	0	1	27	47	0	26	46	1	1	0	1
5/18/15	100	0	0	0	27	66	7	27	59	0	0	0	0
5/19/15	100	0	0	1	20	62	4	19	57	0	0	0	1
5/20/15	100	0	0	3	17	142	7	15	133	3	34	0	2
5/21/15	100	0	0	4	27	91	4	27	85	1	1	0	4

5/22/15	100	0	0	11	74	142	3	74	137	6	7	0	7
5/23/15	100	0	0	1	11	40	5	11	35	0	0	0	1
5/24/15	100	0	0	0	9	46	8	8	37	0	0	0	0
5/25/15	100	0	0	1	9	34	2	9	30	0	0	0	1
5/26/15	100	0	0	0	7	23	1	7	21	0	0	0	0
5/27/15	100	0	0	0	3	11	2	3	9	0	0	0	0
5/28/15	100	0	0	0	3	6	1	3	5	0	0	0	0
5/29/15	100	0	0	0	8	8	0	6	6	0	0	0	0
5/30/15	100	0	0	1	2	5	1	1	3	1	10	0	0
5/31/15	100	0	0	0	5	19	2	5	17	0	0	0	0
6/1/15	100	0	0	1	9	34	2	9	30	1	12	0	0
6/2/15	100	0	0	1	7	28	4	6	23	1	6	0	0
6/3/15	100	0	0	27	108	423	7	108	411	24	68	0	15
6/4/15	102	2	0	36	232	606	5	230	593	26	193	0	19
6/5/15	102	0	0	6	49	208	1	46	197	5	6	0	2
6/6/15	102	0	0	3	16	41	3	16	38	3	3	0	0
6/7/15	102	0	0	1	6	34	7	6	27	1	24	0	0
6/8/15	102	0	0	0	4	16	3	4	13	0	0	0	0
6/9/15	102	0	0	1	5	9	1	5	8	1	2	0	0
6/10/15	102	0	0	1	5	13	2	5	11	0	0	0	1
6/11/15	102	0	0	0	3	23	1	3	20	0	0	0	0
6/12/15	102	0	0	0	3	3	0	2	2	0	0	0	0
6/13/15	102	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
6/14/15	102	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
6/15/15	102	0	0	0	3	19	0	3	18	0	0	0	0
6/16/15	103	1	0	1	19	27	0	2	2	0	0	0	1
6/17/15	103	0	0	1	14	20	0	0	0	1	1	0	0
6/18/15	103	0	0	1	1	2	2	0	0	1	186	0	0
6/19/15	103	0	0	0	4	16	1	4	13	0	0	0	0
6/20/15	103	0	0	0	2	5	2	1	3	0	0	0	0
6/21/15	104	1	0	1	6	31	1	1	20	1	85	0	1
6/22/15	104	0	0	1	2	40	0	1	36	1	1	0	0
6/23/15	104	0	0	13	58	183	8	57	173	10	30	0	9
6/24/15	104	0	0	15	78	224	6	78	216	9	28	0	9
6/25/15	104	0	0	1	10	38	2	9	34	0	0	0	1
6/26/15	104	0	0	0	5	11	0	4	10	0	0	0	0
6/27/15	104	0	0	0	2	2	0	1	1	0	0	0	0
6/28/15	104	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6/29/15	104	0	0	2	4	22	3	4	19	1	1	0	1
6/30/15	104	0	0	0	1	14	2	1	12	0	0	0	0
7/1/15	104	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/2/15	104	0	0	0	1	13	0	1	12	0	0	0	0
7/3/15	104	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/4/15	104	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/5/15	104	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/6/15	105	1	0	2	9	26	2	2	12	1	4	0	1
7/7/15	106	1	0	2	8	23	2	1	12	1	1	0	1
7/8/15	106	0	0	0	3	3	0	1	1	0	0	0	0
7/9/15	106	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
7/10/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/11/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/12/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/13/15	106	0	0	0	2	9	2	1	6	0	0	0	0
7/14/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/15/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0

7/16/15	106	0	0	0	1	11	0	1	10	0	0	0	0
7/17/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/18/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/19/15	106	0	0	0	1	1	0	1	1	0	0	0	0
7/20/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/21/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/22/15	106	0	0	0	1	4	1	1	3	0	0	0	0
7/23/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/24/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/25/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/26/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/27/15	106	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7/28/15	106	0	0	0	1	4		1	3	0	0	0	0
TOTAIS	106	30	0	758	6350	16359	345	6061	15449	509	4245	1	450

NOTA: Os seguidores contabilizados durante a implementação do Projeto ELF tiveram de ser aprovados pelos administradores da página e constituíram um universo de 123 seguidores. Os utilizadores são pessoas cujo acesso à página do Projeto ELF se deveu à partilha de informação por seguidores.

Etapa	Total de Gostos ao Longo do Tempo por Seguidores	Novos Gostos Diários por Seguidores	Novos Não Gostos Diários por Seguidores	Ligações e Divulgações Diárias da Página por Seguidores	Alcance Total Diário das Publicações do Projeto por Utilizadores	Número Total de Utilizadores a quem Chegou os Conteúdos do Projeto	Consultas Diárias dos Conteúdos do Projeto por Utilizadores	Visualizações Diárias das Publicações do Projeto por Seguidores	Divulgação Diária das Publicações do projeto por Utilizadores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Seguidores	Visualizações e Partilhas Diárias dos Conteúdos do projeto por Utilizadores	Feedbacks Negativos Diários	Total Diário de Seguidores a Comentar sobre o Projeto
1.º Período	56	28	0	267	2206	5805	188	1870	4998	199	712	0	146
2.º Período	77	21	0	206	1055	4069	105	796	3493	150	1024	1	116
3.º Período	106	30	0	758	6350	16359	345	6061	15449	509	4245	1	450
TOTAIS	106	79	0	1231	9611	26233	638	8727	23940	858	5981	2	712

NOTA: Os seguidores contabilizados durante a implementação do Projeto ELF tiveram de ser aprovados pelos administradores da página e constituíram um universo de 123 seguidores.

Os utilizadores são pessoas cujo acesso à página do Projeto ELF se deveu à partilha de informação por seguidores.

ANEXO 39 - Relatório da Atividade Inspetiva

AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS

Relatório

Agrupamento de Escolas

Joaquim Inácio da Cruz Sobral

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

2014
2015

Área Territorial de Inspeção
do Sul

sentido de facilitar a sequencialidade das aprendizagens e a complementaridade dos saberes das diversas áreas/disciplinas.

O envolvimento das crianças e dos alunos em atividades que consideram as especificidades e os recursos do meio e valorizam o conhecimento das raízes culturais locais é uma boa prática. Para além das iniciativas do plano anual de atividades relacionadas com o contexto, muitas delas em articulação com entidades locais, é de distinguir o *Projeto de literacia financeira*, desenvolvido em duas turmas do 1.º ciclo que, de forma sistemática, contribui para aproximar as aprendizagens às vivências dos alunos.

Constata-se trabalho colaborativo entre os docentes, essencialmente entre aqueles que lecionam o mesmo ano e/ou disciplina, ao nível das planificações e da elaboração de matrizes e instrumentos de avaliação, ainda que esta última seja uma prática menos generalizada.

Nalguns casos, a agenda das reuniões entre os docentes inclui a partilha de boas práticas, o que evidencia a promoção intencional da reflexão sobre o trabalho docente e, por essa via, do desenvolvimento profissional. Ainda assim, não estão a ser conseguidas a divulgação e a disseminação de dinâmicas inovadoras e muito positivas, levadas a cabo por alguns docentes, designadamente no 1.º ciclo.

PRÁTICAS DE ENSINO

A constituição de turmas com percursos curriculares alternativos e a criação de grupos de homogeneidade relativa nalgumas das do 2.º e do 3.º ciclo são estratégias que o Agrupamento encontrou como forma de adequar as atividades educativas e o ensino aos ritmos e às capacidades dos alunos. Porém, no segundo caso, as taxas de sucesso evidenciam a necessidade de proceder à monitorização e reflexão regular da eficácia da sua aplicação, de modo a possibilitar a redefinição atempada das estratégias.

A informação relativa à caracterização individual e a avaliação diagnóstica, expressas nos planos de grupo/turma, contribuem para um melhor conhecimento das especificidades de cada criança/aluno, permitindo ajustar a ação educativa às respetivas capacidades e ritmos de aprendizagem. Na sua estrutura, aqueles documentos preveem alguma diversidade de estratégias de diferenciação pedagógica em sala de atividades/aula, embora a implementação dessa diversidade assuma uma expressão pouco alargada.

Pelo contrário, fora daquele contexto, são múltiplas as respostas às diferentes necessidades, desde o apoio educativo e apoio pedagógico acrescido, às tutorias, às salas de estudo por ano de escolaridade, ou ao reforço dos conteúdos em algumas disciplinas sujeitas a avaliação externa.

O Agrupamento tem vindo a investir no aperfeiçoamento das condições de aprendizagem das crianças e dos alunos com necessidades educativas especiais, designadamente com o alargamento das parcerias estabelecidas e com a criação das unidades de ensino estruturado, que vieram permitir o desenvolvimento das terapias específicas nas suas instalações e uma resposta substancialmente mais adequada às respetivas necessidades.

A melhoria das taxas de sucesso destes alunos, identificadas como um ponto fraco na anterior avaliação externa, reflete o trabalho desenvolvido na educação especial, em articulação com os docentes titulares de grupo/turma ou os diretores de turma e os vários técnicos envolvidos, no sentido de dar resposta às especificidades de cada um. É de destacar a construção e a divulgação do *Manual de Procedimentos de Educação Especial*, que concorrem para a adequação dos processos de ensino e de aprendizagem das crianças e dos alunos com necessidades educativas especiais.

O incentivo à melhoria permanente dos desempenhos tem merecido particular atenção, nomeadamente através do envolvimento dos alunos em projetos e concursos que estimulam as aprendizagens em

ANEXO 40 - Registo de Avaliação



Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral

Escola:

EB Almargem

Período:

2.º

Ano Letivo:

2014-2015

Turma:

1.º/2.º/3.º/4.º A

Classificações individuais

N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)		
			Sem planos				PAP				REE						
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp			
1	A1	2.º	Sp	SB	Sp	SB											S
2	D	2.º															
3	L	2.º	SB	S	S	SB											B
4	M1	2.º	SB	SB	SB	SPL											B
5	M2	2.º	SB	SB	S	SPL											B
6	M3	3.º					Sp	NS	Sp	SB							S
7	P	3.º					SB	S	SB	S							B
8	R1	3.º	SB	SB	SB	SB											B
9	R2	3.º									NS	Sp	NS	S			I
10	R3	3.º	SB	SB	SB	SB											B
11	V1	3.º	S	S	S	SB											B
12	A2	4.º					Sp	S	Sp	S							S
13	A3	4.º	SB	S	S	SB											B
14	A4	4.º	SB	S	S	SB											B
15	E	4.º	SB	S	S	SB											B
16	I	4.º	S	Sp	Sp	SB											S
17	N	4.º	SB	SB	SB	SB											B
18	V2	1.º										F	F	F	S		I
19																	
20																	
21																	
22																	
23																	
24																	
25																	
26																	
27																	
28																	
29																	
30																	

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)						
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp			
1.º Ano	F									1	1	1					I	I	I	S
	NS																			
	Sp																			
	S																			1
	SB																			
	SPL																			
2.º Ano	F																			
	NS																			
	Sp	1			1															
	S		1		2															
	SB	3	3	1	2															
	SPL				2															
3.º Ano	F																			
	NS						1					1			1					
	Sp						1		1				1							
	S	1	1	1			1		1		1									1
	SB	2	2	2	3	1			1	1										
	SPL																			
4.º Ano	F																			
	NS																			
	Sp		1	1			1		1											
	S	1	3	3			1		1											
	SB	4	1	1	5															
	SPL																			
Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)												Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)								
S												P	EM	M	Exp					
												s	s	S	B					

Data: 27/04/2016

Professor: José Pina



Agrupamento de Escolas Inácio da Cruz Sobral

Escola: EB Almargem

Período: 3.º

Ano Letivo: 2014-2015

Turma: 1.º/2.º/3.º/4.º A

Classificações individuais


N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)			
			Sem planos				PAP				REE							
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp				
1	A1	2.º	Sp	SB	Sp	SB												S
2	D	2.º																
3	L	2.º	SB	SB	S	SB												B
4	M1	2.º	SB	SB	SB	SPL												B
5	M2	2.º	SB	SB	S	SPL												B
6	M3	3.º					Sp	Sp	Sp	SB								S
7	P	3.º					SB	S	SB	S								B
8	R1	3.º	SB	SB	SB	SB												B
9	R2	3.º									NS	Sp	NS	S				I
10	R3	3.º	SB	SB	SB	SB												B
11	V1	3.º	S	SB	S	SB												B
12	A2	4.º					Sp	SB	NS	S								S
13	A3	4.º	SB	S	S	SB												B
14	A4	4.º	S	S	S	SB												B
15	E	4.º	SB	SB	SB	SB												B
16	I	4.º	Sp	Sp	Sp	SB												S
17	N	4.º	SB	SB	SB	SB												B
18	V2	1.º									F	F	F	S				I
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
27																		
28																		
29																		
30																		

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)							
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp				
1.º Ano	F									1	1	1						I	I	I	S
	NS																				
	Sp																				
	S												1								
	SB																				
	SPL																				
2.º Ano	F																				
	NS																				
	Sp	1			1																
	S				2																
	SB	3	4	1	2													B	B	S	MB
	SPL				2																
3.º Ano	F																				
	NS									1			1								
	Sp					1	1	1					1								
	S	1			1				1								1				
	SB	2	3	2	3	1			1									S	S	S	B
	SPL																				
4.º Ano	F																				
	NS								1												
	Sp	1	1	1		1															
	S	1	2	2					1												
	SB	3	2	2	5	1															
	SPL																				
Outras áreas		Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)																			
AE		S																			
S																					
EC																					
S																					
		Data:	27/04/2016				Professor:	José Pina													

Alunos passíveis de integrar o Quadro de Honra do ano letivo:

--

Ano letivo 2014-2015	172364 - Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral Escola: EB Almargem Avaliação Global de Turma	 Turma: 1.º/2.º/3.º/4.º A
-------------------------	---	---

Ano	N.º Turma	Nome	Data Nascimento	Idade	1.ª Int.	1.º P.	2.ª Int.	2.º P.	3.º P.	Obs.	Retenções no Ciclo	Acomp. Ano?
2.º	1	A1	13/02/06	10	S	S	S	S	S		1 Ret.	Sim
2.º	2	D	24/08/07	8	B	B					S/Ret.	Sim
2.º	3	L	16/01/07	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
2.º	4	M1	12/03/07	9	MB	MB	MB	B	B		S/Ret.	Sim
2.º	5	M2	16/11/07	8	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	6	M3	30/09/05	10	S	S	S	S	S	PAP	1 Ret.	Sim
3.º	7	P	05/06/06	9	I	I	S	B	B	PAP	S/Ret.	Sim
3.º	8	R1	03/02/06	10	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	9	R2	26/11/04	11	I	I	I	I	I	REE	2 Ret.	Não
3.º	10	R3	04/11/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	11	V1	03/05/06	9	B	S	B	B	B		S/Ret.	Sim
4.º	12	A2	16/11/04	11	S	S	S	S	S	PAP	1 Ret.	Sim
4.º	13	A3	27/12/04	11	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
4.º	14	A4	12/04/05	11	S	S	B	B	B		S/Ret.	Sim
4.º	15	E	26/06/05	10	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
4.º	16	I	10/06/04	11	S	S	S	S	S		1 Ret.	Sim
4.º	17	N	24/02/04	12	B	B	B	B	B		1 Ret.	Sim
1.º	18	V2	16/09/08	7	I	I	I	I	I	REE/Outras	S/Ret.	Não
	19											
	20											
	21											
	22											
	23											
	24											
	25											
	26											
	27											
	28											
	29											
	30											



Agrupamento de Escolas João Inácio da Cruz Sobral

Escola:

EB Pero Negro

Período:

1.º

Ano Letivo:

2014/2015

Turma:

2.º/3.º B

Classificações individuais

N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)		
			Sem planos				PAP				REE						
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp			
1	A	2.º	S	S	S	S											S
2	D1	2.º					NS	NS	NS	SB							I
3	F	2.º	S	SB	NS	SB											S
4	M1	2.º					NS	S	NS	SB							S
5	M2	2.º	SB	SB	SB	SB											B
6	R1	2.º										Sp	S	Sp	SB		S
7	R2	2.º	S	SB	Sp	SB											S
8	R3	2.º	S	SB	S	SB											S
9	S	2.º					NS	S	S	S							S
10	B1	3.º	SB	SB	S	SB											B
11	B2	3.º	S	S	S	SB											B
12	C1	3.º	SB	S	SB	SPL											B
13	C2	3.º	SB	SB	S	SB											B
14	D2	3.º	S	SB	S	SB											B
15	J1	3.º	SB	S	S	SB											B
16	J2	3.º										S	Sp	S	SB		S
17	L	3.º	S	SB	SB	SB											B
18	M3	3.º										S	S	NS	SB		S
19	M4	3.º										S	S	S	SB		B
20	R4	3.º	SB	SB	SB	SB											B
21																	
22																	
23																	
24																	
25																	
26																	
27																	
28																	
29																	
30																	

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)				
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	
1.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp																	
	S																	
	SB																	
	SPL																	
2.º Ano	F																	
	NS			1		3	1	2										
	Sp			1						1		1						
	S	4	1	2	1		2	1	1		1							
	SB	1	4	1	4				2								1	
	SPL																	
3.º Ano	F																	
	NS																1	
	Sp										1							
	S	3	3	5						3	2	2						
	SB	5	5	3	7												3	
	SPL				1													
4.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp																	
	S																	
	SB																	
	SPL																	
Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)																		
S																		
Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)																		
P EM M Exp																		
S S S B																		

Data: 27/04/2016

Professor: Rui Ferreira



Agrupamento de Escolas João Inácio da Cruz Sobral

Escola: EB Pero Negro

Período: 2.º Ano Letivo: 2014/2015 Turma: 2.º/3.º B

Classificações individuais															
N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)
			Sem planos				PAP				REE				
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	
1	A	2.º	S	SB	SB	SB									B
2	D1	2.º					S	Sp	NS	SB					S
3	F	2.º					S	SB	S	SB					B
4	M1	2.º					S	S	S	SB					S
5	M2	2.º	SB	S	SB	SB									B
6	R1	2.º									S	S	S	SB	S
7	R2	2.º	S	S	S	SB									S
8	R3	2.º	SB	SB	SB	SB									B
9	S	2.º					S	S	S	SB					S
10	B1	3.º	SB	SB	SB	SB									B
11	B2	3.º	SB	SB	S	SB									B
12	C1	3.º	SB	SB	SB	SPL									B
13	C2	3.º	SB	SB	SB	SB									B
14	D2	3.º	SB	SB	SB	SB									B
15	J1	3.º	SB	SB	SB	SB									B
16	J2	3.º									S	Sp	S	SB	S
17	L	3.º	SB	SB	SB	SB									B
18	M3	3.º									S	S	S	SB	B
19	M4	3.º									S	S	S	SB	B
20	R4	3.º	SB	SB	SB	SB									B
21															
22															
23															
24															
25															
26															
27															
28															
29															
30															

Classificações da turma

Ano	Nome	Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)			
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp
1.º Ano	F																
	NS																
	Sp																
	S																
	SB																
	SPL																
2.º Ano	F																
	NS							1									
	Sp							1									
	S	2	2	1		4	2	3		1	1	1					
	SB	2	2	3	4		1		4								1
	SPL																
3.º Ano	F																
	NS																
	Sp											1					
	S				1							3	2	3			
	SB	8	8		7												3
	SPL				1												
4.º Ano	F																
	NS																
	Sp																
	S																
	SB																
	SPL																

Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)			
P	EM	M	Exp
B	S	S	B

Data: 27/04/2016 Professor: Rui Ferreira



Agrupamento de Escolas Inácio da Cruz Sobral

Escola: EB Pero Negro


Período: 3.º Ano Letivo: 2014/2015 Turma: 2.º/3.º B

Classificações individuais															
N.º	Nome	Ano	Aproveitamento do aluno por área (Dom. Cog.)												Aproveitamento global do aluno (Dom. Cog. + S. Afetivo)
			Sem planos				PAP				REE				
			P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	
1	A	2.º	SB	SB	SB	SB									B
2	D1	2.º					S	S	Sp	SB					S
3	F	2.º					SB	SB	S	SB					B
4	M1	2.º					S	S	S	SB					S
5	M2	2.º	SB	SB	S	SB									B
6	R1	2.º									S	Sp	S	SB	S
7	R2	2.º	S	S	S	SB									S
8	R3	2.º	SB	SB	SB	SPL									B
9	S	2.º					S	S	SB	SB					B
10	B1	3.º	SB	SB	SB	SB									B
11	B2	3.º	S	SB	S	SB									B
12	C1	3.º	SB	SB	SB	SPL									B
13	C2	3.º	SB	SB	SB	SB									B
14	D2	3.º	S	SB	SB	SB									B
15	J1	3.º	SB	SB	SB	SB									B
16	J2	3.º									S	Sp	SB	SB	B
17	L	3.º	SB	SB	SPL	SB									B
18	M3	3.º									S	S	S	SB	B
19	M4	3.º									S	S	S	SB	B
20	R4	3.º	SB	SB	SB	SB									B
21															
22															
23															
24															
25															
26															
27															
28															
29															
30															

Classificações da turma

		Sem planos				PAP				REE				Aproveitamento da turma por área (Dom. Cog.)				
		P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	P	EM	M	Exp	
1.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp																	
	S																	
	SB																	
	SPL																	
2.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp							1			1							
	S	1	1	2		3	3	2		1		1						
	SB	3	3	2	3	1	1	1	4						1			
	SPL				1													
3.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp										1							
	S	2		1						3	2	2						
	SB	6	8	6	7							1	3					
	SPL			1	1													
4.º Ano	F																	
	NS																	
	Sp																	
	S																	
	SB																	
	SPL																	
Outras áreas	AE	Aproveitamento global da turma (Dom. Cog. + S. Afetivo)																
B	B																	
EC																		
B																		
Data:	27/04/2016				Professor:	Rui Ferreira												

Alunos passíveis de integrar o Quadro de Honra do ano letivo:

Ano letivo 2014/2015	172364 - Agrupamento de Escolas Joaquim Inácio da Cruz Sobral Escola: EB Pero Negro Avaliação Global de Turma	 Turma: 2.º/3.º B
-------------------------	---	---

Ano	N.º Turma	Nome	Data Nascimento	Idade	1.ª Int.	1.º P.	2.ª Int.	2.º P.	3.º P.	Obs.	Retenções no Ciclo	Acomp. Ano?
2.º	1	A	23/04/07	9	B	S	B	B	B		S/Ret.	Sim
2.º	2	D1	04/12/07	8	I	I	I	S	S	PAP/TF	S/Ret.	Sim
2.º	3	F	13/05/06	9	S	S	S	B	B	PAP/TF	1 Ret.	Sim
2.º	4	M1	22/01/07	9	I	S	S	S	S	PAP/Outras	S/Ret.	Sim
2.º	5	M2	04/01/07	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
2.º	6	R1	13/07/06	9	I	S	S	S	S	REE/TF	1 Ret.	Sim
2.º	7	R2	11/02/07	9	S	S	S	S	S		S/Ret.	Sim
2.º	8	R3	23/11/07	8	S	S	B	B	B	Outras	S/Ret.	Sim
2.º	9	S	13/05/07	8	S	S	S	S	B	PAP	S/Ret.	Sim
3.º	10	B1	28/06/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	11	B2	21/07/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	12	C1	19/10/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	13	C2	02/09/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	14	D2	03/01/06	10	S	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	15	J1	23/10/06	9	S	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	16	J2	25/07/06	9	I	S	S	S	B	REE/TF	S/Ret.	Sim
3.º	17	L	26/10/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
3.º	18	M3	07/03/05	11	S	S	S	B	B	REE/TF	1 Ret.	Sim
3.º	19	M4	02/03/04	12	S	B	B	B	B	REE/TF	2 Ret.	Sim
3.º	20	R4	27/12/06	9	B	B	B	B	B		S/Ret.	Sim
	21											
	22											
	23											
	24											
	25											
	26											
	27											
	28											
	29											
	30											

ANEXO 41 - Estatística da Avaliação Global

2014 / 2015 EB Almagem

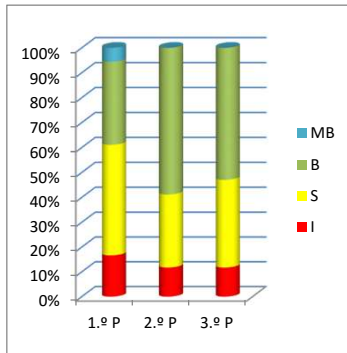
Clas	1.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	3	16,7	2	11,1	5	27,8	0	0,0	10	13,9
S	8	44,4	6	33,3	7	38,9	4	22,2	25	34,7
B	6	33,3	8	44,4	5	27,8	10	55,6	29	40,3
MB	1	5,6	2	11,1	1	5,6	4	22,2	8	11,1
Total	18	100,0	18	100,0	18	100,0	18	100,0	72	100,0

I	F + NS
S	Sp + S
B	SB
MB	SPL

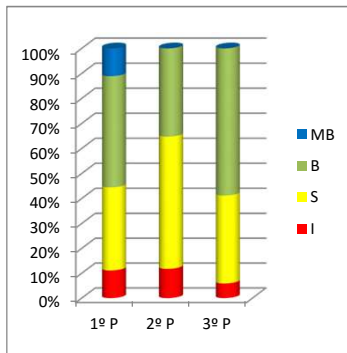
Clas	2.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	2	11,8	2	11,8	2	11,8	0	0,0	6	8,8
S	5	29,4	9	52,9	10	58,8	4	23,5	28	41,2
B	10	58,8	6	35,3	5	29,4	11	64,7	32	47,1
MB	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	11,8	2	2,9
Total	17	100,0	17	100,0	17	100,0	17	100,0	68	100,0

Clas	3.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	2	11,8	1	5,9	3	17,6	0	0,0	6	8,8
S	6	35,3	6	35,3	8	47,1	4	23,5	24	35,3
B	9	52,9	10	58,8	6	35,3	11	64,7	36	52,9
MB	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	11,8	2	2,9
Total	17	100,0	17	100,0	17	100,0	17	100,0	68	100,0

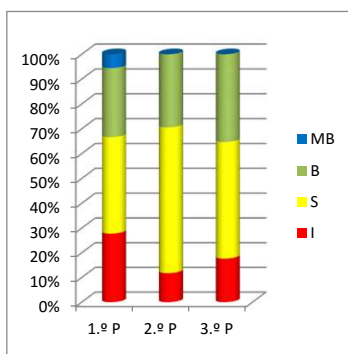
PT	1.º P	2.º P	3.º P
I	16,7	11,8	11,8
S	44,4	29,4	35,3
B	33,3	58,8	52,9
MB	5,6	0,0	0,0



EM	1.º P	2.º P	3.º P
I	11,1	11,8	5,9
S	33,3	52,9	35,3
B	44,4	35,3	58,8
MB	11,1	0,0	0,0



M	1.º P	2.º P	3.º P
I	27,8	11,8	17,6
S	38,9	58,8	47,1
B	27,8	29,4	35,3
MB	5,6	0,0	0,0

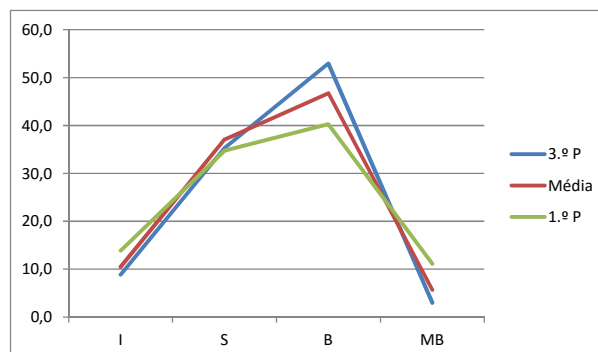
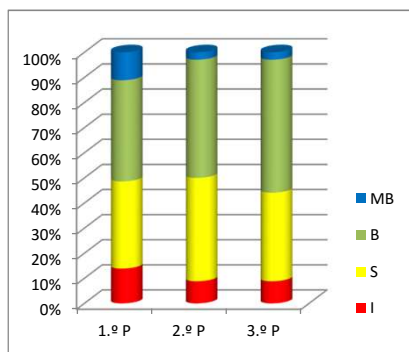


EX	1.º P	2.º P	3.º P
I	0,0	0,0	0,0
S	22,2	23,5	23,5
B	55,6	64,7	64,7
MB	22,2	11,8	11,8



POR ESTES GRÁFICOS PERCEBE-SE QUE HOUE UMA PROGRESSÃO POSITIVA NO PORTUGUÊS E NO ESTUDO DO MEIO, MAS REGISTA-SE UMA ESTAGNAÇÃO NA MATEMÁTICA E NAS EXPRESSÕES. CONVÉM NOTAR QUE OS PONTOS DE PARTIDA DAQUELAS DUAS PRIMEIRAS DISCIPLINAS É DIFERENTE DAS SEGUINTE.

TT	1.º P	2.º P	3.º P	Média
I	13,9	8,8	8,8	10,5
S	34,7	41,2	35,3	37,1
B	40,3	47,1	52,9	46,8
MB	11,1	2,9	2,9	5,7



PELA LEITURA DO PRIMEIRO GRÁFICO FICAMOS COM A IDEIA DE QUE A MÉDIA DE APROVEITAMENTO GLOBAL DAS 4 DISCIPLINAS SUBIU LIGEIRAMENTE. COM O GRÁFICO DA DIREITA FICAMOS COM UMA IDEIA DO APROVEITAMENTO MÉDIO GLOBAL DOS ALUNOS, COM AS PERCENTAGENS MAIS ELEVADAS SITUADAS NO "S" E, PRINCIPALMENTE, NO "B". ESTE APROVEITAMENTO MÉDIO COINCIDE, QUASE DE FORMA PERFEITA COM OS RESULTADOS DO 3º PERÍODO, IS O É NO FINAL DO ANO, O QUE VEM CONFIRMAR QUE A EVOLUÇÃO, EM TERMO DE APRENDIZAGEM NÃO FOI SIGNIFICATIVA.

2014 / 2015 EB Pero Negro

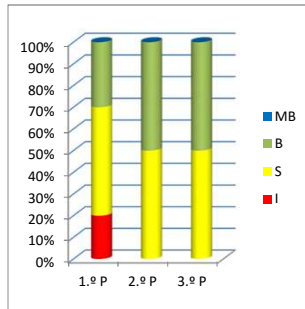
Clas	1.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	4	20,0	2	10,0	6	30,0	0	0,0	12	15,0
S	10	50,0	9	45,0	10	50,0	2	10,0	31	38,8
B	6	30,0	9	45,0	4	20,0	17	85,0	36	45,0
MB	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	1,3
Total	20	100,0	20	100,0	20	100,0	20	100,0	80	100,0

I	F + NS
S	Sp + S
B	SB
MB	SPL

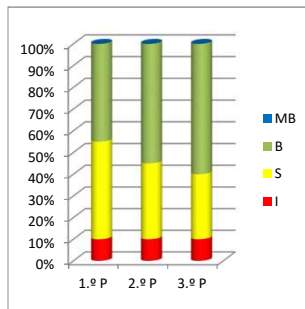
Clas	2.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	0	0,0	2	10,0	1	5,0	0	0,0	3	3,8
S	10	50,0	7	35,0	9	45,0	0	0,0	26	32,5
B	10	50,0	11	55,0	10	50,0	19	95,0	50	62,5
MB	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0	1	1,3
Total	20	100,0	20	100,0	20	100,0	20	100,0	80	100,0

Clas	3.º periodo									
	P	P%	EM	EM%	M	M%	EX	EX%	TT	TT%
I	0	0,0	2	10,0	1	5,0	0	0,0	3	3,8
S	10	50,0	6	30,0	8	40,0	0	0,0	24	30,0
B	10	50,0	12	60,0	10	50,0	18	90,0	50	62,5
MB	0	0,0	0	0,0	1	5,0	2	10,0	3	3,8
Total	20	100,0	20	100,0	20	100,0	20	100,0	80	100,0

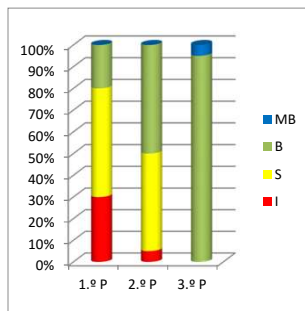
PT	1.º P	2.º P	3.º P
I	20,0	0,0	0,0
S	50,0	50,0	50,0
B	30,0	50,0	50,0
MB	0,0	0,0	0,0



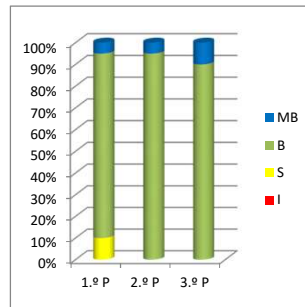
EM	1.º P	2.º P	3.º P
I	10,0	10,0	10,0
S	45,0	35,0	30,0
B	45,0	55,0	60,0
MB	0,0	0,0	0,0



M	1.º P	2.º P	3.º P
I	30,0	5,0	0,0
S	50,0	45,0	0,0
B	20,0	50,0	95,0
MB	0,0	0,0	5,0

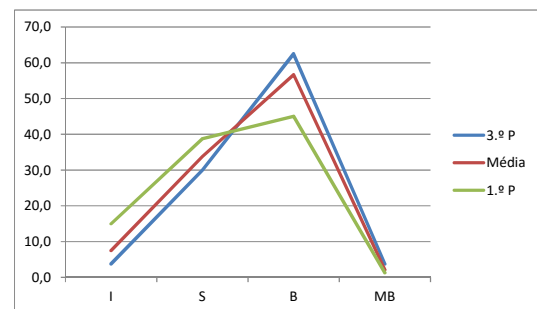
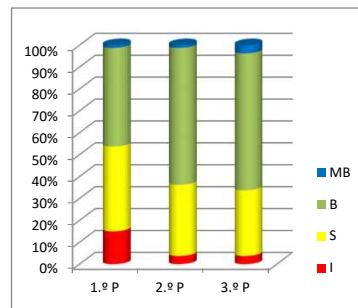


EX	1.º P	2.º P	3.º P
I	0,0	0,0	0,0
S	10,0	0,0	0,0
B	85,0	95,0	90,0
MB	5,0	5,0	10,0



POR ESTES GRÁFICOS PERCEBE-SE QUE HOUVE UMA PROGRESSÃO POSITIVA NO PORTUGUÊS, NO ESTUDO DO MEIO E NAS EXPRESSÕES, MAS, PRINCIPALMENTE, UMA MELHORIA MUITO SIGNIFICATIVA NA MATEMÁTICA.

TT	1.º P	2.º P	3.º P	Média
I	15,0	3,8	3,8	7,5
S	38,8	32,5	30,0	33,8
B	45,0	62,5	62,5	56,7
MB	1,3	1,3	3,8	2,1



PELA LEITURA DO PRIMEIRO GRÁFICO FICAMOS COM A IDEIA DE QUE A MÉDIA DE APROVEITAMENTO GLOBAL DAS 4 DISCIPLINAS SUBIU SIGNIFICATIVAMENTE, NA ORDEM DOS 20% (MB+B PASSOU DE 50% PARA 70%). COM O GRÁFICO DA DIREITA FICAMOS COM UMA IDEIA DO APROVEITAMENTO MÉDIO GLOBAL DOS ALUNOS, COM AS PERCENTAGENS MAIS ELEVADAS SITUADAS NO "S" E, PRINCIPALMENTE, NO "B". ESTE APROVEITAMENTO MÉDIO COINCIDE, QUASE DE FORMA PERFEITA COM OS RESULTADOS DO 3º PERÍODO, ISTO É NO FINAL DO ANO, O QUE VEM CONFIRMAR QUE A EVOLUÇÃO, EM TERMO DE APRENDIZAGEM FOI SIGNIFICATIVA, QUANDO COMPARAMOS O 1º E O 3º PERÍODO.